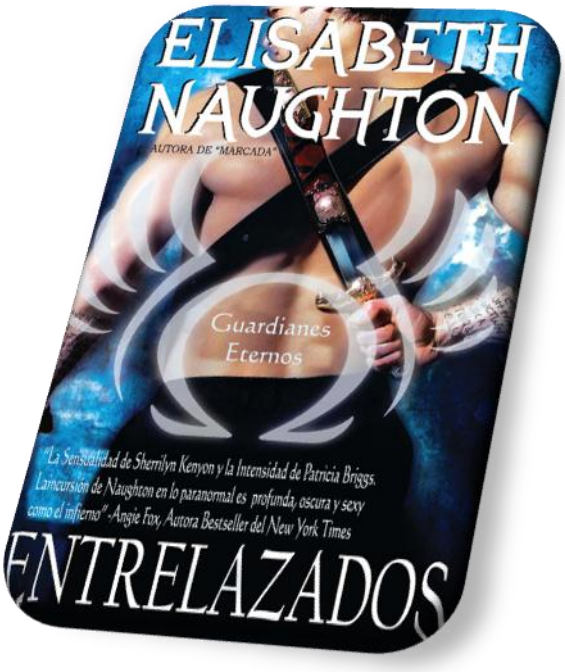

Entrelaçados

Guardiões Eternos - 02

Elisabeth Naughton

ZANDER – O mais temido de todos os Guardiões Eternos. Havia rumores de que ele não podia ser morto, e ele sempre lutava como se não tivesse nada a perder. Mas como descendente do celebre herói Aquiles, devia ter alguma vulnerabilidade… em algum lugar.

As forças dos daemons se reúnem e penetraram através das barreiras do mundo inframundo. Agora mais que nunca os Guardiões Eternos são necessários para proteger tanto seu próprio reino quanto o dos humanos. Zander não pode se dá ao luxo de pensar no que poderia ter tido com a fascinante curandeira que uma vez considerou sua alma gêmea. Com a eternidade estendendo-se ante ele, tampouco poderia deixar sua vida passar sem a única mulher que o fazia sentir-se vivo. Talvez tivesse encontrado sua fraqueza, afinal…

REVISÃO DO ESPANHOL
Disp em Esp: *Kalosis*
Envio do arquivo: *Gisa*
Revisão/Formatação: *Joelma*
Revisão Final: *France*
Tiamat - World

Comentários das Revisoras:

Revisora Joelma: Quem gostou do primeiro, devo avisar que esse é ainda melhor.

Revisora France Medeiros*:* Eu já virei fã da série, revisei e adorei o primeiro livro, e este segundo esta melhor ainda, vocês vão gostar do Zander e dos demais personagens e já estou ansiosa pela continuação. Esses Guardiões são demais.

CAPÍTULO 1

Se pudesse morrer, aquele seria o lugar perfeito para mergulhar.

Zander permaneceu a beira do precipício, impressionado pelo enorme precipício abaixo. Uma fina camada de um dia de neve rangia sob suas botas enquanto transferia seu peso sobre as rochas e se perguntava… E se…?

A temperatura estava abaixo de zero, o vento uivando na frente de seu rosto intumescia o pouco que podia sentir da pele. Como um Argonauta[1], nascido da raça dos guardiões descendentes dos grandes heróis da Antiga a Grécia, era mais forte que os meros humanos. Até mesmo mais forte que os Argoleans[2] e a recém-descoberta raça mestiça que agora protegiam. Mais forte, até mesmo, que os companheiros guerreiros.

Não, a hipotermia não o mataria, maldição. O congelamento não era nada mais que um aborrecimento de menor importância. E merda, já que ele estava congelado, poderia levar um balaço no peito e mesmo assim o coração congelado continuaria batendo. Mas aquilo olhou para baixo, para o abismo de uns quinhentos e cinquenta metros abaixo, o qual se abria e obscurecia até que tudo o que via era um rio de verde profundo coberto por uma fina camada de névoa, aquilo talvez funcionasse. Uma vozinha na parte de atrás da cabeça sussurrou para ele: basta fazer isso.

Ele não era estúpido. Passou mais tempo com os humanos do que com qualquer um dos outros guardião de seu mundo e sabia que ao dar aquele salto não seria mais que uma droga de um importante anúncio publicitário da Nike que deu errado.

Mas ainda… era uma maldita tentação. Sempre havia a possibilidade de bater

[1] **Argonautas**: Guerreiros guardiões eternos que protegem Argolea. Em cada geração, uma das sete linhagens originais (Heracles, Aquiles, Jasão, Ulisses, Perseu, Teseu e Belerofonte) é escolhido para continuar a tradição do guardião.

naquele ponto vulnerável na descida que o mataria instantaneamente e terminaria com sua imortalidade de uma vez e por todas.

Seu irmão de batalha, Titus, aproximou-se dele antes que pudesse recuperar a prudência e olhar fixamente o desfiladeiro ali embaixo.

—Maldita maneira de fazer isso. Mas tem razão. Isso não o mataria. E não estou com humor para recolher os pedaços de seu traseiro despedaçado e cuidar de você até que recupere a saúde hoje.

Zander contemplou o mais jovem dos Argonautas, o mais jovem, que, mal se dava conta, poderia cair e morrer… bastardo sortudo.

—Pare de ler minha mente. Sabe que isso me enlouquece malditamente.

Titus fez uma careta. Conseguiu esfregar a mão sobre a boca. Na penumbra do inicio da tarde, as marcas em seus antebraços e mãos que todos os Argonautas compartilhavam destacavam-se ligeiramente contra sua pele.

Não foi um sorriso completo, mas, por outro lado, Titus nunca sorria de verdade.

—Você já é um louco varrido, ancião. Acha que eu gosto de saber o que acontece nesse seu cérebro embrulhado? Pois deixe que eu lhe diga isso. Isso definitivamente não está em minha lista de diversões - agitou suas mãos enormes. —Você está projetando seu merda por todo lugar. Acredite em mim. Não estou tentando escutar você.

O cenho de Zander se aprofundou e ele se afastou da borda, frustrado por não ter pulado antes que Titus começasse a sacanea-lo, estava ainda mais irritado porque sabia que aquela pequena queda não o destroçaria como queria. Estava com um baita mau humor e isto só pioraria quanto mais tempo passasse sem correr atrás de alguns daemons[3].

Não ajudava que Titus tivesse patrulhando sua área particular da montanha

---

[2] **Argolean**: pessoa nascida em **Argolea** que é Reino estabelecido pelo Zeus para os heróis abençoados e seus descendentes.

[3] **Daemons**: Monstros que um dia foram humano, recrutados dos Campos do Asfódelo (Purgatório) por Atalanta para unir-se ao seu exército.

durante a droga da última semana procurando retardatários e que até agora a tivessem encontrado vazia. Não queria voltar para Argolea; não queria dirigir-se à colônia e procurar mais mestiços escondidos nos bosques. Estava ansioso para lutar de uma forma sombria e perigosa, o que só o tornava mais temperamental que Hades. E se não conseguisse logo uma, coisas ruins iriam acontecer. Para todos.

—Vamos —disse Titus, recuando e esfregando as mãos para afastar o frio. —Não há ninguém vagando aqui fora, e se houvesse um assentamento lá embaixo, o teríamos encontrado. Vamos para o norte, atravessando o Monte Hood e veremos o que podemos encontrar.

Embora não quisesse, Zander assentiu. A colônia dos mestiços próxima estava escondida profundamente na Floresta Nacional de Willamette, ao sul, desconhecida pelos humanos que viviam em torno. O consenso entre os Argonautas era que havia outros mestiços, ou Misos[4], aqueles com família tanto humana quanto Argolean, escondendo-se dos daemons que os caçavam. Graças ao líder da colônia, Nick, um homem que era ele mesmo tanto mestiço quanto algo que nenhum dos Argonautas podia sequer conjeturar, sabiam de mais três colônias espalhadas pelo globo. Uma delas ficava na África, outra nas estepes congeladas do norte da Rússia e outra nas selvas da América do Sul.

—Ei —disse Titus com aquele sorriso novamente quando começaram a caminhar para uma trilha que dava para o interior das árvores. —Poderia ser pior. Poderia estar fazendo a merda desta patrulha na Libéria com Cerek e Phineus.

A menção de seus dois irmãos guardiões não melhorou o humor de Zander.

—Pelo menos estaria distante de você e de sua constante sondagem mental.

Titus riu entre dentes.

—Precisa mudar sua perspectiva, Z. Imortalidade? Isso é um dom. Merda. Daria meu braço esquerdo para ter esse poder em vez de ler ment…

Zander investiu contra o guardião tão rapidamente, que Titus conteve a

[4] Misos: Meio humano, meio argolean. Raça que vive escondida entre os humanos.

respiração.

—Não é um presente. É uma praga maldita.

Titus olhou para a mão enorme de Zander pressionada firmemente contra sua jaqueta. Uma sombria advertência cintilava no rosto de Titus. Não gostava de ser tocado. Por ninguém. Nem mesmo por um irmão.

—Você tem que retroceder. Agora mesmo.

Os olhos de Zander se encontraram com os de Titus. Os guardiões eram mais ou menos do mesmo tamanho, ambos com um metro e noventa e oito centímetros de altura e cento e treze quilos de puro músculo, mas era aí onde acabavam as semelhanças.

Os cabelos escuros e ondulados de Titus estavam amarrados com uma tira de couro na base do pescoço. Cristais de gelo penduravam do seu bigode e escureciam sua barba. Claro, parecia humano aos olhos de qualquer transeunte, mas não era. E os olhos cor de avelã brilhavam de conhecimento e perigo. Do tipo que seria uma ardente combinação para qualquer pessoa que cruzasse com ele.

Zander deixou a mão cair lentamente. Mas não recuou. Em uma briga, ele ganharia, mesmo contra uma cabeça quente como Titus. Podia aceitar um golpe como nenhum outro e ainda manter-se em pé. Mas podia ser ferido. E demoraria um tempo para curar. Tanto quanto desejava uma boa e sangrenta briga hoje, não a queria com Titus.

Ele, no entanto, queria que o irmão a obtivesse. Especialmente se tivesse que continuar rastreando aquela maldita terra de merda, sem saber durante quanto tempo com o mortal bastardo.

Apertou a mandíbula.

—Ver morrer a todos com quem se importa não é uma bênção, Titus. Eu servi com seu pai. Servi com os pais de todos os Argonautas. Estive lá quando Eurandros era rei e Leônidas não era mais que um percevejo em suas calças. E agora o Rei Leônidas está morrendo de velhice, mas eu não. Eu ainda estou tão forte e saudável

como nunca.

A raiva de Zander se manteve profundamente enterrada dentro dele durante um segundo.

—Talvez não queira morrer agora, Guardião, mas um dia o fará. Um dia estará preparado para ir para os Campos Elíseos ou para onde quer que obtenha o maldito descanso quando seus dias acabarem. Mas eu não. Não, eu ainda estarei aqui. Fazendo a mesma coisa que venho fazendo durante os últimos oitocentos e vinte e nove anos. Vendo todos morrerem e desejando como os diabos poder ir com vocês.

Saiu por entre as árvores antes de fazer algo que sabia que se arrependeria, sabendo, concordava, que mais parecia a um grande gato tendo uma gigantesca festa de compaixão. Mas estava farto daquilo. Farto de manter a cabeça erguida e agir como se tudo fossem rosas e faisquinhas ante a maneira que o destino golpeava seu cérebro. Houve um tempo, há anos, que pensava igual à Titus. Quando acreditava realmente que o fato de ainda não ter encontrado sua vulnerabilidade, ou calcanhar de Aquiles, como seu pai e avô e cada um dos outros de sua linhagem tiveram, era um dom. Mas isso foi antes. Antes que percebesse que ia ficar estagnado ali durante toda a eternidade enquanto tudo o que realmente importava para ele lhe era arrebatado. Dez anos atrás. Antes de ter descoberto que a maldição de Hera era real.

—Zander. Espere.

Ele ignorou Titus e continuou, baixando a cabeça para bloquear o vento. Controlando-se e resmungando para si mesmo por seu sangue quente. Sim, estava com o um mal dos diabos, com vontade de chutar traseiro. E se não se afastasse de Titus rapidamente, não iria importar que o Argonauta fosse amigo ou inimigo.

Avançou trinta metros por entre as árvores antes que a temperatura miseravelmente fria o enrijecesse congelando seus ossos.

Ele parou. Levantou a cabeça de repente. Em frente e a direita, seis daemons

espreitavam através das árvores, obviamente fazendo sua própria patrulha. Procurando mestiços para dizimar.

Um sorriso lento cruzou seu rosto o primeiro que sentiu em dias. Todos alcançavam facilmente os dois metros e treze centímetros de altura, com chifres e presas, faces como as dos gatos, orelhas como as dos cães e corpos de homem. Homens realmente de traseiro grandes e feios, no estilo "não me aborreçam" que talvez se encontrasse em um beco escuro no lugar errado da cidade a altas horas da noite, não procurando nada exceto problemas. O sorriso só se ampliou.

—Justo quem eu estava procurando. Os idiotas querem sair e brincar ou vão ficar aí parecendo tão estúpidos quanto à puta de sua líder, Atalanta? Porque sabem, estão fazendo isso tão bem. De fato, já estou vendo a semelhança familiar. Você, que está na frente —apontou para o mais feio, com algo vil gotejando de suas presas. — Você é o quê? Seu irmão? Não, já sei —estalou os dedos. —É seu filho.

O que estava na frente, que estava claramente no comando, olhou para Zander e grunhiu:

—Argonauta —então observou o ar e acrescentou. — Dois.

Os outros cinco daemons se estenderam em formação de "U", cercando Zander, então se agacharam, preparados para atacar.

E sim, aquilo era vapor saindo das orelhas do líder. Malditamente quente. Esta ia ser boa. Seis contra um. Talvez pudesse fazê-los chutarem seu traseiro de uma vez por todas. E talvez pudesse levar alguns daemons com ele no processo.

Titus apareceu correndo atrás dele justo quando Zander alcançava sua parazonium à antiga adaga grega, que todos os Argonautas usavam, na bainha escondida nas costas.

—Ah, diabos. Você só teve que ir indispor-se com eles, não é mesmo?

—Está absolutamente certo, fiz isso.

Titus alcançou sua própria adaga.

—Certo, espertinho. Qual quer?

—Todos.

—Zander…

—Basta ficar para trás até que eu precise de você —grunhiu. —Não posso morrer, lembra-se? Você sim.

Deu um passo para dentro do tumulto e ignorou o protesto de Titus, mas sabia que o Argonauta o escutaria e deixaria que ele fosse primeiro. Embora só por poucos minutos. Com sorte, não levaria muito tempo para acabar com eles para o seu bem.

—Vamos, filhos da puta. Mostrem-me o que têm.

Com um grunhido, os daemons mostraram as presas e atacaram.

Aquela era uma família da qual Callia definitivamente não queria fazer parte.

—Isto é ridículo. Isadora, diga a ele que não! —Casey Simopolous se virou exasperada para sua meia-irmã, a futura rainha de Argolea.

Do outro lado da extravagante suíte, Callia lançou um olhar de soslaio para Isadora. A princesa permanecia com a cabeça loira curvada, estudando algo entre as sapatilhas claras. As mãos cruzadas atrás das costas, o vestido bordado rosa não fazia nada a não ser emoldurar sua palidez. A imagem perfeita da submissão. Nenhuma só vez recuou desde que seu pai, o agonizante Rei Leônidas, fez seu anúncio calamitoso.

Aquela era sua futura rainha. Aquela gynaíka[5] apática era quem governaria seu país, comandaria os Argonautas e os lideraria naqueles perigosos tempos de guerra. Atalanta estava vagando no reino humano, procurando uma maneira de destruir os mestiços e retornar para Argolea para exigir sua vingança final por ser expulsa dos Argonautas. Agora era mais imperativo que nunca que tivessem um líder determinado.

Mas claramente não era Isadora. Callia suspeitava disso há algum tempo. E

[5] Gynaíka; pl. Gynaíkes: Mulher argolean.

não pôde deixar de perguntar-se se talvez o decreto de Leônidas não fosse o melhor para todos afinal.

—Isadora, não pode permitir que ele faça isso com você —disse Casey em voz alta, caminhando para sua irmã —Isso é arcaico!

—Chega! —falou com voz áspera o rei, tentando sentar-se mais alto nos travesseiros de sua cama gigante de dossel.

Ignorando o zumbido na cabeça que sentiu durante os últimos dez minutos, Callia deixou seus instrumentos e foi em direção a ele para ajudá-lo a se endireitar na cama.

O rei franziu o cenho, irritado por precisar de qualquer tipo de ajuda, mas não lutou com Callia. Hoje sua mente estava clara e tinha que utilizá-la enquanto pudesse.

—Isadora se casará na próxima lua cheia. E ponto final.

A mandíbula de Casey contraiu.

—Isso não é justo e você sabe.

A cabeça do rei se virou para sua filha morena a única que nunca seria rainha, simplesmente porque sua mãe era humana, embora Casey fosse a mais forte e sábia escolha e todos eles sabiam e ele apertou os olhos para vê-la claramente.

Callia sabia que ele não via nada mais que sombras escuras e imprecisas.

—Isadora se vinculará a um guardião de minha escolha para garantir que o Conselho não invalide sua autoridade. Você já requisitou minha primeira opção, Acácia. Não tem nada a dizer sobre quem o substituirá.

Um pesado silêncio caiu sobre o quarto. Um que Callia sentiu todo o caminho até os ossos. Conhecia muito bem tudo sobre o domínio e controle patéres[6]. E sabia que quando davam uma ordem, havia muito pouco que uma pequena gynaíka podia fazer exceto obedecer. Silenciosamente, amaldiçoou sua sociedade patriarcal que não dava as mulheres oportunidade de ser outra coisa que não o que eles

[6] Pateres - paterno

queriam que fossem enquanto o varão que as tutelava aprovasse.

Isadora ainda não tinha levantado a cabeça ou olhado para seu pai ou irmã. E embora Callia e Isadora nunca tivessem sido próximas, uma parte de Callia apoiava a princesa. Uma parte que ela não queria reconhecer ou deixar sair.

Preparada para fazer algo com o drama familiar, Callia reuniu o restante de suas coisas e as enfiou dentro da maleta apertada. Como curadora pessoal do rei, tinha passado uma porção de tempo mais que justa ali ultimamente, fazendo-o sentir-se confortável, cuidando de suas doenças durante os últimos meses, mas não desfrutou disso nem um pouco. Especialmente quando tinha uma dor de cabeça por causa disso. E todas as vezes que vinha ao castelo havia a chance de se ver envolvida com um Argonauta. O que era um encontro que evitava a todo custo.

—Voltarei para vê-lo amanhã de manhã.

Sua mão rígida serpenteou para fora e agarrou seu braço antes que pudesse dar um passo para afastar-se. Inclusive aos seiscentos e oitenta e quatro anos e com seu corpo finalmente debilitado pela idade, ainda era forte. Mais forte que a maioria.

—Preciso que você fique.

A ansiedade picou a pele de Callia.

—Isso não é necessário, Sua Alteza. E tenho trabalho na clínica ao qual realmente tenho que voltar.

—Falta apenas uma semana para a lua nova. Depois que eu fizer o anúncio aos Argonautas, preciso que você verifique se minha escolha está em perfeita forma física. Preciso que ele possa produzir um herdeiro imediatamente. Utilizará meu escritório para o exame.

Callia lançou um olhar para Isadora, quem, se possível, baixou a cabeça ainda mais. Que fantástico devia ser ver-se como nada mais que como uma máquina reprodutora.

Mas, oh, bons deuses. Callia tinha coisa pior com que se preocupar. O rei

queria que ela realizasse um exame médico. Em um Argonauta de sua escolha. Hoje. Ela poderia pensar em mil outras torturas que preferia a esta.

—Um. Tenho certeza que em outra ocasião seria…

—Não é um pedido—soltou sua mão e berrou. —Althea!

Sua criada entrou no quarto com uma reverência.

—Sim, Sua Majestade.

—Traga-me Demétrius. Ele está com o Guarda Executivo no portal, treinando os novos recrutas. Quero que ele e o restante dos Argonautas se reúnam aqui em uma hora.

Os olhos de Althea se abriram com a mesma ansiedade que se cravou repentinamente no peito de Callia.

—Todos eles, Sua Majestade?

Ele desprezou sua pergunta com um débil movimento do pulso.

—Vá. Agora.

—Um, Sua Alteza —começou Callia quando Althea saiu correndo do quarto. — Realmente acredito…

—Isadora —disse ele, ignorando a urgência no protesto de Callia. —Mostre a Callia meu escritório e providencie para que ela tenha tudo o que precisa para seu exame. Quero que as duas voltem para cá quando os Argonautas chegarem.

Isadora nem se incomodou em discutir. Virou-se silenciosamente para a porta, suas sapatilhas não faziam sequer um sussurro sobre o chão de pedra. Callia suspirou derrotada quando viu a princesa sair. Não tinha escolha exceto segui-la.

—Acácia —a atenção do rei se voltou para sua outra filha. —Encontre seu marido. Diga a ele que chame seus guardiões em qualquer lugar que estejam patrulhando. Não quero ouvir desculpas. Eu os quero aqui. Todos eles. Ficou claro?

Cruzando os braços sobre o peito, Casey franziu o cenho e se aproximou de sua cama. Vestida com uma blusa branca sem mangas e calça preta justa não se acovardou diante do rei como Isadora. E não hesitou em pô-lo em seu lugar.

—Oh, eu encontrarei Theron e direi a ele exatamente o que você quer, não se preocupe com isso — baixou a cabeça quando chegou ao seu lado na cama ele vai cair em cima de você. Sabe disso, não é mesmo?

O rei pigarreou e levantou a cabeça.

—Farei isso —reiterou Casey enquanto se inclinava e beijava sua face enrugada. — Grave minhas palavras, Papai. Isadora não vai se sentar e deixar que você arruíne sua vida.

—Sim, ela fará isso —murmurou ele. —Porque ela não é você.

Casey se endireitou e embora estivesse claro que estava zangada pelo que estavam fazendo a sua irmã, Callia podia ver a compaixão que a mestiça tinha por seu pai há muito tempo perdido.

Uma compaixão que Callia desejava sentir por seu próprio pai.

—Tem razão —disse Casey. — Não é. Ela é mais forte que eu. Mais forte que todos nós. E um dia não muito distante, você vai perceber isso por si mesmo. Todos o faremos.

O rei não respondeu. Não quando Casey se virou e desapareceu através da porta. Não quando Callia pegou sua maleta e a seguiu. Mas quando alcançou a soleira, Callia teve quase certeza de ter ouvido o velho ándras[7] murmurar:

—Espero que você tenha razão. E pelo bem de todos, espero que isto a motive finalmente a provar que estou equivocado.

CAPÍTULO 2

Zander estava sangrando e cheio de hematomas. Levou um murro nos rins que quase o deixou de joelhos, mas não caiu. Conseguiu-se algo, foi reforçar sua

[7] Ándras, pl. Ándres: Homem argolean.

resolução. Voou para o daemon que estava atrás dele e mergulhou sua parazonium profundamente no peito profano.

—Coma isto, pedaço de merda.

Um rugido saiu da besta. Recuou, com um som alto e desagradável enquanto a lâmina saía do corpo. Mas antes que Zander pudesse tirar a lâmina e balançá-la para um lado para decapitar o monstro enviando sua alma para Hades definitivamente, outro saltou sobre suas costas e afundou suas presas profundamente em seu ombro.

Gritou quando uma dor cegadora disparou em seu crânio. De alguma forma conseguiu girar e tirar o monstro de cima. Fora de controle chutou, golpeou e brandiu a espada para todos os lados. O sangue jorrando bateu em seus olhos e deslizou pelo rosto. Suas costas doíam, seus pulmões ardiam. Seu ombro queimava onde o monstro arrancou sua jaqueta, deixando a carne rasgada e aberta e o músculo triturado. Mas ele não parou, não pediu ajuda. Isto era exatamente o que queria. A adrenalina corria em suas veias, misturada com anos de fúria acumulada, enquanto arqueava o braço novamente e derrubava outro daemon.

—Vamos! —gritou. — É tudo o que têm!

Os dois que segundos antes havia enviado ao chão, atacaram-no por diferentes ângulos. A espada era um borrão enquanto se defendia. Pelo canto do olho, viu os outros se preparando para o próximo ataque. Ele estava resistindo mas não ia ganhar aquela luta. Não com seis contra um.

—Zander! Temos que ir embora. Agora!

Titus entrou na briga, sua espada golpeando ar e carne, dizimando em todas as direções. Zander ouvia gritos e alaridos, grunhidos e o som de punhos contra ossos. *Maldição! Ele tinha apenas alguns segundos antes que Titus mudasse a grande quantidade. E ele não tinha feito bastante dano ainda.*

A fúria se acumulou profundamente em seu peito "como sempre fazia". E foi quando o golpeou. Justo quando enviou dois dos feios para o chão. A solução. Um golpe no centro da testa.

Parar a luta.

Titus podia defender-se sozinho. Não estavam protegendo nenhum mestiço naquela montanha. Não havia ninguém a quem pôr em segurança. Se as coisas piorassem, Titus podia abrir um portal, transportar-se de volta a Argolea e salvar seu próprio traseiro. Então por que Zander estava brigando quando talvez pudesse terminar de uma vez por todas?

Antes que pudesse mudar de opinião, deixou a arma cair. Endireitou-se e olhou fixamente para os três daemons que tinha ao seu redor. Cada um tinha a força de dez homens bombeando por suas veias. E pela ameaça que vinha deles em ondas, estavam se preparando para a matança final.

Sim, isso era o que ele queria.

Zander sustentou as mãos dos lados e fechou os olhos. O suor escorria por sua testa para misturar-se no rosto com sangue e outras coisas sobre as quais ele não queria pensar. Limpou a mente e pensou em… nada. Só no doce e vazio nada. Que era tudo o que ele queria.

—Maldito imbecil!

Um corpo pesado o atingiu, jogando-o no chão. Sua cabeça bateu contra uma rocha. Mas quando as pálpebras se abriram e olhou para cima, percebeu que não era um daemon que estava sobre ele. Era Titus.

O fogo cintilou nos olhos do outro Argonauta. Os daemons grunhiam atrás dele.

—Seu idiota! Sai de cima! —Zander lutou embaixo dele enquanto um familiar e incontrolável impulso ferveu e retumbou dentro dele. Que diabos…?

—Salvando você, filho da puta!

Antes que Zander pudesse compreender que Titus havia lido sua mente novamente, o Argonauta colocou os braços juntos entre eles. Os cotovelos de Titus cravavam as costelas de Zander, mas quem demônios se importavam? A única coisa que importava era o fato de que Titus ia estragar tudo.

—Não!

As mãos de Titus se uniram, e as marcas que iam dos antebraços até perto dos dedos brilharam de dentro para fora. Um brilho surgiu quando o portal se abriu. E então tudo o que Zander sentiu foi o ar quando ambos foram lançados para o espaço.

Ele aterrissou de costas sobre a pedra fria. Sabia sem nem sequer abrir os olhos que estava no Pórtico, o portal de Argolea. Mas foi a sacudida de ossos de um gancho de direita na mandíbula que fez disparar estrelas por trás de seus olhos.

—Maldito filho da puta! —Titus o golpeou novamente. Desta vez com força suficiente para fazer seu cérebro vibrar contra o crânio.

—Titus! Basta!

Titus foi afastado do corpo golpeado e machucado de Zander com um grunhido. Vagamente, Zander ouviu vozes. Theron. Demétrius. Muitas maldições, a maioria de Titus. Pés arrastando-se. Respirações pesada. E Gryphon rindo entre dentes no seu ouvido.

—Bem feito, Z! De qualquer forma, o que fez para inflamá-lo assim?

Ah, demônios. Maldita sorte a minha, todos os Argonautas estão no Pórtico.

Braços fortes envolveram seus bíceps. A dor disparou através de seu braço esquerdo quando Gryphon o ajudou a sentar-se, mas ele o tirou de cima. Quando abriu os olhos e olhou para a enorme sala com seu teto alto, viu Demétrius retendo Titus com um apertão mortal e Theron sobre o rosto do Argonauta tentando falar com ele para acalmá-lo.

O portal brilhou e explodiu atrás deles. Sobre os sólidos ombros de Theron, Titus fulminou Zander com os olhos. Tentando livrar-se da sujeição de Demétrius.

Zander se livrou da ajuda de Gryphon e se levantou. A fúria ferveu um pouco abaixo do limite de seu controle. *Maldito. Maldito Titus. Maldita guerra condenada e minha vida interminável. Malditos todos os Argonautas, neste caso, por sua interferência constante.*

—Quase fez que me comessem por causa de seu maldito desejo de morrer —

rugiu Titus.

—Deixe de ser maricas[8]—respondeu Zander. Achava que podia está com o ombro quebrado. Uma costela ou duas. Tinha perdido bastante sangue, mas já podia sentir o corpo tentando se curar, maldição.

—Pode salvar seu traseiro horroroso todas as vezes que quiser com esse espetáculo de luzes que acaba de dar.

—Basta. —A ira cintilou nos olhos de Titus um pouco antes de se livrar do apertão de Demétrius. — Seu traseiro é meu. Seu, maldito doente.

A adrenalina de Zander pulsou com a possibilidade de outra briga. E aquela fúria que lhe custava tanto trabalho manter distante, ferveu até o máximo. Abriu os braços.

—Quando quiser, imbecil.

Titus se moveu como um relâmpago, e estava quase em cima de Zander quando Theron o segurou por trás.

—Eu disse basta!

O líder dos Argonautas lançou Titus pelo espaço como se ele não pesasse nada. O corpo de Titus bateu em uma coluna na parte mais afastada, rachando a pedra e o gesso com um ruído surdo. Titus deslizou pela coluna e aterrissou sobre uma pilha de terra.

—Maricas —resmungou Zander. —Isso é o melhor que pode fazer?

—Você —Theron se virou para Zander. — Deveria deixar que o esmagasse contra o chão depois da forma que agiu.

Oh, sim. O falastrão do Titus já tinha revelado o segredo. Zander entrecerrou os olhos.

—Então, deixe.

Theron aproximou o rosto de Zander, agradável e pessoal. E embora Zander não se importasse de soltar sua fúria sobre Titus, atenuou a raiva o suficiente em

[8] **Maricas** – individuo efeminado, ou medroso. (Aurélio)

poucos segundos, ao recordar que incitar Theron naquele momento não era uma boa ideia. Como descendente de Hércules, o maior herói de todos os tempos, Theron era forte o suficiente para despedaçar Zander, membro por membro e fazê-lo sentir a dor como nunca antes. Exceto uma vez.

—Melhor se acalma agora mesmo —a voz de Theron era tão baixa, seu rosto tão próximo, que Zander mal o ouviu. E Zander soube que aquele era o ponto. —Encontre uma razão para viver ou saia dos Argonautas de bom grado. Porque não vou permitir que arrisque um de meus guardiões novamente. Fui claro?

O peito de Zander congelou. *Deixar os Argonautas? Aquela não era uma opção.*

—Sim, foi claro.

Os olhos de Theron se entrecerraram. Atrás dele, o portal explodiu e faiscou novamente. Cerek e Phineus chegaram através dele, com neve ainda grudada nos ombros e cabelos, e olharam ao redor com uma expressão de "que diabos esta acontecendo aqui?" em seus rostos.

—Melhor que seja assim —disse Theron. — Desta vez não estou brincando Zander. As lealdades se tornaram profundas. Mas não as levarei em conta se tiver que fazer isso.

A expulsão dos Argonautas não era um processo simples. Incluía o Rei e o Conselho e um monte de papelada na qual Zander não queria nem pensar. E fazer isso era o equivalente a cortar o pescoço de um guardião, tirando não só seu trabalho mas também sua identidade.

Mas isso não era o pior de tudo. A realidade golpeou Zander enquanto ele permanecia de pé olhando fixamente para seu líder. Se fosse expulso dos Argonautas, seria proibido de cruzar o portal para ir ao mundo dos humanos. E se isso acontecesse, perderia a única coisa que lhe dava prazer em sua condenada vida.

—Não terá que fazer isso.

Theron enviou mais uma vez outro olhar de aço para ele, antes de se virar

para o restante dos Argonautas.

—O rei convocou uma reunião. —Olhou para Titus, que agora estava parado e tirando os escombros do corpo. — Tem quinze minutos para se limpar e chegar ao castelo. —Fulminou Zander com os olhos. — E esse limite de tempo não é negociável.

Depois abandonou o Pórtico, com todos seus cento e vinte e sete quilos de Argonauta zangado.

Um tenso silêncio encheu o ar. Finalmente, Demétrius, que nunca se preocupava com os outros se retirou com passos majestosos, seguido por Cerek, Gryphon e Phineus. Até que Zander ficou outra vez sozinho com Titus.

E merda. Agora que a fúria tinha se acalmado e a adrenalina diminuído, Zander sabia que precisava quebrar o gelo, mas não sabia bem o que dizer. Desculpar-se nunca foi seu forte. Mesmo quando tinha sido completamente idiota.

Titus cruzou o chão, suas botas pesadas pisando duro nas pedras debaixo dos seus pés enquanto se dirigia para a porta sem dizer uma palavra.

—Espere, T.

—Poupe-me disso Zander. Neste momento não estou com humor para suas merdas. Tenho meu próprio inferno com que lidar. Todos nós temos que fazer isso. Mas você nunca pensou nisso, não é mesmo? Você só pensa em si mesmo.

Só. Zander deu um longo suspiro. Os Guardiões Eternos, protetores do portal, deram as costas a ele e estavam fazendo o impossível para ignorá-lo. Sem surpresas aí. Sem dúvida as fofocas a respeito do acontecido chegariam ao Conselho, mas a verdade é que ele pouco se importava. Na verdade, quem tinha a última palavra sobre o que acontecia com os Argonautas era o rei não o Conselho. Sempre foi assim. Sempre seria assim.

Como ainda não estava preparado para se juntar aos outros, Zander parou no Pórtico, uma sólida estrutura de mármore semelhante ao Templo de Hermes na Arcádia, Grécia, com elevadas colunas flanqueando cada lado. O portal suspenso

estava no centro da sala, uma entrada ameaçadora de um mundo ao outro, todo adornado com sólidas rochas. Os olhos vagaram pelas palavras escritas na rocha, a qual leu milhares de vezes mas que nunca viu realmente.

"Aqui jaz o limite dos mundos. Protegido deste lado, limitado só pelo solo sagrado do outro. Aqueles que optarem por atravessá-lo o farão por sua própria conta e risco. Mas estão advertidos: esta passagem convida o portador dos pesadelos, o observador da loucura, a luz e a escuridão em constante flutuação. E sempre, esperando… o ladrão na porta avaliando para os deuses imortais".

Sempre voltava para o mesmo, não é verdade? Para os malditos deuses e sua imortalidade. Que Zander tinha e não queria. Nunca se preocupou ao cruzar o portal porque sabia que sempre voltaria. Mas os outros não. Outros como Titus. Todas as vezes que seus companheiros atravessavam, punham suas vidas em risco. E o faziam pela raça, sem perguntas.

Um grande peso pressionou seu peito. Bom, talvez Theron tivesse razão. Talvez ele devesse encontrar um interesse e parar de ser tão deprimente. Era velho. Quem diabos iria se importava? Sua vida era uma merda. Nada novo nisso não é verdade? Não parecia que a morte fosse uma opção, e se desvincular dos Argonautas era a última coisa que queria, o que significava que precisava encontrar rápido uma razão para viver, antes que Theron cumprisse sua ameaça e desse um pontapé em seu traseiro, de uma vez por todas.

O problema era, que naquele momento, não conseguia ver uma maldita coisa pela que valesse a pena viver.

Callia olhou de esguelha o escritório pessoal do rei. Prateleiras de livros alinhadas em cada parede. O teto dourado estava ao menos a três andares de altura. Atrás da antiga escrivaninha, a qual estava vazia exceto por um abajur no canto direito da frente, uma varanda com vista para as colinas verdes e um lago

brilhando ao longe.

A sala cheirava a tabaco e couro, era quente e acolhedora com uma grande lareira de pedra e um trio de sofás ideais para se afundar neles. Callia sabia, porque uma vez afundou em um durante horas quando o castelo estava dormido. E não fez isso sozinha. Se a pequena recordação não fosse suficiente para baixar um pouco mais seu ânimo, nada era.

—Precisa de algo mais? —a voz suave de Isadora fez Callia se virar.

A princesa estava parada no batente da porta com um olhar estranho no rosto, quase como se estivesse com medo de cruzar o chão incrustado com o selo real.

É apenas rotina. Fizeram isto milhares de vezes. Não importa que desta vez seja com um Argonauta.

—Não, isto está bom.

—Muito bem então. Devemos retornar. Mas Isadora não fez nenhum movimento para sair, e estava com os olhos apagados, quase sem emoção, revelando que retornar era a última coisa que queria fazer.

Dividida entre o que não era de sua incumbência e o arrependimento que sabia que sentiria depois se permanecesse em silêncio, Callia ouviu-se dizendo:

—Diga a ele que não Isadora.

Os olhos castanhos de Isadora se elevaram lentamente, e Callia prendeu a respiração pelo que viu. Não, seus olhos não estavam apagados. Pareciam mortos. Como se ela tivessem perdido toda esperança.

—Não servirá de nada.

—Servirá —protestou Callia, sem saber por que sentia a forte necessidade de ajudar a princesa. — Fique firme. Demonstre que ele está errado. Demonstre a ele que todos estão errados.

Os olhos de Isadora nem sequer piscaram. E Callia teve uma sensação de náuseas na boca do estômago. O que tinha acontecido com a princesa? Isto era algo mais que simplesmente ter sido vencida por seu pai.

—Não se intrometa em coisas que não lhe dizem respeito.

Ela virou-se antes que Callia pudesse responder, e Callia suspirou enquanto via a princesa sair. Talvez Isadora tivesse razão. Não era seu assunto. Claro, sentia-se mal pela gynaíka, mas na realidade… era bobagem se preocupar com outra pessoa quando Callia tinha problemas maiores.

Resignada, deixou a maleta no escritório e seguiu Isadora de volta às câmaras do rei, agradecida, ao menos por agora, que o zumbido na cabeça houvesse desaparecido. Fizeram-no até chegar à escadaria central antes que as vozes se elevassem e detivessem os pés de Callia.

Vozes masculinas. Misturadas com passos pesados que soavam como se uma manada de elefantes tivesse invadido o castelo.

Os Argonautas. Todos eles, tal como o rei ordenou. O estômago de Callia subiu para a garganta e o suor cobriu toda sua pele mesmo tendo se preparado mentalmente para aquele momento desde o segundo que ouviu a ordem do rei.

Theron liderava o grupo e inclinou a cabeça rapidamente quando viu as duas paradas no alto do quarto andar.

—Isadora. Callia. —Seus olhos escuros se concentraram em Callia. — Como está o rei hoje?

—Continua estável.

Tentou concentrar-se em suas feições, mas o Argonauta era imenso, dois metros de sólido músculo, ombros largos e pernas como troncos de árvore. Simplesmente era intimidador, mas seguido de mais cinco Argonautas, cada um igualmente grande e imponente. Era como o início de um tsunami a ponto de açoitá-la.

—Isso é bom —disse Theron. — Então ele está preparado para nos receber?

Devia responder. Realmente devia fazer isso. Mas seus olhos estavam fazendo uma busca própria, saltando à direita sobre Demétrius e outro Argonauta até que finalmente aterrissarem em Zander. Só, no final do grupo, fazendo a curva na base da escada e olhando para ela.

Bem, preparar-se mentalmente e estar realmente no mesmo cômodo com ele novamente, eram duas coisas muito diferentes. Aspirou sobressaltada, embora "*maldição*", tentasse não fazer isso. Mas não foi ele quem provocou aquela reação, pelo menos foi isso que ela tentou acreditar, mas o que ele tinha feito.

Seu rosto estava preto e azul da têmpora até a mandíbula de um lado inteiro. Um grande número de cortes e arranhões danificava sua pele bronzeada. Apesar de seus cabelos loiros e curtos estarem úmidos e penteados para trás como se recentemente tivesse jogado água no rosto, e a camisa branca que vestia está limpa e engomada, nada disso escondia a dor gravada em seu rosto ou o modo que seu braço esquerdo pendurava em um ângulo estranho.

Obviamente esteve no mundo humano, lutando contra daemons, para o que tinha nascido. Mas uma pequena parte dela se acelerou pelo medo como fazia todas as vezes que pensava que algo ruim pudesse acontecer com ele.

O que era… cérebro e osso, idiota. Porque ele pouco se importava com o que acontecesse com ela.

—Callia?

A voz de Theron foi finalmente registrada, e ela virou-se bruscamente para fixar os olhos no líder dos Argonautas, que a estudava com olhos curiosos. Rapidamente percebeu que vário outro guardião também a olhavam de forma estranha e até Isadora retorcia as mãos, observando-a com um olhar perplexo.

—S-Sim?

—O rei? —perguntou Theron com as sobrancelhas levantadas.

—Oh. Certo. Sim. —sacudiu a avalanche de emoções que sempre surgiam ao ver Zander, ocultou-as profundamente, algo em que se tornou perita com os anos, e virou-se para a câmara do rei. —Está preparado e esperando. —A ansiedade diminuiu quando se dirigiram para o quarto. Mas aquele maldito zumbido começou outra vez.

Althea, que ajudava o rei a se acomodar na pilha de travesseiros, fugiu assim

que viu os Argonautas. Casey se virou da janela quando entraram. Desejando ter um pouco de lavanda para a súbita dor de cabeça que tinha, Callia tomou seu lugar no canto mais afastado do quarto, perto do rei caso ele precisasse dela, mas bem fora do caminho. Não perdeu o sorriso cálido que se desdobrou no rosto de Casey quando viu seu marido recente, ou o modo que os olhos de Theron se iluminaram em resposta.

—Meli[9]—Theron foi até a filha mestiça do rei.

Beijou-a na têmpora e na face. Trocaram palavras íntimas enquanto o quarto se enchia de mais pessoas do que podia acomodar. E embora provavelmente ele não percebesse, Theron transformou sua pose intimidante de motoqueiro rude em uma total e absolutamente galanteadora ao sorrir para Casey e tomá-la em seus braços.

Uma dor profunda golpeou Callia no meio do peito enquanto os olhava. Houve um tempo, não muito longínquo, em que ela sentiu os mesmos sentimentos eletrizantes e emocionantes. Os olhos retornaram ao grupo onde Isadora se apoiava contra a parede mais afastada, também muito longe dos outros, distante dos "felizes para sempre" que sua irmã encontrou. Depois foram para Zander, parado a centímetros da entrada, preparado para sair correndo na primeira oportunidade.

Sim, ela conhecia aquele sentimento também. Era o mesmo que tinha cada vez que o via. A raiva brotava em seu peito enquanto o olhar dele pousava em qualquer lugar exceto nela. Ele havia barbeado a pouca barba que tinha na última vez que o viu, mas mesmo machucado e exausto, parecia-se mais com Adônis do que com seu ancestral Aquiles. Bronzeado e loiro, brilhante e bonito. Ele era o Argonauta mais velho. O único que se rumorejava que era imortal. O único com quem ela uma vez pensou bobamente que passaria sua vida.

—Irei direto ao ponto —disse o rei, interrompendo os pensamentos sombrios de Callia, trazendo de volta sua atenção para onde devia estar. A voz fraquejou por

[9] **Meli**: Termo carinhoso; amada.

causa da doença mas não se partiu. —A situação com o Conselho se descontrolou. Não fizeram nenhuma ameaça aberta, mas estão vazando rumores e ficou claro que eles estão preparando um golpe para assim que eu morrer. Embora Theron e eu tenhamos tido divergências de última hora —o rei inclinou a cabeça para onde tinha ouvido a voz de Theron pela última vez—, ambos acreditamos que o futuro dos Argonautas não pode cair sob o controle do Conselho. Lucian não faz nenhuma reserva sobre o fato de querer que os Argonautas sejam substituídos pela Guarda Executiva. Não preciso dizer a vocês que se isso acontecer será nossa maior perdição.

Ele fez uma pausa para tomar fôlego, e desta vez Theron deixou a cabeça cair e se concentrou na mão de Casey que sustentava a sua, como se soubesse o que vinha a seguir e não quisesse ouvi-lo.

—Mesmo estando feliz por Theron ter escolhido casar-se com uma de minhas filhas, agora que seu vínculo foi concluído, deixou a monarquia outra vez vulnerável às intrigas secretas do Conselho. Não vejo outra opção se não a mesma solução de antes. Theron e eu chegamos à conclusão de que Isadora deve se casar…

—Você sabia? —Casey levantou a cabeça de repente, e imobilizou seu recente marido com um olhar indignado.

—Shh, meli —Theron acariciou sua mão.

—…e seu marido deve ser dos Argonautas.

As palavras do rei não pareceram aplacar Casey. Ela olhou furiosamente de seu marido para seu pai. Mas por sorte do rei, ele não pôde ver sua reação. Como tampouco pôde ver o súbito retesamento dos ombros de cada Argonauta no quarto.

—Não concordamos sobre quem deve ser. Mas como rei, essa decisão cabe a mim.

Parou para respirar e pareceu crescer trinta centímetros, parecendo muito semelhante ao rei que um dia foi, ordenando com uma impressionante quantidade de autoridade de seu leito de morte.

—Como a linha de Jasão é a segunda mais forte dos Argonautas, essa responsabilidade recai em você, Demétrius.

O silêncio encheu a câmara. Todos os olhos se voltaram para Demétrius, no final do grupo, apoiado um ombro contra a parede, só prestando atenção pela metade ao que estava acontecendo ao redor dele.

E então, quando notou que todos estavam olhando em sua direção, foi como se as palavras do rei finalmente o atingissem. A emoção se refletiu no rosto de Demétrius antes que ele descruzasse os braços e se afastasse da parede. Era o maior dos guardiões, quase dois metros e oito centímetros. E seus olhos escuros, os quais Callia sempre pensou que não tinham alma, estreitaram-se e escureceram até ficar cor de ébano quando posaram no rei.

—De. Nenhuma. Maldita. Maneira.

—Demétrius… —advertiu-o Theron em voz baixa, soltando a mão de Casey e erguendo-se a sua altura máxima.

—Não farei isso — disse Demétrius, sacudindo a cabeça. —E você não pode me obrigar. Ninguém pode.

Theron cruzou rapidamente o quarto parando na frente do gigantesco Argonauta, que agora tremia com uma mistura de ressentimento e desprezo que parecia transpassá-lo feito ondas. Callia engoliu em seco e se perguntou se as outras mulheres estavam pensando o mesmo que ela, que uma briga estava a ponto de começar se alguém não fizesse algo rápido.

—Demétrius, retrate-se.

—Não vou fazer isso —reiterou Demétrius, o rosto desfigurando-se pela raiva enquanto, por cima de Theron, fulminava o rei com os olhos e levantava uma mão para apontar para Isadora. —E você não pode me obrigar.

Theron disse algo que Callia não pôde ouvir, mas não perdeu a resposta de Demétrius. Ninguém o fez. Especialmente Isadora, que, parada no outro lado do quarto, pareceu se encolher ainda mais.

—Expulse-me dos Argonautas se quiser. Desterre-me para o mundo humano. Não me importo. Mas escute bem, Theron. Nunca me casarei com ela. Prefiro morrer primeiro.

Theron golpeou o peito do grande Argonauta e o empurrou com força.

Oh, diabos. Aquilo não era bom. De forma alguma.

Vozes irromperam em uníssono: a de Casey enquanto se apressava para consolar Isadora, obviamente chocada; a de Theron da porta, onde tentava persuadir Demétrius causando-lhe lesões corporais; a dos outros Argonautas que sussurravam a respeito do que acabava de acontecer.

O rei, surpreendentemente, ficou em silêncio, até que uma voz vinda do fundo do quarto disse:

—Eu o farei.

Uma voz que Callia conhecia muito bem.

—Quem disse isso? —Os ouvidos do rei melhoraram, enquanto se apoiava de lado para observar através dos numerosos guardiões quem tinha falado, embora fosse inútil.

A conversação sossegou. As cabeças se viraram para a porta. Até Theron e Demétrius pararam de discutir o tempo suficiente para da uma olhada para os lados.

E o estômago de Callia se retorceu em um nó quando o mar de corpos se dividiu para revelar Zander parado lá, olhando fixamente para o rei, com nada mais que resignação em seu rosto machucado e belamente familiar.

Não, não, não. Não podia ser possível que ele quisesse dizer…

—Eu o farei —disse Zander novamente na quietude. —Eu me casarei com Isadora.

CAPÍTULO 3

Ceeeerto. Não era a reação que Zander esperava.

Ninguém no quarto disse uma só palavra. E Oh, sim. Definitivamente deveria ter se jogado naquele precipício. Pelo menos, agora não teria que suportar aquele silêncio nervoso nem ver o olhar "mas que merda"? Nos rostos de seus companheiros.

Moveu os pés, apoiou as mãos nos quadris e esperou. Como os segundos passaram e ninguém disse uma palavra, a ansiedade alcançou seu ponto máximo. Por último, olhou-os fixamente e disse:

—Olhem, não me agradeçam todos de uma vez.

Theron virou a cabeça para o rei.

—Precisamos de um minuto.

Antes que Zander pudesse responder, Theron o empurrou para o corredor com uma força que por pouco o jogou no chão. O líder dos Argonautas não falou até que ficaram completamente fora do alcance do ouvido da câmara do rei, depois soltou:

—Que diabos você acredita que está fazendo?

O ressentimento aumentou quando as costas de Zander bateram na parede de pedra. Não que esperasse que Theron estivesse encantado de que ele finalmente tivesse aceito. Theron tinha motivos para desconfiar. Mas um maldito obrigado não era pedir muito, especialmente agora.

—Ajudar.

—Isto não é uma piada, Zander.

—Não vejo ninguém rindo.

—Por que infernos esta levando levianamente esta situação?

—Não o faço

—Skata[10]—Theron passou a mão pelos cabelos até os ombros. —Estou tão

[10] Skata- palavrão

chateado com Demétrius que mal posso ver com clareza. Odeio que Isadora se veja obrigada a casar-se com alguém, mas não há como evitar isso. Não, se quisermos manter o Conselho afastado dos assuntos dos Argonautas e Atalanta fora de Argolea para sempre. E não preciso de você botando lenha na fogueira e fodendo tudo…

—Não estou botando lenha, Theron. Estou falando sério. Eu me casarei com ela.

—Sério? Você? —A incredulidade percorreu as feições cinzeladas de Theron. —Duvido. Isto não é algo que possa fazer como voluntário ocasionalmente para compensar o que aconteceu antes. Ou para voltar a conseguir a simpatia do rei. O casamento com Isadora não é até que você se canse dela e decida voltar para suas mulheres humanas. Isto é permanente. A cerimônia de casamento os unirá para…

—Toda vida. Sim. Entendo. Mas sejamos honestos. Estamos falando só de sua vida. Não da minha —Theron fechou a boca de repente e Zander respirou fundo, porque certamente, não havia como volta atrás nisto. Não agora tinha se decidido. E uma parte dele… não queria voltar atrás. —Isadora terá o que, quinhentos anos até de atravessar? Isso é muito tempo, mas, no grande esquema de minha vida? Provavelmente nada, e você sabe disso.

—Zander, realmente não é…

—Imortal? Sim, não vá por aí. Nós dois sabemos que poderia estar errado de qualquer forma —não ia permitir que Theron mudasse de opinião. —Demétrius, obviamente, não quer isto, e você não pode obrigá-lo a se casar com ela quando está tão firmemente contra. Para não falar, que é volátil. Faz ela se cagar de medo em um dia bom. O que pensa que ele fará com ela se ficarem sozinhos? Quer que seja infeliz o resto de sua vida, ou pior ainda, pense no que ele poderia fazer com ela quando as portas estiverem fechadas?

—Não —Theron fez uma careta. Olhou para suas botas. Parecia tão doente ante a ideia quanto Zander. —É obvio que não quero isso. Demétrius é o último

guardião que escolheria para ela, mas o rei não quis escutar.

—Nenhum dos outros querem se casar com ela tampouco —disse Zander em voz baixa. —Pude ver isso em seus olhos. Permita que eu faça isto. Eu quero. Sou o único que não tem nada a perder.

—Zander —disse Theron com cautela, com os olhos no mesmo nível que Zander—, se você se casar com Isadora, sacrificará potencialmente sua busca por sua…

—Minha o quê? Minha alma gêmea? —zombou Zander. —Já a encontrei, Theron. Há anos. Só que ela não me quis. Não o suficiente —Ante a expressão de pesar de Theron, Zander quase riu da ironia, do mesmo modo que sentiu a dor que tinha conseguido ignorar muito bem em uma bolha no fundo do peito. —Sim, a maldição de Hera que fala que um Argonauta que encontra sua alma gêmea e a perde, não era mais que uma concha? É verdade. Sei por experiência. Antes dela? Não sabia o que me faltava. Após ela? É como um longo dia de merda que continua se repetindo uma e outra vez, só que não há como puder superá-lo. E sabe o quê? Estou cansado disso.

—Zander…

A simpatia que ouviu na voz de seu companheiro foi muita, e ele passou uma mão pela testa. Se a conversa não retornasse para um terreno seguro soltaria para Theron toda a maldita merda em que se colocou e não queria isso. Tinha que manter isso trancado. Onde era dele e de ninguém mais.

—Olhe. Você me disse que encontrasse algo pelo qual valesse a pena viver. Isso é o que estou tentando fazer —deixou a mão cair. —A única coisa que significa algo para mim nestes dias é a luta, e, se continuar neste caminho, nem sequer isso. Ninguém mais quer fazer isto e eu posso. Portanto —respirou fundo — diga sim. Salve os outros rapazes de ter que fazer um sacrifício que sabe que não podem dirigir e diga ao rei que apoia minha união com Isadora. E acabemos com isto.

Theron o estudou por tanto tempo, que Zander não tinha certeza se o

Argonauta o ouviu. Seu coração batia forte no peito enquanto esperava. Se Theron dissesse que não… não tinha certeza do que faria. Sentia como se tivessem jogado um salva-vidas para ele, algo real para se agarrar. Algo que daria a ele uma razão para viver em vez de mover-se apenas por rotina. E agora apenas Theron tinha o poder para esmagar a faísca de esperança que tinha em anos.

Finalmente, Theron disse:

—O rei quer herdeiros. É a única razão pela qual obriga Isadora a este casamento.

—Eu sei.

—E está bem com isso?

Estava? Isso significava sexo. Com uma Argolean. Não uma mulher humana.

—Tenho que está, não é mesmo?

—Ele não permitirá que você lute. Tirará você do agrupamento e o manterá em Argolea até que ela fique grávida ou um herdeiro nasça.

Zander não tinha pensado nisso.

—Ceeeerto. Sim. Acho que faz sentido…

—E há a questão de sua… virilidade. Você recebeu mais que consideráveis surras em todos estes anos.

Aquela era a maneira educada de Theron dizer que Zander poderia ter recebido pontapés nas bolas muitas vezes para gerar um filho. Ao menos isso, Zander sabia que não era verdade. Um som que era meio riso, meio pigarro saiu dele.

—Sou fértil. Não se preocupe com isso.

—Como sabe?

—Porque a essa particular magia funcionou antes.

Theron franziu o cenho.

—Tem um filho?

Teve seria mais exato. Ou, quase o teve. A dor no peito se intensificou.

—Não mais.

—Skata. Zander…

Certo, agora as coisas eram mais reais para Zander. Esfregou a mão no lábio inferior.

—Olhe, estão esperando por nós. Basta dizer sim, Theron.

Theron suspirou. A batalha interna que travava era evidente. Ele, mais que qualquer Argonautas, sabia o sacrifício que Zander estava fazendo. Porque ele era o único que tinha encontrado sua alma gêmea. E, obviamente, só pensar em perder Casey era suficiente para destroçá-lo.

—Não poderá mudar de opinião. Quando a cerimônia for definitiva, acabou-se. Ninguém mais que ela.

—Eu sei.

—Está disposto a se comprometer com Isadora? Mesmo sabendo que ela está… lá fora ainda?

Zander pensou no "ela" a que Theron se referia. Perguntou-se o que diria o Argonauta se soubesse que ela estava na sala ao lado. Então pensou em todos os anos que desejou que as coisas pudessem ser diferentes, que ela tivesse feito uma escolha diferente, que o tivesse escolhido acima de seu pai dominante. Ou que ele simplesmente pudesse esquecer sua traição e perdoá-la. Mas não pôde. Cada vez que olhava para Callia, não via o quanto ela era bela nem o poder que tinha, só o que tinha feito a ele. E mesmo agora, ao recordar, atravessou-lhe o peito tão recente e afiado como fez naquele dia.

—Estou —disse com mais convicção do que Theron necessitava.

Embora, a convicção não fosse por Theron, não é mesmo? Era para ele. E o que estava prestes a fazer.

—Isadora nunca será sua alma gêmea, Zander —disse Theron em voz baixa.

—É por isso que quero me comprometer com ela.

Theron se virou e olhou para a porta do rei, esfregou uma mão no rosto como

se estivesse exausto. Deixou escapar um longo, longo suspiro.

—Está bem —disse finalmente. —Está bem, você tem meu apoio. A decisão é do rei, mas… —voltou o olhar para Zander com uma mistura de compaixão e respeito que era estranhamente reconfortante, em seguida, colocou a grande mão sobre o ombro de Zander. A marca dos Argonautas, o texto em grego antigo, percorria seus antebraços até entrelaçar os dedos, como fazia nos braços de Zander, como fazia nos braços de todos os Argonautas. — Tem meu respeito. E minha gratidão. O que faz, faz por todos nós. Não esquecerei disso. Nenhum de nós.

A emoção que rodopiava no peito de Zander era pouco familiar para ele. Não era excitação, nem mesmo felicidade de verdade, porque não estava nem excitado nem feliz. Não, aquilo era diferente. Era quente, condensado, e vinha do centro de seu ser.

Era… orgulho, finalmente percebeu. Pela primeira vez em mais tempo do que podia lembrar, estava orgulhoso do que estava fazendo. Por outra pessoa. Por sua gente. Por sua proteção e seu estilo de vida. E se sentia bem. Malditamente bem, por que… isso significava que nunca mais ele não ficaria dormente.

Muitas ideias audaciosas o estrangulavam para dizer algo, assim se limitou a assentir e seguiu Theron novamente para as câmaras do rei.

A sala se acalmou mais uma vez quando eles entraram e encontraram o olhar expectante de cada um dos seus companheiros guardiões com uma inclinação de cabeça tranquilizadora. Apesar de não olhar para Callia, de pé perto da cama do rei. Não pôde. E disse para si mesmo que era o melhor. Porque seu passado com ela acabava ali. Seu futuro, para os próximos quinhentos anos, ao menos, estava com a gynaíka do outro lado do quarto. Com quem ele pretendia se casar, deitar e engravidar, tudo na próxima semana.

Seu estômago se contraiu pela pequena realidade, mas ele levantou a cabeça, mantendo-se calado e deixando que Theron tomasse a iniciativa.

—Sua Alteza —disse Theron, a voz profunda como um tiro de canhão selaria

o destino de Zander. —Recomendo que reconsidere sua escolha. Zander tem meu total apoio como o melhor guardião para se casar com Isadora.

Ninguém disse uma palavra. Atrás dele, Zander ouviu que Demétrius prendia a respiração. Do outro lado do quarto, Isadora e Callia olhavam. O rei franziu o cenho, obviamente examinando as opções. E não parecia muito eufórico com o que pensava.

Bsata dizer que sim. Gotas de suor irromperam na testa de Zander enquanto esperava. Sua conversa com o rei semanas atrás, quando Theron quase abandonou os Argonautas, relampejou em sua mente. O rei não ficou contente quando ele ficou do lado de Theron. Agora parecia menos que emocionado. Se o rei se mantivesse contra ele …

Basta dizer sim…

Finalmente, o rei disse:

—Que assim seja.

Zander soltou a respiração sem ter percebido que a tinha prendido. Atrás dele, ouviu Demétrius fazer o mesmo.

—A cerimônia de união entre Zander e a princesa Isadora acontecerá dentro de sete dias —anunciou o rei. —Na véspera da lua cheia. Têm permissão para sair.

Em conjunto, os Argonautas se viraram para sair. O murmúrio de vozes ressoou ao redor de Zander, mas a única coisa que captou totalmente foi o agradecimento de Demétrius quando o guardião lhe disse:

—Eu lhe devo uma, Z.

O orgulho golpeou Zander novamente de cheio no peito, no entanto… pensar no que tinha pela frente solidificou o gelo que tinha ao redor do coração.

Aquilo era o que devia fazer. A única coisa que poderia fazer. Salvaria os outros de algo que não queriam. Desejava salvar também uma pequena parte de si mesmo.

Virou-se para ir embora com os outros guardiões, mas a voz aguda do rei o impediu.

—Zander —olhou para trás. —Não me decepcione. As repercussões serão ferozes.

Sim, aquilo não reluzia a agradecimento, tampouco. Zander se inclinou uma vez indicando que tinha ouvido o rei, mas seu orgulho hesitou.

—Antes de voltar para o serviço —continuou o rei—, vá ao meu escritório privado para uma avaliação completa por minha curadora pessoal. Se você passar no exame, a cerimônia de enlace se celebrará na data prevista. Se não, escolherei outro Argonauta. Pode se retirar.

Os olhos de Zander saltaram para Callia. Que estava olhando para o chão como se pudesse saltar e mordê-la.

Merda. Supunha-se que aquilo era para deixar para trás seus sentimentos por ela. Não que daria a ela a oportunidade de examinar seu corpo nu. E santo inferno, seu sangue se esquentou ante a ideia. Ou a possibilidade de ficar a sós com ela pela última vez.

Callia esperou tanto tempo quanto pôde. Os Argonautas saíram do quarto. Casey e Isadora foram embora. Levou um tempo ajudando o rei a se acomodar para não ter que descer as escadas com Zander.

Quando finalmente se virou para sair ela engoliu saliva. OH, deuses. Ele se comprometeu com Isadora. Nunca em seus sonhos mais loucos tinha esperado… isso.

—Se encontrar algo, mesmo que seja remotamente duvidoso em seu exame, Callia —disse o rei—, quero se informado. Entendeu?

Ela assentiu com a cabeça, embora por dentro sentisse vontade de gritar. Zander se comprometeu com outra. E agora ela tinha que entrar naquela sala com ele. Vê-lo nu. Tocar seu corpo. Recordar de tudo o que fizeram um com o outro. O que tinha acontecido depois…

Estava tão perdida em seus pensamentos, que não sentiu a mão do rei em torno do pulso, só percebeu o puxão quando tentou ir embora e não conseguiu.

Olhou para trás e encontraram os olhos violeta dele focados nela. Olhos violetas que talvez não pudessem vê-la, mas que estavam fixos nela da mesma forma.

Ele não disse nada. Apenas a olhou como se estivesse procurando… algo. Finalmente, disse:

—Sua mãe era uma grande curadora, Callia. Fervorosa de corpo e mente. Serviu como Curadora Real durante muito tempo e o fez bem, muito para desgosto de seu pai. Vejo muito dela em você, e me agrada saber que você continua seu trabalho, quando seu pai teria escolhido outra coisa para você. Mas seus poderes são mais fortes do que os de sua mãe jamais foram. Seu futuro é mais brilhante — quando Callia abriu a boca para protestar, ele a cortou. —Não, é verdade. E, no fundo de seu coração, sabe disso.

Ela fechou a boca. Olhou-o fixamente. Não tinha certeza do que dizer ou fazer.

—Callia, querida, de minha parte, sei o que é querer algo que não se pode ter, mas também sei que a única coisa que importa neste mundo é o que deixamos para trás. Sua mãe sabia disso também. Não abandone o que poderia ter sido pelo que nunca poderia ser. Um verdadeiro líder deixa de lado seus desejos pessoais pelo bem do grupo. E faz sacrifícios. O que, em última instância, justifica tudo o que aconteceu antes.

Seu pulso bateu forte nas veias. Uma estranha sensação na base do couro cabeludo. Ela procurou em seu rosto uma pista de como ele sabia o que ela estava sentindo. Só encontrou o vazio. Ele conhecia seu passado com Zander? Alguém havia contado a ele o que tinha acontecido entre eles? Ou estava falando de Loukas, o filho de Lucian, o ándras que um dia lideraria o Conselho dos Doze tão em desacordo com a monarquia, e o varão a quem era prometida desde que era apenas uma criança?

—Eu… eu não sou um líder, Sua Majestade.

Seus olhos se suavizaram, só um pouco. A quantidade exata para lhe dizer que ele sabia mais do que ela nunca teria esperado.

—Ainda não. Mas talvez um dia…

Ele a soltou tão rápido quanto a segurou, depois, recostou-se nos travesseiros, fechando os olhos como se a última hora tivesse esgotado sua energia. A gentileza e a sabedoria em sua voz ficaram para trás quando disse:

—Informe-me novamente depois de ver Zander. Quero saber se ele pode produzir herdeiros. Se esta união deve ser sancionada, preciso da confirmação de sua virilidade. Quando a cerimônia se completar, não poderei escolher outro. E diga para aquela serva inútil, Althea, quando sair que não quero ser incomodado.

O estômago de Callia deu um nó enquanto olhava o velho ándras que adormeceu como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo. O rei esperava que ela…

Skata.

Ela levou uma mão trêmula para a testa, secou o suor que havia e se virou para a porta. Aquele exame, repentinamente, tinha se tornado completamente uma forma de tortura pessoal.

Saiu da câmara enquanto a ansiedade e a ira ferviam em suas vísceras. Depois de transmitir a mensagem do rei para Althea no hall, relutantemente se dirigiu a grande escada de mármore para o escritório do rei no segundo andar.

Maldito seja o rei. Seu temperamento disparou ao chegar ao último degrau e virar a esquina para o escritório. Maldita seja a política daquela guerra. Malditos sejam os Argonautas e Zander em particular por fazê-la sentir, quando ela tinha tentado como o inferno evitar justamente isso nos últimos dez anos. Não quis se sacrificar. Não quis pensar sobre casamento nem laços e fazer o que era correto. E sobretudo não queria ficar a sós com o Argonauta que tinha arruinado sua vida.

Empurrou à porta do escritório abrindo-a para ver Zander afastar-se da área das janelas, o sol do entardecer ressaltava o dourado em seus cabelos loiros curtos, iluminando a contraluz os músculos e planos do corpo muito bem definido que ela conheceu mais intimamente que qualquer outro. Ele não a saudou, não que alguma vez o fizesse. E não houve absolutamente nenhuma reação em seu rosto ao vê-la.

Não que alguma vez houvesse.

Ele voltou a olhar para a janela sem dizer uma palavra.

Ela deixou que a pesada porta se fechasse com um estalo as suas costas e dirigiu se a escrivaninha, os sapatos ressoando sobre o selo do rei enquanto ela atravessava o piso de mármore. *Calma. Tranquilize-se. Seja Completamente profissional*. Era assim que agiria com ele, por mais que quisesse jogar algo nele. Se ele ia agir como se fossem completamente estranhos, os dois poderiam jogar aquele jogo.

—Dispa-se —disse enquanto tirava o abajur solitário da antiga escrivaninha de mogno para poder usá-la como mesa de exame. —Completamente.

Os olhos azuis acinzentados tormentosos se desviaram para sua forma. E OH, sim, definitivamente não refletiam nenhuma felicidade ante a perspectiva de ficar a sós com ela. Como se ela se importasse.

—Não me despirei para você.

Ela ignorou o pequeno golpe no coração ante o som de sua voz profunda e entrecerrou os olhos.

—Então, vai ser difícil você se comprometer com a princesa — Olhou para os quadris dele. Sorriu zombeteiramente. Procurava arrancar dele um ferimento no peito grande o suficiente para despejar dentro um caminhão carregado de sal. —Ou fácil, conforme o caso. Há rumores que você só consegue funcionar com as mulheres humanas. Você gostando ou não, o rei quer se certificar que você… é apropriado, pode se dizer, antes que permita que case com sua filha.

Sabia que o estava afrontado, mas simplesmente não conseguia deter-se. Esteve se construindo durante muito tempo. Desde o momento em que ele deu as costas para ela todos aqueles anos antes. Ela queria machucá-lo da forma que ele a machucou. Para sentir… algo… em vez de ser o bastado frio e de pedra que realmente era. E já que aquela era a primeira vez que falavam em dez anos, realmente era chocante que sua conversa estivesse prestes a ser extraordinária?

Ela se concentrou em seus olhos escuros, viu a labareda de temperamento ali e se sentiu um pouco melhor pelo fato dele finalmente exibir algum tipo de emoção, embora fosse desprezo.

—É obvio —continuou—, você pode evitar a imposição deste pequeno exame, simplesmente admitindo que é impotente.

—Você gostaria disso, não é mesmo?

—Não — o pouco humor desapareceu. — O que eu gostaria era de acabar com isto para poder continuar meu caminho. Ao contrário do que você possa acreditar, Zander, meu mundo deixou de girar ao seu redor há muito tempo. Assim, ou você fica pelado, ou digo ao rei que escolha outra pessoa.

CAPÍTULO 4

Houve momentos em que o frio violento era algo que desfrutava. Quando o tremor que descia correndo por suas costas era um aviso severo e bendito de que ele estava vivo. Para Max, aquele não era uma dessas vezes.

Olhou para cima, para o monstro enfurecido de mais de dois metros que tinha em sua frente. Sangue, suor e outras imundícies nas quais não queria nem pensar gotejavam de sua cara feia. O calafrio que percorreu Max foi pela mistura da temperatura quase abaixo de zero por estar tão ao norte em meados de outubro, e o medo que penetrava em cada célula de seu pequeno corpo.

—Você . Me. Pagará!

O daemon atacou, cortando o ar com a espada e se aproximando perigosamente. Mas uma coisa com a qual o Senhor Feio não contava era o quanto podia ser rápido alguém de pouco mais de um metro e trinta de altura.

Como se lhe tivessem jogado combustível de alguma fonte externa, Max se lançou entre as pernas do daemon, girando rapidamente e deslizando sua própria

lâmina, cortando profundamente a coxa do daemon. O monstro uivou, deixou a espada cair e caiu sobre um joelho. O sangue saia em jorros do que só podia ser sua artéria femoral, orvalhando Max e o chão. A garganta de Max se encheu de bílis, mas levantou a espada novamente, preparado para atacar. Para finalizar aquilo. A necessidade de aniquilar era mais forte que tudo que havia sentido antes.

—Bom. Muito bem, Maximus —a voz de Atalanta ecoou em seu ouvido. —Deixe que o ódio guiar você. Acabe com ele. Mergulhe a lâmina profundamente em seu peito. Depois, envie sua alma para Hades para toda eternidade decapitando o monstro.

Ele queria fazer aquilo. Seus músculos doíam para matar. Mas o orgulho que ouviu na voz de Atalanta deteve seu impulso em seguida.

O monstro ergueu a cara, seus olhos verdes luminosos agora no mesmo nível dos do Max. Havia medo neles, verdadeiro pavor do que lhe aconteceria. E naquele momento Max viu a si mesmo refletido naqueles olhos. Viu as semanas de treinamento, os anos de desespero e sua própria luta apenas para sobreviver. E viu que Atalanta estava ganhando.

Deixou a lâmina cair e cambaleou para trás. Parecia que não podia afastar os olhos do daemon diante dele. Um tipo de respeito se passou entre eles. E por parte do daemon, um agradecimento, se pudesse chamar-se assim. Embora provavelmente fosse alívio. Amanhã ele estaria curado daquele ferimento e preparado para atacar Max novamente. Dessa vez até morte.

—Frouxo.

Atalanta passou roçando em Max, pegou sua espada mergulhou-a no peito do daemon. Os olhos do monstro se arregalaram. Ele tentou alcançar a lâmina, mas ela a tirou bruscamente do corpo e com um balanço decapitou o monstro com nada além de um grunhido. Sua cabeça grotesca bateu no chão um pouco antes que seu corpo caísse.

Max arregalou os olhos, mas não soltou nem sequer um ofego. Ele a viu matar

antes. Sabia que voltaria a ver.

Ela virou-se para ele, inclinou-se e entrecerrou os olhos negros como a noite.

—Estou cansada de sua humanidade, Maximus. Matar ou morrer. Esse é o mundo em que vivemos. Quanto antes você aceitar isso, mais rápido ocupará seu lugar ao meu lado.

Era alta, cerca de dois metros de altura, especulou ele, seus cabelos preto azeviche caíam até a cintura, sua pele branca como a neve, seus olhos de carvão e as maças do rosto altas e marcadas. Provavelmente bela para alguns, mas não para ele. Perto dela o cheiro era doce, como mel e caramelo. Mas ele sabia que ela era mortífera. A beleza era uma máscara. Seu interior era tão doente e retorcido quanto os daemons que serviam em seu exército. E quando golpeava, sua picada era pior que a de qualquer escorpião.

—Sim, Maximus —sussurrou, colocando um sorriso irônico em seu rosto perfeito enquanto se inclinava mais perto. —Sinto seu ódio por mim neste momento. Quer repartir golpes. Machucar-me. Mas não pode. Porque sou sua matéras[11]. Alimente o sentimento, yios[12]. Canalize-o. Devolva-o diretamente para os que me criaram. Eles são os responsáveis por seu atual sofrimento. Você sabe que a raiz de todo o mal recai nos Argonautas.

Deixou que a última palavra se prolongasse perto de seu ouvido, seu hálito quente descendo por sua nuca, penetrando sob a gola camisa fina. As náuseas contra as quais esteve lutando se reuniram em seu estômago e subiram até a garganta e a única coisa que ele pôde fazer foi engoli-las novamente.

Seus olhos se encheram com a vitória enquanto se afastava, mas também havia algo mais ali. Desagrado pela forma que ele tinha falhado mais uma vez.

Ele a olhou fixamente. Não quebrou o contato visual. Sabia que ela veria isso como outro sinal de fraqueza se o fizesse. Mas ela tinha razão. Ele a odiava, e queria machucá-la. No entanto, o que o deteve não foi o fato dela afirmar ser sua

[11] Máteras - mãe
[12] Yios - filho

matéras. Não, parou porque a humanidade que restava nele não se quebrantaria apesar do ódio que sentia por ela. Não enquanto introduzisse ar nos pulmões.

Ela se ergueu em toda sua altura, sua túnica vermelha reunindo-se ao redor de seus pés, e baixou os olhos para ele. Levantou sua mão perfeita e apontou para a fortaleza através do campo árido.

—Deixe-me agora, antes que eu mude de opinião e permita que Thanatos despedace você.

Embora quisesse correr, Max se virou e caminhou pelo chão gelado, com a cabeça e os ombros erguidos. Quando chegou a sólida estrutura de madeira, foi para o lado da porta de serviço na parte de trás. Ele sabia qual era seu lugar. Embora a maior parte do exército de Atalanta se alojasse nos barracos apinhados nos bosques e montanhas escarpadas que se elevavam por trás da propriedade, alguns de seus "escolhidos" moravam com ela na casa grande. Thanatos, seu archidaemon. Dois criados. E ele.

Entrou pela cozinha e em silêncio subiu as desconjuntadas escadas dos fundos até o quarto andar. Aquela casa enorme, mais parecida um armazém deserto que qualquer outra coisa, mais era uma melhora em relação ao mundo subterrâneo. Lá ele não tinha seu próprio espaço. Ali, apesar de ser um maldito congelador as vinte e quatro horas dos sete dias da semana e que os dedos dos seus pés estivessem constantemente dormentes, ao menos tinha um canto para que chamar de seu.

Depois de ser banida do inferno por razões que ele ainda não entendia, Atalanta se mudou com seu exército para aquela terra árida no fundo dos bosques do norte de British Columbia. Ele sabia por que ela os trouxe para cá. Porque era isolado. Sabia também que aquela casa e toda a terra em torno tinham pertencido a algum velho magnata do petróleo que enriqueceu em algum lugar do Alaska. Aquele homem agora estava morto. Os detalhes macabros de sua mutilação viviam agora na mente de Max, graças a Thanatos, mas ninguém na comunidade próxima ao Forte Nelson tinha nem ideia que um semideus do mundo subterrâneo vivia

entre eles. Ninguém estava ciente que iria morrer em breve. Nem de que a mulher que agora residia lá tramava sua vingança e planejava uma forma de dominar o mundo.

Quando chegou ao quarto andar suas coxas doíam. Estava tão cansado da jornada de luta que mal conseguia ver bem. No fim do longo corredor que dividia o andar ao meio, abriu a porta de pouco menos de um metro e rastejou através do pequeno espaço. Lá dentro, pegou os degraus da escada de madeira empoeirada e subiu até chegar ao sótão. Então, finalmente, suspirou de alívio.

Atravessou o piso de madeira sujo, seu colchão de palha o chamava. Havia uma janela imunda em forma de olho-de-boi no topo da parede, com vista para o campo de treinamento congelado, mas ele não deu nem uma olhada. Nunca o fez. Sua única utilidade era deixar a luz entrar no quartinho, como fazia agora.

Ele estava sujo, coberto de sangue e suor, e precisava desesperadamente de um banho, mas podia esperar. Agora queria um conforto. Do tipo que só podia conseguir de uma maneira.

Atravessou o quarto. O cobertor já tinha sido retirado do colchão de palha por um de seus carrascos na casa que viu a cena lá fora, sem dúvida. Seria castigado, tinha certeza, por não matar aquele daemon quando teve a chance. Se havia uma lição vital que aprendeu durante cada dia naquele mundo era que tudo tinha consequências. Mas hoje quase não se importou.

Ao lado da cama, uma bacia de água fresca e um prato de pão tinham sido deixados para ele. Apesar de seu estômago roncar ao vê-lo, ignorou a comida patética e em vez disso continuou. A quinta taboa no painel de madeira da parede. Ele era o único que sabia que estava solta.

Pegou o painel com os dedos tão intumescidos pelo frio que mal conseguia movê-los. Depois de levantar o canto, continuou por debaixo para tirar o cristal.

Não era um espelho, embora tampouco fosse cristalino. A peça oval era opaca de ambos os lados, ondulada de dentro para fora e mesmo assim era suave ao

toque. A moldura externa parecia ser ouro, embora Max não pudesse ter certeza, já que nunca tinha visto ouro de verdade. A única coisa que sabia era que era pesado, um peso sólido na palma da mão, do tamanho de um pires, e que continha uma magia como nunca tinha conhecido.

Uma janela entre os mundos.

Ele segurou o cristal suavemente contra ele, foi para frente até que seus pés roçaram o catre, e caiu de joelhos. Manteve o cristal na frente dele e sussurrou para ele as palavras que a velhinha que o visitou em segredo tanto no Tártaro como ali lhe ensinou.

—Mostre-me o desejo de meu coração.

As ondas dentro dele pareceram se mover. Em seguida o cristal clareou. O calor fluiu a partir do objeto das mãos para o corpo, de fora para dentro. E quando olhou, viu seu rosto.

A emoção bombeou através dele, porque só em raras ocasiões ela se refletia, olhando-o de frente. Isso significava que naquele mesmo momento estava perdida em si mesma em algum lugar através do cristal. Talvez estivesse pensando nele naquele exato momento, já que ele estava pensando nela.

OH, era bonita. Um sorriso se esboçou em seu rosto. Ela não tinha envelhecido, mas claro, sendo uma Argolean, não o faria não é mesmo? Não, até os últimos anos de sua vida. Para qualquer um que a olhasse parecia ter cerca de trinta anos, embora ele tivesse certeza que ela era muito mais velha. Sua pele parecia seda, seus olhos cor violeta, fantásticos, muito semelhantes aos seus, ou ao menos na forma que esperava que parecessem. Seus cabelos eram castanhos avermelhados, caindo sobre os ombros em uma cortina de seda que ele tinha certeza que era tão suave ao toque quanto parecia.

Mas enquanto a olhava mais atentamente, enquanto a observava centímetro a centímetro, percebeu de que suas feições estavam fixas, sua mandíbula contraída e sua boca era um corte em seu rosto bonito. Embora a tivesse visto adotar muitas expressões, aquela era uma que não conhecia. Hoje parecia… alterada.

Um impulso protetor borbulhou nele. A necessidade de descobrir quem a machucou e por que, e depois o fazer pagar. Mas antes que pudesse ler qualquer outra coisa em seu rosto, ela deu meia volta e a imagem se perdeu. O cristal se transformou novamente na mesma peça opaca, ondulada e fria que era antes.

—Não. Espere. Volte —sacudiu o cristal. —Mostre-me o desejo de meu coração. Volte! —disse as palavras novamente.

E outra vez. Só que não aconteceu nada. O calor que estava ali só alguns segundos antes desapareceu. Foi-se com ela.

Sabendo que era tudo o que ia conseguir naquela noite, deitou-se no colchão de palha, fechou os olhos e segurou o espelho contra o peito. As lágrimas queimaram seus olhos. O estômago roncou novamente. Nunca antes havia se sentido tão sujo e vulgar como fazia naquele momento.

Talvez ela pudesse vê-lo através do cristal. Talvez fosse isso o que a tinha incomodado e por isso o rejeitou com desgosto. Mas enquanto o pensamento lhe ocorria, sabia que não era verdade. A velhinha com a túnica branca havia dito a ele que só funcionava em um sentido. E, no entanto, isso era um pequeno consolo quando só pensar nela o recordava de tudo o que não poderia ter.

Gostava de imaginar que ela estava orgulhosa dele. Por enfrentar Atalanta, por permanecer fiel ao que ele sabia que guardava em seu interior. Mas a realidade era que talvez ela não estivesse. Talvez tudo o que ela visse quando o olhasse fosse a mesma imagem que ele viu antes. Um menino sujo de dez anos que ninguém queria.

Afastou-se do alimento que o corpo necessitava desesperadamente, lutou contra as lágrimas que escorriam pela face e segurou com mais força o espelho. O calor que havia percorrido nele antes, ainda ressoava em seu peito, então que se agarrou a esse sentimento. E a esperança de que algum dia ela viesse buscá-lo.

Já não importava o porquê ela o havia abandonado. Só queria recuperá-la. Se os deuses pudessem encontrar um jeito de enviá-la ele seria o melhor filho que uma

mãe jamais pediu. Ele prometia.

O sono o venceu. Ele viu seu rosto novamente. Só que daquela vez ela estava de pé em um campo branco, seu rosto bonito cheio de preocupação enquanto olhava, procurando-o. A ele, desejou. E embora soubesse que era apenas um sonho, correu para ela.

Porque mesmo um sonho com ela era melhor que qualquer outra coisa em sua vida miserável.

Como Argonauta, Zander nunca foi uma pessoa que "vai com as outras". Ia contra sua natureza. Se alguém lhe dissesse que se sentasse, ele se levantava. Se ordenasse a ele que fosse para um lado, ele ia para o outro. A única pessoa de quem aceitava ordens era de Theron, geralmente a contra gosto, por isso escutar as ordens de Callia ao seu redor naquele momento não só o deixava no limite, mas também arrepiava todos os cabelos de seu corpo.

No entanto, não era estúpido. Sabia que havia momentos em que era melhor morder a língua antes de deixar que a raiva retumbasse através dele. E agora — embora odiasse com fervor — era um desses momentos.

Embora não houvesse forma alguma no inferno dele ficar nu diante dela.

Atravessou a sala sem olhá-la, deixou-se cair em uma das três poltronas de veludo da sala de estar e começou a desabotoar as botas. Percebeu tarde demais que o sofá que escolheu era o mesmo em que havia se inclinado sobre Callia uma noite escura e abafada há quase onze anos atrás.

O sangue se acumulou em sua virilha. Sua pele se tornou cada vez mais quente e úmida. Suas palavras, as palavras que ela havia sussurrado na noite em que a apanhou depois que ela viu o rei, ecoaram em sua cabeça.

«Possua-me, Zander. Rápido. "Ante que alguém me dê uma razão para dizer que não».

Quinze singelas palavras. Isso foi tudo. Ela sabia exatamente o que dizer para virar todo seu mundo pelo avesso no intervalo de um batimento de coração.

O suor brotou na testa de Zander ao recordar à sensação de sua pele suave e sedosa, o sabor de seu calor molhado, a forma que ela gozou ao redor dele exatamente naquele lugar. Estendeu a mão para secar a testa. Deixou o braço cair. Depois franziu o cenho, porque aquela era uma lembrança que não necessitava na droga da cabeça enquanto estava sentado tirando as botas para que Callia pudesse fazer seu pequeno "exame".

E maldição, a barra de aço que agora se encontrava entre as pernas era um lembrete descarado que ela, e não a gynaíka com quem estava prestes a se casar, era sua alma gêmea.

Deixou que a bota que tinha na mão batesse contra o chão. Levantou os olhos e olhou a sala. Callia tinha terminado de se preparar e agora estava olhando pelas janelas altas para o campo dos arredores, com os braços cruzados sobre o peito e a mandíbula apertada e tensa.

Seu peito se contraiu enquanto a olhava. Deuses, que idiota tinha sido. Naquela época não havia um só coisa sobre ela que ele não tivesse necessitado. Que não tivesse querido. Estava tão cego que nem sequer podia compreender uma época em que ela não fosse exatamente o que ele mais queria e necessitava.

Mas isso tinha sido naquela época, não? Antes que ele percebesse o que realmente havia profundamente dentro dela. Antes que descobrisse que Hera estava absolutamente certa ao escolher Callia como sua alma gêmea porque era o epítome de tudo o que ele mais odiava. E o que aconteceu? O que ele fez com ela naquela sala? Aquilo sim era uma fantasia. Aquilo — olhou sua fria indiferença e a viu como realmente era e não como ele queria que fosse — aquilo era a realidade.

A ereção com a qual esteve lutando desde que entrou na sala desapareceu. Ele deixou a outra bota cair, contraiu a mandíbula e se levantou enquanto tirava a camiseta pela cabeça. Tinha tirado as armas antes de entrar no castelo, como era o protocolo, por isso não tinha que se preocupar com sua parazonium ou qualquer dos outros artefatos que Titus sempre preparava. E se alegrou. Despojar-se das

armas significaria mais tempo a sós com ela naquela sala.

— Onde me quer?

Callia se afastou da janela sem olhá-lo nos olhos, deixou os braços caírem e apontou para a extremidade da mesa do rei que tinha ficado vazia.

— Ali. Sente-se.

Zander atravessou o piso silenciosamente com os pés descalços e apoiou o quadril no extremo da longa mesa. Verificou a estabilidade do móvel, e quando teve certeza que não ia cair sob seu peso, sentou-se deixando as pernas penduradas na borda com os pés descalços a poucos centímetros do chão.

Ela não disse nada sobre o fato dele não estar completamente nu, e ele não ia mencionar isso. Para distrair-se, ele baixou os olhos para os dedos dos pés, enquanto ela se movia em torno da sala. Ela empurrou uma pequena mesa auxiliar com os materiais para seu lado. Segundos depois, ele sentiu sua mão nas costas e não conseguiu evitar arquear-se em resposta. Quando ela disse — respire fundo — obrigou-se a relaxar enquanto ela movia o estetoscópio de um lado a outro, obviamente, auscultando seus pulmões.

O metal estava frio contra sua pele, mas seus dedos eram quentes e sedosos, muito quentes e sedosos. Seu sangue se aqueceu simplesmente por esta perto dela, e cada vez que ela roçava sua pele, provocava intensos tremores em seu corpo. Ele se concentrou em sua respiração — na constante entrada e saída — em uma tentativa de manter a calma. Quando ela se moveu para ficar de pé diante dele, repetiu-se a ordem, evitando olhar para o rosto dela e em vez disso se concentrou no suéter branco e justo que ela vestia.

Seu ofego o fez levantar a cabeça.

— O que aconteceu com você?

— Nada. Estou bem.

— Isso não é nada — Ela concentrou sua atenção no ombro enquanto colocava o estetoscópio no pescoço, dirigindo-se a sua maleta, pegou sua bolsa e retornou

com uma gaze e o material que precisava.

— Deixe isso — disse ele antes que ela pudesse tocá-lo. — É apenas um ferimento superficial.

Ela deu leves toques no sangue seco com um monte de gaze. — O músculo está rompido. É necessário fechá-lo com sutura antes que comece a se infectar.

— Já está curando.

— Estou vendo mas…

Ele a segurou pelo pulso, interrompendo seu movimento. Um estremecimento o percorreu pelo contato, mas não o levou em conta. A última coisa que precisava era as mãos dela sobre seu corpo mais do que fosse necessário.

— Disse que deixasse isso.

Seus olhos deslizaram do ferimento para o rosto e se sustentaram. E antes que ele percebesse, olhava perdidamente para aqueles olhos como um pôr do sol caribenho no mundo humano. Olhos que ele viu incontáveis vezes enquanto faziam amor. Olhos com os quais sonhou muitas vezes nos anos posteriores até que acordasse com um suor frio e doloroso.

Os pensamentos desapareceram de sua mente. A conexão que tiveram desde o começo faiscou profundamente em seu peito, ardendo no fundo de sua alma. Tentado-o a perguntar e averiguar se ela sentia isso também. Não podia ser o único que recordava, não é mesmo? Ela devia sentir algo quando o via. Quando estavam tão perto. Quando o tocava.

Os pensamentos, lembranças, sentimentos que tinha mantido enterrado durante muito tempo o pressionaram por dentro enquanto a olhava nos olhos iguais a pedras preciosas. Um filme de seu tempo juntos piscou em frente de seu rosto. E então, quando chegou à parte em que ela o traiu, aquela chama se apagou. Deixando para trás nada mais que cinzas e ruínas carbonizadas.

Não importava o que ela sentisse. Seu passado estava resolvido. As Moiras o foderam em mais de um sentido. Não havia nada sobre ela agora que pudesse

mudar o que tinha acontecido naquele tempo. Tempo.

Ele deixou a mão cair tão rapidamente quanto a segurou. Depois voltou a olhar para seu suéter.

— Termine o exame.

Que merda não faria para se esfriar, porque seus seios eram agora tudo o que podia ver — maldição. OH, homem, eram tão redondos, cheios e bonitos quanto se lembrava, e tinha quase certeza que podia ver seus mamilos se dilatando contra o algodão macio. Se ele levantasse seu braço direito, só um pouco, poderia tocar um. Poderia sentir a protuberância inchar e endurecer sob os dedos…

Ela deu um passo para trás lentamente. Deixou os materiais e seu estetoscópio. Pigarreou. O som trouxe de volta seus pensamentos para onde deviam estar. Mas o tremor de sua voz quando falou disse-lhe que sua ordem tinha sido forte e clara. E porque o fez sentir-se um imbecil, não tinha nem ideia.

— Então continuaremos com o mais difícil do exame. Não há necessidade do padrão com agulhas e espetadas.

O alívio se estendeu por Zander. Isso parecia com o que ele desejava. Só queria sair daquela sala. De preferência mais cedo do que tarde.

— Fique direito — disse ela. — E feche os olhos — ele fez o que ela pediu, segurando a borda da mesa com as mãos e estirando a coluna, agradecendo que sua voz fosse ao mesmo tempo mais uniforme e direta e que agora, ao menos, não tivesse que olhá-la. — Bem. Agora, o mais provável é que sinta calor quando eu procurar qualquer anormalidade, talvez um pouco em seu ombro, mas na maioria dos casos isto não deve ser doloroso.

Talvez não para você.

Ele respirou fundo, tentou não franzir o cenho, e embora Callia não o tocasse, sentiu suas mãos pairando a poucos centímetros de seu peito nu. Como curadora, tinha a capacidade de procurar problemas dentro do corpo e concentrar suas energias para restaurar o equilíbrio e a saúde. Os Argoleans eram menos suscetíveis às doenças que os humanos e curavam mais rápido, mas no fundo ainda

eram mortais. Embora Zander soubesse que ela não encontraria nada errado com ele.

— Devagar — murmurou Callia. — Respire lentamente, dentro e fora. Isso é tudo. Simplesmente deixe que sua mente vague e relaxe o corpo. Bom. Isso está… bom.

Havia algo estranhamente reconfortante em sua voz — como sempre tinha sido — e o calor irradiando de seus dedos aqueceu primeiro sua pele, depois penetrou profundamente em seus músculos, e finalmente, em seus ossos. Ela estava explorando seu corpo, procurando doenças, embora sentisse como se ela estivesse chegando dentro dele com as mãos nuas, arrastando-se em sua pele e sentindo-se confortável. O calor deslizou por seu peito, centímetro a centímetro, enquanto seus dedos se desviavam e suas mãos se moviam sobre ele. E Oh, homem, ele gostava. A forma como o preenchia. Era bom. Calmante. Completa. A forma como imaginava que iria se sentir nos Campos Elíseos provavelmente quando passasse para outra vida.

De um nada a dor no ombro duplicou, enviando faíscas ao seu cérebro como se ele tivesse sido cortado novamente. Ficou sem fôlego, retesou-se, cravou as unhas na madeira da mesa.

Seus olhos se abriram de repente. Ele a olhou quando cerrou os dentes por causa da dor. Ela estava com o rosto enrugado, como se também sentisse isso, mas seus olhos permaneciam fechados e não afastou as mãos.

— É profundo — disse ela. —Tem certeza que não quer que eu o repare?

O ferimento. Ela estava na droga do ferimento.

— Não — ofegou ele com os dentes cerrados, os dedos fincados mais profundamente na mesa de madeira. — Está… bem.

— Ilithios[13] — Sempre profissional parou de chamá-lo de idiota e não o pressionou mais.

[13] **Ilithios** - Idiota

Logo seus dedos se moviam novamente, deslizando para fora do ferimento até que a dor diminuiu e o calor voltou para seu peito.

Santo Hades. Ele deixou sair uma respiração entrecortada. Isso definitivamente não era como um beliscão. Se ela quisesse machucá-lo, poderia ter feito isso apenas com um toque de seu dedo.

— Preciso que você se concentre novamente, Zander — disse ela com firmeza — Relaxe. Feche os olhos.

Relaxe. Sim. Como se isso fosse possível.

Ele respirou fundo novamente. Tentou pensar… em nada, como ela sugeriu. E teve êxito, durante dois segundos. Até que as mãos começaram a se moverem para o sul. Sob suas costelas e abdômen, parando para gravitar sobre seu umbigo.

— Deite-se — disse ela. — E separe um pouco as pernas.

Essa ordem foi suficiente para enviar seu sangue diretamente para a virilha. O pênis pressionando contra o tecido da calça. E Oh, sim, aquilo era maravilhoso. Ia ter uma ereção em questão de segundos, e ela lhe disse que se deitasse e separasse as pernas.

Cerrou os dentes outra vez, fez o que ela disse e rezou para que seus olhos ainda estivessem fechados. Ela não o tocou, mas ele sentiu seus movimentos mais perto. Sentindo o calor entre as pernas quando ela ia se aproximando mais da virilha. Suas mãos a milímetros dele agora, movendo-se lentamente para baixo, exatamente sobre o cós da calça, em seguida sobre o zíper, ainda mais para baixo. Sua pele zumbia nos pontos de pressão entre os quadris e o tórax. O calor continuou descendo por seu corpo. Ele prendeu a respiração e esperou, embora sentisse que ficava extremamente rígido sob o tecido da calça.

As mãos dela gravitaram sobre seu regaço. O calor na virilha passou de quente para abrasador, ele era bom demais. E ah, maldição, aquilo era sua respiração contra seu umbigo. Ela estava recostada sobre ele. Seu rosto tão perto. As imagens começaram a encher sua mente. Seus lábios suculentos. Sua boca contra a pele. Percorrendo-o para baixo. Sua língua… fazendo aquele exame e qualquer

outra coisa que quisesse lhe fazer, nu, mostrando-se a ela como uma oferenda.

A respiração tornou-se profunda e entrecortada quando ele lutou para limpar a mente, se ela houvesse tocado acidentalmente seu pênis, teria tido um orgasmo sobre a mesa de exames. E o quanto isso seria mortificante? Disse a si mesmo que não era por causa ela. Era pelo que estava fazendo a ele. Qualquer curadora que fizesse aquele exame nele provocaria o mesmo efeito. Era a energia correndo através dele o que provocava sua libido, não ela.

Sim, claro, cretino.

Pareceu-lhe uma eternidade antes que ela continuasse pela perna esquerda. Finalmente deixou escapar um longo suspiro quando sentiu como o calor se estendia descendo por sua virilha e ereção.

Ela agora foi rápida e eficiente, examinando uma perna e depois a outra. Houve apenas uma diminuta pontada de eletricidade na virilha novamente quando ela moveu subindo pela perna esquerda. Todo o calor pareceu sair precipitadamente pelo dedão do pé esquerdo e ele a ouviu levantar do chão. Suspirou e finalmente disse:

—Terminei.

Virou as costas para ele, deixando os instrumentos que utilizou em sua maleta. Quase temendo o que veria, ele abriu os olhos, enfocando-os no móvel de três andares de altura com seus pratos dourados e tentou se acalmar. Não funcionou. Sim, agora o calor estava desaparecendo, mas o pênis continuava duro como um pau e de maneira nenhuma ela poderia ter deixado de notá-lo quando abriu os olhos.

Merda. Estava se comportando como uma profissional em tudo aquilo, então ele deveria fazer o mesmo. Afinal, não havia mais nada entre eles, não é mesmo? Levantou se apoiando nos cotovelos, tentando encontrar uma posição mais confortável, se isso fosse possível. Ela tinha se virado, e não levantou os olhos nem mesmo quando atravessou o quarto e estendeu para ele a camisa do sofá.

—Tudo parece estar bem. Direi ao rei que é capaz de… —calou-se. Pareceu

pensar duas vezes, então, finalmente disse: —Está saudável. Desde que a amostra seja normal, não há mais nada que precise de mim.

—Amostra? —perguntou pegando a camisa e colocando-a no colo para esconder a ainda difícil ereção. —Que amostra?

Ela atravessou novamente a sala para colocar a mão na maleta e deu a ele um frasco de plástico com tampa.

—Tem que me dar uma amostra de esperma para análise em laboratório — colocou uma bolsa de papel marrom ao lado dele, sobre a escrivaninha. —Deixe-a na bolsa quando terminar.

Então, pegou a maleta e se dirigiu à porta.

Chocado demais para mover-se, apenas olhou para o frasco de plástico com tampa que tinha na mão enquanto ela chegava à porta. Ela queria que fizesse…? Com ela esperando do outro lado da porta enquanto ele…? Agora mesmo?

Olhou fixamente para ela, embora definitivamente não fosse puritano, algo naquilo estava errado. Realmente inesperado e maquiavelicamente errado.

Ela parou com uma mão na maçaneta da porta, mas não se virou. Não havia nenhuma maneira dele poder ler sua expressão quando disse:

—Desejo a você e a Isadora… muitas felicidades, Zander. Sim, eu… que você e os seus prosperem à maneira dos grandes heróis.

As palavras de felicitações que tradicionalmente eram oferecidas a um ándras e sua noiva abriu passagem na sua mente e escapuliram para dentro de seu peito. Onde se gravaram. Frias. Pesadas. Sombrias. A excitação contra a qual lutava desde que entrou na sala saiu pela porta com ela, deixando-o insatisfeito e irritado. Aquilo era irracional, o temperamento explodiu quando a porta fez barulho ao fechar-se atrás dela e o silêncio se estabeleceu na sala.

Ele não queria suas congratulações. Ele e Isadora não precisavam de sua aprovação. A irritação aumentada por causa de suas palavras, sua reação e o que havia e não havia acontecido naquela sala. Baixou os olhos para o regaço onde o

pênis claramente murchava.

Aquilo era por ela, maldição. Não precisava dela. E sabia um modo muito claro de demonstrar aquele fato de uma vez por todas.

Mas… antes teria que ir procurar Isadora para fazer exatamente isso. Ao que parecia teria que se masturbar a sua ordem. Ou permanecer preso naquela sala pelo resto de sua vida imortal.

Meeeerrda.

Murmurando maldições contra Callia, o rei e a maldita situação, pegou o frasco e a camisa e os jogou sobre o sofá, depois afundou nas almofadas. Levou vários minutos para conseguir que seu coração desacelerasse e que os pensamentos deixassem de formar redemoinhar. Quando conseguiu isso jogou a cabeça para trás contra o encosto para a cabeça, fechou os olhos e imaginou Isadora. Pálida, pequena, bonita e perfeita. Não era nenhum grande segredo que ela era uma das gynaíkas mais atraentes de toda a terra. E quem não sabia disso? Seu pênis não reagiu ante o pensamento.

Deixou escapar um longo suspiro. Tentou outra vez. Desta vez tocando a virilha. Podia fazer aquilo, maldição.

No entanto... Nada aconteceu.

Frustrado, despiu mentalmente Isadora enquanto se acariciava. Esperando que o truque funcionasse. Imaginou-a com uma saia longa solta e uma camiseta sem mangas. Seus cabelos caíam até seus quadris. Ela colocou os dedos no pescoço, deslizando-os para baixo, rodeando a elevação dos seios, descendo pelas costelas, para chegar finalmente a bainha da camiseta. As mãos leitosas cruzadas diante dela puxaram o tecido e ele teve um lampejo da pele lisa, um vislumbre do umbigo, o abdômen marcado quando ela subiu a camiseta um pouco mais. Prendeu a respiração e esperou, vendo como centímetro a centímetro ela ia se revelando até que jogou a roupa sobre o sofá, os seios erguidos, firmes, muito nus… era tudo o que ele podia ver.

E, ah, sim, eram perfeitos. Rosados. Turgidos. Do tamanho exato para as mãos

de um guardião. Para sua boca…

Ela sussurrou algo. Seu nome? Não tinha certeza. Mas antes que pudesse entender o que ela havia dito ela se inclinou, seus cabelos escorregaram para baixo, escondendo seu rosto enquanto ela deslizava os dedos até o cós da saia longa e, elegantemente, deslizou-a para baixo pelos quadris curvilíneos.

Sua boca secou. Esperou. Não conseguia ver nada exceto todo aquele cabelo sedoso, o tecido de sua saia deslizando devagar… muito devagar. E então… tudo o que restou foi um montão de cetim amassado na base de duas das pernas mais sexy que ele já tinha visto e um rio de cabelos ruivos que ele quis separar com os dedos e mergulhar dentro.

O pênis começou a reagir. Sentiu o fluxo de sangue descendo para o sul. Esfregou-se sobre as calças. Agradecendo silenciosamente… Sim! Finalmente tinha funcionado.

Só… que quando ela se endireitou, entrou em seu campo de visão todo aquele corpo nu glorioso a gynaíka diante dele não era tão pequena e perfeita. Era alta e voluptuosa, com cabelos ruivos e olhos cor de ametista. Sorria — apenas para ele, como outras centenas de vezes antes. Aquele único olhar despertou seu pênis, enviando cada última gota de sangue para a virilha. Ficou extremamente rígido. Mais duro do que tinha estado em anos. Tão rápido.

Callia se virou, dando-lhe a visão do traseiro tonificado e das pernas. Apoiou os joelhos no sofá, tão perto que ele quase não conseguia respirar. Virou-se e o olhou por cima do cremoso ombro um olhar de "vem me pegar" que se estabeleceu em seu peito como um parafuso, sem o deixar partir.

Em seguida deu o golpe mortal. O que o desestabilizou e virou-o pelo avesso.

Ela sussurrou:

—Possua-me, Zander. Rápido. Antes que alguém me de alguma razão para dizer que não.

Ah, deuses, estava perdido. Não era capaz de lutar mais. Sua semente ferveu

profundamente dentro dele ao recordar a sensação do duro impulso dentro de Callia, dando a ela o que ambos queriam. E ainda antes da primeira contração de suas bolas, sabia que estava realmente fodido.

Só havia um problema, aquela não era de maneira nenhuma a forma que o rei queria.

CAPÍTULO 5

Isadora saiu do chuveiro e enrolou em uma toalha felpuda em volta do corpo. Depois da cena na câmara de seu pai, sentiu-se suja. Tinha precisado lavar a mancha da horrorosa experiência para esquecê-la. A forma que todos a olharam. As coisas que Demétrius disse…

Pegou outra toalha e secou a água dos cabelos, para evitar concentrar-se novamente em suas palavras, depois, jogou-a sobre o balcão.

Já em seu quarto, deu uma olhada no incômodo vestido longo que Saphira, sua criada, deixou pendurado na porta do armário. O estômago revirou. Não poderia suportar olhar para aquele vestido. Odiava cobri a pele com ele. Desprezava o peso e a textura. Um mal-estar revirou seu estômago ante a ideia de fazer mais outra coisa que alguém queria que ela fizesse. Em vez disso, arrancou a toalha do corpo, jogou-a na cama e respirou profundamente.

Calças. Queria calças. Mas onde poderia conseguir uma? Levantou o polegar, mordendo a ponta da unha. Poderia perguntar a Casey. Sua meia-irmã se apressaria a aceitar a oportunidade de ajudá-la nisso. Claro que, se seu pai a visse vestida com outra coisa que não fosse um vestido, poderia se alterar e até lhe provocar uma parada cardíaca.

—Isadora?

A voz de Zander na sala de espera a golpeou um microssegundo antes que a

porta do quarto se abrisse e ele entrasse. Onde parou. Repentinamente. E não se moveu.

OH, merda. O calor correu para sua face pelo que ele o primeiro varão em toda sua vida estava vendo. Ela se virou em busca da toalha e a enrolou firmemente em torno do corpo, desejando ter pensado em pegar o roupão no banheiro.

Bons deuses, por que ele estava ali? E por que em nome de todas as coisas sagradas estava espantada como uma virgem tonta?

Porque, tecnicamente, você é uma, ISA.

—Eu, hum… sinto muito —murmurou ele. —Não sabia que você não estava… decente.

Obviamente. Mas agora que sabia, por que não fazia nenhuma tentativa de ir embora?

—Está… tudo bem —disse, tentando acalmar-se—, simplesmente não esperava que você… que ninguém… entrasse sem chamar.

Onde infernos estava Saphira?

Ele não respondeu e, quando finalmente se virou para encará-lo, descobriu que ele a olhava com uma expressão vazia que ele não conseguiu ler.

O que, certamente, não deveria surpreendê-la. Sabia que não era sensual. Era muito pálida, muito magra e ossuda onde deveria ser curvilínea. Então não era surpreendente que ele não parecesse muito encantado com o que viu. Mas aquilo… aquilo era simplesmente… embaraçoso. Ela mal disse dez palavras para ele em toda sua vida e agora estava ali, de pé cara a cara, quase nua, com o peso de um casamento iminente entre eles e sabendo que em questão de dias estariam fazendo… sexo.

Já que ele continuou sem dizer nada, apenas continuou olhando-a com aquela expressão pétrea, buscou profundamente em seu interior e puxou a coragem.

—Quer algo, Zander?

Bem, Isa. É um homem. É um Argonauta. Irrompeu em seu dormitório como se fosse o dono do lugar. E você está quase nua. Que diabos acha que ele quer?

Ou queria antes de vê-la…

Ela ajustou a toalha mais firmemente. Curvou os dedos dos pés descalços no grosso tapete. Esperou.

Finalmente, depois do que lhe pareceu uma hora, ele abriu a boca como se fosse dizer algo, para depois fechá-la igualmente rápido. Baixou a cabeça e esfregou a testa com a mão.

—Não tenho muita certeza do que estou fazendo aqui —murmurou. Depois mais forte. —Não, sei sim — levantou os olhos. — Seu pai está forçando você a este casamento. Você não o quer, ou quer?

—Eu… —Isadora não soube o que dizer. Se concordasse, ele saberia como ela se sentia de verdade e sua união começaria com animosidade entre eles. Mas se não fosse honesta, nunca estariam em nível de igualdade. E embora seu pai ainda não tivesse percebido, ela não tinha intenção de deixar que nenhum ándras, incluído aquele, a intimidasse novamente. —Não — disse firmemente, endireitando a coluna. —Eu não quero.

—Imaginei que não quisesse — deixou a mão cair e a olhou nos olhos. Era realmente charmoso, bronzeado, polido e loiro, mas ela não sentia nem sequer um pingo de atração por ele. Nunca sentiu. —Alegro-me de que tenha me dito isso. Mas tão arcaico quanto sei que é, nesta situação, seu pai tem a última palavra.

Sim, ela também sabia. E não gostava. Apertou a mandíbula.

—No entanto —disse Zander, baixando os olhos para as mãos—, eu não gosto da forma que isto foi forçado. Então… —se deteve, parecia que estava reunindo as palavras. — O que Demétrius disse, no quarto do rei — os olhos cinza se elevaram para os dela novamente. —Aquilo foi errado da parte dele. E peço desculpas se isso a incomodou. Há facetas em Demétrius que nem sequer o restante de nós entende.

Isadora não respondeu, mas sua pressão arterial disparou ante a mera menção do nome de Demétrius. Pela primeira vez em semanas desde que voltou do inferno, onde sacrificou a alma e muito mais para salvar Casey sentiu algo mais que dormência. Ódio amargo queimou em suas veias. Do tipo que pensou que tinha

guardado apenas para o próprio Hades, por aquilo que ele a fez passar nas horas que ficou em seu reino. Mas não, aquela explosão de emoção estava centrada diretamente em Demétrius.

—Tenho certeza que não escolheria Demétrius se pudesse —continuou Zander. —Mas se houver algum Argonauta… um dos outros, que você prefira que ocupe este lugar… eu gostaria que me dissesse isso agora.

Isadora entreabriu os olhos.

—Você tampouco quer se casar comigo.

—Não — disse Zander rapidamente. —Não é isso. Sim quero. Refiro-me a … não eu não tivesse me oferecido se não quisesse. Eu… —moveu os pés, colocou as mãos sobre os quadris e soltou um suspiro. —Só acho que você deveria ter alguma escolha neste assunto. Uma mulher sempre deveria poder escolher com quem quer ficar.

Aquela era uma conversa que Isadora jamais esperou ter. Não com ele. Nem com ninguém. Ele estava oferecendo a ela uma escolha. Ele ou um dos outros. Ao contrário de seu pai, não ia forçá-la a se casar com ele. E embora tivesse um sentimento ao vincular-se com ele, ela tampouco era sua primeira escolha, mas por alguma razão, ele tinha se empenhado naquilo. E no entanto… estava deixando a decisão final para ela.

Pensou nele. No pouco que sabia sobre ele. Há anos tinha a reputação de ser um canalha, mas ultimamente aquilo tinha diminuído, por razões que não compreendia totalmente. Rumorejava-se que seus gostos eram mais para as mulheres humanas e nunca o viu com nenhuma gynaíka Argolean, ao menos que ela soubesse. Geralmente se mantinha a par do que os Argonautas faziam, ao menos pessoalmente, porque Saphira e sua multidão de amigos gostavam de mexericar. Mas sempre era educado. Não parecia se importar muito com Conselho ou seus rumores, e era um guardião feroz. Um que, se rumorejava, não podia morrer.

Aquelas eram boas características para que uma criança herdasse.

Pensou-nos outros Argonautas. Cerek, com seu sorriso simpático e olhos tormentosos que insinuavam segredos os quais não tinha certeza de querer conhecer. Titus, a quem nunca viu com outra expressão se não a estoica e cujos olhares conhecedores a deixavam inquieta cada vez que se aproximava do castelo. Os penetrantes olhos claros de Gryphon que gritavam a respeito de conquistas perto e longe — várias dentro daquele mesmo castelo. E Phineus, Senhor Aventura, rebelde sem causa, de quem se rumorejava que cuspia fogo.

Definitivamente não queria acordar carbonizada em sua própria cama. Nem saber que a gynaíka que a servia no castelo servia também ao seu marido em particular. Nem que seus próprios segredos fossem tirados de sua mente sem permissão. E, definitivamente, não queria ficar a par da escuridão que seu marido mantinha e que pudesse ameaçar arrastá-la para um abismo mais profundo do qual não tinha certeza de como sair.

Voltou a olhar para Zander, e soube que ele era o melhor do pior. Ao menos, para seu bem, esperava que fosse.

—Escolho… você.

Ele não disse nada durante um batimento completo de coração. E então, fez um gesto com a mão.

—Aproxime-se.

Ela apertou mais a toalha ao redor dos seios. Lentamente, atravessou o piso, os nus descalços silenciosos enquanto dava um passo do tapete para madeira maciça. Quando estava a trinta centímetros de distância parou, e teve que inclinar a cabeça para trás para olhar para cima. Ele era mais alto do que tinha pensado. E maior. Em todos os lugares. De fato de seu ponto de vista parecia… francamente enorme.

Ele diminuiu a distância entre eles. O calor de seu corpo a envolveu onde estava parada. Ela sentia o cheiro de sândalo e algo cítrico. E, embora seu pulso

tenha se acelerado com sua proximidade, não houve agitação correndo por suas veias. Nem sequer uma pitada de excitação.

Ele levantou seu queixo com um dedo. O calor fluiu da mão para sua pele fria.

—Eu nunca a farei sofrer deliberadamente, Isadora. Se for honesta comigo, em troca, serei honesto com você. Entendeu?

Ela assentiu com a cabeça.

—Confiança é tudo o que peço a você. Assinta para eu saber que você acredita em mim.

Ela fez isso.

—Bem —percorreu o rosto dela com os olhos. —Agora, me beije e me mostre que está tão comprometida com esta união quanto eu.

Ela não se moveu. Mas tampouco se afastou. Nem sequer quando ele baixou a cabeça e roçou os lábios nos dela.

A sensação foi… suave. Os lábios dele eram flexíveis, mas firmes, e quando os roçou sobre os seus novamente, sentiu-se correspondendo. Sentiu seus lábios moverem-se debaixo, não com aprovação, mas com… conformidade.

Terminou rapidamente. Ele recuou e ficou olhando-a. Nenhum deles parecia saber o que dizer. Não havia paixão ardendo em seus olhos. Nenhum brilho de desejo. Ele não parecia estar refreando sua paixão e, ela supôs, que isso era algo bom. Porque aquele beijo não tinha significado nada para ela exceto marcar uma casinha na coluna das coisas que nunca tinha feito em sua vida.

—Voltarei em seis dias para a cerimônia de união — saiu do quarto silenciosamente e a porta rangeu suavemente a suas costas.

Sozinha, Isadora, caminhou até a penteadeira e se afundou na banqueta de pelúcia olhando para seu reflexo. Aquela sensação de intumescimento se evaporou em algum momento da conversa com Zander. Em questão de dias seria sua syzygos[14]. Sua esposa. E aquele beijo? Apenas um indício do que ele faria com ela

[14] **Syzygos**: Esposa.

quando fossem marido e mulher.

Nenhuma excitação ou ansiedade, nem sequer preocupação a percorreu ante o pensamento. Deixou que a toalha caísse até sua cintura. Deslizou os dedos através do logos cabelos loiros, da raiz até as pontas. A espessa massa caia até a metade das costas. Como herdeira do trono, e fêmea, estava sujeita a tradições a que muitas Argoleans renunciaram a muito tempo, grande parte com desaprovação do Conselho. Seus cabelos deviam permanecer sem cortar, usar somente vestidos longos que a cobrissem totalmente e tinha que permanecer intocada. Em todos os sentidos da palavra.

Isso ainda era verdade?

Deixou os cabelos caírem. Afastou as lembranças do tempo que passou no mundo subterrâneo que tentavam se infiltrar. Tentou acalmar o mal-estar que crescia no fundo de sua alma a cada dia que passava. Em uns meses faria duzentos anos. Duzentos anos sem ter sido beijada. Até agora.

Com mãos mais firmes do que esperava, abriu a gaveta da penteadeira e procurou até encontrar uma tesoura. Ela brilhou sob a leve luz da tarde enquanto ela pensava sobre quem foi antes e quem era agora.

Seu pai esperava que ela se unisse a Zander e gerasse um herdeiro. Para consolidar a monarquia e que assim o Conselho não conseguisse derrubar seu reinado quando ele morresse. E ela faria exatamente o que ele ordenou porque, agora, sua vida tinha sido sacrificada. Mas aí terminava. Não haveria nenhuma segunda etapa "auxiliar". Não importava o quanto Zander fosse bom, agradável ou atraente, não a levaria para sua cama novamente quando sua gravidez fosse confirmada. E Oh, ela governaria. Para consternação dos Argonautas, do Conselho e, sobretudo, de seu pai.

Tinha quinhentos anos pela frente antes de passar desta vida para a seguinte. E quando o fizesse, sua alma já não pertenceria a ela, mas a Hades. Já era hora de deixar de viver para todos os outros e finalmente começar a viver para ela mesma.

Abriu as lâminas da tesoura e prendeu uma mecha de cabelo perto da

têmpora. Então sem hesitar, cortou-a.

Zander parou do outro lado da porta fechada do quarto de Isadora, respirou fundo e passou a mão pela testa. Não estava suando. Em todo acaso, tinha a pele fria e pegajosa, como estava a de Isadora.

Não tinha importância. Dirigiu-se para fora da sala de espera para a grande escada de mármore. Encontrar Isadora toda nua não era o que esperava. Ou planejava. Ou, skata, queria. Mas agora que tinha feito isso, não conseguia tirar a lembrança da mente. Nua como o dia em que nasceu. Tão perfeitamente formada quanto qualquer varão Argolean esperava. A mulher que logo seria sua para possuir. E por que diabos isso não o excitava, não sabia.

Antes que pudesse deter-se, seus pensamentos retrocederam, comparando o corpo de Isadora com a fantasia embriagadora de Callia que evocou naquele maldito escritório. A única que conseguia mover seu sangue. A única que disparava sua temperatura corporal para um limite fora deste mundo. A única que o deixava rígido apenas com um pensamento.

Merda. Parou com uma mão no corrimão. Expulsou um suspiro, tomou outro.

Isadora não é a escolhida.

Seu ritmo cardíaco disparou, mas ele se esforçou para mantê-lo estável. Disse a si mesmo que estava tudo bem, seu corpo não reagia da forma que a mente queria, mas isso não significava que não podia fazer aquilo funcionar. Havia afrodisíacos Argolean que ele poderia tomar para ajudá-lo com a flacidez. E se estes falhassem, sempre podia atravessar para o reino dos humanos, ir a uma farmácia e tomar alguns Levitra, Viagra ou Cialis. Usou drogas humanas antes. Sabia que funcionariam em seu sistema. Poderia usá-las novamente pelo bem de seu casamento e de sua gente.

Nunca teve que usá-las com sua alma gêmea, idiota.

—Como é —murmurou, recomeçando a andar novamente. —É apenas biologia. Imbecil.

—Falando sozinho novamente, ancião?

Zander parou abruptamente na base da escada do segundo andar, com uma mão no corrimão da escada enquanto olhava para as sombras.

Perto da parede do fundo, Titus saiu de trás de uma coluna na qual obviamente estava apoiando, esperando.

—Sempre desconfiei que você fosse um pouco senil.

—Olá —disse Zander. Porque, sim, isto também era incômodo. —O que aconteceu?

Titus cruzou os braços sobre o peito largo. Quadrou os ombros e abriu as pernas. A postura era defensiva, mas não agressiva, e Zander se alegrou. Não estava com humor para deixar que golpeasse seu traseiro novamente.

—Theron me disse para esperar você. Chegou uma mensagem de Nick para ele. Os daemons atacaram uma aldeia em algum lugar perto da colônia norte-americana. Parece que havia uma mistura de mestiços e humanos vivendo ali. Nick pediu ajuda para localizar os sobreviventes. Theron já enviou os outros. Quer você preparado para ir.

A excitação picou a pele de Zander. Theron deixaria lutar? Esperava ficar de fora a partir de agora até Isadora ficar grávida. Mas talvez, por ainda não estarem vinculados oficialmente, Theron deu-lhe um último trabalho.

—Sim. Claro. Só preciso pegar algumas armas. E então poderemos ir.

— Primeiro uma coisa— Titus deu um passo para frente de Zander, bloqueando seu caminho ao grupo de degraus seguinte e Zande retesou as costas na expectativa do que poderia vir. A desforra era uma cadela, mas Zander a merecia.

—O que fez antes… no quarto do rei. Aquilo foi… —Titus levantou a mão e o olhou. Parecia divido entre estendê-lo para tocar o ombro de Zander ou enfiar seu punho no abdômen. Zander ficou tenso, mas então Titus baixou o braço. Aquilo foi heroico, Z. Só quero que saiba que todos nós… especialmente Demétrius… não

esqueceremos isso.

O orgulho retornou, veloz e consumidor, golpeando novamente no peito de Zander. E sim, talvez estivesse lutando contra seus próprios demônios quando se tratava de Isadora e Callia, mas era por isto que ele estava fazendo o sacrifício. Por Titus, que não podia tocar ninguém se não com ira; por Demétrius, que estava tão fodido que ninguém sabia que diabos havia de errado nele; por Cerek, que se mantinha distante de todas as mulheres. Estava fazendo aquilo por todos seus irmãos guardiões que não podiam fazer o mesmo sacrifício por mil razões diferentes.

—Demétrius se esquece de tudo. Garanto que na próxima semana não se importará de forma alguma com nada disso.

Um sorriso quebrou a expressão usualmente sombria de Titus. Ou ao menos, o que poderia ser considerado como um sorriso para Titus. Os cantos de sua boca se contorceram.

—Provavelmente. Isso ou encontrará uma razão para que você tenha feito isto para foder o restante de nós de algum jeito.

Zander sacudiu a cabeça. Sorrindo seguiu Titus quando o outro guardião se virou e se dirigiu as escadas.

—E só para deixar uma coisa clara —disse Titus enquanto caminhava. —De maneira nenhuma no inferno vou começar a chamar você de Sua Alteza Real só porque está comprometido com Isadora. Seu Bundão Real, talvez.

O sorriso de Zander se alargou enquanto virava a esquina e se dirigia para a Cripta, o recinto no nível mais baixo do castelo onde os Argonautas armazenavam o armamento e qualquer outro equipamento que pudessem precisar. Aquele era o Titus que conhecia.

—Nem Sua Majestade —continuou Titus. —Mais como Seu Maior Imbecil. OH, espere. Ainda melhor. Sabe como o Conselho sempre se dirige ao rei? Como Sua Mais Fiel Alteza Sereníssima? Nós o chamaremos de Seu Mais Fodido Traseiro

Doador de Esperma —Titus satisfeito com sua própria brincadeira. —Sim, isso se aplica a você.

O sorriso de Zander desapareceu enquanto Titus empurrava a porta pesada da Cripta abrindo-a com o ombro. Sim, aquilo encaixava totalmente, não? Seu futuro acabava de ser resumido a um título de fodido banco de sêmen.

Pegou uma bainha nova e a parazonium, colocou a alça atravessada no peito e colocou a arma nas costas. Depois, vestiu a jaqueta e afastou da cabeça todos os pensamentos sobre o rei, Isadora e, especialmente, Callia.

—Vamos, Titus. Não faz sentido deixar Demétrius levar toda a diversão.

—Esse é o melhor plano que ouvi em todo o dia —Titus pegou seu próprio equipamento e rumou para a porta. —Estou preparado para chutar alguns traseiros de daemon.

Zander também estava. De uma maneira que Titus ou os outros Argonautas nunca entenderiam.

CAPÍTULO 6

Max acordou de repente, ensopado de um suor frio e tremendo dos pés à cabeça.

O ar retido nos pulmões, sufocante, estagnado. Sentou-se rapidamente, olhando fixamente para a escuridão enquanto seu coração batia rapidamente e os sentidos lentamente se acomodavam.

Estava em seu sótão, sobre seu colchão de palha. A luz da lua entrava torrencialmente pela janela alta e suja da parede dos fundos, iluminando a camada de poeira sobre as inóspitas taboas do piso de tal forma que o quarto parecia coberto de neve.

Não era o campo de treinamento. Olhou para baixo. Não havia sangue em

suas mãos. Não tinha acabado de matar cheio de fúria como tinha visto no sonho.

Um sonho. Apenas outro sonho inútil.

Respirou fundo, repetidas vezes. Fechou os olhos e se esforçou para diminuir a pulsação acelerada. O sonho veio, como sempre o fazia. E como sempre, teve problemas para separá-lo da realidade. Neste, viu sua mãe outra vez procurando por ele. Só, que quando ela via no que ele havia se transformado, o que ele tinha feito, uma expressão de horror cruzava suas feições delicadas, Ela dava as costas a ele e fugia.

Não era real. Apenas um sonho. Apenas um estúpido, estúpido sonho…

Sentindo-se mais seguro, abriu os olhos e olhou em volta. Enquanto o pulso se acalmava e os olhos se adaptavam a luz tênue, percebeu que o sonho devia ter sido algo extraordinário. O pão que era seu jantar e que ele não tinha comido estava espalhado no chão, à maior parte esmigalhada. O prato estava quebrado ao menos em três pedaços e a água não era nada mais que um círculo de umidade na madeira fria e dura.

Estranho.

Dando de ombros, descartou o pensamento e voltou a deitar-se. Não tinha certeza de quanto tempo tinha dormido, mas devia ser horas, a julgar pela luz. Lá embaixo, podia ouvir Atalanta trabalhando novamente, após a pausa para o jantar, treinando seus daemons. Por sorte, ela o deixou sozinho para que dormisse, obviamente muito zangada com sua humanidade para olhar para ele. O choque de armas, prantos de derrota e a fúria implacável de Atalanta se elevavam pelo ar para retumbar em seu cérebro.

Colocou o antebraço sobre os olhos e tentou bloquear os sons. Tremendo, desejou seu cobertor, mas sabia que era inútil desejar algo ali. Não ia poder retornar naquela noite, portanto tinha que acostumar-se a isto e sofrer.

Para manter afastado o pensamento sobre o frio, virou de lado, levou os joelhos até o peito e imaginou o rosto de sua mãe outra vez. Respirou fundo. Se ele se concentrasse o bastante, tinha quase certeza que podia sentir a calidez do cristal

que tinha nas mãos antes.

O cristal.

Sentou-se muito ereto, mais acordado agora, seu coração batendo rapidamente uma vez mais. Só que desta vez não era um sonho o que o perseguia, era a realidade.

Saltou sobre os pés, deixou-se cair de joelhos, e procurou o cristal em cada centímetro do colchão de palha, só para encontrá-lo vazio. Suas mãos tremiam, e as lágrimas turvavam seus olhos. Por que não o escondeu novamente antes de adormecer? Estúpido, estúpido Max! Onde estava?

Correu as mãos sobre o colchão de palha repetidas vezes, mais desesperado a cada movimento enquanto procurava, mas quando os dedos apanharam algo de metal, pequeno e redondo, congelou.

Levantou a moeda para luz da lua para poder vê-la. Em seguida o frio o cobriu completamente ao olhar fixamente para a letra A cunhada no ouro.

A moeda da Atalanta. Sua marca. Ela esteve no quarto. Tinha visto ele com o cristal. E agora tinha desaparecido. A comida arruinada, a água derramada, o prato quebrado… tudo fazia sentido agora.

Levantou-se antes que pudesse se deter, exacerbado por uma fúria crescente que nunca tinha experimentado. Desceu a escada, deu no quarto andar e desceu correndo as escadas dos fundos para a cozinha, a raiva e o temperamento crescendo a cada passo que dava.

Meu. Meu. Meu.

Ignorou os trabalhadores da cozinha e seus grunhidos de advertência enquanto corria através da sala. Uma rajada de ar gelado golpeou seu rosto quando abriu bruscamente a porta da cozinha, mas também ignorou isso. Lá fora no campo de treinamento viu um grupo de daemons aglomerados em torno de Atalanta e um de seus subordinados.

—Fraco! —gritou Atalanta. — Se quisesse vermes sem caráter em meu exército, teria substituído os daemons por humanos. Esforce-se!

Os pés de Max se moveram por vontade própria. A visão nublada e obscurecida. Antes que percebesse abriu caminho através da multidão e ficou parado no centro do círculo.

Atalanta o viu pelo canto do olho. O daemon contra o qual lutava — *Phobi*? — Aproveitou a chance para sair na frente. Mas ela foi mais rápida que ele e milhares de vezes mais mortal.

Sua espada realizou um arco um pouco antes que Phobi atacasse, e com um grito que ecoou através do ar gelado da noite, sua cabeça voou de seu corpo e bateu forte contra o chão gelado. Seu corpo caiu segundos depois.

Era um espetáculo que Max viu centenas de vezes antes, e em cada uma delas uma parte dele tinha chorado. Morte era morte, sem importar a criatura. Mas daquela vez, não se importou. Tudo o que percebeu no campo de visão foi Atalanta e seu último momento crucial.

—Maximus —disse ela enquanto limpava a lâmina ensopada na túnica vermelho sangue. —Que amável de sua parte juntar-se a nós.

—Não vim me juntar a vocês — ele ladrou enquanto jogava a moeda para ela. — Vim buscar o que me roubou.

A moeda aterrissou sobre a terra aos seus pés com um ruído surdo. Ela olhou para baixo, mas nem sequer um lampejo de reconhecimento cruzou seu rosto. Suas feições permaneceram tão vazias e frias como sempre.

Ela o olhou, cravou a ponta de sua espada no chão para que a arma pudesse permanecer erguida e sem sequer pestanejar tirou o cristal do bolso de sua túnica.

Max prendeu a respiração quando viu seu tesouro nas mãos dela. O medo subiu para sua garganta. Soube sem precisar perguntar o que ela queria. Queria que ele implorasse a ela. Para que mostrasse fraqueza em frente dos outros. E o faria. Por aquele cristal e sua única conexão com sua mãe, faria qualquer coisa.

—É isto o que quer? —perguntou a ele em um tom asquerosamente doce. — Esta bugiganga?

Não respondeu a ela. Não podia. As palavras estancaram em sua garganta.

Ela girou lentamente o cristal em suas mãos, mas os olhos nunca se separaram dos dele.

—É tão lindo, Maximus. Pergunto-me… de onde você o tirou?

Sabia que era melhor não contar uma mentira para ela. Pela forma que o olhava fixamente, ela suspeitava que vinha dos deuses. Mas também sabia que era melhor não contar a verdade tampouco.

Segurou o cristal na mão e o jogou para a direita. Max ofegou, os olhos fixos seguindo o cristal enquanto ele passava voando pelo ar. Dedos nodosos e retorcidos o apanharam antes que se despedaçasse contra o chão. Zelus riu entre dentes com diversão.

—Maravilhoso, não é mesmo Zelus? —perguntou Atalanta, ainda olhando fixamente para Max.

—Sim, minha rainha —grunhiu.

Um lento sorriso se estendeu em sua face.

—Então é seu.

Zelus o ergueu sobre a cabeça.

—Não! —gritou Max, cada músculo de seu corpo se retesando fortemente.

Os braços de Zelus se moveram tão rápido, Max mal pôde seguir seu rastro, mas seu coração subiu para a garganta, e quando o cristal se despedaçou contra o chão gelado com nada mais que um tilintar suave, cada um de seus sonhos se despedaçou com ele.

Ela nunca poderia encontrá-lo. Nem agora nem nunca.

Max viu tudo vermelho, e atacou sem pensar. Lançou a mão e pegou a espada de Atalanta antes que ela pudesse chutá-la para longe de seu alcance. Um rugido ecoou pelo campo de treinamento, mas não parou para ver de onde vinha, nem sequer percebeu que vinha dele. Sentiu que algo se chocava contra seu rosto, mas o ignorou. A lâmina na mão golpeou, atingindo a carne de Zelus, cravando-se em

seus ossos. O daemon uivou, tentou se defender, mas Max foi mais rápido. Lançou-se rapidamente, aproximou-se e se afastou antes que Zelus pudesse reagir, e quando Zelus finalmente ficou de joelhos, Max nem sequer duvidou.

Atrás dele, ouviu Atalanta murmurar.

—Sim.

A lâmina retrocedeu. A necessidade de destruir superou cada um de seus sentidos. Inclusive o da moral.

Um som do corte ecoou depois do golpe. A cabeça de Zelus rolou pelo chão parando junto da de Phobi. Seu corpo caiu com um ruído surdo segundos depois.

Uma longa ondulante e feminina risada explodiu atrás dele.

—Sim, Maximus, sim! —Atalanta o aplaudiu e depois deu batidinhas em seus antebraços, empurrando-o com euforia.

Suado, respiração ofegante e olhando fixamente para a carnificina, Max esperou sentir remorsos. Mas não sentiu. Nenhum um pingo. Naquela ocasião o que sentiu foi vitória. E em vez de um daemon decapitado, o que viu foi cada um de seus inúteis e estúpidos sonhos e esperanças despedaçadas aos seus pés.

Permitiu que ela o empurrasse para trás para abraçá-lo contra seu corpo. Não lutou contra seu toque nem se retesou como normalmente fazia.

—Sabia que estava dentro de você. —Soltou-o tão rápido quanto o segurou e gesticulou para os outros. —Hybris, rápido. Vá avisar aos cozinheiros para prepararem um banquete. Esta noite celebraremos a vitória de meu yios[15]!

Hybris saiu correndo em direção ao pavilhão. Os outros daemons desfizeram a formação, e se dirigiram aos seus barracões através do campo na borda do bosque, grunhindo palavras que Max não conseguia ouvir e que tampouco se importava. Ainda não se movia.

Sentir algo.

Mas não. Não sentia nada. Só um montão de… nada.

[15] Yios - filho

Atalanta parou na frente dele. Sua túnica bloqueou sua visão do daemon decapitado, mas não precisava ver a destruição para se lembrar. Podia trazê-la à memória no momento que quisesse.

Ela ajoelhou-se até que seus olhos ficaram na mesma altura e o olhou fixamente com sua íris cor de carvão. Do tipo que podia produzir diamantes. Se quisesse.

—Você acabou de dar seu primeiro passo para mim, yios, e sei o quanto foi difícil para você. Um dia eu fui como você. Lutando contra o que estava destinada a ser e fazer. —A voz era suave, não condescendente quanto era normalmente. E por razões que não conseguia explicar, encontrou-se escutando, caindo na cadência de suas palavras. —Você e eu, Maximus, juntos temos o poder para fazer qualquer coisa. Juntos, somos fortes o suficiente para dominar o mundo.

O disco de metal que ela sempre usava no pescoço se soltou de sua toga para ficar pendurado na frente dele. Ele o tinha visto antes mas naquela noite brilhava com um brilho semelhante ao da lua.

Ela curvou a mão contra sua face.

—Acredita em mim, não é Maximus?

Ele olhou fixamente para o disco com suas quatro câmaras vazias e tentou se lembrar do que Thanatos, o archidaemon, tinha contado aos outros sobre aquilo. *"É a chave que abre as portas do mundo. Forjada pelos deuses. Roubada por ela"*.

Não parecia uma chave, mas o que ele sabia?

—Maximus? —Com a ponta de uma unha vermelha inclinou seu rosto para o dela.

—Sim? —murmurou, virando-se para se concentrar em suas íris. Círculos. Como a medalha em seu peito.

—Sim, o quê?

—Sim, matéras —a palavra estava tão arraigada, que ele já não vacilava em dizê-la. Ou talvez ele finalmente desejasse aceitá-la.

Então, ela deu um sorriso real que ele nunca tinha visto antes e sua beleza extraordinária tirou seu fôlego.

—Esta noite, estou orgulhosa de chamar você de filho. Vamos, celebre comigo. E quando for a hora de dormir, dormirá sobre as plumas mais suaves, cercado por nada mais que luxo. Porque comigo, você sempre terá tudo o que quiser.

Em algum lugar atrás de sua cabeça uma vozinha gritou não! Mas o som era tão fraco, tão abafado, que mal o ouviu.

Levantou-se e segurou sua mão.

—Venha, yios.

Olhou de esguelha para seus dedos longos à luz da lua. No chão atrás dela, só podia distinguir o cristal destroçado. Rodeado de sangue e morte.

Aquilo era sua realidade. O restante… nunca foi real. Apenas um sonho…

Deixou a espada cair. E enquanto deslizava os dedos entre os dela, desfez-se da fantasia que guardou por tanto tempo. De sua mãe, de seu pai, da ideia tola que alguém viria e o resgataria. Não o fariam. Não agora, nunca. Porque Atalanta tinha razão. Ele era como ela. Um assassino. Um párea. Nada mais que um herói indesejado…

Olhou de esguelha para as marcas dos antebraços que se destacavam em um sombrio contraste com a carne pálida. Concentrou-se no texto antigo enquanto os dedos dela se apertavam em torno dos seus, sobre as linhas e aspirais marcadas na pele e escondidas dela. E olhando fixamente para as mãos entrelaçadas, ele viu então o que passou por cima tantas vezes antes. Podiam ser idênticos e iguais, mas diferente dela, ele foi abençoado pelos deuses. Mesmo naquele lugar de horror.

Seu coração começou a palpitar. Lentamente primeiro, e depois com mais ardor ao compreender aquilo. E enquanto erguia os olhos para os dela, um novo sonho substituiu o antigo. Só que aquele não era cálido e seguro, era perigoso, eletrizante e onipotente. Bateu, revolveu e explodiu em sua cabeça até que ele já não estava intumescido. Até que aquela parte dele que foi alimentada pela raiva apenas momentos antes se tornou tudo o que podia ver, sentir e saber.

—Sim, matéras —sussurrou. Olhou fugazmente para o disco de metal, pela primeira vez em sua jovem vida, acreditando que o que disse a ela era verdade. Com ela, ele poderia ter tudo o que queria. E através dela, poderia dominar o mundo.

O sorriso dela se ampliou, embora não tivesse ideia do que ele estava pensando. Mas um dia e em breve, ela saberia.

Um dia, ela se arrependeria do que tinha criado.

Callia se sentou na cadeira atrás da escrivaninha do escritório em um canto da clínica e olhou fixamente a distante e constantemente imprecisa imagem das montanhas Aegis. Como as estações Argoleans coincidiam com as do reino humano, agora estavam em um profundo outono, e hoje uma baixa camada de nuvens tinha descido sobre o vale que alojava a cidade de Tiyrns. Aquelas nuvens estavam se movendo rápido agora, bloqueando a visão dos majestosos picos púrpura, cobertos de neve e que usualmente era para Callia a única fonte de paz.

Existia um antigo mito que dizia que os deuses tinham escondido há muito tempo algo de grande valor nas montanhas Aegis quando concederam Argolea ao seu povo. Algo que ninguém podia manter em sua posse devido ao temor de que alguém o usasse em detrimento de todos. Callia ouviu esta história centenas de vezes quando era criança. Frequentemente olhava aquela mesma paisagem perguntando-se o que era essa coisa. Mas hoje o mito não era nada mais que uma centelha em sua mente. Algo de grande valor? Ela já tinha perdido tudo o que realmente lhe importava. E agora, mesmo sendo difícil acreditar que o tivesse conservado em um espaço de seu coração, tinha perdido Zander também.

Bateram na porta, justo antes que uma voz familiar chamasse.

—Callia? —Seu pai, Lorde Simon, o segundo de maior hierarquia dentro do Conselho dos Anciões[16], colocou a cabeça dentro do escritório. —Estou

[16] Conselho de Anciões: São os doze Senhores de Argolea que assessoram o rei.

incomodando?

Ela negou com a cabeça, acomodada no assento. Qualquer outro dia, sua companhia não a entusiasmaria, mas hoje não era exatamente um dia normal, e qualquer coisa que a distraísse de pensar em Zander talvez fosse algo bom.

—Não. Só estava refletindo sobre um caso. O que faz aqui? Pensei que tinha assuntos do Conselho hoje.

—Tenho-os.

Entrou na sala, vestindo uma calça feita sob medida e uma tradicional camisa branca Argolean engomada e abotoada até o pescoço com um laço comprido que rodeava por um lado o pescoço até cobrir o ombro oposto. Tinha cerca de quatrocentos anos, mas não aparentava ter mais de quarenta. Alto e esbelto, ela sempre pensou que ele era atraente, com aqueles olhos verdes e aqueles cabelos pretos. Gostava de pensar que sua mãe pensava o mesmo, e aquela era em parte a razão pela qual estava ligada a ele. Não porque fosse forçada a fazer isso.

Interiormente, ela sacudiu a cabeça enquanto reparava sua aparência. Conservadora para sua raça, mas relativamente moderna. A maioria dos mestiços, ou Misos, pensavam que os Argoleans brincavam de correr em togas gregas com uma coroa de folhas de parreira sobre as cabeças. Não tinham nem ideia de quanto seus mundos eram parecidos.

—Fiz uma pausa para trazer uma surpresa para você —disse seu pai—, pensei que podia fazer o mesmo. Esteve absorta em seu trabalho ultimamente. —A desaprovação na voz quando disse a palavra trabalho era mais que clara, mas ela a ignorou, como fazia sempre.

Quando ele olhou de esguelha para a porta, ela seguiu seu olhar. *O que ele andará tramando?*

Segundos depois outra cabeça apareceu, embora esta fosse a que precisamente aquele dia entre todos, ela não queria ver.

Loukas sorriu, reluzentes dentes brancos cintilando contra sua pele bronzeada enquanto se endireitava e entrava no escritório como se fosse o dono.

—Surpresa, Callie.

Callia se levantou da cadeira lentamente, rígida, embora tentasse não demonstrar nenhuma reação. Sempre odiou a maneira como ele tomava a liberdade de chamá-la de Callie, como se não aprovasse seu nome real e estivesse tentando fazê-la algo de sua propriedade.

—Loukas. O que está fazendo aqui?

Seus olhos ambarinos moveram-se sobre o traje que vestia com desaprovação; não gostava do fato dela vestir calças. Uma mecha de cabelo castanho arenoso caiu sobre sua testa. No concernente aos homens, ele era atraente. De altura média, em muito boa forma, feições marcadas, mas física ou emocionalmente ele nunca despertou nada nela. E levando em conta que estava prometida em casamento com o ándras, essas não eram exatamente boas notícias.

Vestia-se do mesmo modo conservador que seu pai, mas isso, sendo que logo seria Lorde Loukas, o mais recente membro eleito do Conselho, tampouco era uma surpresa.

—Vim convidar você para jantar. Esta noite. Seu período de purificação está quase acabamento. Eu… —seu pai pigarreou, e Loukas o olhou. —Nós pensamos que podia ser agradável para você.

Callia não conseguia falar. Já tinham passado dez anos? Mentalmente, transportou-se no tempo e se deu conta —OH deuses — tinham passado. Dez anos no mês próximo. Seu estômago se contraiu.

—Eu… —deu uma olhada rápida para seu pai, depois de volta para Loukas. — Acredito que tenho mais algumas semanas.

—Sabemos —disse seu pai, chamando sua atenção mais uma vez—, mas foi tempo suficiente. —Assentiu para Loukas e sorriu com orgulho. — Acontece que Loukas conta com a aprovação do líder do Conselho. Lucian concordou com isto, desde que a cerimônia de vinculação não se realize antes que se complete o ciclo de purificação.

Seu estômago se revolveu enquanto lentamente voltava a olhar para Loukas, de pé diante da escrivaninha parecendo petulante e vitorioso. Ele esteve, com justa razão, muito zangado depois de tudo o que aconteceu anos atrás, realmente não havia dito a ela mais que um punhado de palavras desde a cerimônia de purificação e durante todo o ciclo. E secretamente, ela esperava que ele talvez decidisse que outra gynaíka era mais adequada para ele. Mas obviamente isso não aconteceu. Porque ali estava, reiterando seu direito ao prêmio. Como se ela não fosse nada mais que um troféu. Exatamente como o Conselho esperava que as mulheres Argoleans fossem. Dele por direito, não por mérito.

—Então, jantamos esta noite, Callie — disse a ela como se tudo já tivesse sido decidido— sete em ponto. Em minha casa. Temos muito a discutir. —Planos para fazer. Olhou para o ambiente do escritório e não escondeu seu desgosto. — Tenho certeza que está tão ansiosa quanto eu para começar nosso futuro. Não me faça esperar.

Nem sequer esperou uma resposta, simplesmente saiu da sala. E a pouca independência que ela conseguiu naqueles últimos dez anos pareceu ir com ele.

—Lucian está muito entusiasmado com a proximidade de sua vinculação — disse seu pai com impaciência enquanto Callia afundava na cadeira e tentava respirar. — Está planejando uma grande celebração. —Simon olhou de esguelha para a porta ainda aberta e o corredor vazio mais à frente. —Cá entre nós, acredito que Lucian vai anunciar sua retirada do Conselho muito pouco depois e vai designar Loukas como seu substituto. Loukas tem a cabeça cheia de boas ideias. Não posso nem começar a dizer a você o quanto isto será benéfico para nossa gente.

O estômago de Callia se revolveu. Sim. Boas ideias. Ela sabia tudo a respeito das ideias de Loukas. Como devolver as mulheres à época sombrias, tirando sua independência, trabalhos, insistindo que uma gynaíka só era útil para servir ao ándras que tinha sua custódia e para produzir filhos que multiplicassem a raça.

—Callia, o que aconteceu?

—Nada, eu…

"Diga não a ele , Isadora. Fique firme. Demonstre a ele que está errado. Demonstre a ele e a todos que estão errados".

A têmpora de Callia latejou com força enquanto recordava suas próprias palavras ditas anteriormente. Deuses, ela aconselhou Isadora sobre o rei? Que piada. Callia não conseguia ficar firme nem sequer com seu próprio pai.

Fechou os olhos, colocou os cotovelos sobre a escrivaninha e massageou a testa. Não queria vincular-se com Loukas. Não queria vincular-se com ninguém, nesse caso. O único com quem ela quis fazer isso, não a quis. E ante a ideia de ter intimidades com Loukas… OH, deuses, não poderia fazer aquilo.

Deixou as mãos caírem, olhou para seu pai e abriu a boca para dizer a ele exatamente isso. Então parou repentinamente.

Ele a olhava fixamente com aqueles olhos verdes que viram muito e esperavam ainda mais. A morte de sua mãe o machucou muito e ele nunca voltou a se casar. O romance de Callia com Zander e tudo o que veio depois quase o destroçaram. Ele arriscou sua reputação ante o Conselho por ela. Ocupou-se de seu corpo destroçado quando ninguém mais o fez. Assegurou-se de que ela não morresse naquela montanha grega. E quando terminou, quando já não tinha nenhuma razão para continuar vivendo, ele encontrou uma forma dela retornar ao seu lar em Argolea. Dessa forma, foi protegida dos daemons do mundo humano, podia trabalhar na clínica que ela sempre amou, podia ter um modo de vida e propósito, mesmo quando a maior parte dos dias não compreendesse qual era esse propósito.

Ele podia ter lhe dado às costas como os outros —incluindo Loukas — mas não fez isso. Ficou junto dela. E ultimamente, aquela era a razão pela qual permanecia com ele.

"Um verdadeiro líder deixa de lado seus desejos pessoais pelo bem do grupo. E faz sacrifícios. Aqueles que, em última instância, justificam tudo o que aconteceu antes".

As palavras do rei a golpearam forte, ganhando sentido de uma maneira que

ela não esperava.

—Callia? —Perguntou seu pai novamente. —O que aconteceu? Parecia angustiada quando entrei. Vem do castelo?

Ela assentiu, incapaz de mentir para ele, pelo menos sobre aquilo.

—Sim. O rei convocou uma reunião enquanto estava lá. Ele…

—O quê?

Ela hesitou, insegura de se devia contar a ele depois decidiu que não importava. Ele descobriria isso por conta própria em breve.

—Ele anunciou o noivado da princesa.

Sua boca se fechou, e seus olhos se tornaram sombrios quando a compreensão chegou.

—Outro Argonauta —o aborrecimento enchia sua voz. — Quem é desta vez? Demétrius?

Ela negou com a cabeça, olhou para as mãos.

—Não. Isadora se casará com… Zander.

Seu silêncio finalmente conseguiu que ela olhasse para cima. A surpresa iluminou suas feições enquanto a noite caia sobre a sala.

—Estou vendo —disse finalmente.

Um nó se formou em sua garganta. Um do qual não podia desfazer-se sem importar o quanto tentasse.

—Pensei que as notícias o alegrariam.

Ele segurou suas mãos e a ajudou a levantar-se da cadeira. A calidez fluiu por seus braços e o cheiro familiar do sândalo assaltou seus sentidos.

—Nada que cause dor em você me alegra, Callia. Ao contrário do que pensa, minha maior objeção a sua relação com Zander não era simplesmente que ele fosse um Argonauta, mas sim que estivesse usando-a.

Ela piscou enquanto ele alcançava uma mecha de seus cabelos e a colocava atrás da orelha, surpresa por ele finalmente discutir a respeito de Zander e ela

depois de todos aqueles anos, e ainda mais surpresa por ele está tocando-a. Não conseguia se lembrar da última vez que ele a tocou. Não desde… não desde a Grécia.

—Pode não querer ouvir isto, mas os Argonautas fariam qualquer coisa para minar o trabalho do Conselho. E você, minha filha, estava a caminho de fazer justamente isso.

—Isso não é verdade. Zander nunca…

—Faria isso. Ele fez. Não duvido nem por um minuto que esse foi o motivo pelo qual a seduziu. Funcionou, não é mesmo? Sua… situação… afastou a atenção dos assuntos sociais mais importantes em que o Conselho trabalhava naquele momento. Tiveram que resolver o seu e o dos Argonautas, o meu e o de minha queda. Até o súbito interesse do rei pelos trabalhos do Conselho. Levou anos para retomarem o curso do que eles perderam devido ao seu escândalo.

O rei sabia? O sangue desapareceu da face de Callia. Nunca disse uma palavra sobre o que aconteceu. Todos aqueles anos, ela pensou que sua história com Zander fosse privada.

—Mas apesar de tudo isto —continuou seu pai, sua voz se suavizou um pouco. —Mesmo se as intenções de Zander fossem honrosas, que não fosse assim, ele nunca poderia gostar de você pelo que é, porque não vem do mesmo mundo que você. Está em sua genética não se preocupar com suas mulheres ou famílias. Seus próprios pais não o queriam, pelo amor de Deus. Tudo o que sabe é lutar. Seu vínculo com os deuses é muito próximo. Ele nunca precisou de você. Não realmente. E eu nunca quis que caísse vítima da fúria de sua linhagem. Acho que para Isadora, ele será uma boa parelha, mas não para você. Eu quero mais para você.

Lágrimas queimaram os olhos de Callia. As lágrimas que definitivamente não necessitava hoje, afinal. Por que ele soava tão condenadamente racional quando o que ele queria era tão errado?

—Loukas —continuou—, no entanto, entende de onde vem. Entende nossa história e dedica-se a reconstituir Argolea ao que um dia foi. Ele vai apreciar você da forma que deve ser apreciada. Este vínculo com Loukas, é bom para você. É bom para os dois. Sabe disso, não é mesmo?

Enquanto seu pai esperava que suas palavras entrassem dentro dela, sentiu um formigamento nas cicatrizes das costas. Cicatrize na qual não pensou a maioria dos dias porque tinha apagado a dor a muito tempo da memória. Mas agora apareciam em um cruel contraste com o restante da pele. E se lembrou por que as tinha. Como as obteve. E o que elas representavam.

Sacrifícios. Nisso se resumia sua vida. Não felicidade. Não apogeu. Não amor. A vida continuava porque havia pessoas no mundo desejando sacrificar seus desejos e necessidades pelo bem do restante.

"Eu… eu não sou uma líder, Sua Majestade".

"Ainda não. Mas talvez um dia…"

Seu coração bateu forte no peito enquanto pensava no caminho atrás dela e o que tinha pela frente. Não, não queria vincular-se com Loukas, mas talvez o rei tivesse razão. Vinculando-se, talvez pudesse encontrar uma forma de ajudar as mulheres de seu mundo. Ou pelo menos, encontrar uma um forma de manter Loukas longe da opressão que temia que ele quisesse submetê-las, sem ninguém que o desafiasse.

Olhou para seu pai. E soube que estava fazendo o que era certo, mesmo machucando seu coração.

—Percebi que… isto é o que deve ser feito.

Um sorriso se expandiu no rosto de Simon, um sorriso vitorioso tão parecido com o de Loukas, que esfriou seu sangue. Segurou-a por ambos os braços na altura dos ombros, e pressionou suavemente.

—Perfeito. Você vai ver, Callia. Este é o começo de uma vida completamente nova para você. Quando o período de purificação estiver concluído, não haverá razão para pensar sobre o passado novamente.

O tom alegre de suas palavras pareceu pairar no ar, mesmo quando ele se despediu e saiu da sala. E sozinha, Callia se virou novamente para observar da janela as montanhas Aegis, as quais estavam agora completamente escondidas atrás das nuvens.

Algo de grande valor. Voltou a recordar o mito. O passado que segundo seu pai estava tão disposta a esquecer era a única coisa que ainda restava e valorizava. Isso, a memória do amor que um dia conheceu e o filho que não teve. Podia sacrificar um montão de coisas, incluindo ela mesma, mas nunca a memória de nenhum dos dois. E nem seu pai, nem Loukas e nem mesmo o fato de que Zander ia se casar com outra poderiam convencê-la.

—Maldita Hera —o ar pareceu abandonar os pulmões de Titus em um grito abafado enquanto Zander e ele permaneciam parados no centro do que costumava ser um pequeno povoado localizado no alto da Cordilheira Cascade, olhando fixamente para a destruição.

Um caminho de terra era o acesso para aquele assentamento afastado. Nem carros nem outros veículos podiam ser ouvidos através das árvores. Em torno deles, por toda parte, cadáveres cobriam o chão. Mas não eram somente Misos. Havia também humanos, meio comidos e mutilados, espalhados pela carnificina.

—Merda —disse Zander enquanto assimilava tudo. Os cadáveres putrefazendo-se, o solo manchado de sangue. O fedor da morte. Aquilo era muito pior que qualquer cena com que cruzou em seus oitocentos anos.

A cólera de Atalanta estava crescendo e vidas inocentes estavam pagando por isso. Quando ainda estava confinada no Mundo Subterrâneo, seus daemons caçavam Misos para enviar suas almas para o Tártaro[17] como pagamento a Hades pela imortalidade de Atalanta. Mas graças a Casey e Isadora, Atalanta já não era imortal. Agora estava decidida a criar o maior sofrimento possível em sua

[17] Tártaro: Reino do Mundo subterrâneo semelhante ao Inferno.

necessidade de vingança contra os Argonautas. Tudo porque proibiram sua entrada no grupo milênios atrás.

Zander pensou que o corpo que estava perto de seus pés um dia foi uma mulher humana, mas agora não era nada mais que carne e órgãos despedaçados. Seu estômago se revolveu. Os daemons também a mataram para se alimentar. Theron os havia advertido que os daemons iriam se tornar mais agressivos e iriam começar a caçar tanto Misos quanto humanos em sua necessidade de recuperar a força que já não recebiam do mundo subterrâneo .

Agora, olhando a paisagem grotesca em torno, Zander acreditava nele. Também sabia que a guerra tinha mudado para melhor. Por centenas de anos vagou pela terra pensando que estava protegendo os humanos. Agora o fazia realmente.

Através do campo sangrento, encontrou Titus falando com um homem tão grande quanto ele, movendo suas mãos e apontando para a linha das árvores. Nick, Zander o reconheceu à medida que ele e Titus se aproximavam, o líder da colônia mestiça naquela parte do mundo. Zander conheceu Nick antes, uma semana atrás, quando foi enviado para o noroeste do Pacífico com Titus para patrulhar as montanhas. Até agora suas interações com o mestiço foram limitadas, mas havia muita coisa em Nick que simplesmente não se encaixava.

Seu tamanho, era uma delas. Era maior que todos os mestiços, e definitivamente mais agressivo. Nunca o via sem as luvas sem dedos e também tinha uma longa cicatriz que ia da bochecha esquerda até desaparecer nas dobras da boca. A marca irregular não foi o resultado de uma garra nem mesmo de uma faca como a que usavam os daemons. Vinha de outro lugar. Algum tipo de arma que Zander ainda não conhecia.

Mas isso não era o mais estranho em Nick. Havia algo nele que gritava humano e Argonauta ao mesmo tempo, algo que nem mesmo Theron parecia saber como explicar. E como aquela combinação era completamente impossível, fazia que

a situação fosse ainda mais estranha.

Theron se aproximou de Zander e Titus. Nick nem se incomodou de olhar para cima ou de reconhecer sua presença, só alisou um mapa sobre o que parecia ser uma porta atravessada sobre dois cavaletes. Os gritos amortecidos dos Misos procurando sobreviventes flutuaram no ar.

—Há um caminho que atravessa as montanhas. Do outro lado se abre para o canyon. Um rio corta o terreno, mas nesta época do ano, com a chuva que tivemos recentemente, não poderiam tê-lo atravessado.

Theron arrastou o dedo pelo mapa até chegar em um ponto mais à frente do rio.

—O que há do outro lado do rio?

—Outra cordilheira. Embora as desse lado tenha extensos sistemas de cavernas que abrangem milhas.

—Algum lugar onde pensem que ele podem se esconder —disse Theron entre dentes enquanto olhava fixamente o mapa. —Esta ponte. Pode ser usada?

—Sim —disse Nick, esfregando uma mão enluvada sobre o topo de sua cabeça quase careca. —Ao menos na última vez que estive lá em cima. Embora seja um trajeto bastante longo. Estamos falando de mulheres e crianças. E essa ponte não estava nas melhores condições na última vez que a usei. —Diferente de Theron, Nick não parecia ter nenhum equipamento de proteção além de seus jeans imundos, uma Henley[18] preta de mangas longas e botas de trabalho. Não parecia notar o frio enquanto olhava para cima e ao redor do que restava da aldeia; estava muito protegido pelas endorfinas para se preocupar. Presas ao quadril, tinha duas pistolas semiautomáticas e várias facas de diversos tamanhos.

Pelo menos o mestiço veio preparado.

—Tenho homens rastreando as encostas das montanhas junto com guardiões para ver se estão nas cercanias, escondendo-se —disse Nick. —Se as probabilidades

[18] Henley – marca de blusa, existem de vários modelos.

forem boas, os encontraremos.

—Não estão aqui —Theron o interrompeu, sem que seus olhos abandonassem o mapa em nenhum momento. Apontou para o canyon e para ponte em ruínas. — estão se dirigindo para cá. Pensando que é seu melhor meio de fuga. E os filhos de puta os estão tocando[19].

—Demétrius! —Theron pôs em movimento o outro Argonauta que estava na outra ponta da devastação, onde examinava algo no chão. Enquanto Demétrius se aproximava, Nick se afastou do mapa com indiferença, disse algo em voz baixa para Theron e se virou para sair, indo em direção oposta para um grupo de Misos zangados que procuravam em uma pilha de escombros. Não dirigiu uma só palavra de agradecimento a Zander ou Titus por terem ido ajudá-lo, nem sequer reconheceu que eles estavam ali. E nenhuma só vez olhou para Demétrius.

Era muito óbvio que Nick só pediu a ajuda dos Argonautas como último recurso, e que muitos naquela comunidade resistiam a sua presença. Mas ainda…

Zander voltou a concentrar-se quando Demétrius se uniu a eles.

—Quero que os três se dirijam a este canyon — disse Theron. — Os daemons têm quatro ou cinco horas de vantagem, então vão ter que seguir seu rastro. O grupo que está perdido é composto por seis mulheres e quatorze crianças, que têm entre dois meses e dez anos.

—Cristo —disse Titus. — Estão prestes a ser massacrados.

Não se Zander tivesse algo a dizer a respeito. Não importava se alguns na aldeia não queriam sua ajuda. Seu sangue pulsava enquanto ouvia Theron recitar as coordenadas para a que poderia ser sua última missão durante muito tempo.

—Tomem precauções extras —aconselhou Theron. — Precisamos que esses sobreviventes voltem vivos para poder averiguar como e por que atacaram esta aldeia e o que Atalanta está planejando fazer depois — entregou a cada um deles um telefone via satélite. — Estes foram programados pela colônia. Quando

[19] Tocar- como conduzindo o gado, levando-os na direção que se quer.

localizarem os sobreviventes , use-os e alguém irá pegá-los.

Enquanto todos guardavam os telefones nos bolsos, Theron olhou de Demétrius para Titus, e finalmente acenou para Zander.

—E não deixem que o matem. Especialmente agora.

—Não preciso de um guarda-costas —grunhiu Zander.

—Que pena —replicou Theron—, tem dois.

Titus zombou enquanto Theron enrolava o mapa.

—Quero este amigo de volta, papai. Não se preocupe com nada. Chutaremos os traseiros de alguns daemons e o levaremos a capela a tempo. Garanto.

Zander olhou por cima do ombro.

—OH, você realmente é um comediante.

—Apenas lembre-se do que precisa fazer —disse Theron, a seriedade do tom recordou a cada um deles que aquilo não era assunto para brincadeira. —Têm seus transmissores?

Quando todos assentiram, Theron disse:

—Bem. Agora vão com o poder dos heróis abençoados como guia.

Eles se viraram e se dirigiram as árvores, mas a voz de Theron os deteve no limite da aldeia.

—Guardiões —chamou-os. Seu tom foi claro e seco, e Zander não teve nenhuma dúvida de que o usou agora com um propósito. O som parou atrás de Theron na aldeia em ruínas. Várias cabeças se viraram em sua direção, Misos, Argoleanos e humanos por igual, todos trabalhando por uma causa comum agora, sem importar como se sentiam um pelo outro. Até Nick parou o que estava fazendo e olhou para cima. —Os Argonautas são a última esperança deste povoado. A última esperança do mundo inteiro neste momento vocês queiram acreditar ou não. São agora mais necessários do que qualquer um pode acreditar. Que nenhum morra.

Theron virou a cabeça para o tumulto, e aquele, Zander percebeu enquanto

observava seu amigo se afastar, era o nível pelo qual todos os líderes deveriam ser medidos. Theron não só sabia como marcar o lugar, mas também onde e como marcar a linha para que os outros também soubessem. Talvez não sempre tivesse querido liderar, mas nunca retrocedia. Ante nada. Nem mesmo de seu destino.

—Vamos, Z —disse Titus. Os olhos flamejando com a emoção da batalha que os esperava. —Vamos caçar alguns daemons.

Ao lado de Titus, Demétrius grunhiu aprovando.

Enquanto Zander seguia seus amigos guardiões para dentro do bosque, ele soube que ele também não recuaria ante seu destino. Agora estava esboçado diante dele como um caminho reluzente. A única coisa que restava a fazer era ensanguentar o início do solo com os corpos de alguns daemons que ele estava mais que ansioso para enviar de volta ao Tártaro para sempre.

CAPÍTULO 7

—Minha impaciência cresce desmesuradamente com sua falta de progresso, Thanatos. —Atalanta tamborilou os dedos sobre a mesa de madeira grossa. — A colônia Misos da América do Norte já deveria estar extinta.

Thanatos lutou por não grunhir em resposta. Estavam sentados na sala de janta da casa de campo canadense que agora era seu novo quartel general, na extremidade oposta da mesa de quatro metros e meio. Entre eles, os capitéis das velas sobre os braços de metal retorcidos, iluminavam a sala e a luz oscilava sobre as feições pálidas e descontentes de Atalanta.

Do lado de fora das janelas escuras, às nuvens se moviam sobre a lua brilhante, e ao longe um lobo uivava.

A sua direita, o menino esclareceu a garganta e se estirou para pegar a taça.

Thanatos deu uma olhada de lado, o ódio fervia em suas veias. OH, sim, o

menino podia estar desfrutando de sua pequena libertação da masmorra que chamava de quarto, mas voltaria para lá muito em breve. Thanatos tinha certeza disso.

—Não tem nada para me dizer? —perguntou Atalanta, a voz geada cortando a fantasia enraizada em sua mente.

O daemon imaginou toda aquela pele cremosa derretendo-se de seus ossos. Agora ela era mortal, o que queria dizer que podia ser assassinada. Mas ainda tinha poderes divinos, e não havia nada que não visse ou controlasse.

Deslizou os olhos descendo pela coluna longa e fina de sua garganta e demorou-se sobre a pesada corrente em torno de seu pescoço. Os elos de ouro desapareciam dentro do v de seu traje vermelho sangue, mas Thanatos sabia que descansava entre seus seios perfeitos. Tinha visto o colar uma vez quando ele escorregou de sua fenda.

—Maximus —Atalanta disse com firmeza. — Deixe-nos, yios. Os criados prepararam um quarto para você na ala oeste.

—Sim, máteras. —O menino se levantou da mesa, limpando a boca e caminhando para Atalanta. Lentamente, inclinou-se e beijou sua face.

O ódio de Thanatos queimou com fogo e vilania novamente. Podia mover-se rapidamente. Antes que alguém percebesse, estaria do outro lado da mesa e seus corpos frágeis deveriam explodir naquelas chamas. Queimando, seus ossos se estilhaçariam até que não restasse nada mais que cinzas.

—Thanatos!

Olhou para cima de repente. Atalanta estava de pé e se movia rapidamente rodeando a mesa, direto para ele. Não viu o menino em nenhum lugar.

Thanatos se retesou e ficou de pé.

Ela era quase tão alta quanto ele, quase dois metros, e detestava a fraqueza de seus soldados, por isso ele aprendeu a nunca mostrar nem pingo de medo em sua presença.

—Não tolerarei insubordinação!

Separou os pés em um momento defensivo caso ela o atacasse e tentou manter o desprezo fora da voz quando disse:

—Os Misos da América do Norte estão sendo auxiliados pelos Argonautas. Um de nossos grupos de caça dizimou um assentamento chave justamente ontem, e estão se encarregando de qualquer retardatário enquanto falamos.

Ela parou a um passo dele.

—Quantos mestiços foram assassinados?

—Pelo menos sessenta.

—Sessenta não é nada. Há três vezes essa quantidade escondida aqui nas montanhas.

—Nós os encontraremos.

Ela foi até a lareira e ficou olhando as chamas brilhantes.

—Disse que os Argonautas vieram em seu auxílio?

—Sim.

—Então também estão procurando esses retardatários. Que punhado de benfeitores, esses Argonautas repulsivos. Não. — disse, a voz aumentando Estranhamente calma.—Esta é sua chance de derrotar vários deles.

—Eu?

Ela o fulminou com os olhos por cima de um ombro nu.

—Sim, você, Thanatos. Não é meu archidaemon? De repente ficou bom demais para lutar? —A voz endureceu de uma maneira que enviou uma advertência direta ao seu cérebro. — Encontre os retardatários e encontrará os Argonautas. Utilize os mestiços como isca se tiver que fazer isso, para matar os Argonautas. E então destrua o que resta de sua miserável colônia.

Uma estranha sensação de mau agouro se estabeleceu no peito de Thanatos. Ela o olhava como se ele não fosse nada. Igual a qualquer daemon ordinário. Como se fosse… dispensável.

Ele? Dispensável? Os daemons eram uma moeda de troca. Devia saber disso. Ele mesmo assassinava os fracos antes que pudessem chegar a matá-lo em batalha. Mas agora era o archidaemon, não simplesmente um do montão. Enquanto eles olhavam um para o outro, sua mente saltou para o campo de treinamento hoje e a maneira como ela esteve sussurrando com Phrice em uma das laterais, como se a merda do cérebro daemon tivesse algo a dizer. E depois a cena com Maximus, e a facilidade com a qual o menino fraco massacrou Zelus somente com a espada.

Ela estava falando com Phrice para ser seu sucessor? Estavam conspirando contra ele? Tão irritante quanto era esse pensamento, no entanto, não era o que mais preocupava Thanatos. A pergunta que ressoou repentinamente em torno de sua mente era muito mais importante. Ou seja, no fim todos seriam dispensáveis quando Maximus abandonasse sua humanidade e tomasse finalmente seu lugar ao seu lado?

Olhou para a corrente em torno do pescoço dela outra vez com uma sensação cada vez maior de condenação e pensou no pingente. No círculo. A respeito de seu futuro. Ou no pouco que instintivamente sabia que restava dele.

Atalanta se virou para olhá-lo. Atrás dela, as chamas lambiam a enorme chaminé da lareira, movendo-se em um mar de laranjas, vermelhos e azuis brilhantes que ele desejava que a devorassem inteira.

—Alcancei o limite de minha paciência com você, Thanatos. Matar ou morrer. Esse é nosso lema.

Matar ou morrer.

Matá-lo-ia na primeira oportunidade que tivesse, percebeu quando a olhou. Podia lê isso em seus olhos sem alma e tão escuros quanto à noite. Para ela, já estava morto.

Inclinou a cabeça ligeiramente, embora o monstro nele desprezasse a fraqueza que representava. Mas já estava forjando um plano. Planejando como fazer justiça e triunfar.

—Como ordenar, minha deusa.

Zander passou uma mão pelos cabelos úmidos enquanto olhava fixamente o bosque de abetos Douglas[20] e Cicuta Ocidental[21] com copas altíssimas.

Demétrius, agachado sobre o solo do bosque onde esteve estudando os rastros que deixaram na terra fofa, levantou os olhos e disse.

—Viraram para o norte.

Uma leve chuva caía, fazendo os corpos acalorados fumegarem, as respirações eram iguais a vapor no úmido ar. Os três Zander, Demétrius e Titus estiveram trabalhando durante as últimas quatro horas, tentando alcançar o grupo de daemons que espreitavam o grupo de Misos que escaparam da destruição de seu povoado. Até o momento não tinham encontrado nada exceto rastros. Mas estavam frescos, e Demétrius, conhecido por sua habilidade de rastreador, tinha certeza que estavam próximos.

—Estão fora da droga do caminho —disse Titus.

Demétrius endireitou os joelhos, o longo guarda-pó que sempre usava flutuou na leve brisa.

—Tudo isso fará eles irem mais devagar. —Gesticulou para a vegetação espessa do bosque, uma densa massa de uvas do Oregón[22], bagos[23] e árvores jovens que lutavam para ver a luz. —Precisa-se de um facão para abrir passagem através dessa merda. E cada galho quebrado e semente caída será como se gritassem:

---

[20] Abeto Douglas

[21] Cicuta Occidental, nome cientifico Tsuga heterophylla, medem de 30,48m a 45,72m de altura e 61 cm a 1,62 metros de diâmetro; vivem de 200 a 500 anos.

[22] uvas de oregons

"*Estamos aqui, venham nos pegar*".

Fora a água que gotejava de folha em folha no espesso teto acima deles, o bosque estava em silêncio. Tão misterioso. Como se ele também soubesse que o mal o estava atravessando.

Zander olhou através das árvores para as montanhas, mais à frente.

—Estão se dirigindo para as cavernas, não é mesmo? Talvez já as tenham alcançado.

Demétrius franziu o cenho.

—À velocidade que viajam, e com crianças, nunca conseguirão. Os daemons estão quase sobre eles. Certamente os apanharão na ponte.

O estômago de Zander se contraiu ante a revelação brusca de Demétrius. Aquilo era uma guerra. Ele sabia. Sempre havia baixas. Mas crianças…

Titus estudou seu GPS de mão.

—Se retrocedermos pelo leste e voltamos para a bifurcação no próximo caminho, talvez sejamos capazes de interceptar os daemons antes que qualquer grupo alcance a ponte. —Olhou para cima, concentrando-se primeiro em Zander, e depois em Demétrius. — Sei, provavelmente será uma merda, mas a menos que algum de vocês tenha uma ideia melhor, é nossa melhor opção.

Zander verificou a faca extra que mantinha amarrada à coxa, e então começaram a moverem-se novamente, mantendo o passo e abrindo caminho através do bosque. Demétrius abria o caminho, com Zander no meio e Titus na retaguarda. Tinha passado quase uma hora quando voltaram a virar na bifurcação e se dirigiram para o norte. Ao longe, o som de água corrente enchia o silêncio vazio do bosque, o que queria dizer que estavam se aproximando do barranco e da ponte solitária que o cruzava. Apressaram-se, aumentando a velocidade.

Não permita que cheguemos tarde demais…

---

[23] Bagos

Um grito de medo soou por entre as árvores. Demétrius, o mais rápido dos três, quebrou a formação do grupo e correu a toda velocidade para o bosque. Zander e Titus o seguiram. À medida que se aproximavam, aumentava o som das ondas chocando-se contra as rochas. Seguidos pelos gritos de pânico de mulheres e crianças.

Demétrius já estava ocupado quando Zander e Titus alcançaram o limite das árvores. Sua arma cortava carne e ossos. Grunhidos e bufos e mais gritos se elevavam no último ar da tarde enquanto ele fatiava com sua espada e decapitava um daemon, movendo-se depois para o seguinte.

O bosque abria-se para um amplo banco de rochas sedimentares que pareciam ter saído do nada. Longe da borda, um rio agitado se retorcia. Do lado oposto ao barranco, as montanhas se elevavam em toda sua esplendorosa glória, um lugar que prometia esconder os Misos, ligado apenas por uma débil passarela de madeira com taboas faltando e presa por uma corda em decomposição.

Zander contou ao menos oito daemons avançando sobre o grupo, sem incluir os dois que Demétrius já tinha derrubado. Seis mulheres Misos defendiam ao menos uma dúzia de jovens em um semicírculo, de costas para o barranco. Suas únicas armas eram rochas e galhos, exceto por uma pistola embora esta fosse inútil contra monstros como aqueles. E a mulher que sustentava a arma estava tremendo tanto que era mais provável que atirasse em um de seus amigos em vez de nos daemons.

E então veio a constatação de que ninguém estava protegendo todas aquelas crianças do barranco a poucos passos a suas costas.

—Afaste-os da borda! —gritou Zander.

—Zander!

Zander se virou ante o som urgente da voz de Titus e percebeu que ele era o único que não tinha chutado traseiros. A adrenalina surgiu, desembainhou sua parazonium da capa nas costas e correu para o daemon que viu mais próximo do

grupo.

Fatiou, chutou, girou evitando garras e dentes. Ao seu redor grunhidos e gritos enchiam o ar, misturado com o tinir das espadas golpeando carne e ossos. Mas os daemons eram implacáveis. Quando caíam voltavam a levantar-se; quando recebiam um corte de espada seguiam em frente. A única coisa que os detinha era a decapitação, mas tinha que se feita no ângulo correto. E cortar a cabeça de um monstro de dois metros e treze com a força do Hercules não era exatamente fácil.

O daemon com quem estava lutando o atacava com garras afiadíssimas. Zander girou afastando-se do caminho. O daemon atacou novamente, desta vez agarrando a borda de sua jaqueta. Ouviu-se o som do rasgo, e o fogo se espalhou pelas costas de Zander. Zander alcançou a faca amarrada à coxa com uma correia e a lançou de extremo a extremo. Esta afundou profundamente no peito do demônio. O monstro uivou. Com sua espada na outra mão, Zander girou sobre um pé esquivando-se e cortou o flanco do daemon.

O monstro cambaleou mas não caiu no chão. Com um rugido, voltou a lançar as mãos em Zander atravessando seu rosto, enviando-o ao chão. Zander bateu nas rochas com força. Sua respiração escapou com um ofego. Suor e sangue desciam gotejando nos olhos.

Os gritos ecoavam por trás dele. Virou a cabeça apenas o suficiente para ver outro daemon avançando para o grupo. Um menino, de não mais de oito ou nove anos, tremendo em pé, agarrado na perna de uma das mulheres, com os olhos azuis arregalados de terror.

Zander cambaleou ficando em pé.

—Titus! —Uivou por cima da refrega. —Consiga que atravessem a ponte!

Titus, uns três metros mais à frente, retirou sua parazonium do daemon que tinha acabado de decapitar e parou para olhar para o grupo. Seus olhos se arregalaram, como se estivesse vendo as crianças pela primeira vez.

—Vá! Agora! —gritou Zander quando atacou o daemon ensanguentado na

frente dele. Era o que estava mais perto das crianças. Não podia correr o risco de ele conseguir atravessar.

As garras do monstro alcançaram o braço de Zander, mas ele não notou. Empurrou sua parazonium para fora e a girou. A lâmina encontrou carne macia e afundou profundamente. Quando o daemon rugiu e caiu de joelhos, Zander golpeou com o cotovelo as costas do desgraçado. No segundo que o monstro se sacudiu, tremendo, Zander girou sobre um pé esquivando-se e cortou, enviando a cabeça do monstro para o chão duro.

—Todo mundo atravesse a ponte! —gritou Titus, as botas comendo a distância entre a luta e o grupo apenas parcialmente a salvo. — Agora. Depressa!

Zander deu uma olhada para o antebraço e rapidamente voltou a olhar para o grupo para se assegurar de que estavam a salvo. Os olhos das mulheres estavam totalmente arregalados de pavor, mas empurravam as crianças para que atravessassem a ponte. Todas exceto a que estava com a arma. Ainda mantinha-se como uma rocha, o branco de seus olhos visível ao redor de sua íris, a arma em suas mãos tremendo como se estivesse no meio de um terremoto de magnitude dez.

Skata. Zander não tinha tempo para se preocupar com dela. Mais três daemons tinham saído do bosque e viram a fuga iminente de suas vítimas. Em vez de atacarem Demétrius, engajado em uma batalha com outro daemon e próximo a eles, mudaram de direção e atacaram.

—Demétrius! —gritou Zander. Excediam em número os argonautas, excediam-nos todos juntos e não havia como pudessem proteger os Misos a menos que Titus os levasse para o outro lado do barranco e cortasse as cordas da ponte. O que deixaria dois contra um, dois, três… e sete.

Fodidíssima Hera.

—Titus! Consiga que eles atravessem agora!

Zander envolveu ambas as mãos em torno de sua arma, respirou fundo e colocou-se entre os daemon que avançavam e a ponte. Se saísse daquela — quando saísse daquela — nunca menosprezaria a vida novamente. Tinha visto o futuro

naqueles olhos um momento atrás. Um futuro que não existiria para nenhum deles a menos que ele e seus companheiros de armas fizessem bem seu trabalho aqui e agora.

—Volte para o inferno, filho da puta! —Levantou a espada sobre a cabeça e se preparou para saltar.

Um grito ecoou atrás dele, seguido por um estranho som de estalo. Antes que pudesse golpear, o fogo o atacou através de seu ombro e desceu por suas costas. Teve um momento de "Que diabos…", então a parazonium voou de suas mãos e ressoou contra as pedras frias, fora de seu alcance. As mãos se moveram de uma vez para pegá-la, mas pareciam estar se movendo em câmara lenta. Então se encontrou caindo, caindo… com o rosto para frente mesmo enquanto os daemons estavam se aproximando.

—Zander!

—Zander! Não!

Não tinha certeza do por que todo mundo gritou seu nome de repente, mas na realidade não se importava. Quando o chão se aproximava dele a toda velocidade, só teve um último pensamento.

Justo quando finalmente decidiu que tinha algo pelo que viver, parecia que os deuses tinham concedido seu desejo de morrer.

CAPÍTULO 8

Callia parou no alto da escada do lado de fora dos aposentos do rei, e esfregou as têmporas latejantes. Não era o rei e sua falta de saúde que lhe causava aquela enorme dor de cabeça. Era o que sabia que teria que fazer depois.

"Um verdadeiro líder deixa de lado seus desejos pessoais pelo bem do grupo. E faz sacrifícios. Os quais, em última instância, justificam tudo o que aconteceu antes".

Talvez se repetisse as palavras do rei o suficiente, começaria a acreditar nelas.

Livrando-se da atitude "dou pena" que não ia lhe fazer nenhum bem agora, desceu a escada, com a maleta na mão. Verificou o relógio quando deu a volta no pilar do terceiro andar e deu no próximo lance de escadas. Tinha uns difíceis trinta minutos antes que a requeresse na casa de Loukas. Precisava ir para casa, tomar banho e trocar-se. Embora não estivesse disposta a agradar ao ándras, tampouco estava com humor para antagonizar com ele. Pelo menos não até estarem… vinculados.

O pensamento fez seu estômago revirar, mas também ignorou isso. Tinha passado muito tempo pensando em sua vida depois que seu pai a deixou no início do dia, e sabia apenas uma coisa com certeza. Se estava decidida a instigar a mudança naquele país dele, então teria que começar por ela mesma. E não seria capaz de fazer isso até que fosse a… esposa de Loukas.

Estava tão perdida em seus pensamentos, que quase não viu Isadora até que foi muito tarde. A princesa deu a volta no pilar do segundo andar, subindo. Callia parou a poucos centímetros de chocar-se com a gynaíka. Então gaguejou.

—Isadora. Pelos Deuses, o que aconteceu com você?

Isadora se ergueu cuidadosamente e esfregou a mão na parte de atrás de seus cabelos curtos de fada. Os que uma vez foram longos cachos, tinham se reduzido agora a um cabelo desordenado e alvoroçado. O corte fazia seus olhos ficarem maiores, seu rosto mais proeminente. Atraía a atenção para suas maças do rosto altas e uma covinha no lado esquerdo de sua boca que Callia nunca tinha notado antes.

Mas o cabelo não era a única mudança. A princesa não vestia seu traje tradicional.

Em vez de um vestido logo, naquela noite vestia uma simples calça preta, um suéter vermelho grosso e sandálias que mostravam as unhas de seus pés pintadas de vermelho sangue.

A seu pai teria uma apoplexia quando a visse assim.

—Não me aconteceu nada —disse Isadora, endireitando a coluna. —Estou bem.

Percebendo o quanto devia soar recriminadora, Callia negou com a cabeça.

—Eu… eu não queria dizer isso. Acho que esta maravilhosa, eu só…

—Callia!

Callia e Isadora se inclinaram sobre a borda do corrimão para o nível inferior, onde Titus gritava e corria atravessou o piso de mármore em uma corrida mortal. Subiu as escadas de quatro em quatro degraus até está em frente a elas. Seu rosto estava barbudo e a roupa usada pelos Argonautas estava manchada de sangue e sujeira, e algo… verde. Os longos e crespos cachos castanhos tinham ficado livres da tira de couro que os cingia na nuca acariciando sua face, e respirava como se tivesse corrido uma maratona.

—Preciso que venha comigo. Agora mesmo.

—O que aconteceu? —Obviamente ele tinha lutado. Onde e com quem, no entanto, não sabia.

—Ele sofreu um acidente.

—Quem? —perguntaram Callia e Isadora.

Nesse momento Titus pareceu perceber que não estavam sozinhos. Seu olhar caiu sobre Isadora, mas se notou uma mudança em sua aparência, não demonstrou.

—Zander. Está mau.

Por um maldito segundo, o tempo parou para Callia. Seu peito se comprimiu até que ficou difícil obter ar. Fazia pouco tempo que o tinha visto. Tinha acabado de pôr as mãos em cima dele. Estava vivo e completo, apenas um dia antes. Era invencível. Imortal. Nada podia feri-lo.

—Ele vai ficar bem? —disse Isadora perto dela. —Quem está com ele agora? Titus, o quanto é grave?

Mas a atenção de Titus não estava voltada para a princesa. Quando Callia se

recompôs e elevou os olhos, percebeu que ele estava contemplando-a com uma expressão conhecedora e desolada.

—Skata —sussurrou ele. —Não sabia que você era a única…

Callia tomou ar. Congelou-se. Então sussurrou:

—Do que está falando? —Embora tivesse um bom pressentimento, já sabia. Lembrou tarde de mais que Titus podia ler as mentes.

Ele sacudiu a cabeça lentamente.

—Sabia que uma mulher o havia ferido. Só que não consegui somar dois e dois. Ele sempre foi cuidadoso para não pensar em você em minha presença.

O silêncio caiu pesadamente no ar que os rodeava. Ao seu lado, Callia podia sentir os olhos de Isadora examinando-a com um milhão de perguntas. Seu coração bateu com força no peito, tão alto que tinha certeza que os outros dois podiam ouvi-lo.

Feri-lo? Feri-lo? Ele foi o único que se afastou dela e de seu… Engoliu com dificuldade, incapaz até mesmo de pensar na palavra. Seu coração se acelerou enquanto tentava manter-se calma.

—Não entendo o que está acontecendo aqui —disse Isadora.

Titus a ignorou.

—Tem que vir comigo, Callia. Agora.

—Eu... Eu não posso ir a lugar nenhum. —Callia não queria reviver a dor daquelas lembranças. — Ela deveria estar na casa de Loukas em — olhou o relógio, procurando algo familiar. Normal. Previsível—, dez minutos.

—Que Loukas se foda! —Titus deu um passo para frente, e Callia arregalou os olhos. — Zander está morrendo. Eu não posso salvá-lo. Se não quiser fazer isso por ele, então faça pelo rei.

—Eu… —Sua cabeça estava confusa. Tinha problemas para concentrar-se. — Ele não pode morrer. É imortal.

—Não, não é —disse Titus rapidamente. —Só pensa que é. Por favor. —Ele se

estendeu para ela, mas se deteve antes de tocá-la, em vez disso curvou os dedos em um punho antes que fizessem contato. —Por favor. —A súplica em sua voz refletiu-se nos olhos avelã assombrados. —Ele precisa de você.

"Ele nunca precisou de você. Não de verdade".

As palavras que seu pai disse nas primeiras horas do dia ecoaram em sua mente. E por razões que não podia explicar, tinha um desejo ardente de provar para ele que estava enganado. Mesmo de tal ínfima maneira.

Ficou olhando para aqueles olhos verdes rodeados por sombras douradas e marrons. Olhos que viam mais do que ela queria que vissem.

—Onde? —sussurrou.

—No reino humano.

Lentamente, Callia assentiu mesmo quando um arrepio de medo percorreu-a.

—Preciso de suprimentos.

—Passaremos por sua clínica antes de ir.

—Eu também vou —disse Isadora rapidamente.

—Não. — disse Titus com firmeza, voltando os olhos para a princesa. — É muito perigoso para você. Callia e eu nos arrumaremos. —Ele se concentrou em Callia mais uma vez, eliminando de forma efetiva Isadora da conversa. — Obrigado. Prometo a você que isto terminará rapidamente.

O estômago de Callia se contraiu. Para ela, no que a Zander concernia, isto nunca terminaria.

Zander tentou abrir os olhos, mas havia algo que parecia mantê-los presos. Algo frio e pegajoso, e… úmido?

Estava deitado de lado era do que mais seguro estava, mas quando tentou virar-se de costas não conseguiu fazer o corpo o obedecer.

Onde diabos estava?

Tentou novamente abrir os olhos e conseguiu romper o selo. Através de uma visão nublada, imprecisa viu as pontas dos cílios, cobertas por algum tipo de lodo.

O chão debaixo dele estava frio e duro, mas não estava à mercê dos elementos. Estava dentro de algo. Um edifício, um celeiro, uma caverna?

Uma caverna. Sim. Tinha que ser isso. Estava com a cabeça nublada, mas sabia que tinha lutando. Isso explicava a merda pastosa nos olhos. O limo dos daemon era difícil de se tirar. Obviamente ele foi ferido, mas não conseguia ativar o cérebro para explicar como, onde ou quando tinha acontecido isso. Por que seu cérebro não funcionava?

Fechou os olhos com força, tentando limpar a névoa. Fracamente e com um grande esforço que lhe causou dor de cabeça, lembrou da luta com os daemons. O desfiladeiro. Demétrius e Titus. As mulheres assustadas e toda aquela gritaria infantil. E se lembrou que caiu…

—Eu não posso. OH, deuses, Titus, Viu? Não sou forte o bastante para isto.

Uau. Espere. Conhecia aquela voz.

Callia. Ali naquele lugar gelado. Onde nunca nem em um milhão de anos deveria estar. Seus olhos se abriram outra vez, tanto quanto o limo permitiu e em vez de se concentrar no entorno se concentrou na voz.

—Tem que fazer. —Agora era a voz de Titus. Firme e duro, e tão concentrado como estava Zander, ouviu o guardião. —Eu não posso. Você é a única que pode.

Pode o quê?

—E se não for forte o bastante? —murmurou ela. — Titus, e sim…

Do que eles estavam falando? Zander tentou se virar novamente de costas, mas ainda não podia mover-se. A frustração crescendo a cada minutos, tentou mover a cabeça sobre as rochas, então se arrependeu quando a dor explodiu em seu crânio.

Tinha certeza que estava gritando como uma menina, mas Titus e Callia não pararam sua disputa e nenhum pareceu se importar por ele está morrendo de dor.

—Não pode ficar pior que isto, Callia. Tem que fazer isso.

Zander moveu a cabeça novamente, o suficiente, de modo que finalmente viu os dois situados a uma boa distância dele. Embora tivesse a visão imprecisa, viu

que tinha razão. Estava em uma espécie de caverna. Uma lanterna no meio da sala lançava sombras sobre seus corpos, e iluminavam as paredes de rocha e as estalactites penduradas no teto.

Callia levou as mãos ao rosto.

—Ele tem uma bala alojada na coluna vertebral. Titus, sabe o que isso quer dizer? Se eu tentar tirá-la, poder ser pior. Ele pode ficar paralisado da cintura para baixo, pode ficar totalmente paralisado. Pode cortar sua respiração. As consequências podem ser muito piores…

Paralisado? Uau. Espere um minuto… Zander tentou mover as pernas novamente, só que nada aconteceu.

—Não tem nenhuma outra opção! —berrou Titus.

Certo, aquilo não soava tão bem.

Callia deu uma olhada ao ambiente estéril.

—Eu poderia retornar. Podemos conseguir outra pessoa. Alguém mais forte. Ouvi falar de bruxas nas montanhas Aegis que…

—Não há tempo para isso.

—Então faremos tempo! Zander está…

—Não vai durar muito mais! —antes que Callia pudesse protestar mais uma vez, Titus plantou as mãos sobre seus ombros para mantê-la imóvel. Os olhos arregalados, o corpo tenso e algo parecido com agonia faiscaram no rosto barbudo, antes que lhe dessas convulsões.

—Titus! Oh, deuses, você também não. —Callia o agarrou pelos antebraços. —Você está bem? Titus, fale comigo. O que está acontecendo?

Titus se estabilizou e se conteve. Sua cabeça parecia afundar sobre os ombros. De algum jeito, Callia evitou que o enorme Argonauta caísse no chão. Passaram-se alguns segundos antes que ele levantasse a cabeça e a contemplasse de baixo.

Zander entortou os olhos, tentou mover-se outra vez para obter uma melhor visão do que estava acontecendo, mas estava estagnado, congelado… Paralisado?

Merda, isso não podia ser verdade. Era um Argonauta. Os Argonautas não podiam ficar paralisados. E era imortal.

Callia ofegou, atraindo a atenção de Zander de volta para ela.

O agarre de Titus sobre o ombro de Callia se apertou e quando Zander observou, algum tipo de conexão vagava entre os dois. Prenderam os olhos um do outro, sem se moverem, sem se falarem, nem sequer tentaram se liberar.

E uma emoção que Zander não tinha sentido a mais tempo de que podia se lembrar, floresceu quente no centro de seu peito, afastando todo o pânico e o substituindo por algo muito, muito mais sombrio.

Tire as mãos de cima dela, filho da puta. Ela é minha.

Passou um logo momento. A eletricidade crepitava no ar. Finalmente Titus cedeu. Revirou os olhos e soltou o braço de Callia. Caiu de joelhos no chão, aos seus pés.

—Titus? —ela estendeu-se para ele. — Por favor não vá desmaiar.

Ele sacudiu a cabeça lentamente para frente e para trás.

—Estou… estou bem. Não estou… ferido. —Mas não parecia estar bem. Parecia totalmente confuso.

E se supunha que ninguém que não fosse Zander deveria estar confuso perto de Callia.

Aquela raiva se imprimiu com força no peito de Zander. Raiva e uma necessidade instintiva de aniquilar que parecia vir de algum lugar fora dele. Agora você está bem, filho da pura, mas espere só eu puder mover as penas novamente.

—O que aconteceu? —perguntou Callia.

Quando ela tentou tocá-lo, Titus a impediu com o antebraço. E pela maneira que Callia se sobressaltou, como se ele a tivesse ferido, enviou a Zander uma injeção de adrenalina que ia além do alçasse deste mundo. Tentou mover-se novamente. Falhou.

Zander cerrou os dentes e fulminou Titus com os olhos. Tente de novo, imbecil.

Ninguém emprestou atenção nele. Por que merda eles não podiam ouvi-lo?

—Tem que dizer a ele murmurou Titus.

—Como… como conseguiu saber disso? —sussurrou ela.

—Por que o experimentei. Através de você. E garanto a você que ele não sabe nem metade do que você passou.

O rosto de Callia empalideceu.

Agora estavam sussurrando, e aquilo era mais difícil de Zander ouvir, mas achava que tinha ouvido Titus dizer:

—E quando souber, se ainda for um imbecil, chutarei seu traseiro até o próximo mundo eu mesmo.

O temperamento de Zander se acendeu. Eu gostaria de ver você tentar isso, seu bostinha.

Titus retesou, hesitante, então colocou a mão sobre a face de Callia e sussurrou algo que Zander não conseguiu ouvir, mas que provocou lágrimas nos suaves olhos violetas de Callia. Então acrescentou em voz alta.

—Passou muito tempo, Callia. Tem que tirá-lo de sua miséria. Mas tem que saber disso. Se você não pode fazer isso, eu o farei.

E isso era muito mais do que Zander podia aguentar.

Ele mudou de posição, girando, gritando cada palavra suja que sabia para Titus. E isso era dizer muito, considerando com quem estava passando seu tempo. Mas ele não ouviu as palavras. Tudo o que ouviu foi um som de eco pela sala ao seu redor. E só foi quando ambas as cabeças se moveram repentinamente em sua direção, que ele percebeu que o som tinha saído dele.

—Ele está voltando a si —disse Titus.

Ambos foram para seu lado em um instante. E felizmente para ele, isso foi justamente o tempo que Zander necessitou para averiguar como seu braço funcionava. Estendeu-o de repente, esperando golpear Titus na mandíbula, mas mesmo ele sabia que o movimento foi pesado e fraco. Acreditava que ele era seu

companheiro, mas nesse momento Titus se parecia muito mais com o inimigo, que qualquer demônio que Zander tinha encontrado.

—Shh, não tente se mover muito, Zander. —Os dedos suaves se fecharam sobre seu braço e ela os colocou contra os flancos. —Titus, traga-me a maleta. Vou precisar daquela seringa de injeção.

—Já era tempo —murmurou Titus. Seus passos ecoaram cruzando o piso.

Zander esperava que aquele pedaço de merda não voltasse. Um bom golpe, isso era tudo o que ele precisava…

Tentou respirar, dentro e fora, e fechou os olhos, concentrando-se nas mãos de Callia e na maneira que ela o livrava de suas roupas.

Oh, cara, aquilo não era certo, mas era muito bom. Pecaminoso, erótico. Como tinha sido no escritório do Rei quando ela colocou as mãos sobre sua pele nua para um pequeno exame. Nem sequer se importava com o que estava acontecendo com ele, nunca mais. Só queria que ela o acariciasse como fazia agora.

Não estava paralisado, maldição. Podia senti-la.

Ela passou as mãos pelo peito nu e novamente, ao redor do ombro que ele tinha ferido anteriormente e depois desceu pelo braço direito. A eletricidade se disparava através do toque. Ele gemeu de prazer ou dor, não tinha certeza de qual e ficou aliviado ao em seu toque.

Isto era tudo o que ele queria. Por que não podia ter isso durante o resto de sua vida?

—Isso, Zander —ela sussurrou. — Apenas relaxe e não lute.

—Aqui está —murmurou Titus de algum lugar próximo.

Ela cravou algo afiado em seu braço. Seus olhos se abriram de repente. A parte de cima do corpo se enrijeceu, em seguida, em um ataque total — a dor, o ciúme e a raiva — pareceram escapar para fora dele através daquele ponto. Viu seu rosto sobre ele, calmo, recomposto e reconfortante. Seu calor envolvia seu corpo como um lençol. Sua essência tão forte, que a inalou durante todo o caminho para

sua alma. E soube que se ela realmente o tirasse de sua miséria como Titus sugeriu, então ao menos esta seria uma muito bela última imagem que levaria com ele para o outro lado.

—Sim —sussurrou Callia, enquanto a escuridão o empurrava e ele flutuava. — Isso mesmo. Basta deixar-se ir.

Ele estava impotente para fazer qualquer outra coisa. A caverna se tornou mais tênue até que a imagem dela desapareceu. Até que não conseguiu ouvir mais nada que não fosse sua doce voz. Até que não havia absolutamente nenhum som. Nem sequer o batimento de seu coração.

CAPÍTULO 9

—Aqui está seu jantar, minha senhora.

Isadora olhou para cima e sorriu, mas o sorriso vacilou um pouco quando Saphira colocou uma bandeja de comida sobre a poltrona.

—Fiz Cookie preparar seu prato favorito. Cordeiro assado com batatas.

Isadora fechou o livro que estava em seu colo e o colocou delicadamente no sofá junto a ela na sala de estar de sua suíte. Lá fora, o sol mal havia se levantado para lançar um resplendor alaranjado sobre as Montanhas Aegis. Por alguma força suprema de autocontrole impediu que sua mão tremesse.

—Obrigado, Saphira. —Então se esmerou em mentir. — Mmm, está com um cheiro delicioso. Estou morrendo de fome.

A criada obviamente não acreditou. Inclinou a cabeça e franziu a boca em desaprovação.

—Parece doente. Talvez devesse comer e ir diretamente para a cama.

Ir diretamente para a cama sem dúvida não estava na lista de Isadora fazer naquela noite. E não chamaria seu novo cabelo e roupas de “insalubres”.

Mas em vez de discutir, Isadora fingiu um bocejo, cobriu a boca com a mão e disse:

—Talvez tenha razão. Meus olhos repentinamente ficaram muito cansados.

Os olhos escuros de Saphira se estreitaram, mas não se afastaram do rosto de Isadora.

—Hmm.

Para não ser dissuadida, Isadora levantou a colher, inclinou-se sobre a bandeja e comeu um pouco.

—Mmm. Tinha razão. Delicioso.

Quando o prato estava meio vazio, Saphira finalmente suspirou.

—Acho que devo deixá-la terminar seu jantar em paz.

Finalmente. Isadora sorriu.

—Gostaria que voltasse para deitá-la?

—Não é necessário. Vou terminar meu jantar, me acomodar e ler um pouquinho mais antes de ir para a cama.

O pigarro em resposta disse a Isadora em alto e bom som que a gynaíka não aprovava isso tampouco.

—Você precisará de todo descanso que possa conseguir antes da cerimônia de união. O rei ficará extremamente desapontado se você não estiver cem por cento.

Cerimônia de união. Sim. Correto. Quase tinha se esquecido completamente disso.

—Boa noite, Saphira.

—Boa noite, minha senhora.

Isadora esperou que a porta externa da suíte desse um chique ao se fechar, então se lançou para abrir o livro na página que tinha mantido escondida dos olhos inquisitivos de Saphira.

Ὥρας. As Horae[24]*. Três deusas do equilíbrio controlando a vida e a*

[24] As ***Horas*** (em grego: Ὥρες; em latim: ***Horae***) constituíam, na mitologia grega, um grupo de deusas que presidiam às estações dos anos. Eram filhas de Zeus e Têmis são: Irene (paz), Dice (justiça) e Eunômia (disciplina); estas são as

ordem. Trazem e outorgam maturidade. Vêm e vão de acordo com a lei fixa das periodicidades da natureza e da vida. É, por essência, o momento correto.

Moveu a palma da mão sobre o tecido de sua nova calça preta que cobria a marca na parte externa da coxa. Não precisava vê-la para saber que estava ali. Tinha a imagem gravada na mente. O símbolo Omega com asas. Por definição, Omega marcava "o fim". Todos os outros Argoleans tinham a marca do alfa, mas ela e Casey eram diferentes. Como as Escolhidas, a delas significava a profecia referente ao fim do reinado imortal de Atalanta. Mas as asas sempre confundiram Isadora. Por que asas? Não eram marcas aleatórias. Tinham que ter um significado.

Maldição, desejava já ter recuperado seu poder de premonição. Sua meio-irmã, Casey, podia ver o passado dos outros, e ela mesma sempre foi capaz de vislumbrar fragmentos do futuro. Exceto durante sua enfermidade, há poucas semanas, pouco antes dela e Casey se unirem como as Escolhidas, perdeu seus poderes, e ainda não os tinha recuperado, por razões que não compreendia. Se os tivesse agora, talvez pudesse ter alguma ideia do que significava tudo aquilo. E como e porque se sentia tão perturbada agora.

Esteve estudando minuciosamente seus livros durante horas. E embora não pudesse explicar aquilo, precisava ter as respostas para suas perguntas antes de ver-se obrigada a unir-se a Zander. Algo dentro dela lhe dizia que aquilo era importante não só para seu futuro, mas também para o dele.

Olhou novamente o texto com uma mistura de medo e pressentimento. Havia uma pessoa que sabia o que significava tudo aquilo. Uma pessoa que podia preencher os espaços em branco. Só que ele era o último ándras com quem queria

---

Horas mais velhas e estão ligadas a legislação e ordem natural, sendo uma extensão dos atributos de sua mãe Têmis. Eumônia está relacionada com a representação da divindade da justiça. Temis e Dice elucidam o lado ético do instinto, a voz miúda e calma no seio do impulso. Dike para a humanidade é a função de base institual muito sintônica com o que chama de instinto para reflexão. As três horas também são as porteiras do Olimpo.
Existem mais nove Horas que são guardiãs da ordem natural, do ciclo anual de crescimento da vegetação e das estações climaticas anuais. (Talo, Carpo, Auxo, Acme, Anatole, Disis, Dicéia, Eupória, Gimnásia).

estar em dívida.

Antes que pudesse mudar de ideia, levantou-se de um salto e correu para o closet enorme no outro extremo do quarto. O manto da invisibilidade estava totalmente escondido no fundo, pendurando sob o manto de seda de corpo inteiro que usava para os assuntos formais do palácio. Arrancou-o do cabide e cravou os olhos no tecido leve e preto em suas mãos.

Por favor faça que ainda funcione.

Saiu do closet, enfiou os pés nos tênis pretos que Casey esteve mais que ansiosa para fornece-lhe e prendeu o manto ao redor dos ombros. Com uma respiração profunda, levantou o capuz e se dirigiu à porta.

Parada no Grande Corredor do castelo por um momento, ouviu os antecipados sons vespertinos. Em algum lugar próximo um sino tocou. Uma porta se abriu e se fechou. Suaves pisadas ao longe.

Dirigiu-se a escada de serviço. Na base do buraco da escada a risada e os sons de pratos batendo um no outro na cozinha flutuaram em sua direção. Parou nas sombras do lado de fora da porta e prendeu a respiração. Era esse. O momento de ver se os Destinos tinham decidido que ela era digna de uma coroa ou não.

Entrou na cozinha. Três cozinheiros enchiam pratos com carne e batatas cozidas. Um punhado de criados estava completando-os com copos e talheres de prata. As máquinas de lavar pratos estavam em frente às enormes pilhas, limpando as panelas, frigideiras e os utensílios de cozinha. Na longa mesa de madeira do outro lado do cômodo, seis integrantes da Guarda Executiva estavam desfrutando do intervalo para o jantar, contando histórias e rindo enquanto levavam colheradas de comida aos lábios.

Ninguém olhou em sua direção.

Prendendo a respiração, deu um passo para a porta dos fundos, atrás de Cookie, o membro mais antigo do pessoal da cozinha. No entanto ninguém lhe deu a mínima atenção. Colocou a mão ao redor do trinco da porta dos fundos, e há abriu um pouco. Atrás dela ouviu alguém gritar.

—Quem não fechou a porta? O vento a abriu!

Antes que alguém pudesse se aproximar, saiu repentinamente pela estreita abertura. A porta se fechou de repente atrás dela. O ar fresco da tarde inundou seus pulmões e um sorriso que simplesmente não conseguiu conter passou rapidamente por seu rosto.

Tinha conseguido. Estava fora e ninguém sabia.

Com a confiança aumentando, passou rapidamente pelos quatro guardas no portão de entrada sem tão sequer olhar para trás. Não parou até que alcançou a rua ao pé da colina e ficou olhando a cidade de Tiyrns.

Edifícios imensos feitos de mármore enchiam o horizonte. A cidade se desdobrava para o exterior do castelo, a maior parte das empresas e lojas o rodeava, os bairros residenciais e os mais sórdidos ao longe. E embora pudesse ter se transportado até a parte da cidade que pretendia visitar naquela noite, não o fez, em vez disso se deleitou com o fato de poder caminhar em qualquer lugar que quisesse sem que ninguém pudesse vê-la.

A ela. A futura rainha de Argolea. Fora das paredes do castelo. Longe do alcance da mão pesada de seu pai. Longe de tudo o que lentamente estava matando-a.

Não perca tempo, Isadora.

Certo. Não o faria. Se ficasse ausente muito tempo, se demorasse alguém sentiria falta dela e então todo o inferno se desataria.

Recordando o mapa que estudou de manhã cedo, imaginou a Avenida Corinth. Fechou os olhos devagar, os membros se tornaram leves. E então estava voando.

Transportar-se era uma sensação estranha, e uma que não conseguia experimentar com muita frequência, porque normalmente ficava confinada no castelo. Um dos benefícios de viver em Argolea era o fato de que seus residentes poderem se transportar de um lugar ao outro simplesmente visualizando-o na mente. Muito mais rápido que caminhar através de uma cidade de dois milhões de

habitantes. Muito mais seguro que os imprevisíveis carros e caminhões que Isadora viu no mundo humano. É obvio, tinha que estar do lado de fora para se transportar, e não podia passar através de paredes e edifícios, mas naquela noite isso não era um problema.

Desacelerou, a seguir, parou e abriu os olhos exatamente para o que imaginou quando escutou a descrição daquela parte da cidade. A escuridão a oprimiu completamente, e a cada dez metros luzes iluminavam o caminho de paralelepípedos monótonos. As lojas dali estavam em decadência, suas vitrines de vidro escuro, alguns letreiros estavam faltando e haviam sido pintados há muito tempo. A maioria já estava fechada. Um depósito de lixo estava caído em uma calçada, transbordando lixo e comida do dia anterior. Um trio de jovens imundos que pareciam não ter visto um banho há dias e que não podiam ter mais de dez anos procuravam entre seu conteúdo.

Evitou o bar da direita, passando rapidamente ao longo da porta aberta. Os gritos dos badernistas flutuaram em sua direção, seguidos pela risada de uma mulher e cadeiras raspando o piso de madeira. Ignorando o que parecia uma festa lá dentro, dirigiu-se a loja solitária na esquina da rua deserta. A única com a placa HÉLIO.

A luz iluminava os fundos da loja. Embora a placa na frente dissesse "FECHADO", Isadora colocou a mão na barra da porta e empurrou.

Os aromas de incenso e ervas usada em antigas cerimônias irritaram seu nariz. As velas flamejavam aqui e ali sobre as mesas e em um castiçal sobre um balcão perto da parede dos fundos. As mesas cobertas com uma variedade de tecidos coloridos mantinham pedras polidas, ervas e flores secas, cristais e miçangas. E por todo espaço, bugigangas humanas estavam espalhadas como um pó dourado em um rio fluindo.

Uma réplica de dez centímetros da Estátua da Liberdade, um celular, um livro intitulado "Crepúsculo". Botas de salto alto de mulher, uma camisa com a palavra

"Abercrombie[25]" estampada na frente. Em qualquer lugar que olhava podia encontrar algo que não era daquele mundo. E em qualquer lugar que olhasse, era atraída mais para dentro da loja.

Isadora retirou o capuz da cabeça e deu uma olhada ao redor das prateleiras desordenadas e as vitrines cheias. *Meus deuses. Ele vem fazendo contrabando de relíquias humanas há anos*. Parte dela não tinha certeza de como o Conselho fazia vista grossa e não fechava aquele lugar. Outra parte sorriu porque sua existência era exatamente o que esperava encontrar.

Deu mais um passo no cômodo e tropeçou em uma mesa. Um quadro se balançou, depois tamborilou sobre a mesa com um som metálico.

—Estamos fechados —gritou uma voz da parte de trás da loja.

Cuidadosamente, voltou a colocar o quadro em seu lugar. E engoliu em seco no silêncio que se seguiu.

Nunca foi boa em chantagem, e já tinha jogado sua carta da sorte uma vez. Não tinha certeza de quanto tempo poderia continuar usando-a. Mas precisava dele agora… talvez até mais do que tinha feito naquela época.

O ruído de passos ressoou atrás da parede dos fundos. Ficou onde estava e esperou. E esperou não o haver interrompido em um de seus… momentos de mau humor.

O som parou. Embora tivesse ouvido seus passos, ele não apareceu pela porta escura e aberta no final da longa habitação. Onde estava? Entrecerrou os olhos para ver mais claramente.

—Como escapou de seu cercado, ISA?

Isadora saltou ante a voz rouca as suas costas, deu meia volta e jogou a cabeça para trás para olhar para Orpheus.

Seu pulso latejou sob seus brilhantes olhos verde, mas se manteve firme. Ele

[25] Abercrombie – é conhecida como a marca do mundo, as marcas Abercrombie & Fitch (que possui mais de 357 lojas pelo mundo), Abercrombie Kids (com roupas feitas especialmente para crianças) e Hollister Co. (marca de moda juvenil/surf). Seus produtos são vendidos atualmente através da sua rede de lojas, por catálogo, por lojas multimarcas (aqui no Brasil, pela Mandi&Co, por exemplo) e pela Internet.

era tão alto quanto os Argonautas, era tão grande e forte e igualmente ameaçador, com seus traços fortes e os ombros largos. Mas era ai onde as semelhanças terminavam. Enquanto os Argonautas eram perigosos por direito próprio, Orpheus era totalmente perturbador. O modo que podia desaparecer através das paredes não era normal, e quando seus olhos relampejavam verdes daquela forma demoníaca, como estavam fazendo agora, faziam Isadora querer sair correndo para as colinas.

Ela bateu no peito com uma mão.

—Deuses, Orpheus, você me assustou.

—Deveria —disse sem humor. —Neste momento, ISA, está em meu território. Seria prudente estar muito assustada.

Não se moveu. Ele estava esperando que ela se acovardasse e corresse. Queria que ela ficasse assustada. E estava. A metade dele que era daemon, a qual não estava escondida dela agora, era imprevisível. Mas em vez de ceder ao medo, agarrou-se à visão que teve dele antes de perder seus poderes. A que a empurrou até ali naquela noite. Sé ele poderia salvá-la.

Ele se aproximou até que ela sentiu seu hálito quente sobre a pele.

—Não ouviu os rumores? Os daemons comem virgem no jantar. —Quando ela não respondeu, estendeu a mão e acariciou seus cabelos recém-cortados. —Disto, eu gostei. Não me diga que o rei a baniu do campo de jogo porque você cortou os cabelos, e um pecador é o único a quem pode recorrer agora.

A diversão em sua voz a fez levantar o queixo. Crescer e ridicularizar, assim era como trabalhava ele. Era assim que sempre tinha trabalhado, mas ela não ia cair nessa.

—Não se vanglorie. E não se iluda. Meu pai está mais fraco que um pardal. Em poucas semanas você estará fazendo uma reverência e jurando lealdade a sua nova rainha.

—Não conte com isso, virgem. Não dou minha palavra de lealdade a

ninguém. —Soltou os cabelos, passou ao longo da borda da vitrine da loja.

Ela se virou, seguiu com os olhos seus movimentos graciosos. As pessoas o viam como qualquer outro Argolean, embora um grande. Mas ele não era. Era o que todo mundo mais temia e odiava.

—Que tal para a única pessoa que conhece seu segredo?

Ele a olhou ferozmente por cima do ombro. E aqueles olhos, que lentamente havia se tornado preto quando tocou em seus cabelos, relampejaram verdes mais uma vez.

—Seria sábio que não me ameaçasse, ISA. Garanto que não desfrutará das consequências.

Ela levantou o queixo outra vez. Foda-se. Tinha passado por algo muito pior do que ele podia oferecer. Enredou-se com um deus e sobreviveu para contar isso.

—Preciso de sua ajuda, Orpheus.

Ele franziu o cenho.

—Devia ter destruído esse maldito manto da invisibilidade assim que deixamos o Olimpo.

—Não foi isso o que eu quis dizer.

Apoiou suas duas mãos enormes no balcão que corria pela parede e se inclinou para trás.

—Não me diga, então, o que você poderia querer de mim? Sou todo ouvidos.

—Preciso… —hesitou, porque mesmo para ela aquilo parecia estúpido. —Preciso que você me ensine.

—Ensinar o que a você? —Uma expressão aborrecida passou por suas feições.

—A lutar. —Ele riu. —Sou mais forte do que pareço.

—É patética.

—Quero aprender. —Ele abriu a boca, mas ela o cortou. —Há facções que não me querem vê governar e farão todo o possível para minar minha autoridade. A fraqueza não é uma opção para mim. Ensine-me a lutar para quando chegar o

momento, e chegará, a primeira pessoa que desafiar minha autoridade perceberá que não sou apenas uma idiota.

Ele desviou os olhos com um "sim, claro" no olhar. Mas não disse que não, e ela tomou como um sim sutil. Qualquer coisa que pudesse prejudicar o Conselho ou os Argonauta o agradava, e quase podia ver as rodas girando em seu cérebro, imaginando ela derrubando Lucian , o chefe do Conselho com a espada.

A imagem quase a fez sorrir antes de se lembrar que a morte nem sempre era a resposta.

—Também quero que me ensine outra coisa.

—As táticas de luta de Lara Croft não são suficientes?

Lara Croft? Ignorou a pergunta. Retirou a folhinha de papel de dentro do manto e a colocou no balcão em frente dele.

—Quero que me ensine sobre isto.

Ele ficou imóvel como uma estátua e por uma fração de segundo, aqueles olhos relampejaram verdes outra vez.

—Não sei do que está falando.

—Sim, sabe —disse lentamente. —Não tenho nem ideia, Orpheus. Fiz minha pesquisa. O símbolo do Omega é o sinal da profecia. Estas marcas de penas aqui… —Indicou as asas em torno do Omega, as que se encontravam no primeiro símbolo da tradução das Horae e em sua pele. —Querem dizer outra coisa.

Ele revirou os olhos.

—Está acima de…

—Não. — disse energicamente, recusando-se a ser influenciada. —Não estou. Algo está se construindo. Esteve se construindo durante semanas, desde o momento em que eu e Casey nos unimos. Posso sentir isso. Simplesmente isto é diferente, e não sei o que significa.

Deu um passo para frente e apontou para o texto que tinha copiado.

—O Omega com asas, esse é o símbolo das Horae, e não havia duas, havia

três. As deusas do equilibro, meio irmãs das Moiras, ou os Destinos. Três é um número poderoso na ciência, na religião e na mitologia. A terceira dimensão, o triângulo. Começo, meio e fim. Os três Destinos, a Trindade…

—Você ficou religiosa de repente?

Ela franziu o sobrecenho.

—A Tríade, as três fases da lua, as três Musas…

—Pensei que havia nove.

—… as três Fúrias, as três caras de Hekate…

—Alto. —O humor desapareceu. —A bruxaria não é algo com que se deva brincar, Isadora.

Fechou a boca. O brilho verde estava de volta aos seus olhos. E a linha tensa de seus ombros lhe disse que acabava de encontrar algo muito grande.

—Não estou brincando.

—Deixe as coisas como estão Princesa.

—Não posso. O zumbido em minha cabeça não me deixará. Sabe o que quer dizer, não? Isto já não é só a respeito de Casey e de mim, não é mesmo? Há alguém mais.

Ele flexionou a mandíbula. E no silêncio soube que tinha razão. Como sabia que tinha sido correto ir ali. Sua adrenalina disparou.

—O que quer de mim?

—O que oferece?

—Você… —A mente girou. —Eu me certificarei que viva da forma que sempre fez.

Ele franziu o cenho.

—Não aceito isso. Se quisesse me expulsar, teria feito isso há muito tempo. É muito bondosa para isso e ambos sabemos.

—Muito bem. Não contarei a ninguém sobre esta pequena loja. Pode continuar contrabandeando pessoas e materiais para e do reino humano e ninguém

saberá.

—Ninguém sabe. Vê o que eu deixo que veja. Tente novamente.

Será que ele tem o poder de alterar as percepções? Absurdo.

—Ouro —disse ela rapidamente.

Ele resmungou.

—Não preciso de seu dinheiro, ISA. Olhe ao seu redor. Este lugar é uma mina de ouro.

Dando uma olhada em volta, percebeu que ele estava certo.

—Muito bem então, o que você quer?

Seus olhos ficaram verdes mais uma vez. Só que desta vez não foi com malícia. Foi com calor. Do tipo que incendiada o centro de uma mulher e lhe dizia em alto e bom som o que estava na mente do ándras.

Os daemons eram impotentes. O fato amplamente conhecido lhe veio à mente enquanto os olhos dele verificavam-na dos pés a cabeça. Só que ele não era somente daemon. Também era Argolean. E sendo o caso dele ter sido gerado por um demônio afinal, isso implicava que o pequeno fato era nulo e invalido.

—Penso que você sabe o que quero —disse em uma voz baixa e áspera.

Ela engoliu em seco enquanto o coração martelava contra as costelas.

—Quer que eu durma com você.

—Não, Isa —disse, aqueles olhos ardentes vagando por cada centímetro de sua pele. — Não penso em dormir. O que quero é seu corpo. Cada centímetro. Meu para fazer o que quiser. Quando quiser e onde quer que escolha. Enquanto durar seu treinamento.

—Treinamento?

Ele sinalizou com a cabeça para sua coxa direita, onde a marca estava escondida por trás da calça.

—O que têm aí é mais poderoso do que você ou sua irmã imaginam. Não acabou com a imortalidade da Atalanta. Isso é o começo. Mas para aproveitar seus

poderes, tem que aprender a utilizá-los. A razão está de seu lado. Posso ajudar você. Mas vai lhe custa algo.

Seu estômago se agitou, e uma imagem do mundo subterrâneo explodiu em sua mente.

—Não faça essa cara de repugnância, Isadora —disse com um toque de humor. — Algo me diz que talvez você desfrute disso.

Seu corpo.

Na realidade já não era dela, não é mesmo? Em questão de dias pertenceria a Zander. Quando passasse daquele mundo para o seguinte, pertenceria a Hades. Enquanto isso, não deveria ter voz e voto no que fazia com ele? Essa era sua escolha, de ninguém mais. E se a levava ao seu objetivo final, então valia a pena.

Forjar seu destino e não deixar os outros fazerem aquilo por ela valia sua virtude.

Elevou os olhos até os dele. Nem mesmo se sobressaltou.

—Sim.

Suas sobrancelhas se elevaram pela surpresa. Ainda estava apoiado na parte de trás do balcão, e era óbvio por sua expressão abalada que esperava uma resposta diferente.

—Eu disse sim —repetiu. — Enquanto minhas sessões de treinamento durar, meu corpo será seu. Mas me ensinará tudo, Orpheus. Tudo o que quero saber e mais. E se não souber, encontrá-lo-á para mim.

Tomou seu silêncio por um sim. Virou-se para a porta.

—Iniciaremos a primeira sessão amanhã. Estarei aqui nessa mesma hora.

—E seu marido?

Ela fez uma pausa mas não se virou.

—Sim, Isa —disse. —Até eu sei que está comprometida com o Argonauta Zander. As notícias se propagaram até aqui, virgem.

Ela virou-se lentamente e devolveu seu olhar. No mesmo nível, tão frio, tão

duro quanto o que ele estava lhe dedicando.

—Zander está ferido. Estou bastante segura que a cerimônia de união será adiada. O que significa que temos tempo para começar antes desse momento.

—E sua virtude?

—É minha para fazer o que quiser.

Ele assobiou baixo.

—Seu maridinho não vai ficar contente de saber que quebrou o selo sem ele.

Ela apertou a mandíbula.

—Então ele só terá que se acostumar a viver com a decepção. Certamente eu o farei.

Ela correu para a porta.

—Isadora —chamou, dessa vez em uma voz mais suave.

Ela hesitou com uma mão na barra da porta.

—Há severas consequências para o adultério nesta cultura. Especialmente para uma mulher da monarquia. Tem certeza que quer fazer isto?

Ela pensou nas mulheres que foram castigadas. Embora muitos pensassem que os castigos arcaicos do passado tinham terminado, Isadora sabia que o Conselho estava pressionando para reincorporá-los. Orpheus estava certo. Seriam duros com ela se fosse surpreendida em uma posição comprometedora, mas não com ele. Os varões sempre saíam impunes. Até que ela pudesse governar e endireitar as coisas, sua… relação… poderia ser mortífera. Especialmente para ela.

A marca em sua coxa formigou. Não, ainda assim valia à pena. Preferia morrer nas mãos do Conselho antes de não arriscar-se nunca em algo que sabia em sua alma que podia mudar a forma de seu futuro.

Abriu a porta com uma mão e levantou o capuz do manto sobre a cabeça com a outra. Uma determinação renovada fluiu em suas veias como um vinho doce e rico.

—Verei você aqui amanhã à noite, Orpheus. Não me faça esperar.

CAPÍTULO 10

Alguém estava cantando. E definitivamente não era ele, porque não podia cantar nenhuma toada de merda.

O som era doce aos ouvidos de Zander, uma voz relaxante. Não reconhecia a canção, realmente não entendia as palavras, mas não se importava. Pareceu-lhe muito bem daquela forma, até mesmo dificultava e amortecia a volta infernal. Algo acariciou sua testa. Uma mão? Depois o ombro, agora o quadril. Dedos suaves moviam-se por sua perna. Respirou fundo e relaxou ainda mais escutando os sons aveludados de sua voz enquanto esta se tornava mais forte, mais clara e sentia a leve suavidade de uma mão percorrendo sua pele.

A perna…

Seus olhos se abriram de repente. Podia sentir a perna. Só… merda… por que estava tudo escuro?

—Meus olhos… —Uau, aquela era sua voz? Soava de uma maneira muita grossa e áspera para ser ele.

O canto parou abruptamente.

—Zander?

Callia? Que diabos ela estava fazendo ali? Procurou em sua memória, tentando conectar os pontos que não queriam se unir. Chegou o vazio.

—Não posso ver nada.

—Tudo bem. —Sua mão acariciou novamente sua testa. E… Oh, merda, seus dedos deslizaram sobre um pedaço de pele nua, a sensação foi realmente boa. Levantou a cabeça na direção do som de sua voz e aspirou profundamente seu aroma. Tão doce quanto às rosas do verão. OH, sim, definitivamente era ela. — É um efeito secundário das drogas. Desaparecerá.

Bem, isso foi um alívio. Mas por que ele precisou de drogas?

E então, igual a um interruptor da luz que se acende, recordou. Os daemons, a luta, ele sendo ferido e acordando na caverna com Callia e Titus.

Se ela estava ali com ele, significava que não estava morto. Mas… no seu cérebro cintilou o modo que Titus a tocou, e igualmente rápido, o sangue se tornou um rugido em sua cabeça.

—Relaxe, Zander. —Suas mãos pressionaram seus ombros fazendo-o recostar-se. —Não quero que levante ainda.

Sua voz o acalmou. Parou de lutar. Isso não era estranho? Até ouvi-la, nem tinha percebido que estava se mexendo.

—Isso é melhor —disse ela.

Ele entortou os olhos porque as coisas já não estavam tão pretas. Uma figura vaga pairava sobre ele. As bordas da visão eram imprecisas mas sua claridade aumentava.

—Onde está Titus?

—Foi procurar Demétrius.

Provavelmente uma sábia decisão por parte do guardião.

—Demétrius afastou os daemons com artimanhas depois que você foi ferido —disse.

Ele fez isso? Zander franziu o cenho.

—E quanto aos Misos?

Ela deixou escapar um suspiro cansado, ele sentiu novamente suas mãos sobre a perna. Desfazendo as bandagens? Não tinha certeza. Mas foi aparecendo lentamente em seu enfoque.

—Alguns… não conseguiram.

—As crianças?

—Deite-se, Zander — empurro-o novamente pelos ombros.

Voltou para o que estava fazendo em sua perna direita. Sua voz era suave quando disse:

—Seis deles… eles… havia muitos daemons e não muitos…

Não terminou. Mas não precisava ouvir as palavras para saber o que estava pensando. Não havia Argonautas suficientes.

Deixou a cabeça cair para trás e fechou os olhos quando a náusea revolveu seu estômago.

—Havia um menino. Não tinha mais de oito…

—Não sei o que aconteceu com ele —disse ela suavemente.

O silêncio se assentou entre eles enquanto ela trabalhava. Pensou no menino de olhos azuis. Aquela guerra ficava mais sangrenta a cada minuto que passava, estava prestes a sair do serviço até que Isadora produzisse um herdeiro. Quantos jovens deveriam morrer por não haver Argonautas suficientes para lutar por eles?

A mente saltou para Demétrius, e se perguntou se o guardião tinha sido ferido e se Titus tinha sido capaz de encontrá-lo. E se fosse assim, seria o guardião capaz de chegar a Demétrius a tempo? Havia ao menos sete daemons na batalha quando Zander caiu. Sete contra um —até mesmo dois — eram poucas as probabilidades. E se havia um Argonauta que era ainda mais imprudente que Zander, esse era Demétrius.

Merda. Demétrius não era imortal como Zander. Ele não teria chance.

Zander tinha que ir encontrá-lo. Para ajudá-lo em vez de ficar deitado ali igual a um maldito inválido. Era o mínimo que podia fazer até que o rei o tirasse do agrupamento. Empurrou-se até apoiar-se nos cotovelos.

—Não. — disse Callia rapidamente, suas mãos mais uma vez sobre seus ombros, empurrando-o para baixo. Não tinha nem metade da força que ele em um bom dia, mas por alguma razão foi capaz de impedir que ele se levantasse. —Ainda não está em condições de ir a nenhum lugar.

—Estou bem —disse, olhando mais a frente dela para ver onde diabos se encontravam.

Estavam em uma caverna, pelo que podia observar. A mesma de antes? Não

parecia igual. A sala parecia maior que a última, o teto de menos de dez metros de altura, quase invisível na escuridão. A água escorria e gorjeava em algum lugar próximo, mas não podia ver mais que alguns metros na frente dele. Eles colocaram duas lanternas, uma perto de seus pés, outra em algum lugar atrás de sua cabeça, a luz suave delas criava sombras tanto no solo pedregoso como no rosto de Callia.

Tentou desviar os olhos mas não conseguiu arrancar seus olhos por completo de suas feições. Seus cabelos castanhos estavam amarrados em um rabo-de-cavalo na base do pescoço, e as lanternas destacavam a curva das bochechas, a longa e flexível linha do pescoço e a suavidade dos lábios volumosos. Ela não olhava para ele, havia voltado a trabalhar na perna enquanto ele examinava a sala, mas sabia que ele estava observando-a. Podia dizer isso pela forma que se esquivava de seu olhar.

O que ela estava fazendo ali? E por que ainda não tinha ido embora? Mesmo se ele tivesse sido ferido gravemente, já estava bem. Ela podia ir embora quando quisesse.

Seus olhos se entrecerraram com suspeita enquanto a olhavam, tão maravilhosa e perfeita como esteve cada um dos outros dias de sua vida, e tão completamente sua que fazia seu peito doer e reavivava o ressentimento como cada vez que a tinha perto.

Mas havia algo mais. Algo que não estava de forma alguma bem nela. Sua pele estava pálida. Escuros círculos sob seus olhos a danificavam. A maneira que seus ombros estavam tensos, parecia que levava o peso do mundo e ainda mais.

Não é problema seu.

—Tenho que ir procurar Demétrius e Titus.

—Não, não fará isso —ele disse sem levantar os olhos, suas mãos continuavam enfaixando sua perna.

—Se Demétrius estiver ferido…

—Então você não poderá ajudá-lo. Apenas se deite e relaxe.

Com uma irritação crescente, ele se incorporou até sentar-se.

—Isso é uma babaquice.

Ela deixou as mãos caírem da perna ferida e empurrou-o para baixo até fazê-lo repousar sobre os cotovelos.

—Babaquice é que pense que é invencível. Você não é. Assim apenas se deite e deixe de agir como um menino de cinco anos.

Seu temperamento se inflamou.

—Não preciso que você me arrume, Callia. Já estou me curando, e caso não tenha percebido. Nem sequer sei por que inferno está aqui. Sou imortal. Não preciso que você nem ninguém me curem.

—Ilithios —ficou de pé tão rapidamente que sua cabeça caiu de repente. E quando o fulminou com os olhos havia um fogo em seus olhos que ele não se lembrava de ter visto antes. —Seis horas atrás você tinha uma bala alojada na coluna. Entende o que isso quer dizer, Zander? Isso quer dizer que tive que operar você e removê-la. De modo que você pudesse se curar novamente. Não foi apenas um simples procedimento. Talvez seja imortal, mas sem mim agora estaria paralisado. E não vai a nenhum lugar até que eu esteja convencida de que você não vai foder tudo e se ferir mais do que estava antes.

Afastou-se dele e desapareceu na escuridão. Sozinho, permaneceu exatamente onde estava, o peso apoiado sobre os ombros, a boca totalmente aberta, os olhos olhando fixamente para onde ela tinha estado. Não foi tanto que ela o tivesse deixado sem palavras embora não pudesse se lembrar de tê-la ouvido blasfemar antes era o olhar em seus olhos quando havia dito aquilo.

Raiva, com certeza. Frustração, sim, isso era óbvio. Mas acima de tudo isso estava o medo. Medo de verdade. Do tipo que se experimenta quando acreditamos que alguém que nos importa está à beira da morte.

Ela estava com medo. Por ele.

Seu coração retumbou com força no peito. Fechou os olhos, respirou fundo enquanto voltava a deitar sobre a maca e dizia a si mesmo que não importava. Mas

o fazia. Não era tão imbecil para não poder ver que isso importava. Muito.

Merda. Acreditava-se que ele se uniria a Isadora em questão de dias. Não precisava que sua companheira de alma encontrasse uma maneira de voltar para sua vida. Não depois de todo aquele tempo.

Callia voltou à sala, seus passos ecoando através do chão duro. Ela tinha soltado os cabelos, e agora aquelas mechas avermelhadas defendiam parcialmente seu rosto. Estava sendo cuidadosa para não fazer contato visual, apenas se moveu ao seu redor, ajoelhou-se outra vez e voltou a trabalhar na perna.

E embora não gostasse, sentiu-se excitado. Especialmente quando seus dedos acariciaram sua perna outra vez e faíscas de eletricidade atravessaram sua pele ante o simples contato.

Não falou enquanto ela firmava uma faixa ao redor de sua coxa. Tentou como o inferno não reagir a cada toque, puxão ou roce de sua pele contra a dele que parecia amplificar-se agora, depois de sua pequena descoberta um pouco antes. Mas quando suas mãos pararam de se mover e ela levantou os olhos para seu peito, ele prendeu a respiração e esperou o que, não tinha certeza.

—Está tremendo. Você está com frio?

Ele estava? Ok, aquilo era estranho. Nem sequer tinha notado.

—Não, estou bem —disse ele. Mas antes mesmo que as palavras saíssem, um calafrio percorreu seu corpo e o fez bater os dentes.

—Ilithios —murmurou ela novamente, levantando-se e atravessando a sala. Voltou com um cobertor e começou a enrolá-lo ao redor de seu corpo. —Tive pacientes senis que eram mais fáceis de tratar que você. Até mesmo o rei não é tal dor no traseiro.

Não conseguiu evitar, um dos cantos da boca se curvou. Ela sempre foi capaz de fazê-lo sorrir, mesmo quando estava de mal humor.

Ela colocou a mão em sua testa, amaldiçoou e se ajoelhou perto de sua cabeça. Seu aroma o envolveu igual a uma fragrância de rosas. Inclinando-se o segurou

pelos ombros.

—Sente-se.

—O que está fazendo?

Ela o puxou suavemente, mudando sua posição e movendo-se para trás dele.

—Obviamente você está congelando. Até que consigamos regular sua temperatura vou utilizar meu calor corporal para aquecer você.

Seu calor corporal? Oh, cara, não.

—Olhe, não preciso…

—Pare com essa merda de "eu não preciso", Zander. Nesse momento pouco me importa o que você acha que precisa.

Suas palavras cortantes cessaram seu protesto. O que tinha acontecido a gynaíka agradável que ele conheceu há tantos anos? A que era agradável e correta. Aquela não dava a mínima para ninguém. Especialmente para ele.

Ela voltou a recostá-lo, deslizando uma perna de cada lado dele e puxando-o contra ela. E Oh, doce deusa, havia uma razão pela qual não se permitiu aproximar-se dela em dez anos. Quanto se aproximava daquela maneira, esquecia tudo, inclusive seu próprio nome.

Seus seios perfeitos se pressionavam contra suas costas. Seus quadris embalavam os seus como se tivessem sido feitos para ele. Seus braços fixando-se ao seu redor, e recolocou o cobertor, prendendo seu calor contra ele. Podia sentir os batimentos de seu coração contra sua coluna, sentir o calor entre suas coxas perto do ferimento na região lombar. E quando ela exalou, seu hálito quente e sedoso deslizou por seu pescoço e o fez tremer novamente.

—Apenas relaxe —disse ao seu ouvido, obviamente interpretando mal sua reação. Mas claro, como poderia corrigi-la agora? Nem de brincadeira. O sangue já estava bombeando em suas veias e esse zumbido no pênis era muito bom para ser ignorado.

—Isso é melhor —disse ela suavemente. —Não sei por que os homens têm que ser como bebês quando estão feridos.

Ele fechou os olhos, descansando a cabeça contra o ombro dela dizendo a si mesmo que aquilo não era sexual. Era… medicinal. Sim, era…

—Diz isso como se fosse algo ruim —murmurou ele. As mãos dela massageavam seus braços de cima abaixo, e o formigamento crescia a cada roce da pele contra tecido.

—É —respondeu. —Só estou tentando ajudar aqui.

De repente, podia pensar uma infinidade de formas em que ela poderia ajudar. E todas elas começavam com suas mãos esfregando pecaminosos círculos sobre sua pele nua, sem o cobertor cobrindo-a.

Quando percebeu para onde seus pensamentos se dirigiam, seus olhos se abriram de repente e tentou mudar o foco. Mas ele não se afastou de seu corpo. Não podia.

—Onde é "aqui", afinal?

—Em algum lugar da Cordilheira Cascade. Não tenho certeza de onde exatamente. Titus me trouxe para cá. Depois de esconder você na caverna, voltou para Argolea para me buscar.

—Como chegamos a esta caverna? Parece diferente da anterior.

—Lembra-se disso? —Quando ele assentiu, ela suspirou e levantou a perna direita de modo que o joelho apontasse para o teto. O movimento facilitou a chegada de mais calor ao seu corpo, distraindo-o da pergunta. —É a mesma caverna, só que estávamos mais perto da abertura. No entanto, estava muito frio. Uma tormenta estava se aproximando e eu estava preocupada com a infecção e em mantê-lo aquecido.

OH, cara. Era tão bom senti-la. Tão malditamente bom. Limpou a garganta.

—Quanto… o quanto estamos distante?

—A uns 90 metros, eu acho. Pensei que ficaria mais quente se entrássemos, é por isso não coloquei o cobertor em você antes. Estas montanhas são vulcânicas e há atividade geotérmica subterrânea.

Pela primeira vez ele percebeu que não havia brisa soprando através da caverna e embora estivesse frio, o ar dentro da caverna não era tão gélido quanto deveria ser no meio das montanhas.

—Por isso é que o ar não está gelado.

—Sim. E porque os poços termais o aquecem.

—Poços termais?

Ela assentiu e apontou para a direita, no escuro.

—Há ao menos quatro piscinas por aqui. Tivemos sorte porque não há nenhuma forma em que pudéssemos fazer fogo por aqui.

Isso explicava sua camiseta de manga curta e o fato de pensar que uma gota de suor havia escorrido de sua testa antes.

Ficaram alguns minutos em silêncio, e ele pôde sentir como seu corpo se aquecia por causa do calor dela pressionado contra o seu. O formigamento continuou crescendo a cada carícia de seus dedos contra os braços e peito.

Deuses! De todos os curadores que Titus podia ter ido pedir ajuda, tinha que trazer a ela. Suas habilidades eram raras, mas havia outros curadores na cidade de Tiyrns que podiam ter sido igualmente proveitosos. Embora nenhum fosse tão intimamente ligado ao rei e aos Argonautas como ela estava.

O calor se aglomerou em seu peito, sob o movimento de seus dedos. Por reflexo, ele tremeu, e ela o puxou para mais perto, novamente interpretando mal a reação de seu corpo. Se ele fosse mais cavalheiresco se afastaria agora mesmo. Não ia morrer, agora sabia com certeza e ela querendo ou não acreditar nele, não precisava dela. Ao menos, não para se salvar. Mas a queria. Quando sua mão deslizou sobre seu peito, esfregando o tecido áspero do cobertor contra o mamilo, enviando faíscas de desejo diretamente ao pênis, soube que queria mais dela do que teve durante o pequeno exame exigido pelo rei. Mais do que teve naquela primeira noite no castelo, mais do que podia lembrar de sequer ter querido em sua longa e maldita vida.

O que era errado, não é mesmo? Ele estava amarrado a Isadora, e Callia… ainda estava noiva daquele filho da puta do Loukas, embora ele não tivesse ideia do por que não tinham completado ainda a união. Era errado pensar em sexo com ela agora, especialmente ali, quando ela estava sendo simplesmente uma Boa Samaritana.

As mãos dela deslizaram novamente sobre seu peito, o tecido beliscando novamente o outro mamilo, e ele deixou escapar um suspiro rasgado. Sua mão o acalmando, nas costas sentia como seu coração batia. Ele esperou, sem saber o que dizer ou fazer. Então ela passou seus dedos outra vez sobre o mamilo, quase como se experimentasse sua reação para ver o que faria a seguir.

Era totalmente maliciosa e doente ou… ou significava que uma parte dela estava tão excitada quanto ele estava exatamente nesse momento.

Uau. Espere. Isso também era errado, não?

Perguntas, opções, respostas das quais não tinha certeza assobiavam como balas perdidas ao redor do seu cérebro. Mas não importava o que dissesse a si mesmo, não sentia que isso era incorreto. Nesse momento sentia que era… malditamente correto.

Não pode fazer isso. Acabe antes que comece. Ela não é sua.

Mas tecnicamente era, não? Sem importar o que eles sentiam um pelo outro, ela ainda era sua companheira de alma. E tinham uma conexão física que ele nunca experimentou antes com ninguém.

Sabia que ela também sentia isso por sua respiração trabalhosa e o aumento dos batimentos em suas costas. A pergunta era, O que ele ia fazer a respeito disso?

Sua mente girou com possibilidades muito travessas para colocá-las em palavras. Ela levantou a outra perna de modo que ele se afundou mais profundamente no "v" entre suas coxas. O calor se reuniu ali, pressionando-se contra a parte de baixo das costas, disparando chamas eróticas pelo corpo até que o sangue se reuniu com força em seu pênis.

Fechou os olhos, tentando respirar mais devagar. Sempre foi assim com ela.

Aquele despertar imediato sempre que ela estava perto. Seria tão terrível agir ali e agora? Quando ele estivesse unido a Isadora, é que isso seria assim. Sua para sempre e nenhuma outra. Tinha a intenção de cumprir seus votos, o que queria dizer que quando a cerimônia fosse completada nunca mais teria a oportunidade de sentir o corpo de Callia pressionado contra o seu daquela maneira, nunca conseguiria maravilhar-se outra vez pela suavidade da pele de sua companheira de alma deslizando contra a sua ou saborear a doçura dela com a língua.

E oh, sim, ainda podia se lembrar daquela doçura de mel deslizando por sua garganta…

Abriu os olhos de repente. Malditas lembranças. Agora podia ter isso. Ela estava ali. Ele estava duro. E a julgar pela forma que ela continuava esfregando seu peito e braços, ela também o desejava.

Uma noite. Sem ataduras. Estava forte o suficiente para fazer sexo, sabia com certeza. O pênis saltou quando as imagens eróticas dos dois cintilaram em seu cérebro. Sua ereção ficou até mesmo mais dura. Aspirou com força mesmo quando uma vozinha dentro dele o advertiu: *Está brincando com fogo.*

Suas mãos ainda contra o peito.

—Ainda está com frio?

Sua garganta estava tão contraída que não conseguiu responder. Não, estava quente. Ardendo, só por ela.

Ela levantou a mão, passando-a por sua testa.

—Sua pele está úmida. Skata.

Empurrou-o rapidamente e saiu de trás dele antes que ele pudesse protestar. E estava abrindo a boca para dizer a ela que estava bem e convencê-la a voltar quando deu uma olhada para o que ela estava fazendo.

Ela segurou a parte de baixo da camiseta e a tirou, revelando a quase inexistente roupa íntima de debaixo. Ele ofegou em busca de ar e o segurou enquanto ela tirava a camiseta por cima da cabeça como tinha feito em sua fantasia,

então a jogou no chão. Chutou os sapatos dos pés e alcançou rapidamente o botão de sua calça.

—Q-Q que está fazendo? —Sagrado Hades, aquela era sua voz? Soava igual a quando gozou pela primeira vez, infernalmente esgotada. Percebeu, tarde demais, que estava se apoiando nos cotovelos, observando-a com arrebatada atenção. Igual a um homem faminto. Incapaz de desviar os olhos mesmo que sua vida dependesse disso.

—Vou levar você para as termas —disse de forma prática enquanto desabotoava o botão do jeans e o descia por suas longas e deliciosas pernas.

E Oh, merda. Se antes ele pensava que estava duro, estava absolutamente equivocado. O pênis latejava.

—Callia…

—Temos que fazer você se aquecer —disse com firmeza. O tecido bateu no chão em torno dos tornozelos, e então se sacudiu saindo do jeans, Afastando-o para um lado de repente e ficou de pé junto dele vestindo apenas a regata e a calcinha que lhe davam a boca na água, parecendo uma deusa do sexo que oferecia a si mesma como um sacrifício.

Ali estava ela. Sua companheira de alma. Quase nua e sua para possuí-la. Ele teria que ser idiota para rejeitá-la agora.

—Venha comigo, Zander. Você se sentirá bem. Eu prometo.

Ele não tinha nenhuma dúvida sobre isso. O pouco sangue que restava nos membros se disparou diretamente para o pênis quando ela o ajudou a ficar de pé. E com isso, desapareceu de sua cabeça todos os protestos que tinha no que dizia respeito a ela.

CAPÍTULO 11

Callia arrastou Zander sobre seus pés. Ele cambaleou, mas ela o segurou e conseguiu apoiar-se nas rochas para evitar que ambos caíssem no chão. Que não precisava de sua ajuda? Babaquice.

—Segure-se em mim — disse ela. Passou os braços sob os dele rodeando suas costas, suportando seu peso. *Deuses! Pesava uma tonelada.*

Ele colocou as mãos em seus ombros.

—Consegui. —Mas não era assim. Longe disso.

Ela se moveu sob seu braço esquerdo, passou a mão por sua cintura e segurou seu ombro oposto para estabilizá-lo. O cobertor, com o que o enrolou antes, escorregou para o chão e na penumbra viu um vislumbre de uma pele nua muito masculina.

Ignore-o.

Faria isso. Era uma profissional. Havia visto bastantes corpos nus ao longo de sua carreira. E nenhum, nem sequer os realmente magníficos, jamais a excitaram.

Nenhum exceto Zander.

Rechaçou esse pensamento e segurou com mais força a mão que tinha no seu ombro.

—Só mais alguns metros até a piscina. Você ficará quente.

Ele não falou muito enquanto se aproximavam pouco a pouco da água e ela ficou agradecida por isso. Embora a temperatura naquela parte da caverna fosse igual a uma sauna e sua pele brilhasse de suor, estava bem consciente de que não vestia nada mais que a roupa íntima agora. Mas quais eram as opções? Obviamente, teria que entrar na água com ele para segurá-lo e não havia trazido uma muda de roupa. A roupa íntima molhada era um pequeno preço a pagar para assegurar-se que seu paciente sobreviveria e não morreria congelado no processo.

Chegaram à margem da primeira piscina. Quando o ajudou a sentar-se na borda da rocha, ela lamentou não ter trazido a lanterna. Estava mais escuro naquela área. As sombras brincaram sobre a pele dele quando ele mergulhou um dedo do pé na água e o retirou rapidamente.

—Skata.

—Disse a você que estava quente.

Ela já a havia experimentado antes, só para ter certeza, e sabia que estava em torno dos quarenta graus, o que não era tão ruim, e muito menos quando se estava quase congelado. Enquanto ele se preocupava tentando introduzir os pés no líquido cheio de vapor, ela entrou na piscina e prendeu a respiração quando a água quente rodeou suas pernas e torso.

A mordida da água foi um choque para seu sistema, mas depois de alguns segundos, os músculos começaram a relaxar. A água batia exatamente abaixo dos seus seios. O solo daquela parte da piscina, uma pedra plana contínua e alongada, era suave sob os pés descalços. Caminhou até onde Zander estava sentado na borda da piscina, com os pés mergulhados na água agora, as mãos em seu colo como se estivesse se adaptando à temperatura.

Deuses, ele realmente era bonito. Por um momento, a visão dele ali, totalmente nu com a luz da lanterna atravessando a área e ressaltando os ângulos e planos de seu corpo escultural, roubou seu fôlego. Ela o havia visto nu antes, muitas vezes, mas não tinha certeza se alguma vez tinha parado para apreciar seu corpo esteticamente. Agora o fez.

Os ombros eram largos, o peito musculoso e definido, o conjunto de músculos sobre os ossos tão rígidos que era como se eles tivessem sido esculpidos em mármore. Os abdominais eram rígidos e marcados, com braços tão grossos quanto às pernas. E aquela linha fina de pelo que ia do peito até o umbigo, descendo, era como uma flecha intermitente, suplicando para que ela continuasse procurando.

Tomou fôlego e disse a si mesma que acordasse. Ele era seu paciente e ela sua curadora. Seu passado com ele estava completamente acabado e não foi divertido.

Negando-se a olhar para baixo, inclinou-se sobre ele e mais uma vez colocou os braços sob os dele e em torno de seu torso. Suas pernas se abriram imediatamente, e em questão de segundos se achou com o peito nu pressionado

contra o dela. E outras coisas. E definitivamente onde não as necessitava.

O ritmo cardíaco saltou estando tão perto dele, tal como fez no escritório do rei, assim como que fez antes quando o atendeu. Teve que cerrar os dentes para manter a voz calma.

—Vamos. Iremos devagar. Você se sentirá bem quando se acostumar.

Ele resmungou algo que soou muito parecido com "pensei que essa era minha intenção", mas não se importou, porque ele escorregou para dentro da água e ela se concentrou em se certificar que as pernas não cambaleassem sob ele.

Ele protestou com uma profunda inalação, expulsando-a lentamente. Ela se manteve segurando-o à medida que se introduziam mais profundamente e as águas subiram até os ombros. A respiração dele se tornou mais lenta e ele fechou os olhos. Embora não fizesse nenhuma tentativa para se afastar, ela pensou que ou ele sabia que precisava de sua ajuda naquele momento ou era alheio ao fato dela ainda o estar segurando.

A água tornou-o quase leve e fácil de manobrar. Pouco a pouco ela os aproximou da margem da piscina, onde as rochas eram mais suaves e confortáveis para se apoiar. Apoiando as costas dele contra uma rocha muito plana, continuou mantendo seu corpo apertado contra o dela para evitar que ele afundasse e se afogasse.

O vapor se elevava em torno deles. As pontas dos cabelos molhados batiam contra seus ombros. Com um gemido ele apoiou a cabeça nas rochas atrás dele. Gotas de suor apareceram em sua testa, assim ela tirou uma mão da água a moveu e as afastou.

—Hmm — disse ele enquanto os dedos dela percorriam sua pele. —Isso é muito bom.

Um meio sorriso curvou sua boca antes que pudesse impedir. Ele sempre gostou que massageasse sua têmpora e deslizasse os dedos por seus cabelos.

—Melhor?

—Muito melhor.

—Eu disse a você que estava gelado.

—Já não. Acho que voltei a sentir os dedos dos pés.

Seu sorriso se alargou. Aquilo definitivamente era uma boa notícia. Ela continuou massageando sua testa, têmporas, baixando e subindo o dedo pela ponte do nariz. Ele o havia quebrado em algum momento? Não se lembrava da pequena proeminência naquele lugar. Deu uma olhada para o pescoço, à longa cicatriz irregular que ele conseguiu em alguma briga. Daquela ela recordava bem. Recordava de passar os dedos e a língua sobre ela enquanto eles faziam…

Perigo, advertiu uma vozinha. *Se não parar de tocá-lo, cruzará a linha curadora-paciente…*

Ela franziu o cenho. Era parte humana, não? Não merecia alguns minutos de ócio para si mesma? Depois das últimas horas, dos últimos dias no caso, merecia mais que alguns minutos. Infernos, depois dos últimos dez anos mereciam toda uma vida de paz. Por que não podia relaxar e desfrutar daqueles momentos roubados com Zander, livre do rancor e da cólera que os controlou durante tanto tempo? Era muito pedir alguns minutos para recordar por que se apaixonou por ele, em primeiro lugar?

Sim. Definitivamente sim. Aproximar-se dele só terminará mal.

Enquanto permanecia acariciando-o, discutindo com ela mesma e sentindo-se culpada, descobriu que queria que aquele momento durasse. Necessitava dele. Por razões que ainda não entendia.

Quase como se ele escutasse as vozes na sua cabeça, seus olhos se abriram de repente, quebrando a serenidade. Acalmou-se ao perceber que ele estava totalmente concentrado olhando-a, as lagoas azuis cinzentas de sua íris tão claras quanto jamais as tinha visto.

—O quê? —Perguntou a ele hesitante.

—Por que você veio?

—Eu… — Certo, sim. Malditas sejam as habilidades de cura de um super-

herói. Definitivamente ele estava lúcido agora. —Porque Titus me pediu isso.

—Podia ter se negado.

Certo. Ela tinha considerado isso. Durante dois segundos inteiros. Mas como uma idiota, nunca foi capaz de dar as costas para ele.

—Fiz um juramente para ajudar os necessitados.

—Até mesmo a mim.

Não foi uma pergunta. Ambos sabiam. Imediatamente ela lembrou muito bem como ele podia dar as costas aos necessitados. E foi assim que o momento de paz desapareceu.

Ela deixou a mão cair novamente na água e enfocou a atenção na cicatriz do pescoço para evitar seus olhos. As gotinhas de água brilhavam em sua pele bronzeada com naturalidade, deslizando pelos relevos da superfície.

—Até mesmo a você.

O silêncio se estabeleceu entre eles. A respiração e o chapinho da água contra a rocha era tudo o que se ouvia.

—Aonde você foi? —perguntou ele finalmente. —Depois?

O choque a atordoou. Que ele perguntasse. Que inclusive se interessasse. Depois de todo aquele tempo, acaso se importava com algo? Pensou em não lhe responder e depois decidiu. *Por que não?*

—Eu… precisava de um pouco de tempo. Fiquei onde estava. Na Grécia.

Ele assentiu com a cabeça. E ela não pôde deixar de se pergunta se ele sabia o tempo todo onde ela esteve.

—Ouvi um boato de que você estava em uma escola de medicina humana.

Fez isso? Notícias de última hora para ela. Por que ele ainda se importava com ela? Poderia perguntar. Queria. Mas no fim decidiu não fazer isso. Não queria que ele se agitasse em seu estado, e se estivesse tentando satisfazer uma curiosidade mórbida, então simplesmente a deixaria. Por agora.

—Fiz isso. Estudei na Universidade Aristóteles de Tesalônica.

Ele levantou uma mão da água para coçar o queixo sem barbear.

—Não teve medo? No reino dos humanos, sozinha? Os Argoleans são os principais alvos dos daemons.

Ela deu de ombros, fixou os olhos em uma gota de água que escorria por sua face, cruzando a mandíbula forte e quadrada, fazendo um caminho até a cicatriz.

—No início, um pouco. Mas Tesalônica é uma cidade grande. Assegurei-me de nunca ficar totalmente sozinha. Os daemons não gostam de fazer cena na frente dos humanos se puderem evitar isso.

—Costumavam evitar isso. —disse em voz baixa — As coisas são diferentes agora.

Sim, eram, não é mesmo? Agora que Atalanta mais uma vez era mortal seus daemons não se importavam a quem tinham pela frente. Ela teve tanta sorte no dia…

Seu estômago se revirou, mas ela se obrigou a conter as lembranças.

—Meu pai ficou comigo durante um tempo. Isso tornou mais fácil o início.

—Oh, nossa. —disse com um claro desdém — Seu pai. Por que não me surpreende?

Ela levantou os olhos para ele e viu em seus traços cinzelados que o desprezo que sentia por seu pai, ainda estava vivinho e abanando o rabo; embora por que o tinha agora nunca saberia. Uma vez ele a acusou de deixar que seu pai dirigisse sua vida. E durante muito tempo, ela deixou. Mas quando tomou a decisão mais importante, foi contra o que seu pai queria. E pagou muito caro.

Ela desviou seus olhos para a água que se curvava suavemente em torno da pele de Zander e tentou não se lembrar da dor. Embora nunca fosse embora realmente.

—Você realmente quer falar de meu pai?

—Não.

Sua resposta imediata não foi nenhuma surpresa. Então por que a palavra

contundente fez seu peito doer?

—Só quero saber de uma coisa. — disse — Por que voltou? Se o mundo dos humanos era tão grande, por que voltar para Argolea totalmente?

Que resposta podia lhe dar que tivesse sentido? Não queria dizer a ele que seu pai havia lhe implorado que voltasse. Nem que o aumento da atividade dos daemons na área a assustou o suficiente para fazê-la considerar voltar para um mundo que não valorizava suas mulheres. E definitivamente não queria que ele soubesse sobre o daemon que a seguiu uma noite da aula até a sua casa. Aquela definitivamente foi uma experiência instrutiva, sobretudo depois de como a criatura a olhou como se a reconhecesse. Teve sorte por um grupo de humanos está lá e permiti que ela escapasse ilesa. Mas definitivamente não queria contar nada disso a Zander agora, nem ver sua expressão satisfeita de "Eu não lhe disse".

Assim em vez disso deu de ombros e simplesmente disse:

—Era o momento certo para voltar.

Ele a estudou intensamente com os olhos, como se soubesse que ela estava omitindo a verdade. Ela evitou seu olhar fixo e cravou os olhos em seu pescoço novamente, mas a adrenalina pulsou, e o ritmo cardíaco aumentou sob aquele olhar impiedoso.

Em algum momento durante a conversa ela o soltou, ele parecia suportar seu próprio peso muito bem agora, e a conversa já era muito íntima para seu gosto. Não precisava adicionar a proximidade física à mistura.

Justo quando ia dizer a ele o quanto era grosseiro e que parasse de olhá-la fixamente, ele deu de ombros. Suas feições relaxaram enquanto ele deslizava para dentro da água.

—Deve ser bom ter alguém dentro do Conselho para poder ir e vir quando desejar. A maioria dos Argoleans não tem tanta sorte.

Sorte? As cicatrizes em suas costas zumbiram. E ela relembrou os primeiros meses em casa. Ela não chamaria aquilo de sorte. Longe disso. Ela o chamaria…

sofrimento.

Antes que pudesse pensar em uma resposta, a cabeça dele desapareceu sob a água.

E tudo aquilo, irritação, cólera, até mesmo o sofrimento, desapareceram de sua cabeça.

—Zander! —Firmou os pés no fundo da piscina e varreu a água com os braços para encontrá-lo. Ele simplesmente se foi. Desapareceu. Logo debaixo de seu nariz.

O pânico broqueou sua garganta. Estava tão escuro que não conseguia vê-lo, e a água não era mais que uma vítrea camada de óleo negro. Por que ela o soltou? Por que não lhe ocorreu trazer a lanterna para mais perto?

—Zander!

Sua cabeça emergiu de repente da água, ele a sacudiu, enviando gotas de água que choveram ao seu redor.

—Deuses, está quente.

Ela esteve a ponto de gritar com uma mistura de alívio e raiva que borbulhou através de suas veias. Seus olhos se arregalaram e ela apertou as mãos juntas diante dela em punhos. Depois deu um murro no ombro são dele com a pouca força que lhe restava. A água orvalhou seu rosto onde espalmou na piscina.

—OH, deuses, você me deu um susto de morte. Por que fez isso?

Ele teve o descaramento de parecer confuso.

—Fiz o quê?

E foi então que tudo, — o acordo dele de se unir a Isadora, sua lesão, estar ali com ele daquela maneira, tão perto, a conversa e seu desaparecimento sob a água para assustá-la — fundiu seu cérebro até que foi demais. O ar saiu como um raio de seus pulmões em um gemido ela caiu novamente dentro da piscina, deixando que o cansaço excessivo a embalasse e, por um segundo, a levasse.

Para longe, muito longe, onde não tivesse que pensar em nada daquilo.

—Callia? O que está…? Skata. Volte aqui.

Ele envolveu a mão em torno de seu tornozelo. Ela sentiu como ele a arrastava, mas não lutou contra o puxão suave, nem mesmo quando a água correu sobre seu rosto, cortando seu ar. Estava tão cansada. Emocionalmente devastada e, no fim da corda. Ele tinha razão. Ir até ali foi um grande erro. Achou que podia lidar com a situação estando perto dele? Não podia. Precisava ir embora agora e voltar para sua clínica, onde as coisas eram normais. E previsíveis. E, maldição… seguras.

Seus pés se chocaram contra o peito duro como uma pedra, depois os joelhos. Sentiu-o inclinar-se sobre ela, e depois seus braços envolverem sua cintura. No entanto não lutou contra ele. Não era próprio nela, nem quando ele a içou para fora da água. Nem sequer quando ficaram peito contra peito e ela deslizou por seu corpo longo e liso.

Ela cuspiu, tossiu, tomou um fôlego profundo enquanto a água percorria seu rosto.

—Em que diabos estava pensando? —perguntou ele com voz irritada.

Ela voltou a tossir e tentou tirar a água dos olhos.

—Eu? Você foi o único que fez… o ato de desaparecimento.

—Eu estava molhando meus cabelos, não saindo em mar aberto para um banho a meia-noite. Você não tem nem ideia de onde conduz esta piscina ou o que há aí fora na escuridão. Primeiro, Titus, agora isto. Está tentando me castigar?

Ela se acalmou em seus braços. Lentamente ergueu os olhos para o rosto dele, agora frustrado. Linhas diminutas prendiam as sobrancelhas juntas e arruinavam sua testa perfeita.

O que Titus fez que tivesse que ver com aquilo? E por que sobre a face da terra Zander acreditava que ela estava tentando castigá-lo?

A água escorria de seus cabelos descendo por seu rosto para gotejar sobre o peito largo. Ela ficou olhando sua expressão perplexa, dando uma pequena sacudida na cabeça. Disse a si mesma que estava ouvindo coisas.

—Ainda está… drogado pelos remédios que eu dei a você? Ou o estou eu?

Ele franziu o cenho.

—Um de nós está.

—Por que…?

—Porque, maldita seja, acredito que estou prestes a beijar você.

Isso acelerou seu sistema muscular. Ela pressionou as mãos sobre seus ombros enquanto seus olhos se arregalavam novamente.

—Por que inferno faria…?

Ele estava tão perto que ela não teve tempo para se preparar. Sua boca capturou a dela em um beijo ardente que irradiou até os dedos dos pés. Seus lábios foram duros e implacáveis e apertou seus braços em torno dela à medida que a esmagava, puxando-a até que ela não teve escolha a não ser agarrar-se a ele para salvar sua vida ou deslizar para baixo da água e afogar-se.

A atração entre eles sempre foi inflamável. Insana. Definitivamente doentia, quando pensava em tudo o que tinha resultado dela. Os deuses sabiam, que ela não precisava de uma repetição dos anos de dor que já tinha sofrido. Por que não o afastava?

Ele deslizou a ponta da língua ao longo da linha de sua boca.

—Abra-a para mim, Callia. —A língua fez outra longa e persistente varredura. —Deixe-me entrar.

Oh… ela não deveria. Uma provada e ela sabia que não restariam esperanças. Ele quase a arruinou uma vez antes com suas promessas perversas de prazer. Se o deixasse entrar agora…

As mãos dele se moveram sobre suas costas, deslizando mais para baixo. Quando as curvou sobre seu traseiro e a dirigiu para protuberância rígida de sua excitação roçando a fenda entre suas pernas, ela ficou sem fôlego.

Ele não esperou um convite. Nem deu tempo para que ela colocasse seu cérebro para funcionar naquele momento. A língua deslizou profundamente em

sua boca sem hesitação, e a beijou, tomando exatamente o que queria enquanto ela perdia um pouco a cabeça ao senti-lo depois de tanto tempo.

Dez anos. Ela tinha esquecido completamente o gosto dele em todo aquele tempo? Como se sentia? Ela gemeu quando as lembranças do ontem convergiram com a realidade do hoje. Doce, como mel. Obscuro, como o perigo. Misterioso, como o último prazer proibido. Ele era tudo isso embrulhado em uma mistura de beberagem pecaminosa, tentando-a a deixar-se levar. Mas ela esteve ali antes. Sabia o que aconteceria se fizesse isso.

Os dedos dele se cravaram na carne de seus ombros. Seu corpo inteiro se retesou. Ela soube que aquele era o ponto de partida, que se não terminasse aquilo exatamente naquele segundo não haveria volta.

Finalmente algo fez "clique" em seu cérebro. Ela empurrou o peito dele. Ele recuou. De algum modo ela conseguiu se libertar da boca perversa e talentosa.

—Não posso. Zander. Eu…

—Pode. Eu notei isso. —Seus lábios eram rosados, familiares e muito tentadores. Ela engoliu em seco. —E eu não darei tempo a você para pensar em uma razão para dizer não.

A boca cobriu a dela outra vez, com um pouco mais de urgência e muito mais força. Ela gemeu pela forma que ele beliscou seu lábio, pela forma que mudou o ângulo do beijo, pela forma que mergulhou a língua dentro deslizando-a sobre e em torno da sua até que ela se sentiu drogada por seu misterioso sabor. Mas quando ele a puxou pelos quadris ainda mais estreitamente contra os seus, esfregando seu comprimento, duro e nu contra seu ponto mais sensível, qualquer pingo de autocontrole que estivesse mantendo se evaporou ficando fora de seu alcance.

Derreteu-se. Gemeu. E se agarrou ao êxtase desenfreado que sabia que só ele poderia oferecer a ela.

As mãos encontraram o caminho até seus cabelos. Ela envolveu os dedos em

torno dos fios de ouro e o beijou novamente. Ele gemeu com aprovação, acariciou-a mais profundamente com a língua e a ergueu da água para esfregar-se com mais força contra ela, justo onde ela mais o queria.

A eletricidade zumbiu ao longo das terminações nervosas. A água da piscina lambeu as rochas a suas costas enquanto se movia. Ela aspirou o suave aroma masculino e se deleitou com o sabor na língua.

Ele se virou com facilidade, como se ela não pesasse nada, e então ela sentiu as rochas lisas atrás. Mas a única coisa em que pôde se concentrar foi no Argonauta ardoroso e rígido que tinha em sua frente. Sua boca deslizou para a orelha, pescoço, até a depressão perto da clavícula de uma maneira que sempre a tornou selvagem. Fugazmente ela se perguntou se ele estava forte o suficiente para fazer sexo, mas logo desprezou a ideia. Os ferimentos já haviam se fechado. E na água era quase não pesava.

—Zander... —Jogou a cabeça para trás, fechou os olhos, levantou os quadris para se esfregar ao mesmo tempo com ele. —Oh...

—Deuses, que gosto bom você tem. —Levantou-a mais alto na água, até que a superfície da piscina golpeou nas suas costelas inferiores. —Necessito de mais.

O desejo ardeu em seu centro. Ele baixou as alças da camiseta antes que pudesse protestar. O ar frio da caverna e as gotas de água escorregando pelo seio enrugaram seus mamilos até picos rígidos, mas foi o jeito como ele gemeu sua aprovação ante a visão que sobrecarregou seu sangue e enviou sua libido a uma excitação maior que o normal.

—Prove-me — ela sussurrou.

O braço ao redor de sua cintura se apertou. A ereção celestial que pressionava sua calcinha palpitou. Ele curvou a mão livre em torno do seu seio e apertou, e depois baixou os lábios para tomá-lo profundamente em sua boca.

E a sensação... Oh... Melhor do que ela se lembrava. Mais ardente. Mais úmida. Sua língua estava em chamas e muito mais erótica do que ela tinha

sonhado. Seu corpo todo se contraiu enquanto ele sugava seu mamilo, corria os dentes sobre a ponta e sugava profundamente mais uma vez.

Ele a enganchou sobre o flanco, movendo-se para o outro seio e riu contra seu mamilo túrgido.

—Oh, sim. Faça isso. Goze para mim.

Ela estava perto. Tinha ouvido falar de mulheres que poderiam chegar ao orgasmo simplesmente pela estimulação dos mamilos, mas nunca foi uma delas. Ela ergueu ainda mais seus seios, empurrando-os contra ele. E então percebeu que se esfregava contra sua coxa como uma cadela no cio.

A vergonha queimou suas bochechas. Hesitou. Mas ele colocou a boca sobre a dela antes que ela pudesse dizer algo, e voltou a movê-la para que assim seu pênis mais uma vez se pressionasse contra sua fenda depilada.

—Assim. Fica comigo — sussurrou ele.

Ela gemeu. Voltou a beijá-lo. Tremia quando os dedos dele encontraram o caminho na borda da calcinha para seguir a linha de seda do quadril para o interior da coxa.

—Quer que eu a toque?

Ela mal podia formar um pensamento coerente, muito menos responder. O desejo obstruiu sua garganta enquanto apertava os braços em torno do pescoço dele e erguia os quadris, dando-lhe acesso. De algum jeito conseguiu assentir com a cabeça.

Seu sorriso foi um tanto presunçoso e completamente delicioso quando voltou a tomar os lábios dela e deslizar dois dedos sob a calcinha para deslizá-los ao longo das dobras.

—Oh, Deus, está molhada — disse enquanto movia a boca para sua orelha e o hálito quente serpenteava pela pele sensível de seu pescoço. Os dedos acariciavam de acima a abaixo, por cima e em torno, até que ela gemia e o montava outra vez.

—Quer-me dentro? —Ela assentiu com a cabeça. Agarrou firmemente seus

cabelos. Quase gozou quando ele circulou seu clitóris novamente. — Diga.

—Sim — ofegou ela. —Dentro.

Ele empurrou um dedo dentro.

—Você gosta? —Deslizou-o para fora.

A tensão se acumulou. Ela podia senti-la construindo-se. Necessitava que ele continuasse.

—Oh...

—Mais?

—Sim... —gemeu quando ele fez novamente, desta vez enchendo-a com dois dedos. —Zander, oh, deuses...

Acariciou-a profundamente, exatamente como ela gostava. Seus lábios encontraram os dela novamente, sua língua mergulhando dentro para acariciar sua boca tal e como estava fazendo com os dedos. Ela estava tão perto que soube que não demoraria muito tempo para empurrá-la para o topo. Ela contraiu-se ao redor dele, desfrutando de cada deslizamento e puxão, mas querendo muito mais. Os braços o puxavam para mais perto; a boca dava exatamente o que ele tomava. E adorou o gemido que arrancou de seu peito quando sugou sua língua e não a deixou ir.

Seus dedos abandonaram o calor bruscamente e ela gemeu em sinal de protesto quando sua boca abandonou a dela. Mas então suas mãos se tornaram vigorosas e firmes e o gemido se converteu em um "sim" quando percebeu que ele retirava sua calcinha.

—Sem mais jogos — grunhiu ele.

Sua roupa íntima passou voando perto de sua cabeça para aterrissar sobre as rochas em algum lugar atrás dela. Seus olhos queimavam sobre ela quando ele se aproximou. Estava tão excitada e necessitada que nem sequer percebeu que estava com a camiseta em torno da cintura ou que se não tomasse cuidado ele veria as cicatrizes de suas costas. Naquele momento a única coisa que importava era ele e o

que necessitava desesperadamente que ele lhe fizesse.

—Diga que me quer — ele sussurrou enquanto envolvia a cintura dela com as mãos e a erguia acima da água novamente.

Ela prendeu a respiração enquanto ele abria passagem entre suas pernas. Apoiou as costas contra as rochas lisas, inclinou-se e tomou o lóbulo da orelha em sua boca quente e úmida. Entre suas coxas, a espessura rígida pulsou enquanto ele a deslizava de cima a baixo pela fenda exposta.

—Diga — insistiu ele, desta vez segurando com força o lóbulo até que um disparo de dor lambeu um caminho pela pele. Mas não a machucou. Em todo caso, ela sentiu-se bem. Ele levantou seus quadris, esfregando-se de cima a baixo, encontrando o topo da abertura.

Os últimos dez anos de carência se condensaram naquele único momento.

—Sim — sussurrou ela. — Oh... Zander... sim...

Seus quadris se ergueram, e ela prendeu a respiração quando a ponta da ereção dele encaixou sua forma dentro dela. Gemeu. Encontrou sua boca. Beijou-o duramente. Tinha passado tanto tempo, tinha esquecido o quanto ele era grande, quanta força se reunia sob os músculos demarcados, o incrivelmente pecaminoso que o sentia entre as pernas.

Ele saiu totalmente para empurrar um pouquinho mais. Gemeu enquanto sua língua acariciava a dela.

—Callia. Deuses. Está tão malditamente apertada. Não poderei durar se não afrouxar. Está protegida, não é mesmo?

Ela tremia. Tão perto de gozar, e ele só tinha alguns centímetros dentro. Ela estremeceu ao pensar em todo seu cumprimento empurrando profundamente em seu corpo.

Ele saiu outra vez, inclinou-se e beliscou seus mamilos. Ela ficou sem fôlego quando a eletricidade disparou entre suas coxas e seios.

—De qual tipo? —perguntou ele.

—Que tipo de quê? —murmurou ela enquanto tentava puxá-lo de volta. Por que se incomodava em falar quando tudo o que queria era ele?

—Proteção — disse ele enquanto baixava a cabeça para acariciar seu mamilo com a língua. —Não posso me arriscar a engravidá-la novamente, não quando Isadora e eu estamos prestes a fazer os votos. —Tomou profundamente seu seio na boca, lambeu e chupou como fez antes.

Só que desta vez a boca dele em seu seio não teve o mesmo efeito. Algo se tornou frio dentro dela. Algo que só alguns segundos atrás estavam muito ardentes.

—Ainda está, — ela engoliu em seco— comprometido com Isadora?

—Claro que sim. —virou-se para o outro seio. Lambeu o mamilo. Apertou-o com a mão enquanto o pênis encontrava o caminho de volta para suas dobras. —Dei minha palavra ao rei.

Ele falava sério. Não havia humor em sua voz. E como um raio, a realidade a golpeou.

Aquilo não era um reencontro, como estupidamente se convenceu antes. Enquanto ela estava totalmente envolvida na emoção por estar perto dele depois de tanto tempo, para ele aquilo não era nada mais que sexo. E não tinha nenhum escrúpulo de transar com ela nesse momento, enquanto sua noiva esperava sua volta no castelo.

O estômago de Callia se revolveu. E mil diferentes "Eu não disse" a golpearam de toda parte.

Apoiando as mãos contra seu ombro, afastou-o com um empurrão. Forte.

—Zander, pare. Espere. Há algo que você precisa saber.

CAPÍTULO 12

Callia empurrou com força o ombro de Zander, mas era como tentar mover um edifício.

—Não estou protegida. Estive em um período de purificação nos últimos dez anos.

Ele se acalmou contra ela enquanto ela se tornava em todos os lugares. Seus batimentos cardíacos eram tão fortes em seus ouvidos que ela tinha certeza que ele podia ouvi-los. Ele olhou-a fixamente nos olhos, e ela esperou que dissesse algo, que compreendesse o que ela tinha acabado de lhe dizer, que não esteve com ninguém desde ele, que aceitasse algum tipo de responsabilidade, já que em primeiro lugar ele foi à razão pela que foi ela purificada. Mas não o fez. Apenas a olhou com aqueles olhos frios e intensos como se não acreditasse nela.

O silêncio caiu sobre eles. Pareceu passar uma eternidade. Repentinamente ela sentiu a água fria e suja.

Finalmente, ele deu de ombros. E seu ritmo cardíaco aumentou quando ele baixou a cabeça e beliscou o lóbulo de sua orelha. Desta vez, com força suficiente para machucá-la.

—Ainda quero transar com você — as mãos encontraram seus quadris e a puxou para ele esfregando-a contra o tecido intumescido novamente. —Se ficar grávida, poderá se desfazer dele como fez da última vez.

Seus olhos se arregalaram.

—O que disse?

—Você me ouviu. E ambos sabemos que você, entre todas as pessoas, sabe como se faz isso — sua voz endureceu. Inclinou-se para colocar o pênis na posição correta. —Agora não falemos mais, Callia. Transaremos como ambos queremos.

Callia mal podia distingui-lo com clareza, mas com a mão sob a água nem sequer hesitou. Levantou a perna, reforçou o pé descalço contra seu estômago rígido como uma pedra e empurrou tão forte quanto pôde.

—Filho da puta! Como se atreve!

Ele cambaleou para trás na água, com a cara cheia de choque e irritação enquanto se levantava.

—Que diabos?

Ela tremia enquanto recolhia a camiseta, introduzia os braços nas alças e depois arrastava o traseiro nu para fora da água. Só que dessa vez os tremores não tinham nada a ver com a excitação. Eram impulsionados pelo desprezo. E a ira que sacudia seus ossos, de um tipo que ela nunca havia sentido. Nem sequer depois dele a ter deixado.

—Que merda — murmurou ele na água atrás dela enquanto procurava a roupa íntima. —Agora está irritada? Não podia esperar dez malditos minutos até termos terminado?

—Foda-se! —Uma neblina vermelha cobriu seus olhos, mas finalmente viu a calcinha a um metro nas rochas úmidas. Aproximou-se dela e a colocou, Depois foi novamente até o saco de dormir que Titus colocou para Zander antes de ir embora e vestiu a calça.

Devia ter deixado ele morrer. Nunca deveria ter permitido que Titus a convencesse a ir para lá...

Ele estava fora da água logo atrás dela antes mesmo que ela o ouvisse mover-se. Uma mão forte se fechou em torno de seu braço e a puxou para enfrentá-la.

—Pequena cadela egoísta! Não seja tão arrogante comigo.

—Solte-me. —Apoiou as duas mãos contra o peito dele e empurrou com força. Só que não foi suficiente. Ele era como uma estátua de granito. Irremovível. —Como se atreve a dizer algo assim de mim?

—Como me atrevo a quê? —zombou. —A dizer a verdade? —Deixou seu braço cair como se o houvesse queimado e sacudiu a cabeça. Qualquer excitação que houvesse sombreado suas feições antes, não demorou a desaparecer. A repugnância agora se delineava muito claramente através dos traços cinzelados. —Poderia ter chamado às coisas por seu nome e dizer o que você é realmente, mas

não fiz isso.

—Porque queria transar comigo — descarregou. —Não porque se preocupasse comigo.

—Deixei de me preocupar com você há muito tempo. Você se encarregou disso — o olhar ardente percorreu seu corpo de cima a baixo, como se tivesse todo o direito. Como se a possuísse. A necessidade de se cobrir a invadiu, mas ela resistiu ao impulso. — Mas aprendi. É a última mulher com quem alguma vez eu ia querer transar. Não sei no que diabo estava pensando.

Sua mandíbula estava cerrada, com desdém nos olhos e a forma como sua pele se arrepiou como se ela tivesse feito algo errado.

—E o que sou? —Perguntou ela, levantando o queixo, obviamente lançando um desafio.

Os olhos se estreitaram tornando-se frestas ameaçadoras.

—Uma assassina.

Sua boca se abriu. Estava muito surpresa para sussurrar nada mais que:

—Como me chamou?

—Pedi a você uma coisa — grunhiu como se não a tivesse ouvido. —Uma maldita coisa. Bastava esperar alguns dias para que eu pudesse resolver as coisas com Theron. Mas não pôde fazer nem sequer isso por mim, não é mesmo? Correu direto para seu pai e fez exatamente o que ele queria. Desfez-se de meu filho como se ele não significasse nada!

Algo fez "clique" em seu cérebro enquanto ela olhava em torno da caverna escura, tentando relacionar o que ele dizia com o que tinha acontecido quase onze anos atrás.

—Está dizendo que acredita que eu... Pensa que eu abortei?

—Sei que fez isso!

A ira diminuiu quando dez anos de confusão e dor, finalmente fizeram sentido.

—Zander, eu não… não poderia… — balançou a cabeça. —Eu nunca…

—Não tente mentir para mim — resmungou. — Fui até a clínica humana.

Lentamente, ela ergueu os olhos para os dele. O Argonauta que estava parado diante dela não era o quase amante ardente e aborrecido que compartilhou aquela piscina com ela. Nem sequer era o ferido e maltratado que ela salvou da paralisia. Aquele era um guerreiro preparado para o ataque. Uma ameaça. Um assassino. Um que poderia despedaçá-la com suas próprias mãos se quisesse.

Engoliu a saliva com força, deu um passo para ele e tentou acalmar sua ira. Tinha a advertido uma vez quando estava com ele, que como ele vinha da linha de Aquiles, era a maldição que tinha que suportar, e sempre lutou contra ela para que não o controlasse. Mas ela nunca o viu com sua força total. Pelo menos, não até agora.

—Esteve lá? —sussurrou ela.

—Oh, sim, estive.

—Então, sabe…?

—Vi o prontuário. Falei com uma enfermeira. Mas naquele momento, você e seu pai tinham ido para longe, escondendo-se em algum lugar pelo que fez. Acreditava que eu não saberia? Estava tudo lá. Por escrito. — a voz baixou. —Nem sequer teve a decência de me dizer isso. Apenas fugiu na noite como a assassina que é.

—Zander — respirou fundo, tentando se acalmar porque um deles devia assegurar-se de ser racional ali. —Não fugi. Depois que você me deixou para se encarregar do que quer que fosse que tinha que fazer, houve complicações. Sangrava. Pensei que estava sofrendo um aborto. Não podia ir até um curador Argolean porque então saberiam sobre… nós.

—Mentirosa — sussurrou.

—Não estou mentindo. Estava com medo. Meu pai me encontrou. Levou-me para o reino dos humanos para que pudesse receber ajuda. Não abortei nosso bebê,

Zander. Tentei salvá-lo.

—Mentirosa!

—Tem que acreditar em mim — guardou o pânico enquanto se aproximava. A ameaça em seus olhos era algo que nunca tinha acreditado possível em alguém, sobre tudo nele. —nunca teria feito mal a nosso filho. Amei nosso bebê. Quando nasceu… não sabe o que passei por ele.

—Mentirosa! —gritou novamente. — escutei mentiras suficientes de sua boca para durarem uma eternidade.

—Não menti. Não sobre isto

Suas mãos se fecharam sobre ambos os braços e a apertou com força.

—Eu disse basta!

Toda sua vida foi uma curadora. Desde menina sabia que era especial, que embora houvesse outros Argoleans com poderes que beneficiavam eles mesmos, dos seus se beneficiavam os outros. Mas quando Zander a agarrou, forçou as palmas das mãos a empurrar seu peito para mantê-lo afastado, a única coisa em que podia pensar era em defender-se contra alguém que a odiava, obviamente, com cada fibra de seu ser.

O poder correu para suas mãos como se fosse puxado por uma força invisível e, sem pensar, dirigiu-o de volta à ameaça em sua frente. Fluiu de seu corpo e ela o empurrou com a mente tão forte quanto pôde, sem nem sequer percebe o que estava fazendo.

Zander arregalou os olhos. Mal fez um som quando desabou no chão aos seus pés e depois ficou sem fôlego, ofegando em várias respirações, como se de repente seus pulmões tivessem parado de funcionar.

Suas mãos vibravam com o poder bruto que tinha corrido através dela, e Callia cambaleou para trás, surpresa e repugnada pelo que tinha feito. O restante da fúria que jamais tinha experimentado corria por seu corpo, deixando-a nauseada e instável. Sua visão se tornou imprecisa, escura, mas ela balançou a cabeça para

limpá-la. Nenhuma só vez tinha prejudicado alguém intencionalmente, até agora. Nunca soube que o tinha dentro dela.

A adrenalina aumentou e suas vias respiratórias se comprimiram. Recuou até que bateu na parede de pedra da caverna.

—Callia... —Zander tentou apoiar-se nas mãos e joelhos trêmulos, mas não conseguiu fazer seus membros funcionarem.

Bateu no chão com um baque.

Santa Hera. O que eu fiz?

O terror se fechou em torno dela. Tinha que ir embora. Tinha que sair. Não podia ficar ali. Não conseguia respirar...

Deu meia volta e procurou desesperadamente o casaco. Encontrando-o a três metros de distância, foi engatinhando atrás ele e das botas que Titus a tinha convencido a usar quando a trouxe ali, em primeiro lugar.

—Callia — Zander falou com voz áspera novamente. —Espere. Eu não…

Ela se afastou correndo, o pesado casaco flutuando atrás dela enquanto corria rapidamente para a boca da caverna e a saída para ar fresco.

As lágrimas queimavam seus olhos enquanto corria. Embargada pelas emoções enterradas durante tanto tempo, mas seguiu seu caminho, a necessidade de chegar o mais longe possível era a única coisa em que podia se concentrar. Seus pulmões queimavam, e os músculos das pernas gritavam em protesto, mas continuou correndo.

Finalmente, quando a dor era insuportável, deslizou até parar e prendeu a respiração. O silêncio impactou seus ouvidos enquanto tentava frear o coração acelerado. A adrenalina ainda corria através de seu corpo, mas o pânico havia diminuído graças a Deus. Lentamente, quando a pulsação diminuiu, se deu conta do que tinha em volta e girou em um círculo lento.

Estava em um bosque, a que distância da caverna, não sabia. Estava escuro, mas a luz da lua se filtrava pelas taças dos altos pinheiros o suficiente para iluminar os ramos cristalizados, o chão coberto de neve e a vegetação densa. O vento soprou

roçando seu rosto, e um calafrio percorreram sua espinha. De repente, se conscientizou do suor da corrida que agora esfriava sua pele, puxou o casaco grosso fechando-o na frente e amaldiçoou sua estupidez.

Uma coruja ululou em algum lugar acima. As folhas secas e galhos rangeram à direita. Callia se virou enquanto o coração se colocava a cem por hora e a realidade da situação a deprimiu profundamente.

Não sabia onde estava. Seu pulso palpitou com força, tentou averiguar de que direção tinha chegado, mas tudo parecia igual.

Maldição, maldição, maldição.

O temor brotou em seu peito. O vento que uivava entre as árvores era um aviso sinistro de que estava sozinha. Estremeceu novamente e fechou o casaco com mais força ao seu redor. Cada rangido dos ramos e arbustos, cada sombra que se movia sobre o solo do bosque, as árvores balançando-se no alto, aumentava sua ansiedade.

Relaxe. Pense. É apenas sua imaginação.

A parte lógica do cérebro assumiu, o lado que a salvou várias vezes antes. Bom, não podia ficar parada ali fora na intempérie por muito tempo. Teria que esperar até manhã, quando a luz chegasse, para poder ver que caminho seguir. Titus tinha mencionado um desfiladeiro e uma ponte. Se pudesse encontrá-los amanhã, poderia encontrar o caminho que a levaria a colônia dos mestiços que ele tinha lhe falado. Enquanto isso, teria que encontrar um lugar para se proteger dos elementos e ficar fora da vista de qualquer depredador.

Envergonhou-se, sabendo que nunca deveria ter deixado as emoções ganharem. Deveria ter ficado naquela caverna. Mesmo que isso significasse ficar com Zander. *Maldição, quem era o idiota agora?*

Sentindo-se um pouco melhor, ao menos com um plano, olhou através das árvores e tentou averiguar que caminho seguir. A escuridão era tão densa, que era quase impossível ver qualquer coisa, exceto os troncos das árvores que pareciam ser os reflexos cinzentos um do outro. Girou em um círculo lento enquanto

procurava, olhou para a esquerda e congelou.

Poderia ser...? Era isso...? Pensou que tinha visto um brilho alaranjado. Como uma chama ou uma fogueira...

Uma fogueira? Aqui fora?

Ali estava novamente! Olhou com mais atenção. Ou era possível que fosse o resplendor das luzes através da janela de uma cabana?

A adrenalina aumentou ante qualquer perspectiva. Significava que eram humanos ou mestiços, mas definitivamente não eram daemons, já que não necessitam do calor ou de acomodações para sobreviver. E isso foi suficiente para lhe trazer um suspiro de alívio ao peito. Pois em qualquer caso, isso significava que não estava sozinha, afinal. E, graças ao Zeus, aceitaria o risco com humanos sobre os daemons em qualquer dia da semana, dia ou noite.

Caminhou devagar, porque ainda estava instável, para a luz que continuou piscando ao longe entre as árvores. E embora se dissesse que a última hora tinha sido um verdadeiro inferno, algo bom saiu disso. Tinha terminado com Zander para sempre. Ele deixou perfeitamente claro o que sentia por ela: Não a queria. E isso era tudo o que ela precisava saber. Não havia uma só coisa no mundo que alguma vez pudesse aproximá-la dele.

O alojamento estava silencioso quando Max deslizou do gigantesco colchão de penas que haviam lhe dado na ala oeste da mansão, e aterrissou silenciosamente no piso de madeira.

Quase esperava que alguém viesse correndo com um pau e o golpeasse, mas nada aconteceu. Tomou cuidado enquanto se arrastava através do piso e puxava a porta pesada. Um calafrio desceu por suas costas devido ao ar frio da noite, mas nada rangeu. Por um momento ele imaginou que algum deus anônimo estava de seu lado pela primeira vez, logo desprezou o pensamento. Ninguém nunca esteve de seu lado. A única pessoa que se importava com o que acontecia com ele era ele mesmo.

Saiu do quarto devagar. O corredor estava escuro, só um pouco da luz da lua de uma janela no final do corredor iluminava seu caminho. Já que, pela primeira vez, tinham lhe dado um pijama azul xadrez que parecia o céu contra a pele úmida de suor estava quente o suficiente. E sabia que poderia se acostumar a esse tipo de vida. Uma cama quente, roupa limpa e comida suficiente para encher seu estômago não lhe fariam mal. Mas era inteligente o suficientemente para perceber que isso não ia durar. Atalanta o atormentava sem cessar. Por que, não sabia, mas não havia forma de que isso terminasse bem. Ao menos não para ele.

Nada se movia ao redor. Os ouvidos não captaram nenhum som enquanto virava a esquina e se dirigia para cima pelas escadas principais para o quarto de Atalanta. Seu coração palpitava firmemente e com força no peito, mas não era o medo que disparava a adrenalina pelo corpo. Era excitação. E saber que a maré estava a ponto de mudar.

Alcançou o nível superior e se moveu como um fantasma sobre a madeira. Um balcão dava para a escada principal e para o quarto andar abaixo. Duas enormes portas duplas justamente diante se abriam para os aposentos de Atalanta, que ocupava o andar inteiro.

Ela nunca fechava as portas com chave. Por que ia fazer isso? Ninguém se atrevia a subir ali. Com o pulso acelerado pela antecipação, Max colocou a mão sobre a maçaneta e foi baixando lentamente.

Sem chiado, sem gemido; nem sequer um sopro de ar quando empurrou a porta para dentro. Podia a sorte realmente finalmente estar de seu lado?

Moveu-se rapidamente para o dormitório. Já que o sótão ficava em cima daquele andar, sabia a disposição da suíte melhor que ninguém. Acostumou-se a que sua vida derivasse até ele nas últimas semanas. Aos sons abafados de sua voz, a água corrente de seu banho, o mísero calor que irradiava para cima das lâmpadas e do sistema de caldeiras que atravessava toda a casa.

Estava de pé na entrada aberta olhando fixamente o quarto, respirando

devagar pelo nariz se por acaso ela pudesse ouvi-lo. Como uma deusa do Mundo Subterrâneo, nunca dormia realmente. Certamente precisava descansar de vez em quando, mas não era nada comparado com o que precisava agora. Desde que chegou ao reino humano ela dormia cada vez mais, reforçando o que ele já sabia: Ela era como ele. Mortal, embora de algum modo ainda mantivesse os poderes como aqueles deuses.

Olhou a lenta subida e descida de seu peito. Concentrado na corrente em torno de seu pescoço. Prendendo a respiração e esperando para ver se ela o tinha ouvido. Quando ela não moveu um músculo, deu um passo para frente.

—Pense com cuidado antes de agir, jovem Maximus.

A cabeça de Max se virou bruscamente para o lado, para a mulher etérea que estava de pé silenciosamente nas sombras ao seu lado. Ficou boquiaberto por sua aparição repentina e o pânico encheu seu peito.

A anciã que havia lhe dado o cristal. Ela a reconheceria em qualquer lugar. Naquela noite parecia fantasmal, quase como se fosse uma imagem e não real, sua túnica diáfana tão pura quanto sua pele iridescente. Mas seu rosto era o mesmo. Sua pele ainda enrugada pelo tempo, seus cabelos tão brancos quanto à neve, e seus olhos… tão concentrados e intensos quanto estavam na primeira vez que a viu.

—Sim, — disse suavemente— sou a mesma. E isto não lhe diz respeito.

Ele sabia que ninguém mais a não ser ele podia ouvi-la ou vê-la, mas ainda era estranho ouvir sua voz tão claramente naquele quarto silencioso. Ele se arriscou a dar uma olhada para Atalanta, com medo de que talvez seus poderes divinos a alertassem sobre a mulher, mas dormia tranquilamente.

Ficou entusiasmado novamente perceber. *Não lhe dizia respeito? Não, isto não era assunto dela. Ou de seu cristal inútil.*

Ele ignorou a anciã quando se moveu até a beira da cama de Atalanta. O pingente estava exposto em cima do decote de Atalanta. Sua cabeça estava inclinada para um lado, um braço sobre o rosto. Seu outro braço estava sobre seu ventre. Quanto mais se aproximava, mais fortemente crescia sua confiança.

—Maximus…

Ele estendeu uma mão.

—Maximus, não faça isso!

Os dedos roçaram o pingente. O calor correu através da ponta ao primeiro contato e ele aspirou profundamente, não esperava que o metal não estivesse frio. Atalanta se sobressaltou e ele correu para olhar seu rosto, os dedos congelados sobre o disco. Pela primeira vez o medo e as repercussões de ser pego se tornaram muito reais em sua mente.

Uma eternidade pareceu passar. O suor brotou de sua pele, mas não se atreveu a mover-se.

Atalanta pestanejou, mas suas pálpebras se mantiveram fechadas. Com um suave grunhido moveu a cabeça para outra direção e voltou a respirar ritmicamente.

E Max sentiu que seu coração começava a bater outra vez naquele momento.

Sem perder mais tempo, inclinou-se e examinou o fecho da corrente.

—Não sabe no que está se metendo — disse a anciã agora ao seu lado.

Sua voz vibrava, como se estivesse contendo as emoções. Ele continuou ignorando-a e usou a outra mão para ajudar a empurrar o pesado fecho. Este se abriu com um suave estalo. Quando Atalanta continuou sem se mover, ele o deslizou para um lado de seu pescoço e puxou suavemente.

Atalanta grunhiu, movendo a cabeça; então a corrente ficou solta e ele sustentava o disco na mão.

—Maximus, isso não é uma mera bugiganga. Nunca deveria ter estado sob os cuidados de Atalanta, mas definitivamente não sob os seus.

O disco oco irradiou energia para sua mão. Esta deslizou por seus dedos, membros e para o peito até que reverberou em cada músculo de seu corpo. Uma sensação de poder o atravessou e ele sentiu como se tivesse crescido três vezes o tamanho normal nos segundos que se seguiram, embora nada tivesse mudado

fisicamente.

Genial.

Um sorriso insinuou-se em seu rosto. Deixando para trás a anciã, retornou pela sala de Atalanta até que a mão aterrissou na porta da frente.

—Maximus — a anciã apareceu ao seu lado outra vez, quase como se tivesse flutuado pelo ar para unir-se a ele. Ele não a olhou, ainda tinha os olhos grudados no pingente. Mas pelos cantos dos olhos, pela primeira vez percebeu que ela não era mais alta que ele. —Não é muito tarde. Ainda há tempo para que o devolva ao seu lugar. Ninguém saberá o que aconteceu aqui.

—Por que não tem medo que ela o possua? —sussurrou, não afastando os olhos das quatro câmaras vazias que obviamente foram destinadas a manter alguma espécie de pedra.

Ele girou o disco nas mãos. Cada câmara era ligeiramente diferente. Uma era redonda, uma era oval, uma em forma de losango. A última era triangular.

—Porque ela não pode manejar seu poder.

—Mas eu posso.

A anciã não contestou e em seu silêncio Max soube a verdade. Sim, era disto que Atalanta tinha medo. E ele foi inteligente ao ir até ali e pegá-lo. O sorriso se alargou enquanto os dedos se enroscaram em torno das bordas suaves.

—Maximus…

—O que é isso? —perguntou, finalmente levantando os olhos. Ele notou o medo patente nos olhos da anciã quando seus olhos se encontraram e, isso não era interessante? Ela era uma antiga criatura divina, e de repente tinha medo dele. Um garoto de dez anos que ninguém queria.

—É — sua voz ficou mais baixa— morte e destruição nas mãos erradas.

Seu sorriso se ampliou ainda mais.

—Perfeito.

—Maximus…

Max voou tão silenciosamente quanto pôde escada abaixo até seu quarto,

onde arrancou o pijama, vestiu-se e calçou as botas. Uma pontada de arrependimento correu através dele quando deu uma olhada para cama quente e macia, mas o afastou. Quando o disco oco estava seguro dentro de sua camisa, com a energia irradiando através de sua pele, ele finalmente se virou para pegar o casaco.

A anciã estava de pé na porta de seu quarto, mas desta vez seus olhos não estavam assustados, estavam cheios de tristeza.

—Ela caçará você — disse em voz baixa.

—É melhor que permanecer aqui. Talvez não estejamos no Tártaro, mas é um suplício igual. E você sabe disso.

Ela balançou a cabeça lentamente, aquele olhar triste ainda nos olhos.

—Você se parece tanto com seu pai.

Suas costas zumbiram.

—Um imbecil?

Suas sobrancelhas se levantaram de surpresa, e algo parecido com diversão cruzou seu rosto. Mas depois de tudo o que tinha feito, impressionar uma anciã etérea com linguagem grosseira nem sequer se registrava em seu gráfico de "pouco me importa".

—Quis dizer…

Sim claro, certamente não ia ali.

—Poupe-me. Ambos sabemos que não tenho pai.

—Sim você tem — suspirou. —E independentemente do que pensa agora, ainda há esperança.

Com suas palavras, o ódio pela tortura de Atalanta, pela intromissão da anciã, pelos pais que o abandonaram para apodrecer naquele buraco infernal, tudo o golpeou com força e se condensou no centro de seu peito, exatamente onde o pingente estava contra a pele. E uma raiva, do tipo que sempre tentava conter, ferveu a fogo lento diretamente sob a superfície de seu controle.

—Não existe esperança. Só existe isto — a mão se fechou sobre o pingente sob a camisa. — E agora, isto é meu.

Ele se moveu para o corredor deixando-a para trás, quase como se o pingente o conduzisse, dando-lhe mais força e coragem do que jamais teve antes. E não era isso ainda mais legal?

—Lembre-se de sua humanidade Maximus — disse a anciã atrás dele.

Ele quase riu enquanto os pés chegavam ao primeiro andar e se dirigia para a entrada escondida pela qual ia e vinha quando não queria que os criados da casa o vissem. Sua humanidade não tinha feito merda nenhuma por ele. E certo como o demônio não ia salvá-lo agora. Ele não precisava dela. Não precisava de nada ou de ninguém na realidade.

Só se precisava de si mesmo.

Thanatos estava de pé no centro da cabana em ruínas no alto da Montanha Cascades e fulminou com os olhos os dois guerreiros daemon diante dele: Estúpido e Mais estúpido.

—Expliquem-me como o Argonauta escapou de vocês.

Os dois daemon olharam um para o outro.

—Nós… — o da esquerda desviou os olhos para Thanatos. — Quando o segundo Argonauta apareceu para ajudar o primeiro, recuamos. Sabíamos que tínhamos que relatar a perda dos outros.

Thanatos cerrou a mandíbula. Devido a isso os Argonautas ainda estavam vivos. Porque Atalanta encheu seu exército de covardes descerebrados. Havia uma razão para que aqueles idiotas estivessem nos Campos de Asfódelo[26], esperando sentença no Tártaro quando ela os encontrou. Porque eram muito idiotas para viver.

E o culpava pelo fato dos Argonautas zombarem deles o tempo todo?

[26] Campos de Asfódelo = purgatório

Ele descansou uma mão sobre o punho da espada.

—E o primeiro Argonauta foi ferido em batalha? Disseram-me que ele matou seis daemons. Não pôde ter feito tanto e saído ileso.

—Bom… — o daemon estúpido o suficiente para começar aquela discussão olhou para seu amigo, depois para o chão onde o sangue dos dois caçadores se filtrava pelo piso sujo de madeira. A fome se mostrou claramente em seus brilhantes olhos verdes. —Ele ainda lutava.

—Quisemos nos assegurar de que você não caía em uma armadilha — interrompeu o outro daemon.

Os dois se entreolharam e assentiram, como se tivesse as costas bem protegidas.

—Obrigado. —Thanatos pegou a espada com força. —Ambos provaram seu valor.

Ambos daemons tiveram o pouco bom senso de entreolharem-se outra vez e sorrir, os lábios retorcidos curvando-se sobre dentes manchados. E Thanatos estimou que fosse tanto alívio quanto mereciam. Desembainhou a espada e a deslizou através de seus pescoços com um único golpe.

Suas cabeças decepadas caíram no chão com um golpe seguido de seus corpos ainda retorcendo-se, para aterrissar sobre os caçadores humanos com quem planejavam se deleitarem só alguns momentos antes.

Enojado, Thanatos deslizou a espada novamente em sua bainha e se virou para olhar em torno da decrépita cabana.

As coisas não estavam indo de forma alguma como ele planejou. Agora não só tinha Atalanta respirando em seu pescoço, mas nem sequer tinha um pelotão naquela região para comandar. Ia ter que caçar os Argonautas sozinho. Isso, ou correr como louco para fora do bosque e passar o resto de sua vida fugindo.

As opções rodopiavam em sua mente. Poderia sobreviver sozinho? Atalanta viria atrás dele. Mas ele era mais inteligente que a média dos daemon. E ainda tinha

os poderes do archidaemon. Ao menos até que ela o pegasse. E o matasse.

Se ao menos pudesse encontrar a maneira de conseguir aquele maldito disco que ela tinha ao redor do pescoço…

Uma batida aguda na porta da cabana o fez virar a cabeça. Seguida de uma voz. Uma voz suave e feminina.

—Há alguém aí? Desculpe incomodar, mas vi a luz acesa. Olá?

Thanatos respirou fundo e pegou sua essência. Sim, definitivamente feminina. E Argolean. E… especial.

Agora aquilo era interessante…

—Olá? —chamou outra vez. —Há alguém aí?

Como é que alguém de ascendência real estava vagando naqueles bosques? Enquanto as perguntas rodopiavam em sua mente, uma saída para aquela confusão que ele mesmo criou se resumiu em um plano. Um plano que não envolvia o pingente de Atalanta, mas era bom.

Sem hesitar abriu a porta com um puxão. Os olhos da fêmea se arregalaram de terror, e abriu a boca para gritar, ainda assim não saiu nenhum som. Quando ela se virou para correr, facilmente agarrou seu braço e a deteve.

O grito que finalmente saiu de seu peito reverberou por cada célula de seu corpo. O sorriso selvagem se alargou.

Ela a fez entrar na cabana com um puxão.

—Não nos conhecemos oficialmente Princesa. Sou o archidaemon. E nesse momento sou seu pior pesadelo tornado realidade.

CAPÍTULO 13

Zander se empurrou sobre as mãos e joelhos e respirou fundo. Certo, daquela vez ele estava bastante seguro de poder fazer aquilo sem...

Não. Não estava.

Sua cabeça dava voltas como se estivesse na mão de todas as farras. Puta merda. Que diabos ela fez a ele? Ela era uma curadora, pelo amor dos deuses.

O som de passos pesados chegou aos seus ouvidos, ecoando por todo túnel. Por um segundo, prendeu a respiração e escutou, depois exalou quando percebem de quem se tratava.

Titus.

Reconheceria o som que fazia o argonauta em qualquer lugar. Eles passaram tempo suficiente juntos percorrendo os campos e caçando daemons, para que Zander reconhecesse Titus apoiando-se apenas no som seco de seus passos. Na verdade, os aromas de pinheiro e sangue fresco flutuavam no ar, seguido pela respiração difícil de Titus.

—Callia? Já estou de volta.

Zander se recostou para descansar sobre os calcanhares, mas manteve a cabeça baixa. Homem, quando a visse novamente...

—Z — disse Titus quando dobrou a esquina, a surpresa era evidente em sua voz. —Você se levantou.

Zander se concentrou nas rochas que tinha diretamente à vista e se esforçou para superar a mais fodida mãe de todas as enxaquecas.

Titus deu uma risadinha.

—Pensei que agora estaria quase de volta ao normal. Irmão, não parece tão bem.

—Estou bem.

—Oh, sim, posso vê — Titus riu novamente. —Com certeza, sua bunda branca o seu traseiro está nu.

Zander pensou em sacolejar Titus, mas isso exigiria muita energia.

Os pés de Titus se arrastaram sobre as rochas à direita de Zander.

—Onde está Callia?

—Foi embora.

—Foi? Para onde?

—Lá para fora, eu acho.

—Lá fora? Que diabos aconteceu?

—Nada. —Zander lutou para ficar de pé, com a irritação o alimentando, e logo teve um momento de: *Oh, merda!* Quando o lugar girou. Estendeu uma mão para a parede de pedra para se equilibrar. —De qualquer forma não é de sua conta.

—Diga que ao menos a enviou para sua casa — quando Zander não respondeu, Titus acrescentou: — Zander. Diga-me que abriu o maldito portal e a enviou de volta a Argolea.

—Poderia ter feito isso — murmurou. —Mas ela não me deu a chance.

—Merda — respirou Titus. —Você a deixou sair, no meio da noite? — Apontou para o túnel escuro. — Está a vinte graus lá fora. E neva. Para não falar que há daemons vagando por esta área. Você sabe que ela tem que encontrar um terreno sagrado para abrir o portal por conta própria. Ela não é um Argonauta. Não pode abri-lo de qualquer lugar. E estamos no topo de uma montanha de merda.

—Espere — com uma mão apoiada na parede de rocha, Zander levantou a cabeça. —Você e Demétrius não pegaram o restante dos daemons?

Titus passou uma mão pelos cabelos escuros e ondulados, a frustração irradiava dele em ondas.

—No momento que encontrei Demétrius, estava tão ensanguentado e ferido que mal podia levantar a parazonium. Os dois filhos da puta contra os quais lutava não pareciam muito melhor e, quando me viram, fugiram. Levei Demétrius para casa, depois voltei para você e Callia. Mas com toda certeza esses daemons não estão muito longe.

Skata. Uma descarga de adrenalina atravessou o peito de Zander e se espalhou por debaixo das costelas. Ele explorou o chão da caverna, vendo-o claramente pela primeira vez desde que despertou e encontrou Callia debruçada

sobre ele. Encontrou a roupa limpa, que Titus devia ter adquirido quando trouxe Callia para curá-lo, agachou-se para vestir uma calça.

—Não pode ter ido muito longe.

Há quanto tempo estava fora? Dez minutos? Quinze? O pânico abriu caminho. Merda, por que a deixou sair?

—Que diabos você disse a ela, Zander?

Titus verificou sua espada e a colocou novamente na bainha.

—Nada. Eu... —puxou a camisa, deixou-a cair no chão e colocou os pés nas botas novas, enquanto relembrava a conversa com Callia. Cada maldita palavra da mesma.

—Merda — sussurrou Titus. —É mais que estúpido.

Zander cerrou os dentes e amarrou os cadarços das botas. A raiva abria caminho até seu peito. Raiva pela súbita natureza protetora de Titus quando se tratava de Callia quem diabos ele acreditava que era? E pela forma que Callia mentiu em sua cara há alguns minutos naquela mesma caverna. E sobre algo muito prezado, muito importante também. Mas escondeu isso, empurrou-o para baixo e respirou fundo para poder manter o controle.

Independentemente das coisas que tinha feito, não queria vê-la morta. E precisava da ajuda de Titus agora, se quisesse encontrá-la antes que se metesse em graves problemas.

Ficou de pé, afastou a jaqueta, e levantou suas armas ensanguentadas do chão.

—Merda, vamos encontrá-la, certo?

Zander começou a correr pelo corredor escuro, sem se preocupar com os suprimentos que deixaram para trás. Mais adiante, a luz da lua iluminava a abertura da caverna e os flocos de neve caindo como um mar branco do céu. Pelo menos cinco centímetros de neve fresca havia se acumulado recentemente, e havia pegadas na neve. Marcas de botas que tinham ser de Titus, de onde caminhou através do portal do lado de fora da caverna, e outras menores. As quais já estavam

se apagando.

—Ali — disse Zander, apontando para o que deviam ser as pegadas de Callia que se afastavam do túnel.

—Estava correndo — Titus ficou de cócoras, examinando as pegadas.

Zander franziu o cenho. Sim, bom, não me aborreça, Sherlock. Ela queria tirar seu traseiro daqui o mais rápido possível, não?

Passou a mão pela têmpora, os efeitos persistentes da energia que tão facilmente jogou nele ainda revoavam atrás de seu crânio.

Titus se apoiou sobre as coxas e se levantou.

—Não está tão longe de nós. Devemos ser capazes de alcançá-la se nos apressarmos.

Seus rastros foram fáceis de seguir até que a nevasca aumentou e o bosque se transformou em um manto branco. Seguiram-na pelo menos um quilômetro e meio através das árvores antes que a neve cobrisse as marcas. Zander parou e se virou em um círculo lento enquanto os grossos flocos brancos caíam em torno dele posando em seus cabelos, cílios e sobre a barba incipiente da mandíbula. Maldição, onde merda estava Demétrius quando se precisava dele?

—Não há nada aqui — Titus explorou o bosque escuro e misterioso. Tinha partes brancas de cristais de gelo no bigode e no rosto. Entrecerrou os olhos e apontou entre as árvores. —Ali, uma luz.

Zander levantou uma mão para bloquear a neve que atingia seus olhos.

—O que é aquilo? Fogo?

—Uma casa de algum tipo. Não há outro lugar onde se refugiar aqui e ao contrario do que você pensa, ela não é estúpida. Não ia querer permanecer na intempérie, não importa o quanto esteja zangada com você.

Zander ignorou a espetada e acelerou o passo. Percorreu outros quarenta e cinco metros entre as árvores antes que a dor explodisse atrás de seus olhos e se irradiasse através do crânio, outra vez. Só que desta vez era cem vezes pior que o

que Callia lançou contra ele.

—Puta… mãe.

Agarrou-se ao tronco de uma árvore, cambaleando, mas se conteve antes de cair.

—Que diabo está acontecendo com você agora? —perguntou Titus, dando um passo para seu lado.

Zander apertou os dedos sobre as têmporas e apoiou o ombro contra o abeto Douglas ao seu lado.

—Não sei. —Outra dor aguda abriu caminho na área por trás dos olhos. — Filha da puta de merda.

—É suas costas?

—Não. — ele se encolheu quando a dor o apunhalou novamente. —É a porra de minha... Cabeça.

—Quando você feriu sua maldita cabeça?

—Não fiz isso — ele se inclinou para frente, tentando dar uma chance a gravidade de aliviar o zumbido. —Que diabos ela fez comigo?

—Nada que houvesse fodido sua cabeça. Porra, Zander. Oitocentos anos, com apenas um arranhão, e no lapso de dois dias está a ponto de desmoronar. A velhice finalmente chegou para você, idiota.

Não podia ser isso. Aquilo era outra coisa, mas Zander não sabia o quê.

—Vamos, velho louco — disse Titus, puxando a manga de Zander com a mão enluvada. —Temos que encontrar Callia. Depois teremos que dar uma olhada em sua patética cabeça.

—Ela provavelmente a arrancará — Zander murmurou isso, mas deixou que Titus o puxasse para frente e tentou não pensar no que poderia acontecer quando a encontrassem, apenas se concentraria em sua busca antes que fosse muito tarde.

O medo sufocou o grito na garganta de Callia enquanto voava pelo ar. Ela se

chocou contra a parede do fundo da cabana e desabou no chão. A dor ricocheteou na testa onde bateu na madeira e sentiu uma sensação de ardor nos olhos. Atordoada, tentou se levantar, mas sua cabeça deu voltas, e explodiram estrelas na sua linha de visão.

—Tornou isto muito fácil para mim, princesa — grunhiu o daemon atrás dela. —Levante-se.

Ela sacudiu a cabeça, virou-se de costas e se levantou sobre as mãos trêmulas. Continuando, desejou ter se mantido sobre as costas. O monstro que se aproximava dela foi tirado de um pesadelo. Dois metros e sete de músculos impressionantes. Seu rosto felino não encaixava com as orelhas pontiagudas, os chifres de cabra que saíam de sua cabeça ou seu corpo humano. No entanto, suas presas eram um claro aviso de que era qualquer coisa, menos dócil. Encontrou-se casualmente com um daemon uma vez, na Grécia, mas ele não era tão grande quanto aquele. E definitivamente, não era tão ameaçador.

Estimulada pela adrenalina, afastou-se para trás, mas bateu contra a parede. Olhou para a direita e para esquerda, procurando desesperadamente uma saída. A cabana era pequena, nada mais que uma sala principal e uma porta que levava ao que parecia ser uma pequena cozinha. Uma mesa bloqueava seu caminho.

Desejava ir mais além, desejava poder confundir-se com a parede ou transporta-se para outro lugar, que bem podia ser Argolea. Um pedaço de porcelana quebrada de uma tigela que jogado antes chamou sua atenção. Pegou-o e o jogou no daemon.

—Vejo que quer brincar.

Ele se desviou do fragmento e deu mais um passo sobre o — *OH, deuses!* – o que parecia um monte corpos ensanguentados e decapitados. Seu estômago se revirou, ficou de pé e se jogou na mesa de madeira, situando-a entre ela e o monstro. O daemon deu uma risadinha.

—Imagine minha surpresa, encontrar-me casualmente com você aqui, entre

todos os lugares — um sorriso ameaçador surgiu no rosto retorcido, dentes afiados brilhavam sob a débil luz de uma lâmpada no teto. — Devo ser o archidaemon mais sortudo que já existiu.

Seu terror tornou difícil concentrar-se em pensamentos coerentes. No entanto, os dois a confundiram. Um, por alguma razão aquele monstro pensava que ela era Isadora. E dois, por seus estudos sabia que o archidaemon supostamente tinha poderes que nenhum outro daemon possuía, embora quais eram, não conseguia se lembrar. Ela morreria se ficasse onde estava. Com esperança de que a cabana tivesse uma porta nos fundos, virou-se e correu para cozinha. Deu dois passos antes que ele a agarrasse pelas costas. Suas garras arrastaram-se na parte de cima do peito e ventre, e ela gritou de dor enquanto ele a arrastava novamente para a sala principal.

—Estou vendo que é uma lutadora — o daemon a jogou sobre a mesa. A cabeça e as costas se chocaram com a velha madeira em uma batida ensurdecedora, mas a dor não foi nada em comparação com o fogo que ardia no seu torso. A mão enorme que a segurava era como dez toneladas de peso sobre o peito. —Sabe, princesa, qual é a maior vantagem de ser um archidaemon?

Ela lutou, tentou rolar para fora da mesa, mas não conseguiu se mover mais que alguns milímetros. O sangue ensopava sua camisa e a queimação se intensificou.

—Não? —Respondeu por ela. — Então eu direi isso a você.

Inclinou-se, tão perto que o fedor infame de seu hálito vil lhe provocou engulhos. Tentou virar a cabeça, mas a outra mão segurou seu rosto. Olhou para cima, para os brilhantes olhos verdes, sem alma.

—Não sou impotente como os outros bastados.

O terror se converteu em um horror que derreteu seus ossos. Debateu-se com mais vigor. Sua risada horrível ecoou ao redor enquanto ela lutava contra o domínio sólido como uma rocha.

—Ah, princesa — grunhiu. —Isto vai ser divertido.

—O que encontrou, Thanatos?

Callia congelou ante o som da voz forte e feminina. O daemon afrouxou a sujeição o suficiente para permitir que ela olhasse para o lado.

Uma mulher vestida de vermelho estava no outro lado da cabana como se tivesse aparecido do nada. Seu vestido era drapeado sobre um ombro elegante e justo na cintura fina. O tecido longo e solto fluía até o chão aos seus pés. Tinha a pele como o alabastro, os cabelos eram uma cascata de seda negra, e embora fosse facilmente tão alta quanto o daemon, era mil vezes mais graciosa. Mas seus olhos... Seus olhos eram tão mortos e sem alma quanto os dele.

Atalanta.

Embora a dor ainda queimasse seu abdômen, Callia inspirou e reteve o ar. O mal, o mal verdadeiro redemoinhou na sala enquanto Atalanta avançava.

O daemon soltou Callia e se endireitou ao lado da mesa. Inclinando a cabeça.

—Minha rainha. Eu, não a esperava.

—É obvio que não. — disse Atalanta. — Por isso estou aqui. —se aproximou. —Por que não matou esta Argolean?

Os olhos brilhantes do daemon foram até Callia e retornaram.

—Ela... Minha rainha, é de sangue real.

Os olhos escuros de Atalanta se estreitaram enquanto se aproximava. Uma faísca de reconhecimento cruzou seu rosto perfeito enquanto estudava Callia.

—Nossa, Thanatos — disse com voz um tanto surpresa. —Ela é. —Olhou para baixo percorrendo com os olhos o corpo de Callia e voltou outra vez, respirou profundo, fechando os olhos no processo.

Callia não se moveu. Não tinha certeza do que estava acontecendo, mas intuiu que havia uma espécie de disputa de poder entre aqueles dois. O daemon estava quase vibrando ao seu lado, e enquanto o observava, viu como as mãos com garras se crispavam e afrouxavam aos flancos, um indício muito claro de que ele não

estava feliz com a interrupção de Atalanta.

O pânico cravou as unhas na garganta de Callia. Seus olhos correram novamente para Atalanta, que ainda estava com os olhos fechados e parecia estar concentrada em... Algo. Aquilo não era bom de forma alguma. Os músculos de Callia se enrijeceram. Sua situação não tinha melhorado. Os olhos de Atalanta se abriram e se focaram no daemon.

—Fez bem, Thanatos.

Ele deixou escapar um suspiro de alívio. Suas mãos se afrouxaram.

—Desta vez — acrescentou Atalanta. Apontou para Callia com a cabeça. — Não só é da realeza. É a mãe do menino.

O daemon ficou boquiaberto. Olhou para Callia, depois novamente para Atalanta.

—O…

—Traga-a. Se o menino não cooperar, poderá ser útil, afinal — Atalanta se virou para a porta.

O daemon hesitou, pareceu analisar suas opções, mas então agarrou o braço de Callia e puxo-a para cima.

O fogo deflagrou-se no abdômen de Callia mais uma vez, e ela gritou quando o daemon empurrou-a para uma posição sentada. O sangue jorrava do corte profundo sobre o seio e torso.

Atalanta retornou e, pela primeira vez, enfocou-se nas feridas sangrentas. Lançou seu olhar para o daemon.

—Não ia matá-la.

—Eu... — o daemon modificou sua sujeição, agora estava atrás de Callia. —ela se defendeu.

Os olhos de Atalanta ardiam com pontos nítidos de luz.

—Você ia usá-la como moeda de troca. —avançou. — Planejava criar seu próprio herdeiro?

O daemon soltou o braço de Callia e deu um passo para trás. Levantou as mãos diante dele.

—Não, minha rainha. É obvio que não. Eu ia levá-la para você.

Um alarme soou na mente de Callia.

—Mentiroso!

A mão de Atalanta saiu disparada. Callia se agachou embaixo da mesa e cobriu a cabeça. Um raio de energia saiu apressadamente da palma da mão de Atalanta e golpeou o daemon no peito. Seu corpo foi jogado para trás chocando-se contra a despensa no fundo da pequena cozinha. As prateleiras se estilhaçaram e desabaram. Panelas e frigideiras, potes e latas choveram ao seu redor. Ele gemeu e tentou se levantar, mas não conseguiu.

—Eu sou a única governante neste mundo. Nem sequer os deuses podem me tocar. —Atalanta contornou a mesa e disparou novamente no daemon.

Ele gemeu e se contorceu.

—Minha... Rainha.

Ela manteve-se de pé sobre ele, a ameaça lavava seu rosto branco.

—Sou a única rainha a quem alguma vez conhecerá. Minha misericórdia o salvou, Thanatos. E sua busca pelo poder o condenou.

Atacou-o novamente, Callia tampou os ouvidos e se encolheu para bloquear os gritos de pesadelo da mente. Carne queimando marcou o ar. Só depois que a fumaça derivou para fora da cozinha foi que ela percebeu que com Atalanta distraída, aquela era sua única chance de fugir.

Callia deixou as mãos caírem. A dor irradiava através de seu peito. O suor deslizou por seu torso. Antes que ela conseguisse colocar um pé no chão, Atalanta estava diante dela.

Atalanta estendeu uma mão para ela. Callia ficou tensa, quase esperando que outro impulso de energia a partisse em duas, mas não havia para onde ir.

A mão de Atalanta caiu diretamente sobre o estômago e o peito feridos de

Callia. E, como Callia tinha feito muitas vezes com seus próprios pacientes para contar, sentiu que os ferimentos se fechavam de dentro para fora. Faíscas afiadas de dor palpitaram por toda parte nos cortes profundos, e protestou com um suspiro angustiado. A dor se concentrou até que foi tirada como uma agulha puxando o fio, deixando só uma leve picada. Desconcertada, olhou fixamente para o estômago enquanto as ferroadas arrepiavam sua pele, e os cortes da carne se fechavam ante seus olhos.

Lentamente, levantou os olhos. Os olhos de Atalanta estavam fechados, como os de Callia frequentemente ficavam quando ela proporcionava um tratamento curativo. E embora fosse completamente louca, uma estranha espécie de comunhão se intercambiou entre elas. De curadora para curadora. Mulher para mulher. Mãe...

De repente, o rosto da semideusa se retorceu e ela afastou a mão para trás. Os olhos pretos como o carvão se abriram e se focaram nos de Callia.

—Vejo o que você e outros planejaram, Eirene.

—O quê? —O instinto disse a Callia que fosse o que fosse que a semideusa tinha visto não era bom. —Eu...

Atalanta deu três passos frenéticos para trás e procurou algo em seu peito. Seu rosto ficou sombrio enquanto lutava contra o tecido do vestido. Congelou. A fúria se deslocou rapidamente por suas feições, colorindo de vermelho a pele pálida.

—Maximus!

O grito abalou a pequena cabana.

Atalanta se moveu bruscamente para Callia novamente.

—Matando-a resolvo dois problemas. Você e seu guardião pagarão pela traição de Maximus — a semideusa estendeu a mão com que queimou o daemon até reduzi-lo a cinzas e se dirigiu para Callia. Só que desta vez não havia cura em sua expressão. Não. Havia puro homicídio, puro.

OH, merda.

Callia se preparou. Desejando como o inferno haver ficado naquela caverna com Zander, afinal. E então gritou.

A luz se tornou mais forte. Ao chegar a uma clareira entre as árvores, Zander percebeu que Titus tinha razão. O brilho vinha das janelas de uma espécie de cabana. Entrecerrou os olhos para ver com mais clareza. Callia poderia estar desesperada o suficiente para ir até os seres humanos em busca de ajuda?

—Depende do quanto a aborreceu — disse Titus ao seu lado.

Zander cortou com um olhar o guardião que tinha ao lado, não pela primeira vez odiou o fato de Titus conhece cada um de seus malditos pensamentos. Titus franziu o cenho.

—Para que conste, eu não estou louco por ela também — balançou a cabeça em direção a cabana em ruínas. —Você quer bater ou ir embora com o rabo entre as pernas?

Zander estava prestes a dizer a Tito, onde ele poderia enfiar o rabo, quando um rugido sacudiu as árvores, seguido por um grito horripilante, forte e estridente. Seus músculos se retesaram. A dor de cabeça contra a qual esteve lutando os últimos cinco minutos foi se atenuando para um batimento de coração surdo. O instinto o governava quando desembainhou a espada.

—Isso foi Callia.

Titus pegou sua própria parazonium.

—Tem certeza?

Infernos sim, ele tinha certeza. Reconheceria o som de sua voz em qualquer lugar.

—Zander, espere!

Zander verificou a porta principal da cabana e a chutou com sua bota. Uma mancha vermelha se agitou em seu caminho. Os olhos da mulher que o olhava atrás dela, arregalaram-se tanto que podia ver o branco ao redor da íris preta. Atrás dela, Callia estava deitada de barriga para cima sobre uma mesa, com a camisa rasgada e manchas de sangue sobre a pele e a roupa. Ele levantou a espada, deixou

que a raiva o consumisse e atacou.

Atalanta sacudiu a mão.

—Zander — gritou Callia— Não!

A energia golpeou seu corpo e o jogou para trás, muito semelhante a como Callia o havia atacado na caverna, só que aquilo era dez mil vezes pior. Bateu com força no batente da porta. A madeira se despedaçou em torno dele quando atravessou à cabana e aterrissou com um golpe brutal contra o chão gelado. A madeira choveu em cima.

A dor ricocheteou em seu torso e roubou seu fôlego.

As vozes ecoaram de dentro. Era Callia? Titus? Gritos seguidos por mais gritos. Rosnados e rugidos explodiram atrás do edifício, seguido pelo ruído de armas contra armas.

—Zander! Saia daqui!

Zander se apoiou nas mãos e joelhos trêmulos. Cerrou os dentes contra a dor e impulsionou o traseiro para frente. Cambaleou, sustentou-se, mas oscilou até a porta. Quando finalmente chegou e olhou para dentro, a cena era algo tirado de um pesadelo. Titus enfrentava dois daemons, sua espada fazendo arcos ao seu redor.

Callia correu para baixo da mesa para se afastar de um terceiro. Seu braço estava ensanguentado, com o rosto cinzento e machucado. Atalanta não estava à vista.

—Zander!

O daemon que avançava para Callia pegou seu pé e o puxou arrastando-a de debaixo da mesa. Girou-a sobre suas costas. Enquanto Zander levantava a espada, ela saltou sobre os pés e empurrou as mãos contra o peito do monstro.

O daemon uivou pela dor brutal, mas foi forte o suficiente para enviá-la para o lado oposto da sala. Bateu contra a parede do fundo com um golpe ensurdecedor e desabou no chão.

Pontos nítidos apunhalaram a cabeça de Zander mais uma vez, mas atacou de qualquer forma, balançando a arma para fora e cravando-a no flanco do desgraçado. O sangue jorrou da ferida aberta orvalhando-se sobre ele e o chão.

O daemon tropeçou, endireitou-se. Virou-se e com a mão esquerda, pegou a camisa de Zander com suas garras e rasgou sua carne. A espada se manteve, quase sem necessitar do braço de Zander.

—Não vou deixar você tomar a princesa, Argonauta — rugiu o daemon. Ele se arqueou novamente com sua lâmina preparada.

Zander tentou se virar, mas o corpo não se movia na velocidade do cérebro. Era como tentar lutar na água. O daemon levantou a espada para o golpe misericórdia. Um grunhido surgiu do outro lado da sala. O som distraiu o daemon por uma fração de segundo e Zander se esquivou por baixo do braço do monstro. Cambaleou para trás e ergueu a própria espada com ambos a mãos.

—Vá para o inferno, filho da puta. —balançou-se com força, embora isso lhe custasse até a última grama de energia que tinha, e a afundou profundamente no flanco do daemon.

O monstro gritou e caiu de joelhos. Zander voltou a golpear, cortando o braço do monstro, suas costas, seu outro flanco. O sangue esguichava em todas as direções, a maior parte batendo no rosto de Zander. O daemon caiu no chão, mas Zander continuou atacando. A raiva o consumia, do tipo que nunca se permitia liberar, e cada vez que atacava, via como Callia estava quando ele entrou na cabana, posta como uma oferenda a Atalanta.

Seu parazonium apunhalou as costas da criatura, um ruído de sucção repugnante ressoou através da pequena cabana quando liberou a lâmina e atacou novamente, nenhuma só vez apontando para o pescoço do daemon. Era muito cedo para acabar com o sofrimento do filho da puta. Golpeou repetidas vezes, a visão turva, via tudo vermelho.

Alguém bateu contra o flanco de Zander, fazendo-o perder o equilíbrio.

Zander caiu no chão com um golpe duro.

A surpresa inundou seus olhos quando viu Titus, continuando, transformou-se rapidamente em fúria.

—Maldito, filho da puta!

Titus bateu na parazonium das mãos de Zander. Este grunhiu e tentou se levantar, mas estava mais fraco do que pensava, e o que quer que fosse que o estava afetando o estava chutando bem agora. Tentou se levantar, mas caiu de traseiro.

O daemon atrás de Titus rugiu e fez um movimento para iniciar o segundo round, mas Titus não lhe deu uma chance. Sua lâmina se arqueou separando a cabeça da criatura de seu corpo de um só golpe. Então se virou para Zander.

—Controle-se Z.

Lutando, Zander ficou de pé. O suor e o sangue escorriam por seu rosto gotejando sobre o peito enquanto entreabria os olhos. Seu coração batia com força contra as costelas. O perigo emanava em ondas dele. Uma palavra ressoava em sua mente: mate.

Titus manteve sua posição.

—Pense nisto com cuidado, Zander. Não me importo se você é a porra de um imortal ou não. Quebrarei você se for necessário. E acredite em mim, vai doer.

Zander o desdenhou e se agachou preparando-se para atacar, enfocado no corpo e na espada diante dele.

—Droga — sussurrou Titus. Segurou a espada com mais força. —Os daemons estão mortos, Zander. Todos estão mortos. E Atalanta se foi. Eu não sou o inimigo aqui. Sou seu amigo. Seu irmão. Acredite em mim, homem. Não quer fazer isso.

Era como olhar através de um túnel, com o som e a visão periférica às escuras. Mas enquanto Zander se concentrava em Titus, no modo que o peito do guardião subia e descia em respirações entrecortadas, em como o suor fluía torrencialmente por seu rosto, no modo que estava concentrado em Zander como se fosse o inimigo, uma estranha espécie de compreensão floresceu.

Pouco a pouco, os olhos de Zander varreram a sala, primeiro posaram no daemon com quem esteve lutando, morto no chão junto a ele, depois na pilha de corpos no outro lado do piso e finalmente no lugar onde Callia estava deitada inconsciente contra a parede. O reconhecimento cintilou em sua cabeça, transformando as trevas que o consumiam em algo um pouco mais suave e muito mais familiar. E da mesma maneira que um balão repentinamente estoura, o ar escapou para fora de seus pulmões.

—Callia — sussurrou. Com os olhos fixos nela, levantou-se. O ardor diminuiu enquanto roçava em Titus ao passar e caiu no chão junto dela. —Callia? Oh, merda.

A espada de Titus caiu no chão atrás dele.

—Santo Hades — murmurou.

Zander rasgou a camisa de Callia para expor o resto, não viu nada mais que tênues linhas brancas sobre seu peito. Procurou o pulso no pescoço, encontrando uma pulsação fraca sob os dedos. Embalou sua cabeça entre as mãos.

—Callia, acorde. —Ela não se moveu. Sua cabeça pendia para um lado como uma boneca de pano. — Callia? —disse Zander mais forte. —Acorde. Merda. Titus!

—Skata. —Compadecido, Titus empurrou as mãos de Zander afastando-as. Seu pulso estava fraco, mas estava lá quando o verifiquei há alguns minutos — moveu os dedos em seu pescoço. —Aí. Está aí. Está viva.

Viva. Mas não por muito tempo. Agora que a raiva tinha passado, o cérebro de Zander trabalhava. Mas isso era tudo.

—Não posso levá-la de volta para Argolea. —O pânico tomou conta de seu peito. —Estou muito fraco para abrir o portal.

Os olhos intensos de Titus se concentraram em Zander. Rapidamente, ele tirou algo do bolso e o jogou para Zander. Ele apanhou o telefone via satélite com as duas mãos enquanto Titus passava seus braços por baixo de Callia e a levantava do chão.

—Não posso devolvê-la a Argolea tampouco.

—O quê? Tem que fazer isso. Olhe, se for pelo que fiz antes, eu…

Titus se dirigiu à porta.

—Não posso levá-la de volta e deixar você aqui. Você parece quase tão mal quanto ela. Virão mais daemons.

—Posso cuidar de mim mesmo.

Zander se levantou, tropeçou, e teria caído se a parede não estivesse ali para detê-lo. Que diabo estava acontecendo com ele? Fez uma pausa, respirou. Esteve em incontáveis batalhas antes e nada o deixou tão fraco como agora.

—Está com seu medalhão de monitoramento? —Titus perguntou da porta.

Zander alcançou o medalhão redondo que todos os Argonautas usavam como um farol de ajuda quando estavam em apuros.

—Não. Merda. Eu devo ter perdido ele em algum lugar perto do barranco. Ou na caverna.

—Eu perdi o meu também — Titus colocou Callia nos braços. — Ligue para Nick.

—Nick?

Zander lançou um olhar para o telefone que tinha na mão. Nick havia entregado um a cada um deles antes que partissem em busca dos mestiços dias antes. Ele pensou que era inútil.

—Diga a Nick como chegar até nós — Titus saiu para a neve com Callia. —E mova seu traseiro, Zander. Atalanta não faria puff para sair daqui sem qualquer motivo. Ela quer sua garota e asseguro a você que ela voltará. Com um exército desta vez.

CAPÍTULO 14

—Ele não tem nada errado.

—O que quer dizer com não tem nada errado? Parece estar prestes a morrer a qualquer momento.

As vozes flutuaram até os ouvidos de Zander, despertando-o da escuridão que o rodeava como uma mortalha. Era como se ele abrisse passagem através de uma neblina grosa e espessa que nublava tanto sua visão quanto a mente.

—Fisicamente — disse a voz feminina novamente. — Não há nada de errado com ele. Não consegui encontrar uma só coisa que explique sua piora. Mas posso dizer a você. Todo o tempo, enquanto os sinais vitais dela baixavam, também o faziam os dele.

—O que está dizendo? —perguntou uma voz masculina. Desconhecida. Profunda.

—Estou dizendo que... —expôs a mulher com um suspiro — que estão vinculados. De uma maneira que eu nunca vi antes. Nada que fazemos com ele a afeta, mas definitivamente não acontece o inverso.

Zander se esforçou para escutar em meio à neblina.

—Está me dizendo que não há nada que possa fazer por ele? —perguntou uma voz masculina.

Aquela Zander tinha ouvido antes. Mas, onde? Esforçou-se para fazer a conexão, mas não conseguiu. E por que seu cérebro não funcionava?

—É exatamente isso o que estou dizendo — disse a mulher. —Temos que nos concentrar nela.

—Então, se concentre maldição — disse a voz masculina mais familiar.

—Estamos fazendo isso. —Daquela vez a voz da fêmea tinha uma ponta de frustração. —O problema é que não estão escutando o que estou dizendo. Não são os ferimentos que o estão matando.

—Então, o que é? —perguntou outra mulher.

Aquela voz também era familiar para ele, tranquila onde as demais pareciam frustradas, e Zander se encontrou lutando para conseguir abrir os olhos e poder

fazer as conexões que sabia estava prestes a recordar. Entrecerrou os olhos, mas não conseguiu ver mais que um filme opaco.

—Não parece ter vontade de viver.

—Skata.

Bom, aquela voz era clara como um sino. Zander reconheceria a voz de Theron em qualquer lugar.

Com um gemido, Zander se virou de lado e empurrou-se para sentar-se. A dor esfaqueou cada centímetro de seu corpo, mas ele a ignorou. A cama estava firme sob suas pernas, mais parecia uma maca que um colchão. Olhou para cima e em torno enquanto a visão ia e vinha, e notou as paredes brancas, bandagens e esparadrapo no longo balcão à direita e se deu conta que estava em algum tipo de instalação médica.

A colônia mestiça.

O que significava que Titus havia levado ele e Callia, afinal.

Conexões, lembranças e flashes do que tinha acontecido naquela caverna, naquela cabana, golpearam-no de todos os lados. *Callia*.

Tocou o chão com os pés. Quase caiu nele. Para evitar deslizar para baixo, apoiou uma mão na cama que tinha atrás dele até conseguir se estabilizar, depois lentamente, seguiu o som das vozes pelo corredor.

Merda. Estava fraco. Mais fraco do que esteve em toda sua vida. Apenas atravessar o quarto o fez sentir-se como se tivesse subido o Monte Olimpo.

Forçou caminho através da dor. Quando virou a esquina e olhou pelo corredor longo e estreito, descobriu que estava certo. Um pequeno grupo estava reunido, imerso em uma conversa. Theron, Casey, Nick e uma mulher que vestia uma bata azul e segurava uma prancheta.

—Zander, Oh, Meu Deus — Casey correu para seu lado e tentou segurar seu peso passando um braço em torno de sua cintura, mas ele não lhe deu importância e, em vez disso, apoiou uma mão na parede perto de sua cabeça. —Não deveria

estar fora da cama.

Ele ignorou a filha do rei, a que nunca seria rainha porque sua mãe era humana, e olhou para Theron.

—Onde está Callia?

—Está sendo monitorada — disse a outra mulher antes que Theron pudesse responder.

Era de altura media para uma mulher mestiça e de peso médio. Seus cabelos escuros estavam presos em um rabo-de-cavalo e tinha "CDF" escrito em suas feições. Também, obviamente, não tinha muito boa opinião sobre dele, porque o cenho franzido em seu rosto e tudo menos amigável.

Zander a ignorou e olhou por cima de sua cabeça para Nick, de pé de seu outro lado, parecia que tinha uma enxaqueca do tamanho do monte Rushmore. *Una-se a droga do clube*. Nick diminuía à mulher, tanto em tamanho quanto em confiança.

—Quero vê-la.

—Zander — Casey o interrompeu colocando uma mão sobre seu braço. —Isso não é uma boa ideia.

Zander deu uma olhada na esposa de Theron, com as sobrancelhas unidas, enquanto um estranho pressentimento ameaçava seu peito. Estavam escondendo algo dele.

—Por que não?

Theron se afastou da parede onde estava apoiado até ficar ao lado de Casey.

—Porque ela não está bem. E você tampouco. Não está em condições de...

O olhar de Zander saltou para Theron, e sinos de alerta soaram em sua cabeça. O que Theron estava fazendo ali? Se Titus tinha ido até Argolea, havia o trazido e Casey veio com ele, significava que algo não estava bem. Naqueles dias, Casey se mantinha grudada no castelo por amor a Isadora.

—Não me amole, Theron. Ela acordou? Quanto tempo passou?

—Só passaram vinte e quatro horas — suspirou Theron.

Zander cortou com uma olhada à curandeira, em seguida, voltou a se concentrar em Theron. E sabia que a cólera ardia em seus olhos, mas não queria dar um golpe.

—Vinte e quatro horas? Por que diabos não a levaram de volta para Argolea se não poderem fazer merda nenhuma por ela aqui?

—Cuidado, herói — murmurou Nick do outro lado da sala estreita.

Os olhos de Zander censuraram o líder dos mestiços.

—Não o aborreça — murmurou a mulher para Nick. — Já viu suas cicatrizes.

—Que diabo está balbuciando? —Zander a fulminou com os olhos. — E, de qualquer forma, quem Hades é você?

—Lena — disse Nick por trás dela, endireitando-se como um muro. — Uma de nossas melhores curadoras. Portanto esqueça essa atitude, ou vou pôr seu traseiro de volta naquela cama eu mesmo.

A mandíbula de Zander fez tic-tac, e aquela sensação familiar de raiva contraiu seu peito. A única coisa que o impediu de perder a calma foi à palma da mão de Theron agora empurrando seu (*) esterno.

—Vamos todos relaxar durante alguns minutos — disse Theron. Depois, olhou furioso para Lena. — E acabe com os segredos. Diga a ele o que acabou de nos dizer.

A mulher suspirou como se não quisesse dizer nada a ele, mas finalmente falou.

—Sabe algo sobre o veneno dos daemon?

—Daemon, o quê?

—Veneno — disse mais alto, desafiando Zander com os olhos de uma maneira que o fez se perguntar que diabo havia feito a ela. Tinha cem por cento de certeza que nunca a tinha visto. —As garras de um archidaemon estão cheias de veneno. Mesmo se os ferimentos se curarem, o veneno destrói os tecidos saudáveis célula

por célula. Se entrar na corrente sanguínea, viaja para os órgãos e faz o mesmo, embora em um ritmo muito mais lento.

—O que está dizendo? —perguntou Zander.

—Está dizendo que Callia está infectada, Zander — disse Theron. —Titus nos disse o que aconteceu naquela cabana. Atalanta fechou os ferimentos de Callia, prendendo o veneno dentro.

Zander olhou de cara em cara, em cada um deles, tentando dar sentido ao que acabavam de lhe dizer.

—Fui cortado, mordido. Todos os guardiões foram feridos. Você…

(*)**Esterno:** Substantivo masculino. Osso ímpar, situado na parte anterior do tórax.

—Nunca foi ferido por um archidaemon — disse Theron.

—As chances são boas se nenhum de vocês se meterem em confusões com um archidaemon — interrompeu Nick.

Quando Zander o olhou de seu jeito, Nick franziu o cenho, a expressão não fazendo merda nenhuma para resolver a inquietação no intestino de Zander.

—O archidaemon não costuma brigar. Manda. Vimos isto antes. Algumas vítimas que meus exploradores encontraram tiveram o tipo de ferimento purulento que Lena descreveu. Não sabíamos o que era até encontrarmos uma mulher, viva, com um ferimento semelhante na perna.

Lena olhou para seus pés e apertou os lábios como se tivesse escutado aquilo antes, mas Zander não perdeu a repulsão que deslizou sobre seu rosto ou a forma como ela se negou a olhá-lo nos olhos, ou a qualquer dos outros.

—Ela estava grávida — continuou Nick. —Em meio a uma dor enorme. Ela tinha sido violada. Repetidamente — Casey prendeu a respiração e Nick passou uma mão pela testa, como se só de pensar sentisse a dor também. —Tentamos ajudá-la, mas ela não nos deixou. Implorou que nós a matássemos.

—Por isso posso dizer — concluiu Lena por Nick quando ficou claro que ele

não queria seguir adiante. —O archidaemon é o único que pode se reproduzir. Acreditamos que ele utiliza este veneno para imobilizar suas vítimas e para mantê-las vivas por tempo suficiente para dar a luz.

—Querido Deus — disse Casey, cobrindo a boca com a mão. Ao seu lado, Theron passou um braço por sua cintura e a puxou para perto dele. —O período de gestação parece ser severamente menor para os filhos do daemon — continuou Lena. —Um mês, talvez dois. Não estamos totalmente seguros. Não fomos capazes de estudá-lo.

—Estudá-lo? —Espetou-a Zander. —Igual a um experimento científico?

Os pensamentos correndo para Callia. O modo que ela foi colocada sobre a mesa antes da chegada de Atalanta.

—Encontramos uma destes bebês pouco depois do nascimento — disse Nick, dando um olhar de advertência a Zander antes de se concentrar em Theron. — Morto. Seu corpo parecia humano, mas havia algo em seus olhos que não estava bem. E os órgãos internos…

—Quando fizemos a autópsia — cortou Lena—, descobrimos que não era de forma alguma igual a nós. Seis câmaras no coração, três pulmões e dois conjuntos de rins. Imagine uma raça destes daemons mestiços vivendo entre nós. Seria como…

—Uma nova arma definitiva — concluiu Theron por ela, com a mandíbula tensa.

Zander mal percebeu o que eles diziam. Com o estômago contraído, continuava vendo Callia, ensanguentada e machucada. Seus gritos ecoando na cabana antes que eles tivessem chegado lá. Empurrou a mão contra a parede para conseguir algo sólido no que se concentrar e não ficar perdido lá.

—Ela esta...? —Deuses, nem sequer podia dizer as palavras. —Estava...?

—Não. — disse Lena rapidamente. —Não há sinais de violência sexual na mulher que trouxeram, acreditamos que chegou lá um pouco depois que ele a

infectou. O guardião que veio com você explicou o que encontrou e pensamos em algum tipo de luta pelo poder entre os archidaemon e Atalanta. Talvez ele fosse engravidá-la, mas, Atalanta tinha outros planos? Simplesmente não sabemos.

O alívio foi rápido, mas assim que o sentiu, desapareceu. Zander ignorou o balbuciou da curadora mestiça.

—O que fez com outros? Aqueles que encontraram e estavam infectados?

—Nada.

—Por quê?

—Todos morreram, herói — disse Nick.

Os olhos de Zander saltaram novamente para Theron, que agora segurava Casey firmemente ao seu lado. As lágrimas ameaçavam caírem dos olhos de Casey. A compaixão se estendia pelo rosto de Theron.

—Não — Zander virou as costas para Theron e se concentrou na curadora. O pânico e a urgência percorriam suas veias. —Há algo que pode fazer.

Lena suspirou e baixou os braços cruzados.

—Não há nada. Eu…

—Zander — disse Theron, alcançando seu braço, mas Zander empurrou sua mão.

Ao diabo com aquilo. Todos estavam agindo como se aquela fosse uma causa perdida, e não era. Não podia ser.

—Callia é uma curadora.

—Eu também — disse Lena, a frustração debruava a voz mais alta. —Mas não importa. Não pode se curar, e meus poderes não são fortes o suficiente para isso.

Sim importava. Callia era a única coisa que importava naquele momento. Os olhos de Zander se fecharam de repente. Sua mente girava. Imagens de Callia nos últimos dias se moviam por trás de suas pálpebras como um filme. Cuidando dele, embalando seu corpo na caverna, esquecendo-o com seu calor, tentando-o com seu cheiro. Rindo dele.

A espiral de pensamentos caóticos parou o tempo suficiente para ele aferrar-se a aquele momento. Ao que tinha feito a ele. O que esteve prestes a fazer com aquele daemon que a jogou através da cabana. Abriu os olhos de repente.

—Seus poderes são transferíveis.

—O quê? —perguntou Lena. —Como sabe disso?

Como sabia? Porque o viu com seus próprios olhos. E o sentia no maldito corpo.

—Porque ela me mostrou isso. Seu dom é o de poder tirar a dor e a enfermidade para fora do corpo. Também pode fazer o contrário. Você pode usar isso. Use seus poderes para uni-los aos seus e extrair o veneno…

Luzes brilharam por trás dos olhos castanhos claros de Lena.

—Teoricamente, isso pode funcionar. Mas, como provocaria isso? Ela terá que lutar arduamente para que eu possa tirar a infecção. E ela esta inconsciente. Temo ter sedado ela agora mesmo, mas mesmo sem as drogas, está mentalmente fora de si.

—Você tira as drogas — disse Zander. —E eu posso conseguir que ela faça isso.

—Você? —perguntou Lena com desdém. —Mal pode se sustentar em pé.

Zander se afastou da parede, cambaleou e se manteve. Um renovado sentido de propósito pulsava em suas veias, dando a ele a força que necessitava para passar pelo que ocorreria depois.

—Estou bem.

Lena negou com a cabeça, e o desprezo que Zander tinha percebido nela antes retornou ao máximo. Ela cruzou os braços sobre o peito, pendurando a prancheta em uma mão.

—Realmente não me importo se você desmaiar, Argonauta. Mas estou curiosa a respeito de como entre todas as pessoas, pode você acionar seus poderes.

—Ela tem que estar muito zangada.

Os olhos de Lena se estreitaram.

—Não me diga!

—Lena — murmurou Nick, com uma advertência na voz. Afastou a mão de Nick com um giro do pulso, com o olhar cravado em Zander. —E suponho que você é a única pessoa no mundo com a qual ela tem razão para estar zangada.

Ocorreu a Zander que aquela pequena mestiça estava se desforrando dele, mas não sabia por que, e honestamente, pouco se importava. A única coisa que o importava agora era chegar até Callia e conseguir a ajuda que necessitava.

—Sim, é verdade. Ninguém a aborrece mais do que eu. Agora vamos fazer isto ou o quê?

Os olhos de Lena se apertaram transformando-se em fendas finas, e ela apertou a mandíbula com tanta força, que Zander teve certeza que seus dentes foram triturados juntos.

—Sim, vamos fazer isto. Mas mantenha uma coisa em sua cabeça, Argonauta. Quando ela acordar, não sairá daqui com você — seu olhar cortou Theron. — Não sairá daqui com nenhum dos dois.

Confuso, Zander olhou para Theron, quem tinha deixado Casey ir e estava agora ao lado de Zander em uma postura claramente defensiva.

—Lena — disse Nick com firmeza. —Isso não é de nossa incumbência.

—Lamento, Nick — lançou para ele a mulher por cima do ombro. —Estou fazendo disso meu problema. Eu vi as cicatrizes nas costas dela. Sei o que significam. E sei que todas as pessoas sabem o que significam também.

—Cicatrizes? —perguntou Casey. —Que cicatrizes?

O olhar ardente de Lena fez seu caminho para Casey.

—As que recebeu quando foi castigada.

—Castigada? —Zander franziu o cenho.

Não se lembrava das cicatrizes. Não havia nenhuma na pele macia e sedosa de Callia.

—Nick — advertiu Theron em voz baixa. — Ponha limites em sua mulher.

—Eu não sou de seu mundo, Argonauta — lançou Lena antes que Nick pudesse detê-la. —E ninguém porá limites mim.

Virou-se totalmente para Casey.

—Seu Argonauta disse a você como eles tratam as mulheres em seu mundo?

—Lena.

—Você deve saber disso — disse Lena, ignorando Nick novamente. — Já que mora lá agora.

—Nick — começou Theron.

—Ela tem todo direito de dizer o que pensa, herói. —A testosterona ricocheteava em todas as paredes do corredor. Nick se colocou diretamente atrás de Lena em um movimento defensivo que nenhum deles perdeu. —Especialmente sobre isto. E ambos sabemos que tem razão.

—Do que todo mundo está falando? —perguntou Casey.

Seus olhos cor de violeta observavam o grupo com tal nível de frustração que Zander a sentiu nos ossos. As feições de Lena se mantiveram em uma expressão petulante.

—Os machos em seu mundo — apontou para Theron e Zander com o queixo. —Podem fazer o que tiverem a maldita vontade. Mas as mulheres? Estão sob um conjunto diferente de regras.

—Theron — disse Casey cautelosamente, olhando para seu marido. —Do que ela esta falando?

A mandíbula de Theron tremia visivelmente enquanto olhava para a curadora.

—É uma tradição arcaica. Uma que já não é praticada. A cerimônia de purificação não é utilizada há muito tempo.

Cerimônia de purificação.

O sangue desapareceu do rosto de Zander.

—Digam isso a mulher daquele quarto com marcas de chicotadas incrustadas

na pele.

Casey ficou sem fôlego.

Lena deu um passo agitado para Zander.

—Não me importa se ela o enganou ou humilhou diante de todo o reino. Nenhuma mulher merece ser açoitada como um cão. Não por uma infidelidade e definitivamente não por algo tão sagrado quanto dar a vida. Ajudarei você a salvá-la, mas depois não a tocará. Nunca mais.

As vozes se elevaram no corredor quando Zander, observou a curadora ir pelo corredor e desaparecer por uma porta, mas mal ouvia os argumentos que giravam em torno dele. Porque repentinamente o sangue zumbia em seus ouvidos e as palavras de Callia na caverna que ele pensou que era mentira foram tudo em que pôde se concentrar.

"E*stive em um período de purificação nos últimos dez anos*".

Não. Não, não, não...

O estômago de Zander ondeou e se revolveu. O corredor girava e se inclinava. Ele necessitava de ar. Rápido. Virou-se e passou a mão na parede, mas não via nem a madeira e nem a pedra. Virou-se e agarrou o primeiro braço que apanhou.

—Ar. Superfície. Agora.

As vozes em torno dele sossegaram, e ele sentiu a grande mão de Theron em torno de seu braço.

—Zander. Skata. Não parece bem. Você…

—Ar — rugiu.

Merda, não se davam conta que ele não conseguia respirar?

—Nick — disse Theron rapidamente.

—No final do corredor. Fim do corredor. Há uma escada que o levará a superfície da colônia. Mas…

Zander não esperou para ouvir o restante. Estava fraco e perderia os sentidos rapidamente, mas as pernas se moviam como se sua vida dependesse daquilo. De algum modo conseguiu chegar à superfície, empurrou a pesada porta fechada e

saiu cambaleando para a cornija[27] de um grande canyon.

A porta se fechou atrás dele, enquanto ofegava em busca de ar para os pulmões encolhidos. Os cascalhos rangeram sob seus pés, pulou por cima da borda e aterrissou embaixo, caindo sobre o solo ao menos a um quilômetro e meio de um regato que serpenteava como um réptil retorcendo-se.

Adiante e à direita a encosta subia, coberta com vegetação rasteira densa e agulhas de pinheiro, mas ele não via a beleza. Mal via algo daquilo. Tudo o que via, ouvia e sentia eram o rosto de Callia, os gritos de Callia, a dor de Callia.

Ah, deuses! O que tinha feito? Deixou-se cair de joelhos quando a visão se tornou turva. As rochas e galhos se incrustavam em seus joelhos, panturrilhas e pés descalços.

Mal era consciente das mordidas e picadas, pois sua mente estava a milhares de quilômetros e dez anos de distância.

—Maldita Hera.

A voz da velha mulher, não foi completamente uma surpresa para Zander, não agora, não naquele momento quando nada em sua interminável vida parecia importar, exceto a terrível merda que tinha feito.

Virou a cabeça e olhou para um grupo de pedras, onde uma mulher vestida do leve e diáfano branco se sentou, em cima de uma pedra, olhando-o fixamente. Seus cabelos eram claros, seus traços afilados e sua pele enrugada, mas luminescente. O poder irradiava dela, o tipo de poder que ele nunca tinha tido, e soube no mesmo instante quem ela era.

—Lachesis.

Elevou as sobrancelhas.

—Por que diabo não pensou que sou Átropos?

Virou-se para se concentrar nas pedras diante dele, tentou respirar através da dor, mas a dor o apunhalou por todos os lados.

[27] A cornija é formada pela modelação da erosão sobre camadas sedimentares sobrepostas que apresentam resistência diferenciada. Na verdade é uma saliência em um paredão de rocha.

—Átropos não perderia seu tempo comigo.

—Por que não?

Ele não respondeu. Não conseguiu. Sua mente dava voltas, formava redemoinhos, repetindo cada conversa, cada momento desde o dia que Callia lhe disse que estava grávida.

—Porque não pode ser morto? —perguntou ela.

O silêncio se reuniu em seus ouvidos. E por uma fração de segundo pensou que a tinha imaginado.

Então ela disse em voz baixa:

—Você não é imortal, Guardião.

Lachesis saltou da rocha e se pôs diante dele.

Tênis rosa pink apareciam por debaixo de sua túnica ondeante, parecendo ridículo e real, tudo ao mesmo tempo. Como a sua vida.

—Tem razão. Não posso cortar o fio de sua vida, só posso girá-lo. Mas ainda não posso ver até onde se estirará. A distância de sua vida depende de duas coisas: dela e o que vai fazer agora.

Pouco a pouco, a cabeça de Zander se esclareceu, quando as palavras do Destino o afetaram, pequenas conexões uniram tomando seu lugar em sua mente. Ele não teria morrido naquela caverna. Poderia ficar paralitico se Callia não tivesse retirado aquela bala, mas quando ele recobrou a consciência, sabia que o corpo estava trabalhando duro para se reparar. O único outro momento além de agora que ele soube que a morte estava esperando para reclamá-lo foi há dez anos. Quando estava sozinho. Em casa. Ileso. E Callia estava no reino humano.

—Ela é minha fraqueza — sussurrou.

Lachesis se ajoelhou diante dele, e embora não o tocasse, ele sentiu o calor de sua mão, que passava sobre sua face.

—Um coração não é uma fraqueza, Guardião. É um presente. Uma bênção que nem mesmo Hera pode tirar de você. Muitos foram os guardiões de sua linha que

desejaram tal tesouro. Sua vulnerabilidade não deve ser temida. Deve ser apreciada.

Fechou os olhos contra a dor. Tanta dor. Tudo por culpa dele.

—Eu… a machuquei.

—Sim — disse em voz baixa.

—Quando penso no que aconteceu…

—Ela é resistente. Mais forte do que você ou seu pai pensam. E há um poder dentro dela que ainda não aproveitou. As coisas nunca são só brancas e pretas como parecem. Às vezes a dor é o catalisador de nosso destino.

Ante a menção do pai de Callia, a ira entrou no peito de Zander. Olhou para cima.

—Por que não veio a mim antes? Por que agora, depois de dez anos, quando ela está morrendo?

Lachesis suspirou, de pé, e embora não tivesse mais de um metro vinte de altura, parecia se elevar sobre ele.

—Porque não é dessa maneira que funciona, Guardião.

—E, como funciona?

—Não posso dizer nada a você que já não saiba. Só posso expor a você suas opções. Nada na vida é estático. O curso de sua vida depende das decisões que tomar.

—E, quais são minhas opções? —disse, levantando-se e apontando para a formação rochosa atrás dele e a porta secreta da colônia que ele nem sequer tinha certeza de poder encontrar. — Se ela está morrendo ali e é tudo por minha culpa. Tudo isto é por que... Por... —O ar fugiu de seus pulmões junto com a adrenalina embora lutasse contra isso. Lutou com tudo o que havia nele. Mas ainda não estava forte o suficiente para impedir isso. Assim como não pôde impedir nada do que tinha acontecido—... Mim.

—Sim — sussurrou Lachesis, aproximando-se. — Levaria sua dor, se pudesse.

Mas não posso.

Seus braços o envolveram e embora ele não a sentisse realmente, sua força o ajudou a sentar-se no chão duro.

—Use-o, Zander. Utilize esse propósito que esteve procurando durante mais de oitocentos anos. Dê a ela uma razão para viver. A história de sua vida, dela, não termina aqui. Não a menos que você permita.

Zander olhou para além de Lachesis, para a borda do penhasco e do canyon mais à frente. Há alguns dias que estava na margem de um precipício muito semelhante aquele desejando a morte. Agora...? Agora não se tratava dele nunca mais. Ela não se importava se vivia ou morria, mas não podia deixar Callia morrer. Não, sabendo tudo o que ela passou por ele. Não, quando ele não tinha tido a chance de endireitar as coisas.

Focalizou os olhos em Lachesis. E as perguntas, as suspeitas que precisava confirmar encheram sua mente.

—Ela deu a luz um filho.

—Sim.

—Seu pai sabia.

—Sim.

—Todos esses anos, ninguém disse uma palavra.

Viu passar um pouco de precaução pelas feições da Destino.

—As coisas nem sempre são o que parecem. A rede de engano gira mais forte perto daqueles em quem mais confiamos.

Entrecerrou os olhos ante suas estranhas palavras.

—A verdade sairá a tempo. Mas tem que curá-la primeiro.

Ele respirou fundo. Sabia que ela tinha razão. Com a ajuda de Lena, poderia fazer isso. Podia levar Callia até o ponto onde canalizasse seus poderes e lutasse contra a infecção. Podia tentar compensar pelo menos uma parte de sua horrível bagunça. E depois...

—E depois, nada está garantido.

Lachesis pairava sobre a rocha em que a viu sentada no início, com um brilho estranho atrás dela. E estava desaparecendo.

—Espere — disse, estendendo uma mão para ela.

—O fio é fino, guerreiro. — desapareceu ante seus olhos. — O teu, o dela, o do pimpolho. Torna-se mais fino a cada instante. O futuro depende do presente. Antes do final, lembre-se que ela é a constante.

Então desapareceu.

CAPÍTULO 15

Na realidade foi um pouco divertido. Enquanto Callia permanecia deitada olhando para o teto, tentando unir as imagens em sua cabeça. Sabia que tinha sido gravemente ferida por aquele daemon, mas os detalhes daquele ataque eram imprecisos. Também sabia que estava em um quarto não em um hospital que a cama era macia, o quarto era suave e que parecia saudável o suficiente para não precisar de uma intervenção médica. Mas não tinha certeza de como isso era possível ou quem era o responsável por sua cura milagrosa. E não sabia onde diabo estava.

Frustrou-se quando a mente pareceu não poder parar de dar voltas, sentou-se e deslizou as pernas para um lado da cama. Levantou-se e cambaleou sobre pernas mais fracas do que esperava, mas se segurou na borda do colchão. A bata rosa de hospital chegava aos joelhos. Os pés descalços afundaram em um espesso tapete cor de creme. Uma mecha de cabelo dificultou sua visão e ela a jogou para trás com a mão. Felizmente, alguém tinha lavado seus cabelos. O pensamento do que isso implicava…

Não vá por ali.

Atravessou o quarto indo até uma janela redonda pequena. Quando alcançou a parede de pedra, curvou uma mão contra o vidro e cravou os olhos na escuridão. Estrelas e nada mais foram às únicas coisas que encontrou na linha de visão. Nem solo, nem árvores, nem montanhas. Nada.

A porta atrás dela rangeu e ela se virou.

—Está acordada — Zander se agachou sob a soleira e franziu o cenho. — Deveria estar fora da cama tão rápido? —Fechou a porta e atravessou a superfície em três longas passadas. — Você está pálida.

Sim, bom, Merda. Tinha perdido muito sangue. Que diabos ele estava fazendo ali?

Seus olhos cinza investigaram cada polegada de seu rosto.

—Como se sente?

Como se sentia? Confusa. Surpresa. E não completamente certa do que acontecia.

—O que… está fazendo aqui?

Ele levantou seu queixo com o dedo, sem parar de olhá-la como se fosse um experimento científico.

—Seus olhos parecem bem. Melhor que antes — Seu cenho se enrugou. —Está com fome? Aposto que está faminta. Trouxe a comida antes, mas ainda estava dormindo — girou a cabeça para a porta. —Posso ir buscar algo para você se…

—Você trouxe a comida antes? Uau — A última vez que o viu, na caverna, discutiu. — Que merda está acontecendo?

Bateram na porta. Ambos se viraram para olhar, mas Zander foi o primeiro a falar.

—Entre.

—Uma mulher com os cabelos pretos presos em um rabo-de-cavalo entrou no quarto. Vestia calça preta folgada e um suéter, e deu um olhar cauteloso para Zander antes de concentrar-se em Callia.

—Está de pé — às feições da mulher se suavizaram ligeiramente. — Como se sente?

A voz era familiar. Callia entrecerrou os olhos.

—Um. Melhor.

—Isso é bom.

A mulher deu outro olhar para Zander. Não se podia ignorar a tensão no quarto ou os olhares fulminantes entre Zander e aquela mulher. Zander voltou a olhar para Callia.

—Sairei alguns minutos para que possa examiná-la.

—Isso seria perfeito — disse a mulher secamente.

—Estarei lá fora se precisar de mim.

A porta se fechou atrás dele. E no silêncio, Callia não soube que infernos pensar.

—Por que não senta ai na beira da cama — disse a mulher. —Meu nome é Lena — disse enquanto levantava o queixo de Callia e dirigia um feixe de luz para seus olhos. — Não fomos apresentadas formalmente antes.

—Sua voz é familiar.

Lena sorriu. Era uma garota bonita, não das que tiravam o fôlego, nem linda, mas tinha boa aparência, especialmente quando sorria. Seus olhos castanhos quase brilhavam.

—Deve ser. Passamos muito tempo juntas nos últimos dias. Sou uma curadora. Sabe onde está?

—Um… você não é Argolean.

Lena afastou a caneta de luz e alcançou o pescoço da Callia, examinando-a do peito até a clavícula. — Não. Sou Misos. E está…

—Na colônia mestiça — Callia respirou, como se tudo começasse a fazer sentido. — É curadora? Foi quem me tratou?

—Sim e não.

Lena devia ter visto a confusão no rosto de Callia porque sorriu outra vez.

—Meus poderes não são nem de longe tão fortes para este tipo de cura — se concentrou na pele de Callia. —É assombroso. Vai terminar sem nada mais que uma tênue linha branca. Provavelmente seja a única que se perceba. Imagino o que poderíamos fazer se juntarmos nossos poderes com mais frequência.

Callia ergueu a mão para deslizar os dedos sobre a pequena borda.

—Espere. Está dizendo que eu fiz isto?

—Você ajudou — Lena sorriu. —Muito mais que um pouco. Mas não vou deixar o mérito todo para você — Afastou a bata de Callia do ombro. —Vamos dá uma olhada em seu abdômen. Deite-se.

Callia se reclinou sobre a cama e deixou que a mulher baixasse sua bata de modo que pudesse ver os ferimentos sobre o estômago.

—Uau. Estas também estão sarando muito bem. Em poucos dias não restará nada.

Callia se ergueu o suficiente para olhar o estômago. Duas linhas rosa claro marcavam seu abdômen em um ângulo descendente em direção ao quadril direito. Mas a curadora tinha razão. Em alguns dias sumiriam.

Sua mente voltou para a caverna. Para aquela coisa demoníaca. Suas garras deslizando por seu estômago e peito. Havia sangue. Muito sangue. Soube que tinha apenas alguns minutos antes que sangrasse até morrer.

—Como cheguei aqui?

Lena a ajudou a sentar-se novamente e recolocou a bata de modo que cobrisse seus seios, mas deixou-a aberta nas costas.

—Dois guardiões a trouxeram.

—Dois?

Lena se estirou para algo atrás dela.

—Sim. Um chamado Titus. Ele se foi pouco depois que chegaram. Acho que voltou para destruir a cabana em que a encontraram e eliminar as evidências. Vai

estar frio.

Antes que Callia se preparasse, algo pequeno, redondo e metálico tocou suas costas. Saltou antes de perceber que era um estetoscópio, então respirou profundamente por instinto.

—Bom — disse Lena. —Outra vez — moveu o estetoscópio em torno das costas da Callia, auscultando os pulmões, então repetiu isso sobre o peito. Satisfeita, pendurou o instrumento em torno do pescoço e voltou a abotoar a bata de Callia. —Seus pulmões parecem fantásticos. Não há sinais de nenhuma infecção. É realmente um milagre médico — Afastou para um lado o cabelo de Callia. — Embora haja uma interessante marca aqui sobre seu pescoço — acariciou a base da linha de cabelo de Callia. — É uma marca de nascimento?

—Não… não sei. Nunca…

—Quase parece um Omega.

Nada disso importava a Callia. Ainda estava tentando entender o mistério de "como tinha ido parar ali" e "quem a encontrou".

—Quem era?

Lena arqueou ambas as sobrancelhas enquanto deixava os cabelos de Callia caírem e a rodeava parando em frente a ela.

—Quem era o quê?

—O outro guardião — disse Callia, com um grunhido frustrado. —Disse que eram dois.

—Oh — Lena franziu o cenho. Olhou para a porta e se virou com evidente desaprovação em seus olhos. — Aquele.

O ritmo cardíaco de Callia aumentou.

—Por que… por que ele não foi embora com Titus?

Lena franziu o cenho profundamente. Enfiou as mãos nos bolsos da calça.

—Essa é a pergunta de um milhão de dólares, não? Ele contínua rondando por aqui embora nenhum de nós o queiramos. Não se afasta de seu lado mais que dez

minutos e é um completo urso com qualquer um que se atreva a se aproximar de você que não seja eu. Quero dizer, — olhou novamente para a porta— tinha razão. Você precisava dele para começar seu processo de cura, mas nada mais. Não sei por que não foi embora. Talvez se você…

—O que quer dizer com "precisava dele para começar minha cura"? — O pulso de Callia esmurrava suas veias e um aperto estranho se condensou em seu peito. — Lena, eu não posso curar a mim mesma. Nunca fui capaz.

A compaixão suavizou os olhos castanhos de Lena.

—Não conheço nenhum curador que possa fazer isso. Incluído eu. Não acreditei quando ele disse que seus poderes eram transferíveis, mas tinha razão. Imagino que neste caso, o fato de odiá-lo trabalhou a nosso favor.

Estranhas lembranças, visões e sons acionaram o cérebro de Callia. Viu fumaça, névoa e uma luz ardente que parecia como se viesse de um barco. Ouviu vozes chamando-a, atraindo-a, parentes que já tinham partido um dia, mas não conseguiu localizá-los. A cena era tranquila e lembrou-se que queria ir, tinha uma urgência incontrolável de dar um passo para o barco e navegar através das águas turvas para países desconhecidos. Mas no fundo, mais alta a cada segundo, foi outra voz. Uma voz masculina. A voz de Zander.

"Não acreditei em você. Nunca acreditei em você. Por que o faria? Deixei você. Ouve-me, Callia? Deixei você quando você mais precisava de mim. E nem sequer olhei para trás".

Um nó se formou na garganta de Callia. Aquelas palavras foram reais. Aquela voz era a dele. Ele mexeu com emoções que ela manteve enterrada durante anos. As mesmas emoções que tinha desenterrado na caverna quando a chamou de mentirosa.

Transferível.

—É obvio que ele faria eu me zangar de modo que descarregasse minha dor nele — murmurou, olhando fixamente através do quarto.

Queridos deuses, realmente podia transferir seus poderes. Naquele momento, na caverna com Zander, não foi uma casualidade.

—Sim — disse Lena. —E funciona. Com você expulsando a maior parte da infecção, fui capaz de extrair o restante. Isso explica suas cicatrizes assombrosas. A força de nossos poderes combinados é incrível. Só queria…

—O quê? —Os olhos de Callia foram para os de Lena.

—Só queria que soubesse disso quando obteve essas outras cicatrizes. As únicas que estão em suas costas.

O peito de Callia se congelou. É claro que Lena devia ter visto as cicatrizes sobre suas costas. Mas Zander…

—Não falou com Zander sobre elas, não é mesmo?

—Não — Lena cruzou os braços. —Não exatamente.

—O que quer dizer com: Não exatamente? —Callia ficou em pé.

Lena baixou os braços de mau humor.

—Isso é realmente um ponto discutível, não acha? Ambas sabemos que ele as viu antes.

Oh, merda. Callia deixou a cabeça cair nas mãos. *Oh… merda.*

—Por que está tão aborrecida por ele tê-las visto outra vez? —perguntou Lena em tom agudo. — Você as conseguiu graças a ele.

Callia passou as mãos sobre o rosto. Oh, deuses, ele tinha visto a única parte dela que sempre manteve coberta. Saber sobre as cicatrizes era uma coisa. Vê-las era algo completamente diferente.

—Foi minha escolha — disse rapidamente. —Você não entende.

—Não, não entendo.

Ante o gelo na voz de Lena, Callia olhou para cima. Ódio e desprezo enrugavam a face da mestiça.

—Minha mãe era Argolean, como você. Há oitenta e quatro anos ela foi prometida a um ándras a quem não amava. Seus pais arranjaram o casamento porque ela já tinha cem anos e ainda não tinha encontrado um companheiro. Acho que se pode dizer que perdeu a confiança. Fugiu, acessando um dos portais

secretos nas Montanhas Aegis e veio para o reino humano. Onde conheceu meu pai. Um humano. Eles se apaixonaram e ela ficou grávida de mim. Mas as mulheres em seu mundo não estão a salvo em nenhum lugar, nem sequer aqui.

Portais secretos? Callia pensava que era ficção.

—Seu pai a rastreou — Lena se inflamou. —Meu pappous[28]. Encontrou-a e a levou de volta. E a açoitaram, como a você. Chamaram isso de ritual de purificação, mas não havia purificação nisso. Era um castigo, puro e simples. Porque ela se atreveu a ir contra o que os homens de seu mundo julgam um direito.

A amargura na voz de Lena fez Callia engolir em seco. Ela não duvidava da história da mestiça. Mas se obrigou a fazer a pergunta que queimava em sua língua, embora uma parte dela já soubesse a resposta.

—O que aconteceu a ela depois?

—Ela fugiu novamente e voltou para meu pai. Eu nasci não muito depois — Lena deixou os braços caírem e olhou para a cama. —Eles estavam a caminho de sua colônia quando um grupo de homens Argoleans os rastreou. Quando minha mãe se negou a voltar com eles, houve uma luta. Ambos foram assassinados.

Os olhos de Callia se abriram de repente. Ela deixou-se ir novamente sentando-se na cama.

—Como é que você…?

—Nick e algum de seus soldados apareceram na luta. Mataram vários dos homens. Os outros fugiram. Ele me trouxe para cá, para a colônia, e uma mulher tomou conta de mim. Aconteceram duas semanas depois de meu segundo aniversário, mas lembro de partes e fragmentos daquela luta. De minha mãe. E lembro-me das cicatrizes em suas costas, iguais as suas.

O coração de Callia se quebrou por Lena, mas sua situação era muito diferente. Ela balançou a cabeça, abrindo os olhos.

—Sinto muito. Sinto muito pelo que aconteceu. Foi horrível. Tem que saber

[28] Pappous: Avô.

que isso não é normal em meu mundo.

—Não é normal? —Os olhos de Lena abriram desmesuradamente. —Olhe suas costas.

Callia balançou a cabeça.

—Ninguém me perseguiu ou me obrigou a me submeter. Não foi dessa maneira.

O fogo irrompeu nos olhos escuros da Lena. Ela apontou para a porta.

—O chamado guardião lá de fora é responsável pelas marcas em suas costas. Ele está aqui para levá-la de volta. Sabe disso, não é mesmo?

—Isso não é assim. Ele não fez…

—Fez. Vi a culpa em seus olhos. Vi o modo que reagiu quando sussurrou em seu ouvido. E agora está esperando que você se recupere o bastante para levá-la de volta de modo a poder castigá-la novamente. Bem, não deixarei. Não irá embora daqui com…

—Ele não sabia, Lena — Callia ficou de pé, seu próprio temperamento e voz elevando-se. —Ele não sabia o que me aconteceu porque nunca disse a ele. Foi minha escolha — quando a boca de Lena se fechou de repente, Callia suavizou sua voz. —Não vê? Eu poderia ter ficado no mundo humano, mas escolhi não fazer isso. Queria ir para casa. Queria ficar com meu pai. A cerimônia de purificação… — levantou as mãos, deixando-as cair depois. —Já não é praticada. Meu pai é um dos Doze e eu… eu estava prometida a um futuro ancião. Minha relação com Zander… — voltou a olhar para a porta, engolindo o nó de remorso que se formou em sua garganta feriu meu pai, de formas que nem você nem ninguém podem entender — voltou a olhar para Lena. —Sabia no que estava me colocando com Zander desde o início. Tomei minhas próprias decisões. Zander tem seus defeitos, mas ele não é como seu pappous. Nunca feriu intencionadamente uma mulher. E se soubesse o que eu decidi, nunca teria permitido que acontecesse. Não importa como se sentisse por mim no fim.

—Então por quê? —perguntou Lena, a voz mal acima de um sussurro. —Por que deixou que fizessem isso com você?

Callia baixou os olhos para os pés descalços, tinha os dedos completamente enterrados no tapete espesso. Que resposta podia dar que não parecesse como se lambesse as feridas? Aquilo não foi completamente por seu pai, ou livra sua cara, ou restaurar seu nome ante o Conselho. Foi para que pudesse se casar com Loukas apesar disso nem sequer ter passado por sua cabeça. Parte daquilo tinha sido… por ela. Ter o poder em equilíbrio, para restaurar a ordem em seu corpo, mas não podia curar a si mesma. E tão louco quanto parecia, a dor física, embora doesse, ela podia superar. Podia apagar um pouco da angústia em seu coração e dar algo no que se concentrar. E de alguma maneira, aquele foi o passo certo para conseguir isso.

—Porque, —disse suavemente— precisava de meu próprio senso de paz — balançou novamente a cabeça. — Sei que não entende. Mas isso não foi culpa dele. Nunca foi sua culpa.

Lena deu uma olhada para a porta, e embora ainda houvesse desaprovação em seus olhos quando voltou a olhar para Callia novamente, ao menos não havia desprezo.

—Sou protetora. É de minha natureza.

Callia se mantinha distante das pessoas, principalmente porque aprendeu a guardar as coisas para si mesma, mas aquele era o tipo de mulher com quem podiam ver-se como amigas.

—É uma boa forma de ser. Para uma curadora. Mas Zander não é o inimigo. Nunca foi.

—O que é então? Para você?

A pergunta deixou Callia desconcertada. Ele era… o guardião que havia virado seu mundo pelo avesso. A única pessoa que nunca poderia ter. E… o amor de sua vida.

Seu coração deu um salto ante a descoberta, mas deixou a emoção de lado,

como conseguiu fazer boa parte dos últimos anos.

—Ele é… Zander.

Lena ficou olhando durante um longo tempo, então finalmente suspirou.

—Acho que isso quer dizer que terei que ser amável com ele.

Uma dos cantos da boca de Callia se ergueu.

—Talvez não amável. Apenas moderadamente.

Lena dirigiu um olhar vazio à porta.

—Não moderadamente para um Argonauta. Isso vai contra meu juramento. Direi a ele que pode entrar — parou com uma mão sobre a maçaneta da porta. —Eu gostaria que ficasse outro dia e descansasse um pouco mais. Mas sei que você fará o que quiser fazer. Não importando o que eu pense.

—Obrigado.

Lena hesitou.

—Eu nutri ressentimentos contra seu mundo durante muito tempo. Não estou completamente preparada para deixá-los ir. Mas posso estar preparada para vê-los sobre outra perspectiva. Talvez — abriu a porta. —Boa sorte, Callia.

A porta se fechou com um suave estalo após a passagem de Lena. Lá de fora, do corredor, vozes abafada chegavam até os ouvidos de Callia. Eram as de Lena e Zander. Não tinha certeza do que estavam dizendo, mas a conversa terminou rapidamente; então um suave som de passos afastando-se.

Perguntas giravam na mente de Callia enquanto se sentava novamente na beira da cama e tentava buscar sentido para aquele louco dia. Lena havia dito que ele não se afastou mais de dez minutos desde que a trouxe para lá. Iria partir agora? Uma pequena parte dela esperava que sim. Uma parte muito maior esperava que não.

Deuses, estava em apuros.

Agarrou-se a beira da cama e respirou fundo de modo que pudesse acalmar um pouco o pulso acelerado. Chamaram suavemente à porta, fazendo-a levantar a

cabeça. Esperou. Quando voltaram a chamar, conseguiu murmurar um fraco.

—Entre.

CAPÍTULO 16

O estômago de Callia se revirou quando Zander entrou no quarto. O guardião sempre confiante parecia carregar a morte nas costas. Não fisicamente, fisicamente estava tão forte e saudável quanto sempre, os ferimentos da caverna não eram nada mais que lembranças, mas emocionalmente. Seus olhos estavam vazios, seus passos pesados, seus cabelos loiros despenteados como se tivesse passado seus dedos por eles várias vezes. Um peso invisível parecia pressionar seus ombros e impregnava o ambiente ao seu redor, um que Callia sentiu que chegava aos seus ossos.

Nunca pensou nele como um velho. Para um humano comum, parecia um homem sexy e robusto de trinta e cinco anos de idade, no auge da vida. Mas não era. Tinha oitocentos e vinte e nove anos de idade. E hoje, nesse momento, todos aqueles anos pareciam cintilar nos tormentosos olhos azul cinzento, recordando a ela tudo o que tinha feito, visto e sido.

—Lena disse que o exame foi bem.

O pulso de Callia palpitava com força enquanto o estudava. Vestia a tradicional calça preta de luta, a mesma que Titus levou para a caverna. A Henley branca de mangas longas mostrava seus braços e peito musculosos, e escondiam tudo exceto os extremos de suas marcas de Argonauta nos dedos. Uma leve barba incipiente cobria a mandíbula quadrada, como se ele não se barbeasse há dias, e as leves cicatrizes nas juntas, o pescoço, pequenas partes de pele se expunha aqui e lá só para aumentar seu mistério e intriga.

Deuses, realmente era bonito. Mesmo com as cicatrizes de todos aqueles anos de luta. Recordou a primeira vez que o viu. Há quase onze anos. Ela tinha trinta, a

idade adulta para um humano, apenas uma menina para uma Argolean. O rei pediu especificamente a ela que ocupasse o cargo de curadora real, a posição que sua mãe ocupou anos atrás, até sua morte. Esteve no castelo, aflita, mas tentando parecer que sabia o que fazia, quando Theron e Zander passaram a caminho para ver o rei.

Seu coração gaguejou naquele momento tanto quanto o fazia agora e sentiu que não conseguia respirar. Ele sempre teve esse efeito sobre ela. E isso só se intensificou, construindo-se até a noite que a levou para dentro do escritório do rei e ela jogou de lado tudo o que aprendeu um dia sobre o equilíbrio e a ordem para ceder ao desejo.

Ele enfiou as mãos nos bolsos de trás da calça, mas não se moveu. Estava claro que não sabia o que dizer nem o que fazer, e ante seu silêncio, o pulso de Callia pegou o ritmo de uma banda marchando. Não tinha certeza do por que estava ali ainda, mas uma coisa estava clara: sentia-se culpado. E isso era algo que ela não podia suportar.

—Zander, não é necessário que fique. Estou bem. Não me deve…

—Alguma vez falei para você sobre minha mãe?

O estranho comentário cortou as palavras de Callia. A intensidade de seu olhar disse a ela que o que tinha em mente era importante, e que talvez devesse escutar.

—Não. — disse lentamente. —Acho que não.

—Ela trabalhou no castelo. —Ele se aproximou para sentar-se ao seu lado na cama, mas tomou cuidado para não tocá-la. — Isso foi no século doze, naquela época a coisa era um pouco diferente. Archidmus era o rei, o Conselho tinha muito mais domínio sobre a monarquia então e sobre a população em geral. —Ele se inclinou para frente para descansar os cotovelos nos joelhos e manteve o olhar baixo. —Seu nome era Khloe e era professora. Ensinava aos filhos do rei e a alguns cujos pais trabalhavam no castelo. Estava comprometida com um erudito chamado

Alastor. Seu irmão mais velho era o representante da família ante os Doze.

—Não tinham filhos, e só estavam unidos há um punhado de anos, quando meu pai, Nikator, encontrou-se com ela um dia no castelo.

A forma que pronunciou o nome do Argonauta enviou um calafrio pela coluna vertebral de Callia. Ela sabia que ele considerava muito pouco o ándras que lhe deu a vida, mas nunca tinha falado muito dele, e ela nunca pediu isso. Os rumores sobre Nikator eram bem conhecidos em todo o reino, no entanto, isso foi parte da razão de seu pai se opor em primeiro lugar a sua relação com Zander. Nikator esteve à altura de seu nome o conquistador em todos os aspectos imagináveis. Foi um guerreiro brutal dentro e fora da batalha, um ándras que viveu fora da lei e tomava o que queria sem remorsos. Muitas vezes pela força.

De repente, não estava tão segura de querer ouvir o restante daquela história.

Zander juntou as mãos, e embora baixasse os olhos para o chão, Callia tinha certeza de que não via os fios do grosso algodão do tapete que tinha aos seus pés, mas centenas de anos atrás.

—Eu gosto de pensar que foi um acordo mútuo. Que se encontraram e houve uma conexão. —*Como nós*, ela supôs que ele queria dizer, mas não disse. —Mas sei que não foi verdade. Ela terminou grávida, e sabendo que o Conselho consideraria — engoliu em seco, visivelmente doente — sua violação… como adultério e não como o crime que era, fez a única coisa que pensou que poderia fazer.

—Encontrou uma bruxa das montanhas que a ajudou a se desfazer disso. A se desfazer de mim. — Estendeu as mãos para frente, as palmas das mãos para baixo de modo que o antigo texto Argolean que percorria seus dedos fosse visível. —Só que não deu certo. Até mesmo naquele tempo, no ventre, não pude ser assassinado.

O fôlego de Callia ficou preso. E se lembrou das palavras dele no dia que disse que estava grávida. "*Não faça mal ao meu filho. Se não o quiser, eu o receberei. Mas faça o que fizer, me prometa que não fará nada drástico*".

Ele parecia tão zangado. Tão suspicaz. E suas palavras a magoaram, porque sim, ela tinha se assustado com a mesma notícia, mas estava na lua, tão apaixonada

por ele então, que não compreendeu como ele podia chegar a conclusões que ela nem sequer considerou.

—Três vezes — disse ele, sem parar de olhar para as mãos—, tentou se desfazer de mim por três vezes, mas nunca sortiu efeito. —Estendeu a mão e deslizou um dedo pelo pescoço onde a longa cicatriz enrugava sua pele. —Nasci com isto.

O estômago de Callia se contraiu. Fechou os olhos quando sua conversa na caverna voltou como uma bofetada no rosto.

"E o que sou?"

"Uma assassina".

—Ela acabou me tendo em segredo — acrescentou. —A bruxa a quem me entregou viu as marcas em meus braços e mãos, e avisou aos Argonautas. E embora nada disso fosse por sua culpa, minha mãe sabia que o Conselho a castigaria, severamente, devido seu vínculo com eles. —Hesitou, com os olhos fixos no tapete, então em voz baixa acrescentou — Ela se suicidou uma semana depois de meu nascimento.

—Oh, Zander.

A cama se moveu, e o roce de seus dedos contra sua face à fez abrir os olhos. Estava ajoelhado na frente dela, seu belo rosto marcado por linhas de preocupação e ressentimento, e o brilho das lágrimas que ela viu em seus olhos quase a quebrou.

—Não sabia. Pensei…

Ele fez uma pausa, engoliu, parecendo ordenar seus pensamentos. Sua mão deslizou para baixo para cobrir a dela no colo e os olhos as seguiram.

—Nunca quis ser um Argonauta. Estas marcas malditas ditaram minha vida desde o começo. E servi com tantos. Alguns foram completos asnos como meu pai e me fizeram me perguntar para que diabo estava lutando. E então chegou o pai de Theron — Solón — e as coisas começaram a mudar. Os caras com quem sirvo agora são decentes. Não são como os Argonautas do passado. Nem sequer Demétrius é tão ruim quantos os outros. Quando você me disse que estava grávida, não podia

abandonar Theron na hora que ele mais precisava. Devia muito a ele. Deixei você para fazer os preparativos para que outro fosse escolhido em meu lugar. Mas nunca cheguei tão longe.

Ela temia o que ele iria dizer em seguida, mas precisava ouvir isso.

—Seu pai me encontrou no castelo e me disse que tinha mudado de opinião e que você tinha ido para o reino dos humanos para pôr fim à gravidez. —Os olhos de Callia correram para os dele, e viu como pouco a pouco, ele negava com a cabeça. —Não acreditei nele. Então segui sua pista. Encontrei a clínica. Uma enfermeira me disse que foi feito e que você tinha ido embora. Seus registros confirmaram.

—Eu nunca…

—Eu sei — disse ele. —Agora eu sei. Deveria ter sabido então que não faria algo assim sem falar comigo, mas estava tão cheio de — olhou ao seu redor—, ira. —passou a mão livre sobre o couro cabeludo. —Às vezes eu me controlava. E quando não voltou, quando as semanas se transformaram em meses e depois em anos, deixei que essa crença naufragasse. Imaginei que você realmente quis outra coisa afinal.

Todos aqueles anos ele pensou que ela foi a única a se afastar. Quando isso era a coisa mais longínqua da verdade.

—Fui para o reino dos humanos para tentar salvar nosso bebê, Zander. Eu não… eu não…

Ele apertou sua mão.

—Eu sei.

As emoções a inundaram, a afligiram, apertaram seu peito com tanta força que foi difícil tomar ar. Ela soltou sua mão e se empurrou até ficar de pé, precisando fazer alguma atividade física antes que a dor e a incredulidade a derrubassem. Ela se aproximou da janela, estendeu a mão e a apoiou na parede de rocha fresca.

—Meu pai me falou dessa reunião entre vocês dois. No entanto, disse que foi você quem mudou de opinião. Quem decidiu que não queria deixar os Argonautas, afinal.

Queridos deuses, ela acreditou no pai. Acreditou no que ele disse. Ate mesmo implorou a ele que dissesse a Zander onde estava na Grécia, se por acaso ele percebesse que tinha cometido um erro e queria a ela ou a seu filho, afinal. Não era de admirar que ele nunca tivesse ido procurá-la.

—Ele nunca quis que ficássemos juntos — disse ele, em voz baixa atrás dela.

Não, não quis. Simon odiava os Argonautas com sentimento de vingança. Tanto é assim, que Callia se perguntava frequentemente a origem dessa veemência. Seu pai não desaprovava só a Zander. Era sua ligação com os Argonautas e o que ela representava.

—Ele... —A ira ardia quente por trás de seus olhos, tão quente quanto à decepção que sentia no coração pelo que seu pai tinha feito.

Sentiu Zander a suas costas, mesmo antes que ele posasse as mãos em seus braços e a virasse para ele. Mas ela não levantou os olhos. Não podia enfrentar o que sabia que encontraria em seus olhos. Quando ele a puxou para si, ela apoiou a cabeça contra seu peito. Nem sequer tentou opor-se ao suave abraço.

—Se eu soubesse — disse com uma voz carregada de emoção—, teria estado lá com você. Cada segundo. Nada teria me mantido afastado. E ninguém… — os músculos se contraíram contra ela. —Ninguém, jamais, teria ferido você.

Não soube o que dizer. Não tinha certeza de poder ter esta conversa agora. Não sabia se alguma vez poderia.

—Callia. —Deslizou os dedos por seus cabelos e levantou seu rosto com cuidado. Mas não era cólera o que assolava suas feições. Era pesar. E tristeza. Um pesar que só ela podia entender. —Thea[29].

O uso do apelido que lhe deu todos aqueles anos atrás, tocou-a em um lugar

[29] Thea: Termo carinhoso que significa deusa

profundo dentro dela que ela tinha fechado para o mundo. Deusa. Ele havia dito a ela uma vez que a considerava sua deusa pessoal. Ela tinha acreditado nele. Depois o odiou. E agora... Não sabia o que pensar.

Quando ele se inclinou para acariciar seus lábios com os dele, ela congelou. Não recuou. Nem sequer tinha certeza se poderia. Aquela sensação será tão louca quanto era boa. Os dois tinham perdido tanto, e ela ficou se lamentando durante anos, sem saber até agora, que parte da razão para continuar sofrendo, era porque nunca tinha compartilhado aquela dor com ele.

Suas mãos escorregaram dos cabelos até os ombros, aproximando-a mais. O roce da pele contra o tecido vibrava através de seu corpo. Ela suspirou contra sua boca, levantou a cabeça e por reflexo se abriu para ele.

O beijo foi lento e amável. Deslizou a língua em sua boca, acariciando-a lentamente, como se tivesse todo o tempo do mundo, como se a provasse pela primeira vez, e saboreasse cada momento. E ela se encontrou correspondendo, ergueu os braços até o peito, dando o que ele pedia, dizendo-se no fundo da mente que não se tratava de reviver algo que nunca, primeiramente, deveria ter acontecido. Aquele era o fim. Consolar um ao outro. Para finalmente esquecer o passado de uma vez por todas.

Os lábios dele se moveram languidamente sobre sua mandíbula, para o ouvido, e ela estremeceu ante o hálito quente soprado em sua pele e pescoço.

—É tão forte, Thea — sussurrou em seu ouvido. —Tão lutadora. Quando penso no que podia ter acontecido…

As palavras dele deram voltas em sua cabeça enquanto aspirava seu aroma. E depois, como se acertassem o alvo, uma lembrança se acendeu em sua mente. Uma lembrança daquela cabana de caça com o daemon que quase a matou.

"Uma lutadora".

Seguido pela voz de Atalanta.

"É a mãe do menino. Traga-a. Se o menino não cooperar, poderá ser útil finalmente".

Seu peito se contraiu novamente. Só que desta vez não foi de pesar e dor, mas

sim por um estremecimento e um mau pressentimento. Não podia ser...

—O quê? —perguntou Zander. Empurrou-a para trás, as sobrancelhas unidas formando uma dobra entre os olhos tormentosos.

A explicação que seu pai lhe deu após o nascimento estava mergulhada no caos. Um terremoto em Peloponeso. O médico não pôde chegar a sua casa devido à destruição. As complicações no parto. Ela, inconsciente. Um menino que nasceu morto. Os tremores tão fortes que destruíram a casa.

Seu pai disse que só teve tempo suficiente para chegar a ela e colocar a salvo os dois. Não foi possível salvar o corpo de seu filho dos escombros. Nem sequer tinha visto seu rostinho.

—Não. —Ao sussurrar a palavra, cobriu a boca com a mão. Fixou os olhos em Zander enquanto se cravada no lugar.

—Callia? —Agarrou-a pelos ombros, as perguntas em seus olhos mudando para o temor. —O que há de errado?

—Eu... —Engoliu em seco e deixou a mão cair. Mal acreditava no que estava prestes a dizer. Mas de certa forma, de algum modo, sabia que era a verdade. —Acredito que meu pai mentiu para nós sobre tudo. Zander, acredito que nosso filho pode estar vivo.

Max sabia que Atalanta enviaria seus monstros para Fort Nelson primeiro para procurá-lo, então ficou no bosque e cruzou o rio correnteza abaixo. Tinha nevado recentemente, mas a bifurcação do Fort Nelson não estava congelada, embora a água estivesse mais fria que o ermo deserto da Atalanta.

O disco de metal aquecia seu peito enquanto se movia, e embora não pudesse ter certeza, quase sentia que aquele calor se espalhava para seus membros, também.

Super genial.

Descendeu pelo outro lado do rio, tremendo e se escondeu entre as árvores. Não podia esperar muito tempo tinha que continuar andando, mas precisava de um minuto para recuperar o fôlego. Sentado perto do tronco de uma árvore, puxou

os joelhos até o peito, envolveu os braços ao redor das pernas e tentou se aquecer. Uma gota de água gotejou do topo de sua cabeça. Ele a viu salpicar em seu antebraço para depois evaporar-se no ar.

Olhou com mais atenção. Observou a gota seguinte cair e igualmente evaporar-se.

Muito estranho.

Inclinando-se, olhou os braços. Já estavam secos. Depois, as pernas, onde o jeans também estava quase seco. Contra o peito o disco queimava, mas não chamuscava a pele. A camiseta estava agora apenas um pouco úmida, o casaco molhado apenas nas mangas. Estendeu a mão e tocou o disco com os dedos, sorriu e soube então que o que realmente tinha dentro dele era magia.

Ficou de pé com uma explosão súbita de energia, da qual carecia antes. Depois percorreu quase dois quilômetros da estrada do Alaska e se escondeu entre o mato, até que viu as luzes de uma carreta ao longe.

A confiança incutiu-lhe nova vida, e saiu para o lado da estrada, agitando os braços.

Os faróis se aproximavam. Com a camada de gelo cobrindo a estrada nem sequer tinha certeza que o caminhão podia parar. Mas então o rangido da engrenagem trocando de marcha chegou até seus ouvidos e o caminhão desacelerou para ficar diante dele.

Ele correu para a cabine, aproximando-se da parte do condutor. Lentamente, a janela foi baixada. Max entrecerrou os olhos para contemplar o rosto do humano que o olhava com atenção.

—Você se perdeu, menino?

—Um… — E agora o quê?— Não. Não exatamente.

O homem posou o braço sobre o batente da janela e se inclinou para dedicar a Max uma boa olhada.

—Esse casaco não o manterá muito aquecido por aqui. A temperatura está para cair, como os de vinte anos em um clube de strip-tease. De onde vem, menino?

—Uh... —Não podia dizer Fort Nelson. Pensou no pouco que sabia sobre aquela área. —Alaska.

Os olhos do homem se entrecerraram.

—Alaska, hein? Como chegou até aqui?

—Caminhei.

O homem o examinou outra vez, parecia concentrar-se em seu rosto. E os cabelos da nuca de Max se arrepiaram sob aquele olhar vigilante.

—Está fugindo de algo?

O suor eclodiu na testa de Max.

—Não.

—Uh-huh — disse o homem, pouco convencido. — Como conseguiu esse hematoma?

Max passou os dedos sobre a maçã esquerda do rosto. A única coisa que lhe aconteceu foi quando atacou Zelus.

—Eu... não sei.

O homem pigarreou. Então finalmente balançou a cabeça em direção ao lado do passageiro do caminhão.

—Entre.

As sobrancelhas de Max se elevaram. Ficou paralisado por uma fração de segundo antes de correr na frente do caminhão e subir os degraus altos. Uma vez dentro, o calor da cabine aqueceu imediatamente as últimas áreas frias.

O caminhoneiro olhou para ele. O homem provavelmente rondava os cinquenta anos, careca no topo da cabeça, uma barriga redonda e mãos calejadas que tinham visto um montão de trabalho.

—Meu nome é Jeb. Faço a rota da Costa Oeste para uma pequena empresa em Vancouver. Para onde vai, rapaz?

Max retorceu as mãos no colo. Não tinha pensado muito no futuro. Onde poderia ir? Tinha ouvido Thanatos falar com Atalanta sobre uma colônia mestiça

no sul.

—Oregón.

—O que há em Oregón?

Max sabia que não devia ser muito reservado. Mas não estava disposto a soltar nada.

—Tenho parentes lá.

Jeb estudou Max atentamente outra vez, e finalmente disse:

—Estou a caminho de minha base em Vancouver. Tenho que pegar uma carga, e então me dirigirei a Las Vegas. Se não causar muita confusão, pode viajar comigo.

—O… obrigado. —Max se recostou no assento. Mas não relaxou. Algo avisou que ele ficasse em guarda. Aquele homem podia ser humano, mas Max tinha aprendido há muito tempo a não confiar em ninguém.

Jeb mudou de marcha. As engrenagens se queixaram e se fez um eco quando o metal arranhou metal e o grande caminhão ganhou velocidade.

—Sim, nunca gostei de meu velho também. Um cara ruim. Espero que vá para um lugar melhor que esse, rapaz.

Max também.

Callia escapou logo que chegaram por meio do portal no Pórtico.

Zander tentou segurá-la, mas ela deslizou para fora de seu agarre e correu para a porta.

—Maldição, Callia. Espere!

Os dois Guardas Executivos postados no portal trocaram olhares, desconcertados. Zander foi em busca do Argonauta encarregado do treinamento dos novos recrutas. Nenhum Argonautas estava encantado com a decisão do Conselho de monitorar o portal com guardas, mas se fazer de babás os envenenava ainda mais, e Gryphon o sortudo guardião de plantão parecia prestes a arrebentar a

cabeça contra a parede.

—Zander… que diabos?

Zander ignorou a pergunta e se dirigiu a porta.

—Procure Theron e os outros, e vão para o Argolion[30] — gritou.

As sobrancelhas de Gryphon se franziram enquanto se levantava da cadeira.

—Por que Hades vai visitar o Conselho?

—Apenas faça isso!

Ele correu para a porta do Pórtico e parou na calçada em frente ao edifício. A cidade de Tiyrns brilhava sob o sol do outono. Uma brisa suave roçou seu rosto. Procurou por Callia na rua movimentada, mas não a viu. Fechando os olhos, visualizou o Argolion o antigo edifício que abrigava as reuniões do Conselho e os escritórios de seus membros. Em questão de segundos se emitiu para os degraus do lado de fora da imensa construção e correu para dentro.

Fileiras de colunas delineavam o interior do corredor. Não vendo Callia em nenhum lugar no grande vestíbulo, dirigiu-se as câmaras do Conselho e rezou para que não estivessem em período de sessões. O piso de mármore brilhava diante dele enquanto corria. Amaldiçoou-se por não haver planejado melhor.

Virou na esquina e a avistou à frente, prestes a abrir as portas duplas da câmara do Conselho.

—Callia! Espere!

Ela se virou para olhá-lo e o tormento que viu em seus olhos quase o matou.

—Tenho que ver meu pai.

Ele a segurou pelo braço e suavemente a virou para ele.

—Ele pode estar em uma sessão. Espere até Theron chegar e então perguntaremos a ele. Ele…

—Não me importo, Zander. Dez anos. Foram dez anos!

Ela abriu a porta antes que ele pudesse detê-la, enfiou-se por baixo de seu

[30] **Argolion**: Edifício onde se celebram as reuniões do Conselho e onde estão os escritórios de seus membros.

braço e desapareceu lá dentro. Adiantou-se para segurá-la, mas se retraiu quando deu um passo para dentro e todo som parou.

Os doze membros do Conselho estavam sentados em cadeiras de respaldo alto, em um círculo em torno do Grande Figura do Alfa gravado no mármore, no centro do piso. Atrás do círculo, sobre uma plataforma alta, Isadora, a representante real da reunião, estava sentada em uma cadeira real, supervisionando os casos. A sua direita, Casey permanecia observando, e de pé em ambos os lados das irmãs, alertas e armados, havia dois membros da Guarda Executiva.

Todos os olhos se voltaram para eles. A tensão impregnou o ar. Zander deu uma rápida olhada pela sala e encontrou mais dois, três... Cinco guardas, postados nas saídas da câmara circular.

Skata, deveriam ter esperado Theron e os outros.

—O que significa esta interrupção? —disse Lucian, o líder do Conselho, com o cenho franzido enquanto se levantava para parar em frente de sua cadeira. A Rompa[31], ou túnica vermelha antiga que vestia cada membro do Conselho durante as sessões, caia em torno de seus pés.

—Preciso falar com meu pai — anunciou Callia, correndo os olhos para seu pai, sentado à direita de Lucian.

—Callia — advertiu seu pai, levantando-se. —Isto está fora de lugar.

—Mentiu para mim — disse.

Os ombros de seu pai ficaram tensos. Zander viu que Lucian dedicava a Simon um olhar inquisitivo. Pelo canto do olho viu Loukas, o filho de Lucian, o ándras a quem o pai de Callia a prometeu em casamento quando era uma criança, levantar-se de seu assento no outro lado da sala.

Oh, sim, tratava-se de um maldito grupinho ideal. Todos os jogadores importantes estavam ali, e de repente a tensão aumentou na sala, Zander teve a

[31] Rompa: Ancestrais túnicas vermelhas que vestiam os membros do Conselho.

sensação de que as coisas iriam de mal a pior, de um momento para o outro. Poderia encarregar-se de três guardas e continuar protegendo Callia. Mas não sete. E definitivamente não com doze pares de olhos pendurados nele.

—Callia — disse em voz baixa enquanto dava um passo para ela e a pegava pelo braço.

Ela encolheu os ombros para escapar de seu controle e foi para dentro do círculo, parando no centro, justo em cima da Grande Figura do Alfa.

—Disse que Zander me deixou, mas ele não fez isso.

—Callia. —Os olhos de seu pai correram dela para Zander e vice-versa. — é muito inapropriado.

Ela o ignorou, avançou até que ficou a apenas poucos passos dele. E apesar de Zander está aborrecido pela forma como ela não o escutou, fugindo sem pensar, uma parte dele, estava impressionada por sua força e coragem. Estava cercados por vinte ándras, os doze políticos mais poderosos de sua sociedade e seus guardas. Os que a marcaram para sempre com cicatrizes em seu sinistro ritual de purificação e tinham o poder para destruir sua carreira e tudo o que ela construiu por si mesma nos últimos anos. E, no entanto, não recuava.

—Disse a ele que eu não queria voltar a vê-lo, — disse ao pai— mas também mentiu sobre isso. Sabe que eu teria ido embora daqui para sempre com ele se pudesse.

O peito de Zander doeu ante a revelação, mas a maneira que Loukas se retesou no outro lado da sala chamou sua atenção. Ninguém pareceu perceber. Todos os olhos estavam grudados em Callia.

—Sobre o que mais mentiu para mim? —Perguntou a ele. —Que mais me escondeu todos estes anos?

—Callia — disse seu pai suavemente, chegando até ela. Zander se retesou, disposto a se inclinar bruscamente por resgatá-la, mas ela se afastou do abraço do pai. Simon deixou a mão cair, nervoso. —É óbvio que não está pensando com

clareza para vir aqui e me dizer essas coisas. Acho que você precisa voltar para a clínica e…

—Deixe-a falar — disse Theron da porta.

O Conselho se virou em uníssono para a entrada em arco onde estava Theron, ladeado pelo restante dos Argonautas exceto Demétrius.

Zander deu um suspiro de alívio, virou-se para o círculo e deu passo adiante para se colocar atrás de Callia.

Simon olhou para ela, depois para ele e depois se virou para Lucian, com a tensão do momento claramente visível nos olhos.

—Lorde Lucian, peço lhe desculpas pela interrupção de minha filha. Posso solicitar que o Conselho seja suspenso até que eu possa me ocupar desta… interrupção?

Lucian apertou a mandíbula com irritação evidente nos olhos verde jade.

—Que assim seja. O Conselho será adiado até manhã.

Os sussurros flutuaram no ar quando os outros membros do Conselho se levantaram e dez deles se despediram, lançando para Callia, Zander e aos Argonautas olhares interrogativos. Mas Lucian não se moveu. Nem tampouco Casey e Isadora, que tinham se unido a sua irmã atrás do círculo. Com sua visão periférica, Zander viu Loukas avançar para o lado de seu pai.

Idiota. O imbecil devia desaparecer do mapa, de uma vez por todas.

—Callia — admoestou seu pai, quando os outros se foram. —Isto está completamente fora do lugar. Não vou…

—Quero saber o que aconteceu naquela montanha da Grécia — disse ela, virando-se para ele. —Quero saber em que mais mentiu para mim. Quero saber o que fez ao meu bebê.

Isadora ofegou e cobriu a boca com a mão, mas o choque da princesa era a menor das preocupações de Zander. O rosto pálido e os olhos repentinamente grandes de Simon, desencadearam uma lembrança na mente de Zander.

"As coisas nem sempre são o que parecem. A rede de engano gira mais forte perto

daqueles em quem mais confiamos".

—O que aconteceu com ele? —exigiu Callia. —O que aconteceu com meu filho?

Os olhos cheios de terror de Simon saltaram de Callia para os Argonautas perto da porta, finalmente para Zander, segurando-o. Ignorou as perguntas resmungadas por Lucian ao seu lado. O suor saltou de sua testa. O ándras começou a tremer.

—Faça ir embora — disse Simon para Zander.

—O quê? —Callia se virou para olhar para Zander e voltou-se contra o pai. — Não vou a lugar nenhum. Se pensar que depois de tanto tempo eu…

—Eu direi a você — disse Simon a Zander, ignorando Callia novamente. — Mas não a ela. Não posso dizer a ela.

—Simon — protestou Lucian. —Eu o proíbo de falar!

Um zumbido familiar incendiou o sangue de Zander, uma advertência de que o que estava prestes a escutar não era nada bom. Mas o (*) calcou e ficou entre Callia e seu pai, antes que ela começasse a chorar.

—Zander, afaste-se…

Ele a segurou pelos braços.

—Espere lá fora.

—De jeito nenhum.

—Não quero excluir você — sussurrou ele. —Eu lhe prometo isso. Mas por alguma razão, ele não nos dirá nada com você aqui. Tem que sair.

Ela se acalmou. Ficou olhando-o fixamente. No instante de silêncio que se seguiu, a conexão que sempre tinham compartilhado, flamejou profundamente em sua alma. Havia um mundo de dor e mentiras entre eles, mas naquilo tinham que estar unidos. Naquilo tinha que confiar nele.

Apertou a mandíbula com força, mas os músculos dos braços relaxaram contra suas mãos.

—Se você também mentir para mim…

—Não o farei — disse em voz baixa, esperando que ela ouvisse a verdade nas palavras.

Quando ela assentiu com a cabeça, olhou por cima do ombro para Casey. Sem ser chamada, a filha mestiça do rei desceu rapidamente da plataforma elevada e se aproximou de Callia.

—Esperaremos lá fora. —Deu um passo para a porta. — Callia?

Callia ficou onde estava, olhando para Zander. E em seus olhos violetas viu com clareza, pela primeira vez em anos. Viu tudo o que ela era para ele, tudo o que

(*) Calcar : Verbo transitivo direto. Pisar com os pés.

Tinham sido. Tudo o que ele tinha feito antes, durante e depois do tempo que ficaram juntos, e muito mais que queria fazer novamente. Viu... Sua alma, tão claramente como se estivesse olhando para dentro de si mesmo. E viu sua vida. Não terminando como acreditou quando falou com Lachesis naquele precipício, mas continuando, até o fim, por ela, com ela.

—Eu prometo a você — disse novamente.

Ela respirou fundo. Depois se virou e saiu do círculo para a porta.

A dor atravessou o peito de Zander enquanto a observava. A dor e um sentido renovado de fúria que até agora tinha permanecido escondida. Mas não seria por muito tempo.

Quando ouviu o estalo da porta ao fechar-se, virou-se e olhou para o pai de Callia. Apesar de não querer, controlou a raiva. Sabia que perdê-la seria inútil agora. À suas costas ouviu Theron e os outros Argonautas ficarem atrás dele.

—Chega de mentiras — disse a Simon. —Desta vez dirá a verdade. O que fez com meu filho?

Simon lançou um olhar de culpa para Lucian, e começou a falar. Mas o que saiu de sua boca não foi nada do que Zander esperava ouvir. E a contenção da fúria explodiu livre, antes que Simon fizesse uma pausa para tomar seu primeiro fôlego.

CAPÍTULO 17

O que tomava tanto tempo?

Com o braço em volta da cintura, Callia mordia a unha do polegar e caminhava pelo corredor do lado de fora das câmaras do Conselho. Tinha os nervos no máximo. Um mal-estar enchia seu estômago. Houve algum tipo de choque na câmara exatamente depois dela ter deixado a sala, mas Casey não a deixou entrar e agora estava enlouquecendo se perguntando que diabo estava acontecendo.

Justo quando estava preparada para atravessar a parede para ver o que estava acontecendo, a porta da câmara se abriu e Titus saiu através da pequena abertura.

Fechou a porta rapidamente atrás dele. Não parecia feliz. Em todo caso, parecia zangado e… seriamente perturbado. Moveu-se para parar na frente dela, mas não falou.

—Onde está Zander? —perguntou Callia.

—Dentro. Ele não pode… — Titus se deteve. — Não acredito que seja uma boa ideia falar com ele agora.

Que diabo significava aquilo? Os nervos de Callia ficaram abalados.

—Titus. O que meu pai disse lá dentro?

Ele olhou para suas mãos, agora penduradas nos lados, hesitou, então se estendeu para pegá-las.

Fez uma careta de dor quando a tocou, e ela lembrou o modo como ele tinha caído de joelhos na caverna quando a havia tocado. Titus nunca tocava em ninguém de propósito assim o fato dele ter iniciado o contato daquela vez mandava a ansiedade para a categoria mundial.

—Titus?

Ele respirou fundo e se concentrou em suas mãos.

—Callia, ele fez um acordo para salvar sua vida. Você… houve complicações

durante o parto. Ele disse que se não tivesse feito isso, você teria morrido.

—Que tipo de acordo?

Seus olhos foram para os dela. Os olhos castanhos que viam tanto e mesmo assim não o suficiente.

—Sua vida pela de seu filho.

Sua vida. Uma pela outra. A verdade que temia era real.

—Então ele realmente está morto.

—Eu…

O mal-estar em seus olhos, enfatizava a união entre as sobrancelhas.

—Titus, o que…?

—Simon não sabia. O menino estava… vivo… quando a deusa se foi com ele. Não viu nenhum deles desde então.

Seu peito se contraiu tanto que ela ofegou. Seu bebê estava vivo. Não tinha morrido naquela montanha grega, no meio do terremoto, como havia sido levada a acreditar. Como podia não haver se dado conta? Por que não havia sentido? E o que faria uma deusa com seu filho?

—Quem? — perguntou. — Quem foi?

—Callia…

—Não tente me apaziguar, Titus — retirou as mãos de seu alcance. —Diga-me quem foi?

Sua mandíbula tremeu, e ela pôde ver em seus olhos que não queria dizer a ela, mas finalmente o fez.

—Atalanta.

Sua visão se tornou vermelha e o pulso latejou em suas veias. Antes que pudesse impedi-la ela empurrou as portas duplas e avistou seu pai, ainda parado no centro do círculo, com os olhos abertos e assustado à medida que ela avançava para ele.

—Callia — chamou-a Titus por atrás. —Espere.

—Callia — disse Simon, sustentando as mãos para o alto. —Apenas escute o que tenho para dizer.

—Filho da puta. Como pôde?

As vozes ecoaram ao redor. Sabia que havia outras pessoas na sala e que estavam gritando, mas não conseguiu identificar suas palavras. A única coisa que sentia era dor. Tudo o que via era traição. Tudo o que sabia era que a única pessoa em quem havia acreditado tinha feito o inominável.

Um par de braços se fechou em torno de sua cintura puxando-a para trás. Lutou, mas eram feitos de aço e eram implacáveis. O zumbido em sua cabeça tornou difícil escutar, mas a neblina em sua visão estava desaparecendo, e lentamente percebeu que seu pai estava de joelhos, seu rosto vermelho e arranhado.

—Acalme-se, Callia — Titus sussurrou em seu ouvido. Concentrou-se no rosto de seu pai. Ela o golpeou. Com força, pelo que parecia.

Seu pai levantou a cabeça. Culpa e remorsos se refletiam profundamente nos olhos.

—Tem que entender, era a única coisa que eu podia fazer.

Ela apoiou as mãos em torno dos braços que envolviam sua cintura e tentou se libertar.

—Entregou meu filho para um monstro.

Seu pai balançou a cabeça. Deixou-a cair.

—Eu sei. Eu sei. Mas de outra forma você teria morrido. E o menino. Eu pensei que estava morto.

—Estava vivo!

—Eu… — ele se sobressaltou. —Eu não soube até que se foram. Tem que acreditar em mim.

A repugnância correu através dela. Sentindo desprezo por suas palavras. Mas enquanto olhava seu pai, ajoelhado na figura do alfa no centro do círculo com Lucian atrás dele e todos os Argonautas observando, a névoa vermelha se dissipou.

E sua imagem como lorde honorável e inquebrável desapareceu também.

Seu corpo ainda tremia, mas parou de lutar contra Titus. Ele sussurrou algo em seu ouvido, algo que ela não escutou. Então lentamente a deslizou até o chão. Mas não a soltou completamente, e pelo canto do olho viu que Theron estava sustentando Zander do mesmo modo. E compreendeu que foi por isso que ele não tinha saído para falar com ela como prometeu.

—Por quê? —perguntou, concentrando-se em seu pai mais uma vez. —Por que nunca me disse isso?

Simon balançou a cabeça.

—Não podia. Era parte do acordo. Ela pôs uma maldição que limitava a duração de sua vida se eu alguma vez pronunciasse uma palavra a respeito disso.

Observou Zander que ainda parecia preparado para cometer um assassinato. Zander era a única outra pessoa que sabia que ela estava grávida, e seu pai os separou de maneira eficaz, assim ninguém sabia o que tinha acontecido.

A ira desapareceu, deixando para trás pesar e desprezo.

—Solte-me, Titus — murmurou. — Não vou voltar a atacá-lo.

Titus a soltou e deu um passo para trás, mas não se afastou muito.

—Por que eu? —perguntou Callia para seu pai. —Por que meu filho? Os Argonautas estiveram se reproduzindo há milhares de anos. O que meu bebê tinha de especial?

Seu pai se sentou sobre os calcanhares, tocou e esfregou o rosto com duas mãos trêmulas. Se é que era possível parecer mais culpado, fez isso então. Mas não respondeu. E no silêncio o medo se agrupou no estômago de Callia.

—Que outra coisa você não me contou? —perguntou em dúvida.

—Eu amei sua mãe — murmurou Simon. —Quando ela morreu…

Callia só tinha sete anos quando Anna morreu. A Curadora Real sucumbiu a algo tão comum como a pneumonia. E ela tinha um sistema imunológico mais forte que o da maioria. Nunca teve sentido. Mas olhando para trás, muitas coisas não

tinham sentido. Algo tinha acontecido entre seus pais. Algo que tinha quebrado a vontade da Anna de continuar vivendo e havia estragado seu casamento.

Olhou dentro dos olhos tristes de seu pai enquanto sua cabeça dava voltas. Por que Atalanta queria seu filho mais que as outras centenas de descendentes Argonautas ao longo dos anos? Só uma resposta fazia sentido.

—Você não é meu verdadeiro pai. Não é mesmo?

Os olhos de Simon se fecharam. Ela ignorou a dor em seu rosto porque naquele momento não se importava. Naquele momento havia coisas mais importantes para discutir.

—Quem? —perguntou. —Com quem ela teve uma aventura? —olhou em torno do salão. —Um dos Argonautas? Você os odiou durante tanto tempo. Essa era a razão pela qual não queria que eu ficasse com Zander?

A inquietação revoou em seu estomago enquanto os olhos pousavam em Zander, que ainda era segurado por Theron. Ele era o mais velho dos Argonautas, e provavelmente tinha conhecido sua mãe, mas seu instinto lhe dizia que não tinha sido ele. Olhou para os outros. Todos tinham ao menos duzentos anos de idade. Ela tinha apenas quarenta. Podia ser qualquer um deles. Fazia sentido. Linhagem Argonauta de ambos os lados. Isso teria dado maiores poderes a uma criança?

—Eu… — a voz partida de seu pai chamou sua atenção novamente para ele que soluçava. Esfregando o antebraço sobre o rosto. —Se Anna não fosse Curadora, nada disto teria acontecido.

Callia congelou. E os laços, conexões e cabos que não tinha ideia de como entrelaçar se tornou claro como o cristal. A pele na parte de trás do pescoço, justo na base do cabelo, formigou. Passou os dedos por baixo do cabelo, sobre a marca que Lena tinha notado quando esteve na colônia. A que era Estranhamente… parecida com a que Isadora tinha na coxa.

—Ela teve uma aventura com o rei — sussurrou. Seus olhos saltaram para Casey, que estava à direita. Depois para Isadora, através da sala.

—Callia — seu pai se empurrou até ficar de pé. Ergueu as mãos para ela. — Ainda sou seu pai. O que ela fez… isso não muda nada.

Não mudava nada? Uhm, sim. Mudava tudo. O pânico abriu caminho no peito de Callia. Pânico e uma sensação de que tudo estava prestes a desmoronar em torno dela. Virou-se para a porta antes que alguém pudesse impedi-la. Precisava de ar. Precisava de alguns segundos para si mesma. Precisava… merda… não sabia do que precisava.

—Callia!

Não tinha certeza de como conseguiu sair da câmara, mas estava correndo quando chegou ao corredor. Parou para se orientar, viu uma placa na metade do corredor e estava dentro da luxuosa sala para mulheres sem nem sequer perceber que tinha movido os pés.

Uma parede inteira estava cheia de espelhos que iam do teto até o chão. Ficou olhando o reflexo, então deu meia volta e levantou os cabelos, tentando olhar sobre o ombro a marca no pescoço. O pequeno, mas inconfundível Omega com asas.

A porta da sala se abriu. No reflexo, Callia pegou os olhos de Casey postos em seu pescoço. Soltou os cabelos e se virou.

—Você está bem?

Estava bem? Sim. Nem em sonhos.

—Diga-me você. Acabo de saber que uma semideusa com um caso grave de vingança raptou meu filho porque é o herdeiro do trono de Argolea. Você estaria bem?

A expressão de Casey se suavizou. Seus cabelos escuros caíam sobre seus ombros, mas seus olhos violetas eram muito claros e familiares.

—Eu sei pelo que você está passando.

Callia bufou.

—Sim, sabe? Não acredito.

Não era que não gostasse da mestiça, era que naquele momento tinha mil

coisas diferentes com que lidar além de confraternizar com sua meio-irmã perdida.

A porta do banheiro se abriu novamente e daquela vez entrou Isadora. Só que ela não parecia nem a metade preocupada que Casey.

—Encantador — disse Callia enquanto assimilava o rosto tenso de Isadora. — Poderíamos fazer uma festa.

A dor de cabeça aumentou e ela esfregou o espaço entre os olhos.

Casey olhou para a princesa.

—Ela tem a marca. No pescoço.

—Deixe-me ver — Isadora se aproximou mais.

—Claro, por que não? —murmurou Callia enquanto Casey levantava seus cabelos como se não fosse mais que um rato de laboratório. —Este dia não pode se tornar mais estranho.

As duas inspecionaram seu pescoço, então Isadora recuou e Casey soltou os cabelos de Callia novamente. Um sulco profundo distorcia o rosto pálido da princesa, e Oh, sim, era óbvio que Isadora não estava feliz com aquela notícia. Mas que filha estaria? Acabava de dar-se conta que seu pai tinha outra filha ilegítima. Deuses, o rei levou o decreto de Zeus de "crescei e se multiplicai" ao extremo.

Isadora suspiro finalmente. Passou o olhar entre ambas.

—O melhor que uma de vocês poderia ter feito era ser homem. Então eu não seria mais forçada a me casar com Zander.

Zander. Skata. Callia apertou a mandíbula, Como podia ter esquecido o fato de Zander está prestes a se unir com outra pessoa? Em que ponto isto se transformou na menor de suas preocupações?

—O que significa a marca? —perguntou — Casey a Isadora. —Eu pensei que você e eu éramos as peças escolhidas pela profecia. Mas Callia também tem a marca.

Isadora franziu os lábios, e pela expressão tensa ficou evidente que sabia algo e não queria dizer.

—ISA? —perguntou Casey.

—Não tenho certeza — disse finalmente Isadora— Estive fazendo um pouco… de investigação, mas não cheguei a nada concreto ainda. —Concentrou-se em Callia. —Você sempre a teve?

Callia não tinha tempo para aquilo — ou o assunto pouco lhe importava — mas pressentiu que aquelas duas não iriam deixá-la partir até que obtivessem algumas respostas, então cooperou porque certamente, não estava calma o suficiente para enfrentar seu pai — *Simon… merda*— novamente.

—Nem sequer sabia que estava aí até hoje.

Os olhos de Casey saltaram para Isadora.

Ambas olharam para Callia, e o estômago de Callia girou lentamente.

—Então, isto significa...?

—Não acredito que nenhuma de nós saiba — disse Casey. —Mas significa algo.

Os olhos de Callia se desviaram para Isadora, a qual apertava a mandíbula com tanta força que o osso fino debaixo da pele da princesa era visível. Isadora sabia de algo. Algo que não estava dizendo a ela nem a Casey.

Sim, bom, a merda com isso. Callia pouco se importava com isso naquele momento.

—Você há…? —perguntou Casey sem olhar para o rosto de Isadora. — Sua cabeça a incomodou ultimamente? Como quando estamos todas na mesma sala. Antes, quando entrou na câmara, senti…

—Um zumbido — terminou Callia. — Sim, senti isso.

—Eu também. —disse Isadora — senti também naquele dia nos aposentos de meu pai. Quando os Argonautas estavam lá e… *Zander se ofereceu voluntariamente para se casar comigo*.

As palavras não ditas de Isadora pairavam como um peso entre elas, lembrando a Callia mais uma vez que estava sobrando naquela maldita situação.

Está bem, ao diabo com aquela conversa. Callia se moveu em direção à porta.

—Preciso falar com Zander.

—Ele se foi disse Isadora.

Callia se virou lentamente, com uma mão na porta da sala.

—O que você quer dizer com ele se foi?

—Ele se foi, saindo pela porta. Imediatamente depois de você — Isadora estudava as unhas. —Escutei Theron mencionar algo sobre a colônia. Nick tem informações sobre as atividades recentes dos daemons na área. Meu palpite é que eles vão tentar localizar a base da Atalanta.

De jeito nenhum.

Um renovado sentimento de brutal traição encheu o peito de Callia. Ele tinha ido embora. Não havia dito nada a ela. Não tinha mantido outra de suas promessas. "*Não quero excluir você…*" Ele a deixou esperando. Outra vez. Os Argonautas estavam fazendo o que sempre faziam, e ela era uma mulher que não tinha nada para oferecer. A difícil lembrança do modo que sempre foi tratada por seu pai, por Loukas, por todos os homens em sua vida, esquecida por Deus, apunhalou-a profundamente e se retorceu fortemente.

—Onde está meu pai? —perguntou com os dentes cerrados.

—Simon foi colocado em prisão domiciliar por Lucian. Imagino que estão juntos.

Callia imaginava isso também. Como se ela se importasse com o que aconteceria a qualquer um dos dois a estas alturas.

A ira encheu seus pensamentos. Não estava disposta a se sentar e não fazer nada. Se Zander pensava que podia colocá-la de lado…

—Não permitirão que você cruze o portal — disse Isadora quando Callia se dirigiu para a porta novamente. — O Guarda Executivo jamais deixará você passar. A estas alturas Lucian já deve ter avisado que você tentará cruzar. Os Argonautas também.

A frustração de Callia cresceu a níveis explosivos. Virou-se para Isadora.

—Malditos. Não vou ficar sentada e…

A mão de Casey posou sobre o antebraço de Callia, e o calor se estendeu através da pele ante o contato.

—Ninguém espera que você faça isso — olhou para a princesa. — Sempre existe outra maneira.

Isadora franziu os lábios.

—Que outra maneira?—perguntou Callia.

—Os portais secretos — respondeu Casey.

O olhar de Callia saltou de uma irmã à outra.

— Você sabe onde estão?

Isadora não respondeu. E no silêncio, Callia compreendeu que a princesa não estava disposta a compartilhar a informação. Os olhos de Callia se arregalaram de incredulidade.

A raiva se intensificou e fez que cada um de seus músculos ficasse tenso e rígido. Ela e Isadora nunca se deram bem, e agora Callia entendia por que. Isadora sabia que o rei era o pai de Callia? Esperava que isto não fosse conhecido?

—Isadora — insistiu Casey.

Isadora suspirou e deu de ombros.

—Não sei onde estão… exatamente. Mas tenho um… amigo… que sabe.

A raiva tingiu a visão de Callia, mas se forçou para manter a calma. Precisava da ajuda da princesa naquele momento, mais do que nunca tinha precisado da ajuda de alguém antes.

—Então o que estamos esperando? Vamos ver seu suposto amigo.

Isadora não se moveu, e o olhar vazio que Callia tinha notado há dias no escritório do rei quando tentou convencer Isadora a enfrentar seu pai tornou-se vingativo.

—Seu filho não governará. O Conselho jamais o reconhecerá como herdeiro, porque sua mãe cometeu adultério — olhou para Casey, depois para Callia, e Oh,

sim, a amargura veio alta e clara. —Não importa o que qualquer uma de nós queira. Nem sequer importa que seja Argolean. A única coisa que importa são as normas. E as tradições.

Foi tudo o que Callia pôde fazer para não colocar as mãos em torno do pescoço de Isadora. Será que a princesa era tão insensível quanto parecia? Estavam falando de seu sobrinho. Carne e osso. Mesmo se ela não quisesse reconhecer o filho de Callia, isso era exatamente o que ele era.

Enquanto Callia lutava contra a raiva, vagamente se perguntou se aquilo era o que Zander tinha que enfrentar todos os dias, mas o pensamento se dissipou enquanto entreabria os olhos para sua nova meio-irmã.

—Neste momento nada disso me importa. Quero apenas meu filho de volta.

—Bem, pois eu me importo — disse Isadora. — O pai de seu filho vai gerar o herdeiro do trono. Não há como voltar atrás. Zander se comprometeu com o rei. E o rei não vai mudar de parecer só porque a verdade a respeito de sua linhagem finalmente foi descoberta. Ele reconhecerá você, mas enterrará o fato de Zander ser o pai de seu filho. Lembre-se de minhas palavras. Ninguém exceto nós e os Argonautas saberá a verdade, jamais.

Isso foi o suficiente. Tudo o que Callia poderia suportar. Lançou-se sobre Isadora.

—Oh, Por Deus! —ofegou Casey. Segurando Callia pela cintura e apartando-as. —Parem! As duas.

Isadora não recuou. E nem sequer parecia desconcertada, mesmo enquanto Callia lutava contra a sujeição de Casey.

—Veja bem, Callia. Eu não gosto desta situação mais do que você gosta. Se fosse por mim, nada disto seria um problema. Mas não tenho opinião nisto nem você tampouco.

Ela ficou enraizada no mesmo lugar, seus olhos duros, como pedras ilegíveis. Olhos que diziam que havia sido derrotada mais vezes do que Callia poderia

imaginar. Olhos que pareciam brutalmente resignados a um destino reduzido à propriedade.

—Não estou tentando fazer você se zangar. Só estou esclarecendo a você como as coisas são.

Embora não quisesse. Uma parte de Callia se suavizou com Isadora. O suficiente para não rasgar a laringe da princesa. Parou de lutar contra Casey.

—Esta situação não vai se resolver milagrosamente quando você encontrar seu filho — adicionou Isadora. —Precisa estar preparada para isso.

O peito de Callia subia e descia enquanto tentava regular o ritmo cardíaco. E embora não gostasse, tinha escutado claramente o que Isadora disse. Mesmo se resgatassem seu filho de Atalanta e isso era pouco provável a obrigação de Zander com a Isadora permanecia de pé. Uma vez que um acordo era feito ante o rei, era permanente. E não importava o que ela, Isadora ou até mesmo Zander queria neste ponto, estava fora de discussão porque não estava nas mãos de Isadora. Não estava nas mãos de nenhum deles.

Não era bom. Nunca seria bom. Mas naquele momento… Callia pouco se importava com a política e o que estava errado em seu mundo.

—Eu vou lidar com isso. A única coisa que quero é meu filho — se concentrou no rosto tenso de Isadora, e embora quase a matasse, suavizou a voz. — Por favor, me ajude a chegar ao mundo dos humanos para que possa encontrá-lo.

Isadora suspirou. Mas não de alívio. Mas sim de resignação. Resignação e indiferença.

—Bem, então. Levarei você ao portal secreto.

—Onde está? —Zander torceu o braço do daemon de tal forma que os ossos se quebraram às costas do monstro.

O daemon rugiu, tentou escapulir da sujeição de Zander, que mantinha o filho da puta preso no chão coberto de neve. Em torno deles, salpicos de sangue

manchavam o que costumava ser de um branco imaculado.

—Zander — disse Theron atrás dele. — Basta.

Zander torceu com mais força, arrancando a articulação do braço do daemon. O monstro urrou de dor. Junto dele no chão, jaziam dois fumegantes daemons decapitados na noite fria. Seus corpos iluminados pela luz da lua que se filtrava através dos altos abetos Douglas.

Coberto de sangue, suor e outras vísceras repugnantes, Zander ignorou Theron e se inclinou para poder ficar à direita da orelha sã do daemon. A que não tinha arrancado ainda.

—Vou estripar você como a um porco se não me disser onde está Atalanta.

—Zander — repetiu Theron, segurando-o pelo braço. —Eu disse que é suficiente. Se continuar com isto ele não vai ser capaz de falar.

O daemon tossiu. O sangue se espalhou sobre uma pilha de neve fria e suave. Ergueu a cabeça poucos centímetros do chão congelado.

—Vá ao Hades — ofegou.

A visão de Zander se tornou imprecisa, afastou violentamente a mão da sujeição de Theron. Alcançou a faca.

—Você primeiro, idiota — com um movimento rápido cortou a jugular do daemon. O sangue espirrou em cima dele e no chão. O daemon lutava para respirar.

—Merda — sussurrou alguém atrás dele.

Zander se levantou, com cada músculo do corpo vibrando. Olhou o que tinha feito. Dois daemons mutilados e o terceiro afogando-se em seu próprio sangue. Nenhum deles disse a ele onde Atalanta se escondia. Onde seu filho se encontrava naquele momento.

Empurrou a faca ensanguentada dentro da bainha da coxa, e se afastou do grupo.

Atrás dele escutou um dos Argonautas decapitar o último daemon.

Otários. Deixem que o filho da puta sangre um pouco.

Tirou o GPS do bolso e andou pela neve. O norte era a melhor opção. Nick tinha mencionado que os ataques eram mais frequentes em direção ao norte. Não seria tão amável com o próximo daemon que encontrasse.

—Eu disse, que você parasse, Guardião — Theron ficou no caminho de Zander.

Zander parou, e olhou para cima.

—Mova-se.

—Aonde você acha que vai?

—Aonde acha que eu vou? Saia da droga do caminho.

Theron quadrou os ombros. Cerek e Gryphon pararam junto dele.

Lentamente, Zander baixou o GPS e olhou para seus companheiros.

Titus se acomodou à direita. Phineus à esquerda. Estavam o encaixotando.

—Que diabo é isto?

Theron avançou.

—Olhe-se. Está coberto de merda. Seu ombro está sangrando como uma peneira e está prestes a explodir. Nem sequer deu ao ultimo daemon a chance de responder antes de arrancar sua orelha.

Zander olhou para as árvores.

—Você vai voltar para a colônia. — disse Theron. — Vai curar esse ombro, limpar seu traseiro e esfriar a cabeça. Assim não é útil a ninguém. E nunca vamos encontrar o menino a menos que esfrie um pouco os ânimos.

Sua raiva borbulhou por toda parte. Zander soltou o GPS, agarrou Theron pela frente da jaqueta e o aproximou intimamente antes que os outros Argonautas o vissem se mover.

—Você vai me obrigar.

—Não! —ladrou Theron quando Titus e Cerek se moveram para conter Zander.

Não afastou as mãos de Zander ou tentou escapar da sujeição, embora soubessem que ele era dez vezes mais forte que Zander. Em vez disso, concentrou-se nos olhos de Zander e baixou a voz.

—Não sei pelo que está passando. Nenhum de nós sabe. Mas esta não é o caminho, Zander. Estou tentando ajudar você. Todos nós estamos.

Zander apertou a mandíbula. Escutou as palavras de Theron através de um túnel. Mas a ira estava lá. Esperando para ser libertada. Nublando sua visão, ações e pensamentos.

—Aja de maneira inteligente, Z — disse Theron. —Precisamos nos reagrupar. Organizar um plano. Nick terá informação sobre onde foram os ataques mais recentes. E você precisa limpar esse ombro antes que infeccione. Não será capaz de encontrar a seu filho se tiver gangrena.

Zander respirou fundo. Uma vez. Duas vezes. Novamente até que a neblina começou a se dissipar.

—Isso — disse Theron.

Lentamente ele soltou a jaqueta de Theron e recuou. Mas ainda estava com os músculos fortemente retesados.

E se sentia como um elástico, preparado para romper-se a qualquer momento.

—Cerek, Gryphon, Phin — disse Theron aos guardiões. —Encarreguem-se dos corpos. Titus?

—Aqui — disse Titus.

—Chame Nick por telefone e diga a ele que estamos a caminho.

Enquanto Titus se afastava para obter sinal em um dos telefones via satélite que Nick havia dado a eles, Theron pôs uma mão sobre o ombro de Zander.

—Você está bem?

Zander deu uma olhada para a mão, depois para a cara de Theron, e embora ainda quisesse sangue, sabia que Theron estava certo.

—Não.

—Foi muito inteligente ao deixar Callia em casa.

A imagem de Callia enfrentando seu pai e todo o Conselho faiscou em sua mente.

—Ela vai ficar furiosa.

—Vai estar viva — Theron olhou para um lado. —E ela não precisa ver toda esta merda.

Titus retornou, o telefone na orelha, com a ponta do fone de ouvido afastado.

—Nick tem um explorador nesta área. Estará aqui em vinte minutos para nos pegar.

Theron assentiu.

—Bom.

Zander flexionou a mandíbula e aquela raiva familiar e sufocante empurrou novamente. Esperar vinte minutos. E outros trinta de retorno à colônia. Quem diabos sabiam quanto tempo seria necessário para idealizar e organizar um plano. A necessidade de aniquilar o fez ignorar tudo. Inclusive o bom senso.

—Acalme-se, Zander — disse Theron. O líder dos Argonautas se virou para os outros que amontoavam os daemons mutilados em uma pequena clareira. — vamos queimar estes filhos da puta.

Zander ficou onde estava. Na ponta do grupo enquanto eles trabalhavam para limpar a bagunça que ele tinha causado, de maneira que nenhum humano encontrasse os corpos acidentalmente. O calor do fogo chamuscou os pelos do rosto e braços. O fedor inundou seu nariz e pulmões, mas não se moveu. Fez aquilo milhares de vezes, assassinar e observar como os restos mortais elevavam se em fumaça. Mas então sempre teve uma sensação de vitória. Agora não sentia nada mais que a urgência de voltar a matar. E a ira que mal mantinha presa dentro dele, cedo ou tarde ia explodir, e ele não seria capaz de retê-la. Só esperava que Atalanta estivesse perto quando isso acontecesse.

CAPÍTULO 18

—Vejo que trouxe amigas. Umm.

Isadora se virou ante o som da voz de Orpheus. Ele estava coberto de preto, botas pretas, calças pretas, suéter preto, capa preta, e seus olhos estavam tão pretos como nunca os tinha visto antes. Parado no vento, perto da base do monte Parnithia, nas montanhas Aegis, com seu longo casaco flutuando atrás dele, seus cabelos desgrenhados e uma barba escura cobrindo sua mandíbula, parecia formidável e ameaçador. E só um pouquinho zangado por ter que se reunir ali com ela nos subúrbios.

—Não se iluda, Orpheus. Estão fora de seu alcance.

Orpheus levantou uma sobrancelha, olhou por cima da cabeça dela e focalizou Casey.

—Tem certeza? Esta e… saborosa.

—Essa é a mulher de Theron. Não acredito que queira se meter com ele.

—Sua meio-irmã? —os olhos de Orpheus se entrecerrarão. Agora está ficando interessante. Quem é a ruiva?

Isadora olhou para Callia, falando em voz baixa com Casey perto das árvores. Ambas tinham aproximadamente a mesma estatura, ambas tinham cabelos compridos, embora o de uma fosse escuro e o da outra de um castanho avermelhado, mas a compleição era a mesma. Os gestos eram semelhantes. Por que ela não tinha percebido antes? E não era estranho que das três ela fosse a que não encaixava?

Jogou fora esse pensamento, franzindo os lábios. Como ainda não estava preparada para chamar Callia de "irmã", não estava completamente segura de como responder aquela pergunta. Não quando Callia e ela estavam mostrando as garras claramente.

—A curadora do rei. Precisa chegar ao reino humano. Por isso estamos aqui.

Os olhos de Orpheus retornaram para Isadora.

—Como se esquivaram dos guardas do castelo?

Isadora cruzou os braços sobre o peito.

—Hoje houve um tumulto na reunião do Conselho. Por isso nós pudemos passar sem ser percebidas.

—Nós?

—As três.

Seus olhos se aguçaram.

—Interessante.

Isadora tentou ler sua expressão enquanto estudava Callia, mas não conseguiu. Um pouco do ciúme que sempre albergou por Callia apareceu.

Ele rodeou Isadora e se dirigiu para as outras duas.

—Este deve ser meu dia de sorte. Três belas mulheres e nenhum Argonauta em quilômetros.

Callia ignorou o comentário.

—Isadora disse que você conhece a localização do portal secreto.

—Portais — a corrigiu. —Há vários. E você, Curadora, não anda com rodeios, não é mesmo?

—Não. Onde estão os portais?

Ele olhou para as colinas.

—As bruxas que vivem por aqui os mantêm em movimento para evitar que a Guarda Executiva os fechem.

—Bom — disse Callia. —Então, nos leve a um.

—Nada é de graça, mulher. —Seus olhos vagaram sobre ela. —Isso tem um preço.

Callia abriu a boca, mas Isadora a interrompeu.

—Adiciona-o ao meu plano de pagamento.

Orpheus a olhou com um sorriso de satisfação.

—Ainda tenho que cobrar o primeiro pagamento, Princesa. Tem certeza?

Isadora viu pelo canto do olho a expressão perplexa de Callia. Pensou em seu pai, o rei, e em todos os problemas que lhe tinha causado por simplesmente não poder deixá-la em paz. Pensou no filho perdido de Callia. De Zander. E no que Callia já tinha aceitado renunciar. Embora Isadora e Callia não fossem amigas, não seria justo para Callia ficar em dívida com Orpheus da mesma forma que ela estava. Especialmente quando a mulher desde o começo foi à vítima em toda aquela confusão.

—Sim — disse Isadora antes que pudesse mudar de opinião.

—Isadora… — começou Casey.

Orpheus estalou a língua.

—De acordo, Isa, nesse caso…

—Espere. —Callia se dirigiu a Isadora. — A que se refere com pagamento?

—Não é nada. —Isadora se virou para Orpheus. —O portal secreto. Leve-nos ao mais próximo.

Orpheus olhou de uma em uma, finalmente deu de ombros e se dirigiu para o leste para as árvores sem dizer outra palavra. Quando Isadora começou a segui-lo, Callia se interpôs em seu caminho.

—Espere. Não preciso que você pague nada por mim.

Isadora suspirou.

—Sei que está zangada com Zander agora, mas não descarregue em mim. Eu e Orpheus e temos… um acordo.

—Que tipo de acordo?

—Um que não lhe diz respeito.

—Isadora.

Isadora realmente estava perdendo a paciência com aquilo.

—Você realmente quer perder tempo discutindo ou quer chegar ao reino

humano e encontrar seu filho? Porque tudo o que está fazendo agora é perder tempo.

A mandíbula de Callia se retesou.

—Não preciso de sua piedade.

—Não se preocupe. Não estou fazendo isso por você. Faço isso por seu filho. E Zander. E porque os ajudando incomodo o Conselho. E neste momento estou desfrutando de fazer ondas.

Os olhos violetas de Callia examinaram o rosto de Isadora. Os olhos que pela primeira vez Isadora percebeu que eram iguais aos de Casey. Iguais aos do rei. E nada que ver com os dela.

—Você mudou — disse Callia.

—Você não tem nem ideia.

—Senhoritas — chamou-as Orpheus das árvores. —Ou vamos agora ou o perderemos. Quando disse que estas coisas eram temporárias, não estava brincando.

Callia olhou fixamente para Isadora durante mais um tempo antes de se virar para seguir Casey para o bosque. Caminharam aproximadamente vinte minutos antes de encontrarem um pequeno acampamento. Orpheus deixou-as e se dirigiu a uma mulher que estava sentada em um banco do lado de fora de uma barraca verde muito vivo. Ela se levantou, vestindo túnica vermelha, longa e florida, um suéter branco e um cachecol púrpuro enrolado no pescoço, e o saudou como se fossem velhos amigos, com um tapinha no braço e um sorriso.

Eles conversaram durante alguns minutos, depois Orpheus apontou para elas e a mulher as olhou. Tinha cabelos compridos, ondulado e branco como a neve em torno dos ombros. A testa enrugada demonstrava que não estava muito animada por sua chegada.

Enquanto se aproximavam, a bruxa se concentrou em Callia.

—Conheço as filhas do rei. Esta é um mistério.

—Eu…

—É a curadora do rei — disse Isadora.

—É mais que uma curadora. —A bruxa deu um passo para Callia. —Por que procura a passagem para o reino humano? O perigo ronda lá. Você sabe que é verdade. Viveu isso. Procura algo de valor? Ou sua meta é um benefício pessoal? Poder? É por isso que as três vieram hoje? —O olhar oscilou sobre elas. —Esperam que eu as ajude com esse objetivo em mente? O que vocês não entendem é que não podem dominar…

A frustração ferveu em Isadora.

—Ela não quer…

—Posso falar por mim. —Callia lançou um olhar de advertência para Isadora, para em seguida concentrar-se na bruxa. —Sim, estou procurando algo de valor. A meu filho. Arrebataram-no de mim e preciso chegar ao reino humano para encontrá-lo. Estas duas — fez um gesto com a cabeça para Isadora e Casey— me ofereceram sua ajuda. Mas se essa não é uma causa nobre o suficiente para você, que assim seja — olhou para Orpheus. —Disse que há vários portais secretos, não é verdade?

—Um — Orpheus olhou para a bruxa. — Sim.

—Bem. Leve-me ao seguinte.

Orpheus hesitou, depois falou com a bruxa em uma língua que Isadora não entendia, uma língua que definitivamente não era o Argolean antigo.

A bruxa escrutinou seus rostos enquanto escutava, e algo em sua expressão mudou. Respondeu algo a Orpheus, mas antes que alguma delas pudesse perguntar o que estava acontecendo, a bruxa deu um passo para frente e segurou suas mãos, com as palmas para fora.

—O vínculo entre vocês, as Horae, para não prejudicar a vocês nem aos outros. —em seguida fechou os olhos e recitou. —Divina deusa, traga-me agora o poder que cresce a cada hora que passa. Traga o controle de volta a mim. Como eu

o farei, deverá ser. —Abriu os olhos e deixou suas mãos caírem. —Podem passar. —por cima do ombro gritou: — Isis!

Uma mulher com cabelos vermelhos nas pontas, vestindo calça, uma jaqueta militar e botas para caminhadas mostrou a cabeça de uma tenda púrpura atrás da bruxa.

—Sim?

—Estas três terão a passagem segura através do portal. Leve-as para lá.

Isis saiu da tenda apressadamente e olhou para cada uma deles.

—É mesmo?

—Isis.

—Sim, sim — disse Isis com o cenho franzido, movendo-se. — Bom, depressa. Estas coisas não esperam as mulheres e eu não tenho o dia todo, sabem?

Casey e Callia trocaram olhares desconcertados, mas fizeram o que a segunda bruxa lhes pedia. A primeira se virou para segui-la. Antes que Orpheus pudesse fazer o mesmo, Isadora o segurou pelo braço.

—O que foi isso?

—O que Isa? Não fala Medean[32]?

Ela entrecerrou os olhos.

—Não brinque comigo, Orpheus. Ela nos chamou de as Horae. Tinha razão a respeito das Horae, não é mesmo? E o que foi todo esse lixo sobre "vinculação"?

Orpheus olhou em torno para ver se alguém estava observando, em seguida estendeu o braço e acariciou a parte externa da coxa dela onde estava a marca.

—Disse a você que o que tinha aqui era uma arma poderosa — murmurou.

Ela cerrou os dentes para evitar empurrá-lo por sua horrível íntima e asquerosa carícia. De certa forma teria que pagar a ele. Felizmente, isso não seria naquele dia.

[32] Bruxas medean: Aquelarre (reunião de bruxas) nas montanhas de Argolea que seguem os ensinos e tradições da Medea.

—E isso a assustou.

—Sim. Porque ela sabe o que vocês podem fazer se quiserem.

—E o que é isso?

Um lento sorriso se estendeu por seu rosto.

—OH, Isa. Você realmente acha que vou pôr todas as cartas sobre a mesa para você agora? Antes que tenha me entregado o que quero?

Respirou, tentando permanecer calma. Para Orpheus, tudo sempre era um jogo. Mas pelo menos ele confirmou suas suspeitas. Callia, sua meio-irmã, estava tão ligada a ela e Casey quanto elas duas estavam. A pergunta era qual era o significado de tudo aquilo?

—Não Orpheus. Não acredito que um dia faça algo por alguém exceto por você.

Virou-se para seguir as outras, mas desta vez, ele a segurou pelo braço, fazendo-a virar-se para ficar de frente para ele. O humor tinha desaparecido do seu rosto quando disse:

—Tome cuidado no reino humano, Isa. Há males lá que não pode imaginar. E no que diz respeito a você, esses males se amplificam. Milhares de vezes.

—Está tentando me assustar?

—Sim. E seria inteligente de sua parte se assustar. Embora eu venha treinando você, seus novos poderes são imprevisíveis. Ainda mais com essas duas — assentiu para a tenda pela qual Casey e Callia tinham desaparecido. — Não pense que esta célebre arma que tem protegerá a qualquer uma de vocês.

—Cuidado, Orpheus. Em um minuto pensarei que realmente se importa.

—Importa-me. Tenho um interesse pessoal em você, Isa. —Seu olhar se tornou mais intenso. — E quando alguém faz um acordo comigo, sempre o cobro.

Manteve seu olhar até que ela quis gritar. Sustentou seu braço até que o suor se juntou na base de sua coluna e ela lutou contra o impulso de se soltar. Seu estômago se embrulhou com apreensão e dúvida. E pela primeira vez, questionou a

visão que teve dele salvando sua vida. A última que teve antes de perder os poderes. Aquela vozinha na parte de atrás da cabeça gritando "Maldito!" aumentava a cada dia que passava.

Finalmente ele a deixou ir, mas não quebrou o contato visual. E a advertência que ela viu brilhar em seus olhos escuros fez seus nervos tremerem novamente.

—É melhor você ir, antes que as outras comecem a se perguntar. Mas não se preocupe, Minha Isa. Estarei esperando por você quando retornar.

Esteve dirigindo durante vinte e quatro horas seguidas, parando somente para colocar gasolina.

Em Vancouver, Jeb deixou a carga que transportou desde o Alaska e pegou uma nova. Não fez uma tonelada de perguntas a Max, e não se importou quando Max permaneceu no caminhão fora de vista durante o intercâmbio. No início ele tinha achado estranho. Que tipo de homem não se perguntava sobre um menino de dez anos sem lar? Depois Max decidiu que a falta de interesse de Jeb era boa. Provavelmente ele já tinha passado pelo mesmo.

Partiram novamente, para o sul. Na fronteira, Max se enfiou dentro de um compartimento atrás do assento do motorista quando passaram na alfândega. Não que soubesse de que assunto se tratava, mas Jeb disse que era isso ou ser jogado lá fora no frio, portanto, ele o escutou.

Jeb era extravagante, mas inofensivo, decidiu Max. Algum tempo depois de passar por Seattle, Max finalmente relaxou e começou a dormir. Não tinha certeza de quanto tempo dormiu, duas horas? Mais? Mas quando acordou, tinha uma jaqueta cobrindo-o e o caminhão não estava se movendo.

Levantou-se, grogue e sem saber onde estava. A jaqueta caiu de seus ombros. A ansiedade fez que ele ficasse arrepiado, enviando suor às sobrancelhas. Não importava o quão longe eles haviam chegado, no que a ele concernia, nunca estaria longe o suficiente. Esfregando os olhos, olhou através do grande para-brisa e

percebeu que estavam em uma espécie de parada de caminhões. Luzes brilhantes o iluminavam de fora, e Jeb estava lá fora falando com uma mulher de meia idade com uma boina cobrindo a maior parte de seus cabelos grisalhos. Usava botas de neve e um grosso casaco fechado até a metade.

Jeb entregou algo à mulher, dinheiro? Balançava-se e apontava para o caminhão. A mulher se virou e entrou em um pequeno edifício.

A porta do lado do condutor se abriu com um rangido e Jeb entrou no monstruoso veículo. Olhou de esguelha para Max antes de tirar a jaqueta e jogá-la no compartimento atrás do assento.

—Pensei que você tinha morrido, menino. Dormiu durante sete horas.

Sete horas? Max olhou atentamente através do para-brisa para obter uma melhor visão. Estava anoitecendo, mas podia ver que a paisagem dali era diferente da área de Seattle. Grossos pinheiros e abetos os rodeavam, uma fina camada de neve cobria o chão e as luzes da cidade não eram vistas em nenhum lugar.

—Onde estamos?

—Só passando o Monte Hood. A cento e vinte e nove quilômetros ao norte de Bend, Oregón. Ultrapassamos uma forte nevada perto de Government Camp. Tive que pôr as correntes. Pensei que certamente isso o acordaria. Mas não. Dorme como um morto, menino.

Max ouviu vagamente o que o homem divagava. Estavam em Oregón. Sabia pelas conversas que escutou que a colônia dos mestiços ficava em algum lugar nas montanhas de Oregón. E os mestiços continuamente enganavam e se esquivavam de Atalanta e seus daemons. O que significava que estava tão perto da segurança quanto aquele caminhão o ia estar.

Jeb girou a chave na ignição e o grande caminhão rugiu para a vida. Enquanto ele colocava o caminhão em marcha, Max disse:

—Está com fome? Eu estou esfomeado. Não podemos ficar mais tempo para que eu possa conseguir algo para comer?

Jeb virou à direita para a parte de trás da parada de caminhões.

—Eu já comi. Maggie vai nos deixar estacioná-lo aqui, assim eu posso tirar um cochilo. Você pode entrar e conseguir algo para comer. Ela fez um guisado de alce que foi o melhor desde que meu pai me deu minha primeira lata de Copenhagen.

Estavam parando? De verdade? E Jeb ia fazer uma sesta? Isto não podia ser mais fácil. Max lutou para não sorrir enquanto se sentava no assento.

—Sim. Genial. Estou com tanta fome que acho que posso comer um urso.

Jeb desligou o motor, jogou as chaves sobre o console entre os assentos e lhe lançou um olhar de "que bicho lhe mordeu"?

—Não falou nem cinco palavras juntas desde que subiu no meu caminhão. O que você colocou na cabeça de repente?

—Eu? Nada.

Jeb o estudou de perto.

—Não estar planejando fugir, não é mesmo? Não há nada bom nesse bosque, sabe? Você congelará até morrer. Ou pior.

—Fugir? —Max tentou subtrair a importância de sua preocupação. — Para onde eu iria? —Alcançou a maçaneta da porta antes que Jeb pudesse detê-lo. — Só o deixarei dormir enquanto eu como. Obrigado, Jeb.

Jeb pigarreou.

—Está bem, mas não perambule por aí. Esteja pronto em duas horas. Tenho que seguir uma programação.

Max assentiu enquanto saltava do caminhão.

—Duas horas. Entendido.

Jeb já estava se reclinando no assento e colocando o boné sobre o rosto quando Max fechou a porta. O ar gelado picou sua pele, mas ao parar no meio do estacionamento da parte de trás do pequeno albergue para caminhoneiros, Max tomou a primeira respiração profunda de liberdade. Não pensou que chegaria tão longe. Não podia acreditar em sua sorte. Não estava em casa ainda, mas uma vez

que conseguisse um pouco de comida, pegaria um mapa e decidiria para onde ir em seguida.

Contra o peito, o disco aqueceu sua pele, e caminhou para o edifício com um sorriso no rosto e saltitando ao andar. Uma sombra se moveu atrás da janela. Dando uma olhada mais de perto, Max percebeu que era a mulher da frente, Maggie. Levantou uma mão e a agitou em sua direção. Quase como um reflexo, seu estômago roncou.

Chegou até a porta dos fundos do edifício antes de ouvir o grito. Um grito que gelava o sangue sua mão se congelou no trinco da porta e seu ritmo cardíaco se triplicou.

Um rugido ecoou lá dentro. Algo bateu com força na porta. Max saltou para trás e soltou o trinco. O grito parou de repente.

Corre. Vá embora. Agora!

A adrenalina surgiu enquanto corria para o caminhão. Embora não houvesse como os daemons pudessem tê-lo encontrado tão rápido, a temperatura glacial nos ossos lhe dizia o contrário. Eles estavam ali. De algum modo. Estavam ali.

—Jeb! —Ouça! Ponha o caminhão em movimento! A porta do edifício atrás dele se abriu de repente seguido por um rugido que destroçava os tímpanos, mas ele não se virou. —Jeb!

A seis metros do grande caminhão, a porta do lado do motorista rangeu e Jeb se lançou no chão, os músculos duros e tensos, o rosto branco como a neve. Não se encolheu de medo do modo que a maioria dos humanos faria naquela situação, e o olhar em seus olhos ao ver os monstros atrás de Max diziam que não era a primeira vez que via um daemons.

—Vamos menino! Corra!

Max não tinha tempo de questionar os "como" e os "por quês" daquilo. Correu a toda velocidade para o caminhão com todas as forças, os braços e pernas bombeavam, o coração batendo em seus ouvidos.

—Corra! —gritou Jeb, movendo os braços.

Justo quando Max alcançava a parte de trás do caminhão, algo pegou sua perna. Caiu com força, com rosto sobre o cascalho. Neve e rocha passaram por suas mãos e rosto. O daemon grunhiu atrás dele, apertou sua perna e deu um puxão.

O terror abriu caminho pela garganta de Max enquanto enterrava os dedos no solo congelado, tentando segurar algo que o impedisse de ser arrastado pelo estacionamento.

E depois escutou o rugido, mas aquele não era do daemon, era humano. Algo quente e fluido jorrou sobre seu pescoço. O daemon soltou sua perna.

—Levante-se! —gritou Jeb.

Max se ergueu sobre os joelhos, seus ouvidos zumbiam, as mãos e rosto eram uma mistura de sujeira e sangue. Olhando em torno, viu Jeb segurando uma faca de caça tão longa quanto seu antebraço. O daemon estava no chão atrás dele, com sangue saindo de um ferimento no peito.

—Levante-se! —gritou Jeb novamente.

Max engatinhou até se levantar.

—Vamos! Vamos! —Jeb meio que levantou Max pela jaqueta e o empurrou para a cabine do caminhão. Enquanto Max deslizava no degrau para alcançar o trinco, olhou para trás e viu Jeb parado com a faca em sua mão trêmula enquanto o daemon se erguia a sua altura máxima e o olhava do alto.

Max se impulsionou para cima. Dentro da cabine encontrou as chaves que Jeb tinha jogado sobre o console. Poderia conduzir aquela coisa? Tinha observado Jeb durante todo o trajeto até ali. Diabo, podia conduzi-lo sim. E no mínimo podia ferir alguns daemons enquanto aprendia. Suas mãos tremiam enquanto procurava a chave certa e a punha na ignição.

—Tomou uma decisão estúpida, humano — grunhiu o daemon lá fora. — Como a mestiça lá dentro. O menino nos pertence.

Os dedos de Max se congelaram sobre as chaves. Maggie era uma mestiça?

—Tenho uma faca aqui que me diz o contrário.

—Não é páreo para mim, humano — grunhiu o daemon.

—Sim, talvez não seja — respondeu Jeb. —Mas não vou facilitar as coisas para você. Esse menino não fez nada a ninguém.

Max hesitou. Tudo o que tinha que fazer era girar a chave, pisar com força no acelerador e partir. Nunca olhar para trás. Mas algo o detinha. Algo no centro do peito que doía muito não permitia que ele partisse.

"Estou me cansando de sua humanidade, Maximus. Matar ou morrer. Esse é o mundo em que vivemos".

Nunca antes as palavras de Atalanta foram tão reais. Se Max partisse, o daemon despedaçaria Jeb. Se Max se unisse a ele, mesmo que conseguisse vencer um, os outros dois de dentro estariam sobre eles em questão de minutos. E não havia como saber quantos mais havia lá fora naqueles bosques.

O disco queimou seu peito. Olhou para baixo, para as marcas das mãos. O que havia de bom em governar o mundo se perdia a si mesmo no processo?

O daemon grunhiu lá fora. Max deixou as chaves, olhou em torno e procurou a caixa de ferramentas na área de armazenamento atrás dos assentos. Quando encontrou uma chave de fenda de trinta centímetros de comprimento, percebeu que era a melhor arma que ia encontrar, empurrou para abrir a porta do lado do motorista e saltou para fora do caminhão.

Jeb tinha se virado assim nem ele nem o daemon estavam olhando para onde Max estava. Quando Jeb atacou com a faca, Max aumentou o aperto sobre a chave de fenda e avançou lentamente. A faca de Jeb só arranhou o braço do daemon, sem sequer tirar sangue. O daemon riu e lhe deu um golpe com suas garras, ferindo Jeb no peito e abdômen.

Jeb deu um grito e caiu para trás contra o chão com um ruído surdo. O sangue brotava de seu torso, manchando sua camisa. A faca voou de sua mão para aterrissar longe, sobre o solo congelado. Jeb tentou rastejar para trás sobre o solo para alcançar a faca, mas estava muito longe. O daemon se inclinou para ficar cara a cara com o caminhoneiro.

—Disse a você que tinha tomado uma decisão estúpida, humano. Mande meus cumprimentos para Hades.

Os olhos de Jeb se arregalaram de horror enquanto o daemon levantava suas garras afiadas.

Max atacou. Com o braço levantado para o alto, empurrou a ponta da chave de fenda na nuca do daemon. Imediatamente, o daemon se ergueu, gemendo de dor. Tirou Max de cima. Max bateu no chão com força, o impacto tirou sua respiração, e o fez rolar pelo solo congelado. O daemon cambaleou para trás até que bateu o flanco no reboque, tremendo segurou o cabo da chave de fenda e a puxou.

O sangue jorrou do ferimento como uma mangueira contra incêndios. Ficou claro que a chave de fenda tinha batido na jugular do daemon. O daemon caiu de joelhos sobre o solo, gritando enquanto cobria o ferimento com a mão e o sangue continuava escorrendo por entre os dedos.

—A faca — Jeb falou com voz rouca, ainda tentando se arrastar para trás.

Atordoado, Max reagiu, procurando a faca. Finalmente, a mão se fechou no cabo. Neve e cascalho encheram a palma de sua mão. Com a adrenalina bombeando, levantou-se e parou na frente do daemon, ainda de joelhos, retorcendo-se de dor.

Matar ou morrer.

Sim, ele tinha aprendido bem a lição, não é verdade? Só que aquele não era o caminho que Atalanta desejava.

Com a adrenalina pulsando, balançou-se para trás e em diagonal, como tinham lhe ensinado, decapitou o monstro antes que ele pudesse recuperar suas forças e matá-los.

Tentou não pensar no que fez. Nem sequer quis olhar para baixo para a cabeça grotesca separada do corpo do daemon. Max se virou e se dirigiu a Jeb. Ajoelhou-se ao lado do homem, imediatamente tirou a jaqueta e pressionou-a no ferimento do peito do humano.

—C…corra —disse Jeb sem fôlego.

—Não vou deixar você aqui.

A mão de Jeb se fechou sobre o pulso de Max.

—Há… mais.

Sim, Max já sabia disso. Os exploradores da Atalanta viajavam em trio. Mas isso não era tudo. Viriam mais. Muitos mais. Especialmente quando aquele não informasse.

Max olhou fixamente para o humano, perguntando-se como as coisas tinham piorado tão rapidamente. Ele não queria aquilo. Não queria nada daquilo. Não era tão idiota para pensar que Atalanta o amava e por isso o queria de volta. Não, o que ela queria era o disco que ele tinha roubado dela. A chave para controlar seu mundo e o próximo. E não pararia até encontrá-lo e recuperá-lo.

A menos…

Alcançou e deu batidinhas no disco contra o peito. Ainda o aquecia, lhe dando uma força que nunca teve antes. Tinha-o acompanhado todo o caminho até ali quando devia sentir-se muito cansado para mover-se. Não sabia exatamente o que era, mas tinha poder. Como o cristal que a anciã entregou a ele. Instintivamente sabia que só coisas ruins poderiam acontecer se Atalanta o recuperasse.

"Recorde sua humanidade, Maximus. Que ela seja seu guia".

Considerou cuidadosamente as palavras da anciã em sua mente. Talvez o disco pudesse ajudar Jeb, se o homem pudesse manter-se vivo o suficiente para sair daquele buraco do inferno.

E se não, pelo menos Atalanta não o recuperaria.

Apertou a mão em torno do disco, depois tirou a corrente pela cabeça com dedos frenéticos. Enquanto Jeb o observava, Max colocou o disco e a corrente dentro do bolso da jaqueta.

—O que está fazendo? —perguntou Jeb.

Um rugido ecoou da entrada do edifício. O corpo de Max paralisou. Não tinham muito tempo.

Rapidamente Max colocou a jaqueta novamente em torno de Jeb, pressionou-a contra os ferimentos e colocou a mão de Jeb em cima para que pressionasse.

—Faça-me um favor e mantenha isto a salvo. Acha que pode chegar ao caminhão?

Com as sobrancelhas unidas pela confusão, Jeb virou a cabeça ligeiramente sobre o cascalho, olhando para o caminhão. Assentiu.

—Bom — Max apertou a mão de Jeb. —As chaves estão no contato. Suba, feche as portas e vá embora. E não olhe para trás. Está correto. Virão mais. Mas vêm atrás de mim. Não de você. Sinto haver arrastado você para esta situação.

—Max?

Max se levantou e se virou para os daemons.

Aquele era seu fim. Não havia forma de que pudesse superar a dois daemons. Mas talvez… só talvez, pudesse entretê-los o suficiente para dar a Jeb uma chance de fugir.

Respirou fundo. A imagem de sua mãe, sua verdadeira mãe, passou ante seus olhos: Seus cabelos vermelhos, seus olhos violetas, seu doce e bonito rosto. Tinha esperanças de poder conhecê-la algum dia. De perguntar a ela por que o havia abandonado. Agora já não importava. O engraçado era que apesar de tudo ele estava fazendo a coisa certa.

—Vocês, bastardos! —gritou para eles. — Não vou com vocês. Vão para o inferno, monstros!

Os daemons grunhiram em parte advertindo, em parte antecipando a próxima matança.

A adrenalina surgiu, e o medo se acelerou em sua coluna. Verdadeiro pavor, porque sabia o que estava por vir. Havia visto isso de perto e pessoalmente. Mas Max não hesitou. Saiu correndo para as árvores tão rápido quanto as pernas podiam levá-lo.

CAPÍTULO 19

A ducha fez pouco para relaxar Zander. Uma tempestade frenética fervia sob a superfície fora de controle, e cada segundo que perdia na colônia só aumentava a descarga interior.

Enrolou uma toalha branca em torno da cintura, sem se incomodar em se secar completamente. Quando entrou no quarto que Nick disse que usasse para tomar banho, encontrou Titus apoiado contra a parede e Lena já preparando tesouras, agulhas e o lixo médico sobre a mesinha de café na sala de estar.

Encantador. Titus estava lá para se certificar que Zander não grunhisse para a mestiça curadora — por que obviamente Zander pouco se importava — cumprindo seu trabalho.

Não se incomodou em discutir. Em vez disso, atravessou a sala e se sentou na cadeira, com a cabeça virada para a curadora. Quanto antes o costurasse, antes poderia tirar o traseiro dali e voltar à busca para encontrar seu filho. O medo e o temor se espalharam por seu peito, condensando-se em raiva. Daquela vez tinha alguns planos muito definitivos e horripilantes para o próximo filho da puta que encontrasse.

Titus não falou enquanto Lena trabalhava, apenas cruzou os braços e mordeu o palito de dentes, que aparecia em sua boca.

Lena apertou em torno das bordas do ferimento com os dedos.

—Não é muito profundo. Não levarei muito tempo.

Manteve os olhos fixos na parede amarelo claro, enquanto ela trabalhava.

Por sua vez, esta deu uma olhada.

—Nick mencionou o que aconteceu. —Quando ele não respondeu, espetou-o com uma agulha, mas fez isso com suavidade. —É verdade? Atalanta realmente tem seu filho?

A simples menção de seu filho enviou redemoinhos de tormenta de fogo novamente a ele. Cerrou a mandíbula, esforçando-se duramente para não deixar que a raiva escapasse dele, apertando as mãos em punhos e tentando pensar em... Nada.

Mas não funcionou.

Ela colocou a seringa sobre a mesa, alcançou uma agulha e a inseriu, concentrando-se nos instrumentos que tinha na mão.

—Ela... Callia sabe?

Não estava com humor para falar. Especialmente sobre Callia. Mas tampouco estava com humor para encher o saco de mais uma pessoa que poderia empurrá-lo para o abismo.

—Sim.

—E está aqui procurando por ele. Onde ela está?

—Em casa.

—Em Argolea. A salvo.

A desaprovação que havia em suas palavras era mais que evidente. Ele cerrou os dentes até que doeram, para não responder.

Ela enfiou a agulha na pele e voltou a tirá-la, evitando seus olhos.

—Subestima-a, Argonauta.

Como se ele se importasse com o que ela pensava.

Continuou costurando. Ele voltou a olhar para a parede. Fez-se silêncio enquanto ela trabalhava. Por último, amarrou as pontas dos fios, cortou-os e cobriu o ferimento com um curativo limpo e depois disse:

—Isso é tudo. Diria a você que tomasse cuidado com o ferimento, mas tenho a impressão de que fará o que tiver vontade, então não me incomodarei.

Ela recolheu o restante de suas coisas, e deu uma olhada para Titus que continuava apoiado contra a parede.

—Já terminei.

Titus assentiu com a cabeça uma vez e Zander teve a clara impressão de que era sua babá.

O que o incomodou. Muitíssimo. Aquela fúria borbulhou e redemoinhou.

—Espero que encontre o que está procurando. —Lena se deteve com uma mão na porta. —Mas não se surpreenda se não for o esperado.

Irritado? Merda, esqueça Titus. A curadora sabia como acabar com a paciência de qualquer um. Precisava sair dali agora, antes de perder a cabeça.

Zander ficou de pé.

—Espere, velho.

Titus caminhou tranquilamente para ele, mudando o palito de dentes para o outro lado da boca e enfiando as mãos grandes nos bolsos. Seus ombros se mantinham relaxados, mas a intensidade de seus olhos era uma grande bandeira vermelha, algo passava em sua mente.

Não tenho tempo para esta merda.

—Bom, encontre tempo — murmurou Titus.

Zander suspirou, porque mesmo em seu estado de ânimo sabia que enfrentar Titus naquele momento tinha tatuado más notícias por toda parte.

—O quê?

—A curadora tinha razão.

Zander deu um olhar aborrecido para seu companheiro.

—Callia tem direito de estar aqui.

Nem de brincadeira.

—É muito perigoso.

Zander não caminhou nem um metro antes que Titus se interpusesse.

—É muito perigoso para quem. Para ela ou para você?

Zander entreabriu os olhos.

—Aonde diabos quer chegar?

—Só estou comentando. Devia ser uma decisão dela, Z, não a sua. Ao diabo com a maneira que isso o afeta.

Zander se surpreendeu. Titus sabia que Callia era sua debilidade? Foda era fantástico. Sua mente voltou novamente para a conexão que Titus e Callia pareciam compartilhar e a raiva abriu caminho novamente. Cerrou os dentes para contê-la.

—A merda com forma que me afeta. Sabe que será mil vezes pior se os daemons a encontrarem agora. Não deixarei que a toquem. Não deixarei que ninguém a toque. Ela já sofreu o bastante. Você não gosta de meus métodos, não está de acordo com minha decisão? Foda-se. Não é sua alma gêmea, assim não é seu maldito problema.

Um lado dos lábios de Titus se inclinou, só um pouco. Seu sorriso pedante fez Zander querer bater o punho contra a parede ou… contra a cara de Titus, não se importava com qual.

—Suspeita confirmada — murmurou Titus. Depois elevou a voz. — Palavra de sábio. Cara. Está oficialmente fodido.

Zander olhou para Titus enquanto o outro Argonauta se dirigia para a porta.

—Diga-me algo que eu não saiba ainda.

—Faça-se um favor, Z. Antes de foder isto mais do que já fez. Diga a Callia a verdade.

Zander ficou olhando para Titus enquanto o guardião saia do quarto, confuso pelo que acabou de acontecer. Nunca tinha entendido Titus, e aquela vez não era uma exceção, mas tinha a estranha sensação de que o guardião tentava ajudá-lo, não retorcer a faca. Fora da sala, as vozes chegaram até seus ouvidos, mas não conseguiu distinguir a conversa. A única coisa que ouvia eram as palavras de Titus dando voltas em sua cabeça.

Dizer a Callia a verdade? Sim, claro. Isso provocaria um novo conjunto de problemas que ele não necessitava. Ser honesto, verdadeiramente honesto com ela, significava abrir-se para sua humanidade, algo que ele foi treinado para não fazer. Podia fazer isso agora? Soltar o autocontrole, abrir a alma e entregar-se a ela de uma vez por todas? As consequências redemoinhavam em sua mente. Histórias e

rumores sobre os Argonautas da linha de Aquiles mortos há muito. Ele mudaria. Quem e o que era. E a parte fundamental, que era um guardião. O lutador imortal de quem ele e os outros chegaram a depender. E então vinha seu filho...

Escutou passos se aproximando. Uma porta se fechou. Ele levantou os olhos lentamente até cravá-los no mesmo rosto que sua mente tinha invocado.

—Thea.

—Confiei em você — seus olhos se iluminaram. — "Não quero excluir você". Foi isso o que me disse. Confiei em você e me deixou lá enquanto corria para brincar de ser Deus.

—Thea…

—Não me venha com Thea. —Callia avançou para ele e pressionou o dedo indicador contra seu peito. Estava tão aborrecida como nunca a tinha visto. E mais bonita do que ele podia ter imaginado. —Nem sequer chegou a me chamar assim. Ele é meu filho, Zander. Entendeu? Meu. Nem sequer sabia nada sobre ele até recentemente.

—Callia.

Ela deu uma tapa em suas mãos.

—Vá para o inferno. Não preciso de você. Posso conseguir que Theron ou qualquer outro me ajude a recuperá-lo. Só vim aqui para avisar a você que não vai me afastar disto. Não deixarei. —Seus olhos brilhavam quando se virou para a porta. —Mantenha-se afastado de mim, Zander.

Tinha uma mão na maçaneta da porta no momento em que ele enroscou os braços ao redor de sua cintura por detrás e a levantou do chão.

—Espere.

Lutou contra a sujeição dele.

—Deixe-me ir.

—Não posso. —Pressionou suas costas contra o peito, enquanto as palavras que ainda não tinha se decidido a dizer saíam a borbotões. —Tentei. Deuses, tentei,

mas não consegui. Preciso de você.

—Você nunca precisou de mim. Não fui mais que uma aventura. Uma forma de fazer o Conselho pagar. Algo para passar um tempo precioso.

—Isso não é verdade. —Ela se remexeu contra ele, e embora não fosse a reação que queria, não conseguiu evitá-la. Seu sangue se aqueceu e foi para o sul. Estar perto dela sempre o eletrificou, especialmente quando pressionava o doce traseiro contra seus quadris como estava fazendo agora. — Foi tudo. É tudo.

—Mentiroso. —Ela recuou e empurrou o salto da bota em sua tíbia. Ele fez uma careta quando a dor disparou em sua perna. —Pensa o pior de mim sem dúvida.

Ela tinha feito isso. Tinha razão. E nunca se perdoaria por isso.

—Não deixei de necessitar de você. Nunca deixei de amá-la.

—OH, sim — zombou. —Posso notar o muito que me ama. Isso é tudo o que sempre quis de mim, não é mesmo, Zander? Sexo. Sim, éramos bons nisso, não é verdade?

Um espaço em seu peito se tornou frio pela mordida de suas palavras. Instintivamente, soltou-a.

Ela não fugiu como ele esperava. Em vez disso, virou-se lentamente, enquanto o fogo rivalizava com a raiva que de seu interior.

—Por que não vem e me possui então, Zander? Dado que nós dois sabemos que é tudo o que alguma vez fui para você.

—Callia. —Algo tinha mudado nela. Algo alimentado pela vingança e aquela atração malvada que os uniu pela primeira vez. —Basta.

—Por quê? —Um dos cantos de sua boca se elevou, mas não havia humor nos seus olhos. Não havia mais que cólera, calor e malícia. —Pensei que havia dito que me necessitava.

—Necessito de você. —Recuou até bater contra o sofá. Levantou as mãos à medida que ela avançava, com a esperança de afastá-la. Não tinha nem ideia de

como as coisas se torcido tão rápido. —Mas não assim.

Ela estreitou os olhos.

—Acredito que é justo assim. Vamos, Zander. Sou apenas uma mulher fraca. Você tem todo o poder aqui.

—Não, não tenho. —Os sinos de alarme soaram em sua cabeça. Apesar de estar errado, embora soubesse que o que ela fazia não tinha nada a ver com ele e era tudo para demonstrar seu ponto de vista, sabia que não seria capaz de resistir por muito tempo. Não quando ela era a única pessoa a quem nunca foi capaz de resistir. — Quem tem é você. Sempre teve.

Os músculos em torno dos olhos violetas se contraíram. Tinha sua mão na a toalha em sua cintura antes que sequer tivesse a visse mover o braço.

—Tem razão. Eu o tenho.

Tirou sua toalha do corpo com um puxão e a jogou no chão. Seus olhos posaram em seus quadris e na maldita ereção.

—Pode dizer que não, mas certamente seu corpo diz que sim. —Olhou para cima. Empurrou as mãos contra seu peito e se aproximou até que o grande comprimento de seu corpo ficou pressionado contra o dela. —Vamos, Zander. Mostre-me o quanto você precisa de mim.

Seu sangue golpeou com força nas veias. Seu doce aroma feminino o envolveu, tentou-o, excitou-o e não o soltou. As pontas de seus seios pressionavam seu peito e junto com o vaivém de seus quadris suaves embalando sua ereção o enlouqueceu. Mas a dureza em seu tom foi à única coisa que não conseguiu ignorar.

—Callia. —Segurou-a pelos ombros. —Não me tente neste momento.

—Por que não? —resistiu ao aperto, afundando os dentes na base de seu pescoço. —Você me disse na caverna que queria transar comigo — a voz se transformou em um sussurro rouco. — Agora é sua chance.

Fechou os olhos, engoliu em seco, sabia que tinha que sair dali, mas não

conseguia se mover. Ela estava zangada e ferida e o sentimento autodestrutivo após tudo o que soube hoje, era a única razão pela qual estava fazendo aquilo agora com ele. Mas entender isso, não mudava o que ele queria. O que necessitava.

Que o céu o ajudasse…

Soltou os ombros dela e deslizou os braços ao redor de sua cintura. Aproximou-a dele e enterrou o rosto em seus cabelos.

—Thea...

—Sabia. —Levantou a cabeça e cravou as unhas em seu peito. —Filho da puta!

Assim como fez na caverna, uma forte energia disparou através de seu corpo para suas mãos e saiu diretamente para golpeá-lo no torso.

Ele ficou sem fôlego, o ataque de poder foi forte o suficiente para fazê-lo perder o equilíbrio. Mas aquele não foi tão poderoso quanto o que lançou nele antes, e não caiu. Em vez disso tentou alcançar seus ombros novamente, mas ela escapou de se alcance.

—Vá para o inferno, Zander.

Ela deu três passos antes que ele a segurasse pelo braço.

—Estive lá muito tempo. E não quero estar mais.

—Zan…

Ele a puxou e cobriu sua boca com a dele. O beijo foi duro e mordaz e não deixou nenhuma dúvida quanto ao que ele queria. Quando ela bateu seu punho contra o peito dele, ele não a soltou. Quando curvou os dedos em sua pele outra vez, ele a apertou com mais força, passou um braço pela cintura e deslizou a outra mão por seus cabelos sedosos para que não pudesse lhe disparar mais dor novamente. Ele a guiou de volta para a porta. Sua coluna vertebral bateu na madeira. Ela murmurou algo contra seus lábios, mas não afrouxou a sujeição. Em vez disso, mudou o ângulo do beijo, acariciou com a língua a dela e deixou de lado todas as consequências do que estava prestes a fazer.

Seus olhos violetas surpresos o chamuscaram quando recuou, mas ele não a deixou ir.

—Não me necessita? —disse ele. —Soltou isso alto e claro. Mas entendo isto. Não fiz nada para proteger você quando devia ter feito, e terei que viver com isso, mas não vou cometer o mesmo erro duas vezes. E se isso significa deixar você em Argolea uma centena de vezes, onde está segura, então isso é exatamente o que farei.

—Você…

—Por quê? —Inclinou a cabeça para onde ainda a abraçava com força contra ele. —Não é absolutamente o que pensa. São oitocentos anos procurando você e dez tentando viver sem você. É estar perto de você e querer algo que não posso ter. E isso não é sexo, Callia. É você. Só você. A única coisa que eu queria.

Soltou-a e recuou, mas manteve os olhos nela para o caso de dela se aproximar novamente. Uma tormenta se preparava nas íris violeta. Uma que conhecia muito bem. Seus lábios estavam inchados e rosados pelos beijos. Seus cabelos eram um emaranhado em torno de seus ombros. Ela o olhou enquanto seu peito subia e descia com respirações profundas. Quando se aproximou, ele se preparou.

—Você não joga limpo — ela sussurrou.

—Nunca pretendi.

—A maldição da alma gêmea é uma merda. —Percorreu com os olhos o rosto. O perfeito, familiar e magnífico rosto. —É minha realidade. Não a sua.

—É uma desculpa. Não pertenço a você, Zander. Não pertenço a ninguém — a voz se tornou um sussurro. —Faço minhas próprias escolhas agora.

Ela pressionou sua boca na dele tão rápido que ele mal que teve tempo para tomar uma baforada de ar. Seu beijo foi tão rude e persuasivo como tinha sido o dele, e cheio de calor, paixão e desejo. E que os deuses o ajudassem, não importava se o gesto foi feito por raiva, frustração ou mesmo destruição. Porque era ela. Sua alma gêmea. Sua vida. Seu coração.

—Callia…

—Não fale. —Soltou-o, pegou a bainha do suéter e a passou sobre a cabeça. O objeto caiu no chão aos seus pés. Ele captou um vislumbre de tecido e pele antes que ela o beijasse outra vez e deslizasse os dedos por seus cabelos.

Seus seios se apertaram contra o torso nu, sua língua deslizou por sua boca. Seus mamilos eretos cobertos pelo tecido roçaram sua pele enquanto envolvia os braços em torno de sua cintura e a beijava novamente.

Desejou que ela tivesse tirado a regata junto com o suéter, desejou que ela tivesse tirado a calça também. Desejou não estar tão louco por prová-la para poder refrear as coisas e desfrutar daquele momento como devia.

—Callia.

—Uh-uh. —Soltou-o novamente, fazendo saltar os botões da calça e desfazendo-se dela. Antes que tivesse a chance de olhar, pressionou-se contra ele outra vez, nua da cintura para baixo e sua para tomar sem nada para falar.

Oh, deuses…

Sua língua se enredou com a dele e seus dedos se prenderam nos cabelos dele. Colocou sua cabeça aonde a queria e lhe deu um beijo mais profundo. Gemeu em sua boca e se apertou com mais força. Drogado pelo sabor misterioso, erótico dela, gemeu contra sua boca e não percebeu que ela os virou até que se apertou contra ela e encontrou resistência quando ela bateu contra a parte de trás do sofá.

—Possua-me — murmurou contra seus lábios.

Foi incapaz de fazer outra coisa senão o que ela queria. As mãos correram para seu traseiro e a levantou com facilidade para colocá-la no respaldo do sofá, ao mesmo tempo em que acariciava seus lábios, sua língua, sua boca com a dele. Suas pernas se separaram, envolvendo-se ao redor dos quadris dele, prendendo-o. Quando a ponta do pênis roçou sua suave e úmida fenda, percebeu que isto ia ser mais rápido do que queria.

—Callia. Eu…

—Nada de falar, Zander. —Seus dentes se aferraram ao lóbulo da orelha. Mordeu-o justo quando a mão encontrou o pênis. Um pingo de dor atravessou sua

orelha, mas gemeu quando ele fechou os dedos em torno do comprimento. Lentamente baixou a mão, deixando o cilindro de carne dura deslizar através do aperto. Quando chegou a parte abaixo da ponta, apertou, tomando o lóbulo da orelha profundamente em sua boca sensual e sugou.

Cada músculo de seu corpo se enrijeceu. Todo pensamento racional saiu voando de sua mente. Tinha uma necessidade lógica e essa era que entraria em sua alma gêmea naquele momento.

Um grunhido retumbou em seu peito quando afastou a orelha de seus lábios e conduziu a língua a sua boca, beijando-a com um desejo raivoso como não tinha sentido há anos. Ela murmurou sim contra seus lábios e levou seu pênis para a abertura. O instinto o governou enquanto ela ardia, delirando na umidade empurrou duro ao primeiro toque até que ficou situado profundamente dentro dela.

Ela gemeu, movendo os quadris e o tomando ainda mais fundo quando ele pensou que não havia nenhum outro lugar aonde ir.

—Sim, sim, sim deuses, Zander.

Frenético por mais, deslizou para fora e para dentro. Seus braços se fecharam em volta dos ombros, suas pernas em torno das costas. A regata de seda se esfregou contra o peito dele, enquanto lambia sua boca, não com a sensação de pele contra pele que queria, mas igualmente erótico quando pensou que ainda estava meio vestida e se agarrava a ele para salvar sua vida, enquanto ele empurrava dentro dela e seu acoplamento se acelerava.

A eletricidade correu por suas costas. O suor escorria pela pele. Ela não parou de beijá-lo, não lhe deu uma chance de falar. Cada vez que tentava se refrear ela o segurava com mais força, apertando suas costas, excitando-o a ir mais rápido. As respirações se tornaram rápidas e difíceis enquanto ele se movia dentro dela e tomou a cabeça em suas mãos para beijá-la loucamente repetidas vezes.

Estava bastante seguro de que poderia morrer agora e ser feliz por toda a

eternidade. A sensação de sua apertada e úmida cavidade o envolvendo, o sabor de seu misterioso e picante sabor na língua, o aroma da excitação de sua mulher única e perfeita não querendo nada exceto a ele… Era melhor que qualquer céu que pudesse imaginar.

Ela se contraiu em torno dele, cravando as unhas em seus ombros, gemendo contra seus lábios. Ele moveu-se mais rápido, beijou-a mais duro, sabia que seu clímax se construía, conhecia cada sinal disso. Desesperado por lhe dar exatamente o que necessitava, mergulhou mais fundo, puxou seus quadris para apertá-los mais contra os seus, moveu seu corpo em um ângulo que a ponta do pênis atingisse seu lugar mais doce, repetidas vezes.

Ela empurrou contra ele, ergueu-se em seus braços, separou a boca da dele e gemeu baixo e longamente enquanto seu corpo pulsava em torno dele. E nesse momento, ele não hesitou. Agarrou-se ao seu pescoço enquanto o montava, lambeu a pele doce e tenra com a língua e sugou. Depois se entregou as sensações que envolviam seu pênis e gozou mais forte do que o tinha feito em toda sua vida.

Exausto, deixou-se cair sobre seu peito, apoiando a testa em seu ombro. O torso subia e descia com a respiração rápida e com o pulso golpeando ao mesmo tempo.

—Thea...

—Eu... Oh, deuses. Eu não tinha a intenção que isto acontecesse.

Deslizou as mãos por seus cabelos, massageando sua nuca, passando os dedos pela marca que agora sabia que estava lá.

—Não ouvi ninguém se queixar.

—Eu... — Ela moveu a cabeça para que sua têmpora descansasse sobre o peito dele. Era evidente que ela estava tentando diminuir as pulsações aceleradas de seu próprio coração. —Não ficarei grávida. Não é o momento adequado. Não tem com que se preocupar.

Preocupar-se? Como ela podia pensar isso?

—Não estou preocupado, — disse ele. —Eu adoraria ver você barriguda com meu filho. Perdi isso da última vez. Eu... —Pressionou os lábios no topo da cabeça dela quando sua garganta se apertou e aquele espaço dentro dele se aqueceu ante a ideia de uma família. Uma família de verdade. E quando encontrassem seu filho... —diga-me quando e me assegurarei de encontramos o momento adequado.

Ela se acalmou contra ele. Sua cabeça se ergueu lentamente até que os olhos violetas descansaram sobre ele, examinando seu rosto. Com o silêncio, ele não podia saber o que estava pensando. Depois empurrou contra seu peito e se soltou.

—Tenho que ir.

—Callia.

Afastou-se dele e deixou-se cair no chão, deixando-o muito frio depois da perda de seu calor. Pegou sua calça do chão.

—Isto foi um erro.

Seu peito se apertou por essas palavras. Mas antes que ela pudesse fugir envolveu seus braços em torno dela e a levantou do chão.

—Não foi um erro. Você e eu nunca foi um erro.

—Zander. Deixe-me ir.

Nem por casualidade. Nunca mais.

Aproximou-se da cama e a deixou sobre o edredom, cobrindo seu corpo com o dele.

—Já disse a você que não posso. —Baixou a cabeça e pressionou os lábios na reentrância de sua garganta.

—Por favor, não. — sussurrou.

Ele se moveu erguendo-se, beijou sua face primeiro à direita, depois à esquerda.

— Lembra-se, — seus lábios traçaram um caminho de beijos até o ouvido. — daquela noite que esperei você no bosque atrás da casa de seu pai?

—Zander. Não faça isso.

Beijou-a no lóbulo, sugando-o para dentro da boca e lançado ar quente contra

sua pele.

—Pensei que não apareceria.

Ela estremeceu embaixo dele e sentiu como a luta abandonava seu corpo. Sentiu todos aqueles anos de fuga e incompreensão, reduzir-se naquele momento. Sentiu aquele espaço vazio em seu peito encher-se até quase se arrebentar.

—Seu pai não ficou contente quando me viu na clínica naquele dia. Mas eu tinha que ver você. Precisava de você, Thea.

Seus olhos se apertaram, e soube que ela estava recordando aquela noite. A mesma que ainda conservava na mente como a cena de um filme. Uma lágrima solitária no sulco do canto dos cílios.

—Não… era você. Ele nunca quis que eu ajudasse os Argonautas ou o rei. Não o entendi então. Mas agora...

Agora ele também compreendia.

—Ele sabia sobre nós, então.

—Suspeitava — sussurrou. —Não tinha certeza.

Beijou-a na mandíbula, pescoço, lambeu o caminho até aquele ponto sensível onde o pescoço se unia ao ombro. Ela estremeceu com o contato, enquanto a reação o encorajava e excitava.

—Você era tudo em que eu conseguia pensar. Sabe o quanto foi difícil não dizer ao mundo inteiro que era minha? Manter em segredo o que havia entre nós? Quis você na clínica. Queria subir na grade de sua varanda terraço e levá-la para a cama. Tornei-me um pouco louco na noite que não apareceu.

Ela respirou pausadamente quando ele a beijou pela clavícula, quando deslizou a alça de sua regata e pressionou os lábios no topo de seu seio.

—Eu... Eu não conseguir escapar. Ele me manteve acordada até tarde, lendo passagens de Homero, falando do Conselho. Suspeitava. Eu... Tive que esperar que ele dormisse para poder fugir.

Ele esperava que aquela fosse a razão pela qual ela o fizera esperar naquela

noite. Embora ouvi-la dizer as palavras depois de tanto tempo…

Baixou a outra alça do ombro, deslizando sua regata para deixar à vista seus seios perfeitos. Curvou os dedos sobre uma massa pesada, respirando ardentemente sobre a ponta.

—Não tem nem ideia de como me senti quando a vi atravessar por entre as árvores para mim. Lembra-se do que aconteceu naquela noite, Thea?

—Beijou-me. —Tentativamente, as mãos deslizaram por seus ombros até os cabelos.

—Onde?

—Aqui.

Ela arqueou as costas e guiou seus lábios para o seio. Se o movimento foi instintivo ou persuasivo, não se importou. Tomou o mamilo na boca. Sugou até que ela estremeceu. Um gemido escapou de seus lábios, o som era tão erótico que ele se enrijeceu novamente. Moveu-se para o outro seio, repetiu o movimento, mamando, com a língua riscando a ponta de seu mamilo e os dentes raspando a borda. Ela arqueou-se contra ele novamente, abrindo as pernas. Ele se afundou no v de seu corpo até que a pesada ereção se apoiou em seu centro liso e quente.

—E depois, o quê? —sussurrou.

—Você... Oh... —Ela moveu os quadris para que a ponta do pênis se esfregasse contra o clitóris. —Deitou-me no chão e me despiu.

Ele fez isso. Ali mesmo, na pequena clareira. Não conseguiu ser o bastante rápido.

—E o que você fez?

—Ajudei você — sussurrou.

—Desejava-me.

—Sim — gemeu enquanto ele arrastava a boca sobre o tecido amassado da regata.

—Quis que eu a beijasse aqui, não é mesmo? —Apertou a boca contra seu

ventre plano, deslizando os lábios para baixo.

—Sim.

—Aqui também? —moveu-se até o ponto da união do torso e as pernas.

—Sim — gemeu, retorcendo-se contra ele.

—E por aqui? —Suavemente, beijou o topo do montículo depilado.

—Oh, sim.

—E agora, Thea? Quer minha boca aqui agora? —Deslizou os dedos por cima de seu centro, riscando a linha de sua fenda. Seu corpo estremeceu contra ele e o inebriante aroma de sua excitação incrustou-se completamente em sua alma.

—Sim — suspirou ela.

Passou a língua ao longo da fenda, detendo-se em seu clitóris, puxou a ponta e a sugou até que ela gemeu e se retorceu debaixo dele. Não se deteve, levando-a ao limite repetidas vezes. O doce mel de sua excitação o enlouqueceu. Devastando sua resistência. Clamando por aquela parte dele que estava estreitamente ligada a ela.

Os lábios encontraram o quadril, o estômago, os seios. Ela estava com os olhos fechados ainda mais apertados, quando mamou seu mamilo profundamente, abriu suas pernas com os joelhos e apoiou suas mãos sobre elas. A boca retornou ao seu pescoço, e se grudou a sua pele coberta de suor, sugando, depois baixou seus quadris de modo a apertar sua ereção embalando-a exatamente onde ele mais queria.

Ergueu a cabeça, pressionou a boca em sua orelha, empurrou, suavemente, até mal entrar nela. Ela gemeu. As mãos dela encontraram seu traseiro, tentando puxá-lo mais fundo, mas ele se conteve.

—Então o que aconteceu? —sussurrou ao seu ouvido.

—Fez amor comigo.

—Não, Thea. Amei você. Abra os olhos.

Seus cílios escuros se ergueram, e seus brilhantes olhos violetas se concentraram nele. Olhos nos quais ele quis perder-se para sempre. Olhos que lhe

disseram, que embora ela nunca sentisse o mesmo por ele, abrir-se para ela e sua humanidade não era um erro.

—Amei você então, Callia. Soube naquela noite no prado. Quando a chuva caía ao nosso redor. Quando se desfez em meus braços. Só que não disse isso a você por medo de que me rejeitasse. Que fosse muito cedo. Que não sentisse o mesmo. Pensei... —As emoções trancaram sua garganta, mas cerrou os dentes, sabia que tinha que colocar isso para fora. —Pensei que tinha todo tempo do mundo para que você se apaixonasse por mim. Equivoquei-me. Se pudesse voltar atrás e mudar algo do passado o faria.

As lágrimas se reuniram em seus olhos, e ele usou os dedos para remover a umidade, para afastá-la de sua face. Sentiu o último resquício de sua resistência derreter-se.

—Se pudesse voltar atrás, diria a você que a amo. E não porque é minha alma gêmea. Se as Moiras tivessem me empurrado para outra pessoa, ainda a amaria.

—Zander. —Fechou os olhos com força, aproximando-se de sua boca, levantou os quadris e o puxou para o seu calor sedoso.

Sua união foi lenta e sensual. Não foi o acoplamento frenético de antes, mas mais profunda, mais quente, mil vezes mais intensa. Quando ele se moveu dentro dela, entrelaçou os dedos com os dela, observando seu rosto, beijou-a nos lábios, nariz, face, não podia afastar os olhos enquanto o prazer o montava. Ela acreditava que estava condenado a passar a eternidade sem seu coração, e ali estava, batendo dentro dele novamente. Nela.

Ela gemeu seu nome, arqueou as costas. Seu canal escorregadio se contraiu em torno dele, indicando que sua liberação se aproximava. Ele empurrou mais forte, mais profundo, esforçando-se para dar o que ela necessitava. E quando ela alcançou seu ponto máximo, quando seu corpo se contraiu com a liberação, ele foi com ela. Esqueceu-se da batalha que esteve liberando dentro dele durante tanto tempo. E finalmente, entregou-se a ela.

As pernas de Max queimavam. Os pulmões ardiam. Lançou-se rapidamente através das árvores, torceu o tornozelo em uma raiz que saia da terra, mas continuou correndo. Atrás dele ouviu os daemons se aproximando, mas não se virou para saber o quanto eles estavam perto. Sabia que se os visse…

Pisou em um pedaço de gelo e escorregou, erguendo os braços aos lados para manter o equilíbrio. Justo antes de cair no chão, bateu contra a base de uma árvore. A dor atravessou como um relâmpago seu torso e pernas. Segurou-se e se levantou.

Um grunhido ressoou as suas costas.

Tomou uma baforada de ar gélido, afastou-se da árvore e correu para a direita, deslizando por uma encosta coberta de neve sobre as mãos e traseiro, para o que parecia um caminho florestal.

Derrapou e deslizou para um lado, endireitando-se graças aos braços, desesperado para chegar ao fundo de qualquer maneira. Uma torrente de água chegou até seus ouvidos. Se pudesse chegar ao rio e saltar dentro, poderia levá-lo para longe daquele horror. Poderia congelar, mas ao menos não seria o almoço.

Com o coração acelerado, chegou ao fundo da colina, empurrando-se graças às pernas. Acima, reprimendas e rugidos ecoaram por entre as árvores. Ficou em pé e correu o mais rápido que pôde para o que esperava que fosse um grande rio com redemoinhos.

Justo quando chegou do outro lado da trilha florestal, um daemon caiu em seu caminho.

Tentou parar, mas perdeu o equilíbrio, caindo para trás para bater a cabeça contra o duro chão gelado. Estrelas brilharam ante seus olhos. Gritou de dor, mas a cara acima dele o deixou sem fala.

Phrice. Só que estava muitíssimo maior do que a última vez que Max o viu e muito mais poderoso.

—Assim é — disse Phrice, inclinando-se para baixo. — Sou seu pior pesadelo.

Max engatinhou para trás. Phrice era o archidaemon?

O pânico e o medo se encaixaram no peito de Max. Continuou recuando até que se deparou com uma bota. O horror agitou seu corpo, fazendo-o levantar a cabeça. Presas gotejantes e brilhantes olhos verdes olhavam para baixo.

Phrice pegou a camisa de Max e o levantou no ar.

Max gritou e agitou as pernas. As garras perfuraram a camisa e se cravaram em sua pele. A dor atravessou seu torso.

—Foi um menino mau, Maximus. O que devemos fazer com ele? —perguntou Phrice ao outro daemon.

—Posso pensar em algumas coisas — disse o segundo daemon.

—Eu também. —Phrice se aproximou tanto de Max, que o fedor vil do daemon encheu seu nariz e garganta, causando nauseias nele. —Antes que passe esta noite menino, desejará não ter nascido.

As lágrimas queimavam os olhos de Max enquanto ele lutava. Sua humanidade não o protegeu como a anciã lhe disse que faria, mas ao menos esperava ter salvo Jeb.

—Só faça isso rápido — sussurrou enquanto uma lágrima rolava por sua face..

Phrice começou a rir.

—Isso eu não posso garantir. —lançou Max sobre o ombro e foi em direção das árvores com o outro daemon em seus calcanhares. — Seu destino está agora nas mãos de Atalanta.

CAPÍTULO 20

O coração da Callia parecia que ia criar asas e voar para fora da pele. Quando Zander baixou a cabeça ao seu seio e aspirou profundamente, respirações de tirar o fôlego, pensou que talvez isso pudesse acontecer.

Seu corpo ainda tremia devido ao mais delicioso orgasmo, sua mente acelerou com todas as coisas que ele lhe disse. De coração queria acreditar que apesar de tudo o que aconteceu entre eles, ainda podia ter um futuro pela frente.

—Zander — disse docemente, passando as mãos por seus cabelos. —Temos que nos levantar.

—Faremos isso, — murmurou contra seu pescoço—, quando eu puder me mover novamente.

O calor percorreu seu corpo quando pensou na razão pela qual seu corpo não estava funcionando. Quando se lembrou do que fizeram. Como havia se sentido. Como queria fazer tudo novamente. Os músculos instintivamente se contraíram em torno daquela gloriosa parte dele que ainda estava afundada profundamente dentro dela e ele gemeu em resposta.

—Essa é uma maneira de você conseguir que eu me mova novamente.

Ela sorriu, porque sim, o sexo nunca foi um problema entre eles. Mas sabia que daquela vez não se tratava só de sexo. Era algo mais. Sentiu isso, mesmo quando não conseguia colocar isso em palavras.

O sorriso desapareceu. O mundo real e uma infinidade de problemas apareceram.

A verdade caiu em torno dela, estilhaçando a fantasia que estava construindo. Seu filho ainda estava perdido. Tinham perdido um tempo valioso ali, fazendo amor, quando deveriam estar procurando por ele. E para completar, Isadora — a meio-irmã de Callia e noiva de Zander — estava lá embaixo naquele momento, provavelmente perguntando-se que diabo estava acontecendo naquele quarto.

Ela empurrou suavemente seus ombros.

—Tenho que me levantar, Zander. Preciso de um banho.

Lentamente, ergueu-se sobre as mãos. Quando levantou a cabeça, seus olhos estavam sonolentos, seus cabelos desarrumados. E embora não fizesse sentido, algo nele parecia… diferente. Mais calmo. Mais em paz, como nunca o tinha visto antes.

—Já está tentando me tirar de cima?

Olhou-o fixamente, tentando localizar o que era que tinha mudado nos últimos minutos, mas não conseguiu. Fizeram amor inúmeras vezes antes, e sim, o sexo o relaxava. Mas não daquela maneira. Isto era… algo mais.

Enquanto franzia as sobrancelhas, deu-se uma sacudida mental, reconcentrando-se e deslizando para fora dele.

—Não, só estou recordando por que vim ao reino humano primeiramente.

Ele rolou de lado para observá-la, posou o cotovelo sobre o sofá e a cabeça sobre a mão.

—Como chegou aqui, afinal?

Ela virou-se em um lento círculo enquanto colocava as alças da regata em seu lugar.

—Vim com Isadora e Casey.

—As três estão aqui? Como?

—Viemos através de um portal secreto que Isadora conhecia.

—Onde?

—Nas montanhas.

Os lábios dele se contraíram.

—Há bruxas naquelas montanhas.

Ela captou a desaprovação em sua voz, mas de algum modo soube que ele não ia repreendê-la por suas ações. O que não encaixava. Porque Zander sempre dizia a todos o que tinham que fazer.

Estranho.

Olhou em torno, outra vez se perguntando o que era que tinha mudado nele e por que, mas se distraiu quando viu as roupas. Agachou-se para recolhê-las.

—As outras provavelmente devem estar se perguntando onde estamos. Não acredito que seja uma boa ideia descer cheirando a sexo depois de elas saberem que subi para atacar você. E especialmente não quero cheirar a seu sexo na frente de

Isadora.

Encontrou o banheiro e foi naquela direção.

—Serei rápida — disse por cima do ombro.

Fechou a porta do banheiro e respirou fundo. As mãos estavam trêmulas, os nervos um rolo quente debaixo da pele. Rapidamente entrou na ducha, tirando a regata pela cabeça e entrou sob o jato quente.

O calor a relaxou imediatamente. Fechou os olhos, inclinou a cabeça para trás para que a água pudesse bater em seu peito. Tentando não permitir ao cérebro questionar-se, embora soubesse que isso era inevitável. A dor ante o que seu pai tinha revelado tirou seu fôlego. Mergulhou o rosto embaixo da água. A lembrança se transformou na conversa com Isadora e Casey, em seguida o vir ali para encontrar Zander, e ela desafogando-se com ele a raiva e a frustração por tudo.

Não ia fazer isso novamente. Não ia cometer os mesmos erros que antes. Ele a amou? Aquilo importava agora? A única coisa que importava agora era encontrar seu filho. O resto — o coração se contraiu — o resto não era importante.

Um ar frio acariciou, e ela percebeu muito tarde que a porta do banheiro se abriu e fechou enquanto ela estava presa nas meditações. Moveu-se rapidamente para ver Zander entrando debaixo da ducha em frente a ela.

—O que está fazendo?—perguntou.

—Decidi que uma ducha era uma boa ideia.

O pânico oprimiu seu peito. Recuou em uma tentativa de fugir, mas ele parecia abranger todo o espaço naquele pequeno compartimento.

—Bom, mas espere lá fora. Terminarei em um minuto.

A diversão apareceu em seu belo rosto.

—Por que você ficou tímida de repente? Vi você nua antes, Thea.

—Não sou tímida. —Disse recuando novamente. A coluna bateu nos azulejos da parede. — Só quero privacidade, isso é tudo. Disse que terminaria em um minuto. Depois a ducha é toda sua.

—Eu gosto de compartilhá-la com você. —Segurou um braço dela.

Ela moveu o ombro para evitar que a segurasse.

—Por favor, Zander. —O pânico abriu caminho por sua garganta. Pressionou as costas mais firmemente contra a parede. — Basta esperar lá fora.

Ele entrecerrou os olhos.

—O que aconteceu?

—Nada.

Os dedos se moveram por seu antebraço.

—Callia, vire-se.

Ela cravou os calcanhares. Olhando fixamente para seu pelo largo e à água caindo por sua pele bronzeada em forma de regatos.

—Não.

Ele puxou seu braço, e mesmo sabendo que era inútil, resistiu. Ele a virou com facilidade, até que suas costas ficaram cobertas por seu torso e seus braços em torno dela, prendendo-a.

—Isto é melhor, não é mesmo? —sussurrou em seu ouvido.

Não. A água se dispersava sobre seu peito e ombros novamente. Fechou os olhos. Querendo desesperadamente esquecer a existência dos últimos dez anos. Mas não podia.

—Zander, por favor.

—Vi as cicatrizes de quando a feriram. —Disse suavemente. —Não tem que temer que eu as veja.

—Não o faço.

—Então, o que está errado?

Entrecerrou os olhos, desejando poder evitar aquela conversa.

—Não são… Não é algo que eu goste que as pessoas vejam. São feias.

Ele baixou os lábios até seus ombros. Beijou-a suavemente.

—Nada em você pode ser feio. —Enquanto levantava a cabeça, afrouxava o

abraço, recuou, e ela soube pelo modo que sua pele formigava que ele estava olhando as cicatrizes. Embora ela tivessem se atenuado até não serem mais que finas linhas brancas ainda as sentiam. Todos os dias. E sabia como pareciam. — Quando penso no que lhe fizeram…

—Não me fizeram nada que eu não tenha pedido. Foi minha escolha.

Seu silêncio confirmou o que sabia que ele estava sentindo. E estava bem, sim. Era por isso que não queria ter aquela conversa. A dor com que convivia todos os dias, que tinha escondido para poder superá-la, retornou com um estrondo.

—Eu… Ninguém me obrigou, Zander. —Ao menos queria se certificar que ele entendesse. —Eu me ofereci como voluntária para o ritual de purificação.

—Por quê? —Perguntou com uma voz estupefata.

Tinha muito mais sentido em sua cabeça do que teria em palavras.

—Porque parecia ser o correto. Porque — pensou —devia isso ao meu pai por ele ter arriscado sua posição ao cuidar de mim. Por que… — deu de ombros, olhou para baixo, para os braços fortes que ainda a envolviam. —Eu queria esquecer.

Ele permaneceu em silêncio por tanto tempo que ela pensou que não a tinha escutado. Depois aproximou sua têmpora do lado da cabeça dela e sussurrou:

—Thea.

Thea. A palavra se retorceu como uma adaga em seu coração. Por que não podia deixar isso ir? Depois de tanto tempo? Mesmo agora, quando era inteligente o suficiente para saber que eles não tinham absolutamente nenhum futuro juntos e que isto — eles — eram destrutivos por que não deixava isso ir como deveria?

—Isto — disse ele, afastando seu quadril com um braço e apoiando a mão sobre suas costas. — Isto é meu agora. —Colocou a palma da mão sobre as cicatrizes, e o calor se reuniu embaixo de sua pele, espalhando-se dentro dela enquanto ele falava. —Não posso fazer você esquecer, mas posso tirar a carga de você. São minhas, Thea. Não suas.

Seu calor aqueceu o espaço mais frio dentro dela, mas ela balançou a cabeça.

—Não entende. Não queria esquecer o que aconteceu, Zander. Queria esquecer você. Queria esquecer o que sentia por você.

O silêncio caiu entre eles. A tensão espessou o ar.

—Esta é sua maneira de me dizer que finalmente conseguiu? —sussurrou ele.

—Não, não o fiz. Nunca fiz isso. Esse é o problema. Não funcionou. —Lágrimas quentes que tentou não derramar queimaram seus olhos. —A dor não é liberadora. É só outro lembrete do que você perdeu. E agora tudo o que tenho são estas cicatrizes feias. É tudo o que terei quando isso acabar. Mesmo que encontremos nosso filho ou não. Depois que você se vincular com…

Fechou a boca quando notou o quanto soava amargurada. Desejou com todas as forças ter mantido a boca fechada. Ou ter mantido firmemente a regata em seu lugar.

Girou-a em seus braços até que a água bateu em sua coluna e os dedos tocaram seus cabelos úmidos levantando seu rosto para o dele.

—Thea, abra os olhos.

Ela os abriu, e viu refletidas em seus olhos as mesmas emoções que ela sentia. Seus olhos prateados, já não eram cinza e tormentosos, mas brilhantes e rodeados por um halo azul claro.

—Zander, seus olhos…

—Não vou me vincular a Isadora. Quando isto terminar, você me terá. Sou seu, pelo tempo que quiser. E mesmo se não me quiser mais, continuarei sendo seu. Só me ofereci para casar com Isadora porque pensei que tinha perdido você. Se soubesse que terminaríamos assim, acha que teria feito esse acordo?

Pegou sua mão antes que ela pudesse responder, colocou-a sobre o peito até que ela sentiu o rítmico pulsar do coração debaixo de sua palma. Depois pegou sua outra mão e a colocou sobre o coração dela.

—Sente-o? —perguntou. —Estamos unidos, você e eu. E isto vai mais além do fato de eu amá-la. É mais do que você ser minha alma gêmea. Isto é sobre nós e a

razão pela qual eu nunca fui capaz de me afastar de você também. —aproximou-se, e o calor a cercou quando sentiu que o seu coração batia ao mesmo tempo em que o dele. —Há mais, Thea. Não importa o que aconteça hoje, amanhã, há mais adiante para nós. Você é minha vida. Esta história não termina aqui. Não a menos que permitamos isso.

Suas palavras a tocaram mais que sua admissão anterior de que um dia a amou. Lágrimas derramaram-se por seus cílios pestanas, seguiram por sua face antes que pudesse detê-las. Gentilmente, ele baixou a cabeça e roçou os lábios sobre os dela. Uma vez. Duas vezes. Tão suavemente como se estivesse tocando o mais frágil dos cristais.

—Thea — sussurrou contra sua boca—, não permita que isto acabe aqui.

Oh, deuses. Sempre foi fraca com ele. Tinha razão, a conexão da qual falava era mais profunda do que ela poderia entender. E estava tão cansada de lutar contra ela. De lutar contra aquilo. Eles. O que sempre quis.

Seus lábios se moveram debaixo dos dele, beijando-o também. E embora uma vozinha atrás de sua cabeça a advertisse que isto estava errado, que sairia ferida novamente, que as coisas nunca funcionariam para ela, não conseguiu evitar. Entrelaçou os braços em volta de seu pescoço, inclinou a cabeça, ficou nas pontas dos pés enquanto o saboreava e ele a aproximava para ficarem firmemente unidos, peito e quadril juntos. Ele gemeu em sua boca, mudou o ângulo do beijo, colocando as costas dela contra a parede do chuveiro. A água caía sobre eles enquanto sua mão corria pelo flanco dela para aproximá-la mais forte.

—Thea, não me canso de você.

Ela tampouco podia ter o suficiente dele. Levantou-se, beijou seu nariz, sua bochecha, sua boca, repetidas vezes. E mesmo sabendo que os outros estavam lá embaixo, que provavelmente estavam falando sobre as estratégias, que Zander e ela precisavam estar lá, naquele momento e ela só precisava dele.

Levantou a perna, deslizou a coxa para cima para enganchá-la no quadril dele

para poder estabelecê-lo entre as pernas.

—Zander…

O grunhindo baixo em sua garganta lhe disse que ele precisava do mesmo que ela. Mordiscou o lóbulo de sua orelha enquanto pressionava seu quadril incansavelmente contra o dela.

—Thea…

A porta do banheiro se abriu com uma batida da madeira contra a parede. Zander se petrificou, deixou a perna dela cair e moveu o corpo para ficar em frente a ela para que quem tivesse entrado não pudesse vê-la.

—Merda, Z. Esta aqui.

Callia reconheceu a voz de Titus embora não pudesse vê-lo devido aos ombros largos de Zander.

—Vá para o inferno agora mesmo, Titus — grunhiu Zander.

—Oh, merda — sapatos rangeram sobre os ladrilhos do chão, e em seguida a voz baixa de Titus saiu como se ele tivesse se virado. —Não esperava que estivesse tão, ah, sujo para necessitar de mais um banho. —O humor encheu a voz de Titus. — Oi, Callia.

O cenho de Zander se aprofundou enquanto olhava para ela, e por alguma razão, o absurdo da situação melhorou o humor de Callia.

—Oi, Titus.

Zander revirou os olhos.

—Está bem, já teve sua diversão, Titus. Agora vá embora daqui.

Callia estudou Zander, que ainda não tinha tirado os olhos de cima dela. Embora estivesse claramente irritado pela interrupção de Titus, não havia calor por trás das palavras. E aquele temperamento que parecia ir e vir com ele parecia não estar em nenhum lugar.

Ela se concentrou em suas novas íris prateadas.

—Farei isso, — disse Titus sério — mas pensei que ambos iam querer está a

par. Os exploradores de Nick trouxeram um humano. Um caminhoneiro que encontraram no norte do país. Ataque de daemon. Está gravemente ferido, mas murmura algo sobre um menino que o ajudou a fugir. Um a quem deu carona em British Columbia.

O sorriso de Callia desapareceu, e uma estranha premonição percorreu seu peito. Sabia que Zander também sentiu isso, pela forma que sua expressão se endureceu.

Zander se virou para olhar para Titus através do vidro fosco, tendo o cuidando de manter o corpo entre o de Titus e o dela. E quando o fez, Callia descobriu as cicatrizes na parte de cima de suas costas. Finas, tênues linhas brancas. Umas que ela tinha certeza que não estavam lá quando o operou. Umas que eram inquietamente familiares para ela.

Espere um minuto. Que diabo estava acontecendo ali?

—Quantos anos? —perguntou Zander.

—Cerca dez.

A resposta de Titus foi tudo o que ela escutou. Os olhos de Callia se desviaram das cicatrizes de Zander para seu rosto quando ele se virou. Não podia ser…

—E Z, — adicionou Titus— prepare-se para isto. O homem… Disse que o menino tinha marcas nos braços. Marcas que eram como as nossas.

A urgência empurrava Zander enquanto Callia e ele atravessavam o longo corredor. Depois que Titus se foi, eles vestiram-se rapidamente. Callia não falou, mas seu nervosismo se refletia em seu rosto, e ele sentia a ansiedade dela em todos os ossos.

As botas ecoaram enquanto desciam a escada para o nível principal e viravam para a escada dos fundos que corria abaixo da clínica médica adentrando muito abaixo do próprio hospital. Como a colônia era construída dentro de grandes cavernas escondidas nas profundezas das montanhas Cascade, o ar era frio. Velas a

cada três metros iluminavam o espaço para economizar energia, e a rocha absorvia todo o som, fazendo que parecesse deserto.

Ao pé da escada, Callia virou à esquerda para os salões de conferência onde Nick traçava as estratégias com seus soldados, mas Zander segurou sua mão, ainda apertada dentro da dele.

—Estão por aqui.

—Como sabe? Deixei-os aqui embaixo.

—Porque as instalações médicas estão nesta direção.

Sua expressão foi fácil de ler. A ruga entre suas sobrancelhas lhe dizia que não entendia como ele sabia disso. E quando seu rosto se suavizou, soube que ela deduziu que ele esteve lá quando a feriram. E que não saiu de seu lado.

O qual era estranho porque tinha sido um livro fechado todo o tempo que eles ficaram juntos. Nunca sabia o que ela estava pensando. O que estava sentindo. Mas agora estava finalmente deixando-o entrar.

—Acredito — disse ela suavemente — que nunca o agradeci por salvar minha vida.

Ele se moveu para frente para tirar seus cabelos do rosto e lhe dar um beijo na têmpora.

—Farei isto bem, Thea. —Ergueu seu queixo com o dedo. —Não importa o que aconteça, acredite nisso.

A resolução se estabeleceu em seus olhos. Ela respirou fundo. Assentiu.

Apertou sua mão e a guiou para a enfermaria. Vozes murmurantes ecoavam no corredor enquanto viravam a esquina. Adiante, uma porta à esquerda se abriu, luzes fluorescentes se derramaram no corredor escuro. Os ombros largos de Theron enchiam o espaço do outro lado da porta.

O líder dos Argonautas virou se quando ouviu suas passadas.

—Z. —Os intrigantes olhos escuros piscaram brevemente ao ver Callie enquanto Zander a empurrava para dentro do quarto atrás dele, mas Zander não

soltou sua mão. —Estávamos prestes a enviar uma expedição de busca para você.

—Onde está? —perguntou Zander, ignorando o sarcasmo de Theron. Olhou para outra porta aberta na parede da direita. Os sons de maquinário zumbindo e apitando chegou aos seus ouvidos.

—No outro quarto— disse Titus. —A curadora da colônia está com ele.

—Quero vê-lo — disse Callia. —Talvez possa ajudar.

Zander a olhou, então de volta a Titus.

—Está consciente?

Theron assentiu.

—Estava antes.

Callia soltou a mão de Zander e atravessou o quarto. Zander a seguiu até um quarto de hospital de alta tecnologia.

Fios e tubos conectavam os braços do homem às máquinas atrás da cama. Uma máscara de oxigênio cobria seu rosto, e gases envolviam cada pedaço de pele exposta de seu corpo. A julgar pelo tamanho do dano, o homem tinha sorte de estar vivo.

Callia se aproximou da cama. Nick ficou de lado olhando para o humano enquanto Lena controlava as máquinas do outro lado.

—Como está?

Nick cruzou os braços sobre o peito.

—Como você estaria depois de ter sido o almoço de alguém?

Lena fulminou Nick com os olhos. Depois olhou para Callia.

—Está estável. Agora. Mas temo que não consiga falar com ele. Acabou de dormir e as drogas o pegaram com força. Ainda que pudesse falar, nada do que tenha para dizer agora seria útil para vós.

A frustração apareceu nas feições de Callia.

—O que ele contou sobre o que aconteceu? O que disse sobre o menino?

O pesar apareceu nos olhos ambarinos de Nick.

—Ele pegou o menino em algum lugar em British Columbia. Estacionaram em uma parada de caminhoneiros quase no topo do monte Hood — olhou para Zander. —Há um pequeno assentamento de mestiços lá, então patrulhamos a região. De alguma forma, parece que se dirigiram para um ataque.

—O que aconteceu ao menino? —perguntou Callia. — O menino estava com ele?

O pânico em sua voz se incorporou a Zander. Deu um passo para trás dela e colocou as mãos sobre seus braços.

—Pelo que meus soldados averiguaram—disse Nick— o menino disse a ele que os monstros estavam lá atrás dele.

Callia se virou e olhou para Zander, e em seus olhos ele viu o mesmo que sentiu. Medo. Urgência. O último fio de esperança. Exceto que tinha uma sensação sombria de que ele sabia aonde se dirigia.

—Então ele fugiu— disse Callia, virando-se para Nick. — O menino está livre?

—Não — Zander respondeu antes que Nick pudesse, o coração caindo. A sensação de que Nick estava estreitamente ligado aos Argonautas de uma forma que ninguém conseguia entender atravessou Zander enquanto lia a verdade no rosto desfigurado do mestiço.

—Não pode ter certeza — protestou Callia. — É possível que tenha fugido enquanto os daemons perseguiam o homem.

—Não. — disse Zander novamente, odiando ter que machucá-la mais, mas agora precisava ser honesto com ela. — Se era ele, Callia, se era nosso filho, não pôde ter fugido. Não pôde ter deixado um humano indefeso.

Ela o olhou.

—Como sabe? É apenas uma criança. É só…

—Ele é um Argonauta. É parte dele. —Zander olhou para Theron e Titus, que o seguiu para dentro do quarto. Para a entrada onde Gryphon, Phineus e Cerek se reuniram para ver o que estava acontecendo. E pensou no filho da puta de seu

próprio pai. Na forma que ele mesmo era pequeno. Em como tinha sido criado. Treinado. Naquele instinto do qual nunca foi capaz de se desfazer.

—Todos nós somos mais evoluídos que a média dos jovens. Pode-se ensinar a um Argonauta a ser um guerreiro. Podem eliminar suas emoções, despojá-lo dos sonhos e treiná-lo para ser um assassino. E se aquele era nosso filho, se realmente estava com Atalanta, então suponho que foi exatamente o que ela fez. Mas não foi capaz de alterar seus instintos. É mais como uma parte dele, como seus olhos e seus cabelos. Se de alguma forma se liberou dela, se estava com este humano quando os daemons atacaram, tem que ter lutado. E lhe haver protegido.

Lágrimas se acumularam nos olhos de Callia. Virou-se e olhou para o humano deitado imóvel na cama. E a dor profunda que irradiava encheu a cabeça, o coração e a alma de Zander.

Ninguém falou enquanto ela olhava em torno do quarto, como se estivesse atordoada. Os únicos sons eram os apitos e zumbidos das máquinas. Lentamente, ela se desfez da sujeição de Zander, moveu-se pelo quarto e parou junto de uma cadeira onde uma pequena jaqueta estava jogada.

—É isto… era dele?

—O humano estava sustentando isso quando o trouxemos para cá — disse Lena suavemente. — Todos os objetos pessoais que tiramos dele está aí.

Callia levou a jaqueta até o rosto, cheirou-a profundamente. A jaqueta estava rasgada e esfarrapada, coberta de sangue e imundície e com reflexos verdes, mas ela não pareceu se importar. Fechou os olhos, baixou-a e a segurou firmemente contra o peito. E isso era tudo o que importava para Zander. Porque seu coração estava se quebrando também. Minutos antes estavam tão cheios de esperanças, e agora…

Ele rodeou a cama, virou-a para poder embalá-la contra o peito enquanto chorava. Murmúrios soaram atrás dele, mas ele não se importava o que estavam dizendo. Soluços atormentavam seu corpo enquanto a aproximava dele, a jaqueta

apertada entre os dois. Não tinha forças sequer para dizer que isto não era precisamente o que pensava. Porque sabia. Um sexto sentido lhe dizia que aquele casaco pertencia ao seu filho. E seu filho havia, de algum modo, salvo aquele humano.

—Thea…

Vestígios de lágrimas coloriam suas bochechas quando ela levantou a cabeça. Abriu a boca para dizer algo, moveu a jaqueta entre eles. Depois congelou. Lentamente franziu a testa.

—O quê? —perguntou.

Ela tirou a mão de dentro do bolso. As luzes fluorescentes acima refletiram em um disco circular prateado que tinha na mão que parecia embaçado pelo tempo e clima. Uma corrente pesada enganchada na lateral escorregou de seus dedos. Quatro câmaras vazias compunham a maior parte da figura, mas no centro havia um círculo pequeno cunhado com o selo dos Titãs.

—Santa Hera — murmurou.

Os olhos dela se arregalaram.

—Isto se parece com…

—A Esfera de Krónos[33]— disse Theron assombrado do outro extremo do quarto.

Zander e Callia olharam para Theron, que olhava fixamente o disco também com olhos arregalados. Junto dele, Isadora e Casey permaneciam em silêncio, também paralisadas pelo medalhão na mão de Callia.

Zander não tinha ouvido nenhuma das mulheres entrarem no quarto, mas ao olhar o novo visual de Isadora — cabelos curtos, roupas novas, as perguntas em seu rosto enquanto seu olhar saltava da Callia a ele — a culpa serpenteou nele. Precisava falar com a princesa, explicar a ela o que tinha acontecido. Dizer a ela que, depois de tudo, não podia seguir adiante com a cerimônia de vinculação. E em

[33] Esfera de Krónos: Disco com quatro câmaras com o poder de libertar os Titãs do Tártaro.

que posição isso deixava à monarquia, não tinha certeza. Mas se aquilo — olhou o disco na mão de Callia — se aquilo era o que ele pensava que era, mesmo isso já não importava muito agora.

—Bom — disse Casey cautelosamente. — Todos estão olhando essa coisa como se fosse o Anticristo. Alguém pode explicar a esta mestiça ignorante?

Theron aproximou-se de Casey de uma só vez, saindo do transe graças a sua voz.

—Krónos era o pai de Zeus, Hades e Poseidon. Um Titã. Os Titãs eram…

—As deidades reinantes antes que os deuses do Olimpo tomassem seu lugar — terminou Casey por ele. — Sim, conheço minha mitologia. Mas isso não responde a minha pergunta.

—É só outro mito — disse Nick.

Theron fulminou o mestiço com os olhos.

—Os mitos geralmente são apoiados na realidade. Você não acha que isto, guerreiro prova meu ponto?

Nick franziu o cenho, abriu as pernas em uma posição defensiva. Sentindo a tensão no quarto, Zander disse a Casey…

—Segundo a lenda, quando Krónos percebeu que Zeus e seus irmãos iriam depô-lo, criou a Esfera— apontou para o disco. — Verteu dentro dela os poderes Ctónicos[34], esses do mundo com os quatro elementos clássicos, ar, água, fogo e terra. Antes da última batalha da Titanomaquía, a guerra entre os Titãs e os Olímpicos, ele deu a Esfera a Prometeu para que a mantivesse segura. E ordenou a ele que a usasse apenas se a situação se tornasse extrema.

As sobrancelhas de Casey se uniram.

—Mas Prometeu era um Titã, não é mesmo?

—Ele era —disse Isadora, levantando a voz— mas não participou da guerra, e junto com mais alguns poucos não foi condenado ao Tártaro com os outros Titãs.

[34] **Ctónicos**: Pertencente a terra, designa ou faz referência aos deuses ou espíritos do mundo inferior, em oposição as deidades celestes.

Quando a guerra terminou, Zeus prendeu os Titãs vencidos nos níveis mais baixos do Tártaro onde seriam torturados durante toda a eternidade.

—E Prometeu não usou a Esfera para liberá-los — adivinhou Casey.

—Não. —disse Theron. — Prometeu era um campeão da humanidade. Não queria ver nenhum dos deuses com a esfera. Ele espalhou os quatro elementos sobre a terra, e de acordo com a lenda, escondeu a esfera vazia em um lugar onde Zeus e seus irmãos não pudessem jamais encontrá-la.

—Algo de grande valor — disse Callia murmurando, olhando o disco que tinha na mão. — Ele a escondeu nas montanhas Aegis. Em Argolea.

Zander olhou de esguelha para o disco na mão dela. Ainda podia sentir o poder bruto irradiando do metal antigo. Se seu filho tinha aquilo quando enfrentou os daemons, era possível que tivesse tido a força necessária para fugir afinal.

Ergueu os olhos para os de Callia. E viu que ela de repente estava aferrando-se a mesma esperança.

—Bem, perdi-me aí — disse Casey afastando-se de Theron e movendo-se até parar na frente de Callia. — Por que Prometeu o esconderia?

—Porque de acordo com a lenda — explicou Isadora— a pessoa que usasse a Esfera com os elementos intactos não só teria o poder de libertar os Titãs do Tártaro, mas também teria o poder de controlar o mundo.

O entendimento apareceu no rosto de Casey.

—Ela está usando-a para reverter à profecia. —Olhou para Isadora e depois para Zander. —É isso o que estão me dizendo? Se Atalanta tiver esta Esfera, e os quatro elementos dentro, tem o poder para controlar o reino humano?

—Sim —disse Zander— e o reino humano é o único reino que os deuses não foram capazes de controlar. Os céus, o Submundo, os mares… esses lhes pertencem. Mas o reino humano sempre esteve fora de suas possibilidades. Enquanto ela possuía o Círculo, era imortal novamente, e mais poderosa que qualquer um deles. E se qualquer um a desafiasse — olhou para seus companheiros

guardiões, parados perto de Theron no outro extremo do quarto, todos tensos porque sabiam o que aquela coisa pequena podia fazer— pode libertar os Titãs, o que poderia iniciar uma guerra como nunca antes se viu.

—Oh, deus — murmurou Casey, olhando para a Esfera. —Então suponho que é bom que não a tenha, não é mesmo? Mas ainda não entendo como ela chegou de Argolea ao seu filho.

Olhou para cima e em torno com perguntas nos olhos.

Isadora se concentrou na Esfera.

—Deve ter sido contrabandeada. Alguém deve tê-la encontrado. —A mandíbula se contraiu. —Orpheus.

—Aquele pequeno pedaço de merda — disse Nick murmurando no outro extremo da sala.

—Não importa como saiu — disse Theron. —Se o menino o tinha, tem que tê-lo conseguido de Atalanta.

—Roubou-o — disse Callia suavemente, olhando para Zander. —Por isso estava com este humano. Por isso os daemons o estavam caçando.

Sim, ele tinha chegado à mesma conclusão. E é por isso que o matariam assim que o encontrassem. Se já não o tivesse feito.

—Esperem — a voz de Isadora chamou a atenção de Zander. —Há um engano. Atalanta não pode controlar a Esfera sozinha.

—Por que não? —perguntou Casey.

—Porque em sua forma divina é considerada um Olímpico, não um Titã. Para que qualquer Olímpico — inclusive um dos Doze possa controlá-la, precisam ter uma chave. Precisa ter algo do mundo humano e de nosso reino. Têm que ter…

—Têm que ter alguém que seja metade deus e metade humano, perfeitamente equilibrado. —Terminou Casey por ela, com os olhos arregalados.

—Sim — disse Isadora suavemente, a compreensão apareceu em seus olhos enquanto olhava a suas meias-irmãs. — Agora as marcas que compartilhamos

fazem sentido. As Horae estavam relacionadas com o equilíbrio, o tempo e a ordem. Casey e eu, como as Escolhidas, somos as metades deuses perfeitas, metade humanas, mas não estamos em equilíbrio sem você, Callia.

—Então ela precisa de uma de nós para controlar a Esfera — murmurou Callia.

—Sim —respirou Isadora— ou de um dos nossos filhos. E já que Casey e eu não temos nenhum ainda…

Callia alcançou e tocou a marca na nuca.

—Veio atrás de mim.

Isadora assentiu.

—Atalanta não roubou seu filho porque seu pai era um Argonauta. Roubou-o porquê sabia quem era antes de qualquer um de nós. Porque nosso pai, de algum modo, está unido a Themis, o Titã que gerou as Horae, e nós também estamos. E ela precisa de uma de nós —olhou para cada uma de suas irmãs — ou de um de nossos filhos para que ajudá-la a conseguir o que realmente quer.

Os olhos de Callia correram para Zander.

—Então ela não o matará.

—Espere — disse Zander sentindo sua excitação, mas não querendo levantar suas esperanças novamente. — Se o que disse Isadora é verdade, se vocês três forem realmente as Horae modernas, ou o que quer que seja, e ela precisa de vocês para controlar a Esfera, então por que não a levou com ela naquele dia? E o mais importante, como foi possível que ela encontrasse a ambos afinal?

—Não sei — disse Callia, balançando a cabeça. — Não sei como nos encontrou, mas não me levou, porque uma criança é mais fácil de manipular que uma Argoleana de trinta anos que dedicou sua vida à monarquia. Devia saber que eu nunca a ajudaria. Antes, teria preferido a morte.

—E talvez não tivesse a Esfera naquele momento — adicionou Casey. Quando todos a olharam, disse. —Dez anos atrás, Atalanta ainda era imortal. Ainda estava

no Tártaro, construindo seu exército, não é mesmo? Todos disseram que era uma estrategista, que estava continuamente procurando formas de realizar sua vingança. Se for esse o caso, então faz sentido que tivesse planos de apoio. Para o caso da profecia se cumprir — olhou para Isadora. — Para o caso de nos a encontrarmos e ela fosse mortal depois de tudo. Esteve planejando outras formas de obter exatamente o que queria.

—O que é vingança — disse Theron do outro extremo do quarto. Sua mandíbula se contraiu. — As mulheres devem voltar para Argolea. Agora.

—O quê? —as irmãs se viraram para olhá-lo.

—Theron… — começou Casey.

—Não voltarei, Zander — Callia se virou. — Tenho direito de estar aqui.

Ela o tinha. Mas Theron tinha razão também. Se Atalanta perdeu seu filho, então não hesitaria em levar uma ou todas as irmãs enquanto pensava na forma de recuperar a Esfera. Não era seguro para nenhuma delas estar no reino humano.

—As mulheres têm razão, herói — disse Nick de onde estava parado perto da cama.

Theron olhou fixamente para o líder mestiço.

—Não se meta, Nick. Isto não lhe diz respeito.

A mandíbula de Nick se moveu nervosamente.

—De fato, me diz respeito sim, espertinho. Provavelmente mais que ao restante de vocês, porque minha gente vive aqui, enquanto vocês se escondem em sua terra do nunca — olhou para Callia, Isadora e Casey. — Senhoritas podem permanecer na colônia o tempo que desejarem. Têm refúgio seguro aqui.

—Filho da puta — grunhiu Theron. —Nick…

Nick olhou para Isadora.

—Há mais sobre a lenda, não é mesmo? Conte o resto.

Os olhos de Isadora correram para todos os lados. E em sua expressão irritada se notava que não gostava de Nick. Ou do fato dele lhe disser o que tinha que fazer.

—Não sei do que está falando.

Mas sabia. Até Zander podia ver isso.

Não tinham tempo para aquela disputa. Zander deu toda a atenção a Nick.

—Pode me levar a parada de caminhões onde seus soldados encontraram o humano?

—De helicóptero seria a forma mais rápida de chegar lá — disse Nick, esfregando a mandíbula com uma mão. — Temos um na pista de aterrissagem, nos subúrbios de Silver Hills. Posso me comunicar por rádio para que o deixem preparado.

—Bom. —Os planos se materializaram na mente de Zander. Pelo canto do olho viu a expressão exasperada de Callia, sentiu sua frustração. Mas a ignorou. Estava dirigindo-se ao modo ataque, e daquela vez não era apenas dever, mas algo pessoal.

—Uma pergunta — disse Nick. —Que diabo pode fazer um Argonauta contra uma horda de daemons?

—Não é apenas um Argonauta — anunciou Theron. —Se Atalanta tem um dos nossos, vamos todos.

—E eu — disse Callia.

Zander não a olhou.

—Não.

—Eu…

—Não desta vez, Thea. —Com a adrenalina pulsando ante a perspectiva do que tinha pela frente, concentrou-se em Nick. —Necessitaremos de mapas do terreno. Armas novas. E o seu melhor palpite sobre onde poderia estar escondendo meu filho.

—Feito. Mas vai precisar mais do que isso, herói. Algo me diz que vai precisar do favor dos malditos deuses.

CAPÍTULO 21

Callia cruzou os braços sobre o peito e caminhou ao longo do salão principal da colônia. Mesas rústicas e sofás de couro enchiam o espaço, fazendo o cômodo parecer caseiro e aconchegante, mas naquele momento a ultima coisa que podia fazer era sentar-se e relaxar. Cada segundo que marcava o relógio enviava ansiedade para dentro de seu mundo de raiva e pensamentos mortíferos que rodopiavam em sua mente.

Eram quase dez horas e Zander e os outros tinham saído já fazia quase trinta minutos. Só ficou Gryphon, montando guarda lá fora. Nick insistiu que seus soldados podiam se encarregar do assunto de fazer-se de babás, mas Theron foi categórico em afirma que ele ficasse de guarda. E Callia estava mais irritada que grata pelo modo que ela e as outras "mulheres" foram relegadas a esperar. Mais uma vez.

—Vai fazer um sulco no chão — disse Casey sentada em um dos sofás. — Venha aqui e se sente.

—Não posso. —Callia mordeu a unha do polegar. —Onde acha que eles estão agora? Se tivesse um mapa talvez pudesse…

—Aflição é uma mulher esquecida — disse Isadora com um suspiro da janela em que contemplava a cascata que caía em uma enorme piscina no meio da caverna. Olhou por cima do ombro para Callia e Casey. — A história de nossas vidas, não é mesmo?

—Isso não é assim. — disse Casey— Theron tem razão, queiram vocês duas admitir ou não.

Callia olhou para Isadora.

—É realmente uma feliz recém-casada, não?

—Sim — disse Isadora, esfregando cabeça. — Repugnante, não? Minha dor de

cabeça piora quando fico na mesma sala com vocês duas.

Casey cruzou novamente os braços e se inclinou contra o respaldo do sofá irritada.

—Sou totalmente a favor da liberação feminina, sabe, mas não quando isso significa ser estúpida. E isso é o que seria sair daqui. Uma estupidez. —Seus olhos correram para o Círculo sobre a mesa de café que tinha na frente. — Se as duas deixarem de se lamentar o suficiente, talvez pudéssemos unir nossas cabeças e encontrar uma maneira de ajudar.

—Como o quê? —perguntou Callia, exasperada.

Casey pegou um livro que estava ao seu lado no sofá.

—Conhecem a história das Horae?

—Não. — respondeu Callia— Ultimamente ler não é algo exatamente de alta prioridade em minha lista.

Ante o comentário sarcástico, Isadora fez uma careta.

Casey revirou os olhos.

—Antes que Nick partisse com os meninos me deu isto. —Indicou o volume parecido ao de uma enciclopédia. — Eram três. Alguns as chamavam as Horae, ou as Estações. Mas principalmente eram as guardiãs do Céu e do Olimpo. Eunomia era a responsável por reger a sociedade. Dike mantinha a justiça. E vinha Eirene, a paz e o equilíbrio entre as outras duas. E todas elas tinham uma marca: Um Omega alado.

—Eirene — ofegou Callia, deixando-se cair suavemente perto de Casey no sofá. — Foi assim que Atalanta me chamou na cabana.

Isadora se moveu para sentar-se em frente a elas no outro sofá.

—Nossos poderes específicos se relacionam bem com os das Horae. Minha visão, a retrospecção de Casey, seu equilíbrio. Não me surpreende que Atalanta a reconhecesse como Eirene.

—Mas eu sou uma curadora. Não sou…

—O que é uma curadora? —perguntou Casey. —Alguém que devolve o equilíbrio ao corpo. Callia, você é nosso equilíbrio. —Apontou para Isadora com um movimento de cabeça. —Para as Escolhidas.

Callia olhou para ambas com a nítida sensação de que aquelas duas a rotulavam de algo que não tinha certeza de estar preparada. Ainda estava aceitando a ideia de ser filha do rei e ali estavam elas, jogando para ela vínculos mitológicos.

—Sabe, isso parece maravilhoso em essência, mas por que tenho a impressão que há mais que esses nomes coincidentes e vínculos mitológicos?

—Orpheus mencionou uma arma — disse Isadora. — disse-me que nós três tínhamos algo que ainda não entendíamos. Não acreditei nele antes, mas… sei que ambas sentiram aquela descarga elétrica quando o Círculo apareceu. —Sustentou as mãos acima do Círculo que descansava sobre a mesa de café entre elas.

—Um… O que está fazendo? —perguntou Callia, havia sentido a descarga que Isadora descrevia, mas ainda não tinha ideia de que queria dizer.

—Orpheus esteve me ensinando como enfocar minhas habilidades — respondeu Isadora.

—Espere — disse Casey, erguendo uma mão. — Que diabos quer dizer, com que Orpheus esteve "me ensinando"? Pensei que tinha perdido seu poder de visão. Recuperaste-o?

Isadora franziu o cenho.

—Não, ainda não. Mas isto é diferente. Não é olhar o futuro ou o passado. É olhar o presente. Tenho curiosidade… Se todas nos concentrarmos na mesma coisa, talvez possamos ver uma imagem. Ou um local.

Os nervos de Callia formigaram quando começou a entender. Engoliu em seco.

—Quer nos ensinar a nos concentrar nos guardiões. Ver para onde eles estão indo.

—Não. —Isadora franziu o cenho. —Que os Argonautas se fodam. Quero que nos concentremos em Atalanta.

Casey e Callia olharam-se preocupadas.

—Isso faz sentido — disse Casey depois de um breve momento. — Sabemos que um menino de dez anos não poderia fugir de um daemon. Atalanta não o matará. Mas o esconderá. Se pudemos descobrir onde ela o mantém, poderemos avisar aos Argonautas por rádio e comunicar a eles sua localização.

Esperança, a primeira esperança que sentia desde que os guardiões se foram, inundou sua alma. As palmas de suas mãos se umedeceram. Ela as esfregou contra as coxas.

—E se ela puder nos ver? Quero dizer, é seguro? Se nós podemos vê-la, é possível que nos ela veja?

—Pode ser, eu acho — disse Isadora. — Mas o que importa? Não saberá onde estamos.

Callia olhou de Isadora para Casey e de volta novamente. Ninguém falou. Fazia sentido, mas a indecisão rugiu dentro de Callia. E se elas estivessem equivocadas? E se os poderes de Atalanta fossem fortes o suficiente para que pudesse vê-las, o que estavam planejando e ler seus pensamentos ou algo assim…?

Casey se inclinou para frente.

—Então… Como podemos fazer isso?

—Tocando e enfocando era como sempre fui capaz de ver o futuro — disse Isadora.

—E eu o passado — acrescentou Casey.

Isadora olhou para Callia.

—Preparada?

Não, Callia não estava preparada. Mas Casey tinha razão. Ao menos estariam fazendo alguma coisa, e as probabilidades de que as coisas pudessem dar errado por dar uma simples olhada eram escassas ou nulas.

De forma hesitante, baixou a mão sobre o Círculo. O metal estava frio sob os dedos. Casey e Isadora baixaram seus dedos para tocar no disco curvo. Assim que as três fizeram contato, o calor saiu com ímpeto do metal e disparou através do braço de Callia.

Callia ofegou. O brilho aumentou de intensidade, mudando de um rosa suave para um vermelho brilhante que radiava arqueando-se por fora e rodeando suas mãos.

—É isso— murmurou Isadora. — Agora se enfoquem. Lembrem-se da meta.

Callia fechou os olhos e imaginou Atalanta. O que ela sabia sobre Atalanta. Não a imagem de uma deidade, mas a essência de sua alma. As cores cintilaram ante seus olhos. Branco, dourado, azul, preto. Foi o preto que permaneceu, como um manto, como o mal que Callia imaginava fluir pelas veias da semideusa. Uma imagem oscilou. Imprecisa no início, mas tornando-se mais nítida quando mais se concentrava. Colinas verdejantes, um grande rio, penhascos, uma trilha de gado e a construção abobadada com três andares que parecia completamente fora de lugar no alto de um penhasco que servia de mirante para a garganta abaixo. E Atalanta, sentada sobre um trono dentro do edifício, usando vestes vermelho sangue, olhando do balcão circular do alto os vinte ou mais daemons de sua armada contemplando-a de baixo, esperando instruções.

Aquele não era o topo da montanha a que Zander e os Argonautas se dirigiam. Aquele era outro lugar. Um lugar verde e úmido, com neve e frio. As vozes retumbavam, mas não conseguia distinguir as palavras. Os daemons se dispersaram até que Atalanta ficou sozinha na sala octogonal. Baixou o rosto e olhou fixamente para frente. E parecia que estava olhando… justamente para Callia.

"Estou vendo você, Horae".

Callia ofegou. Abriu os olhos de repente. Olhou de Casey para Isadora, nem uma nem outra parecia ter qualquer medo. Seus olhos estavam fechados, seus rostos calmos. Respiravam lentamente, suas mãos descansando suavemente sobre o

Círculo brilhante.

"Sim, você Eirene".

Quando Callia olhou para trás, não viu a sala confortável em torno dela; viu Atalanta uma vez mais, o trono em que estava sentada e as paredes de pedra atrás dela.

"Vejo em sua mente. Sei o que quer. Você e eu não somos tão diferentes. As que ficaram para trás. As que foram abandonadas pelos poderosos heróis. Sabe por que ele recusou você".

O coração de Callia aumentou de velocidade. Tentou afastar a mão do Círculo, mas não conseguiu. Estava cimentada no lugar.

"Porque é uma mulher. E para ele isso significa fraqueza. Honestamente, acha que ele a proíbe de lutar porque quer proteger você? Porque a ama?" Disse com desprezo. "Um Argonauta não sabe amar. É o produto de um deus egoísta que foi banido".

—É mentira.

"Ele reprime você por que pode". Atlanta continuou como se Callia nem sequer tivesse falado. *"É porque os de sua espécie sempre fizeram isso desde os tempos antigos. E porque você, Eirene, é sua vulnerabilidade. Sua debilidade. Seu calcanhar de Aquiles. Acha que ele se importa se você está viva ou morta? Só se preocupa com ele mesmo".*

—Não. — sussurrou Callia.

"Pergunte a ele, mulher. E descubra a verdade. Nenhum homem, especialmente um Argonauta, tem honra em seu coração. Não quando sua existência está no meio disso".

Lembranças de Zander correram pela mente de Callia. Do tempo que passaram juntos no passado. De sua admissão hoje mais cedo, ali, naquela mesma colônia. De sua imortalidade. Do fato dele ter dito que ela era sua vida.

Um sorriso cruel cruzou o rosto de Atalanta. Um que a desafiou e zombou dela. *"Sim. Eirene. Sabe que digo a verdade. Ele precisa de você para viver. E ele e os outros a reprimirão tanto quanto puderem".*

Não, isso não podia ser verdade…

"Seus heróis caminham para uma armadilha. Meus daemons os estão esperando". Sua

voz baixou para um sussurro. *"E serão massacrados. Cada um deles".*

Callia engoliu em seco.

—Zander não pode ser assassinado.

"Mas pode ser ferido. E meus daemons sentirão um prazer enormemente em torturá-lo até que morra de velhice".

O medo apunhalou o coração de Callia.

"É claro, eu poderia estar disposta a negociar…"

Atlanta apontou para sua direita, e foi então que Callia viu o menino. Apoiando-se contra a parede, sua cabeça inclinada para um lado dormindo, suas mãos amarradas atrás dele e suas pernas estiradas no chão. E aquele coração que ela pensou ter quebrado há tanto tempo ganhou vida no peito. Era uma versão em miniatura de Zander. Com cabelos loiros, pele bronzeada e um rosto que parecia ter sido beijado pelos anjos.

"Estou disposta a conservar a vida do jovem Maximus. Por algo ainda mais valioso".

Ante a antecipação na voz de Atlanta, o olhar de Callia voltou para a semideusa. E o entendimento iluminou seu rosto.

—Quer o Círculo.

"Não só o Círculo, Eirene. Você também".

Uma voz gritou na cabeça de Callia. Não! Mas seu coração lhe dizia que aquele caminho era sua única opção. Faria qualquer coisa por seu filho. Inclusive sacrificar a vida para salvar a dele. E a de Zander.

Não podia deixar que Zander e os outros caíssem em uma armadilha. Não quando podia fazer algo para salvá-los. Não quando sabia em seu coração que Zander a amava. Ele não a deixou ali porque era sua vulnerabilidade, como Atalanta tinha clamado. Ele a deixou para atrás para mantê-la a salvo.

—Como vou saber que você manterá sua palavra?

"Porque ofereço isso a você como uma heroína. Como uma mulher. Como uma mãe. Venha agora, Eirene. Deve saber que quando eu tiver você e o Círculo de Cronos, não precisarei de mais ninguém".

Sim, claro. Callia não era estúpida o suficiente para apostar nisso.

—E quanto as minhas irmãs?

"Não me importam as Escolhidas. Isto é entre você e eu. Elas não podem ouvir nossa conversa". Atalanta inclinou a cabeça. *"diga-me, Eirene… O que estaria disposta a sacrificar para equilibrar este mundo e o seguinte?"*

Callia olhou para Casey e Isadora, ambas ignoravam o que estava acontecendo exatamente ali embaixo de seus narizes. Toda sua vida se sentou confortavelmente e não fez nada enquanto outros tomavam decisões por ela. E no fim… O que tinha acontecido? Aqueles a quem amava se feriram por causa de quem e o que era. Agora entendia o porquê. E agora tinha a chance de mudar as coisas.

Não acreditou que Atalanta mantivesse sua palavra, nem por um segundo. E ela não era estúpida o bastante para entregar o Círculo à semideusa. Mas se pudesse afastá-la da colônia, se pudesse descobrir onde Atalanta estava mantendo seu filho… Talvez pudesse alertar Zander, e ele e os outros poderiam chegar ao menino antes que fosse muito tarde. Atalanta só precisava de um parente de sangue das Horae. Callia ficaria encantada em entregar-se por seu filho. E sabia que Atalanta não a mataria se realmente precisava dela, o que queria dizer que Zander também estaria a salvo.

Deu uma olhada para o telefone via satélite ao alcance da mão. O único que Nick lhes deixou para o caso de haver uma emergência. E antes que as instruções do líder dos mestiços cruzassem sua mente, obteve a resposta. Se não fizesse nada, Zander e os outros estariam perdidos. Se aceitasse o acordo, só sua vida seria confiscada.

E isso era bom, não? Já que sua vida levou a todos para aquele mundo, para começar.

Concentrou-se em Atalanta.

—Diga-me como encontrá-la.

Simon estava sentado em uma cadeira de respaldo alto na formal sala de estar da casa que compartilhava com sua filha. Sobre o colo tinha um álbum de recordações que sua esposa reuniu antes de sua morte. Sobre a mesa em frente a ele, o copo de brandy intacto refletia a pouca luz no cômodo.

Virou a página e olhou a foto de Callia quando era criança, cavando na sujeira por trás de sua casa. Outra a mostrava com geleia sobre todo seu rosto sorridente. Outra mais abrindo os presentes em seu sexto aniversário. Páginas após página de lembranças de sua vida enchiam o álbum. Fotos dela com sua mãe. Dela com ele. Dela sozinha.

Agora ela estava sozinha, não é mesmo? E isso era só culpa dele. As lágrimas arderam na parte de atrás de seus olhos. Lágrimas que não tinha direito de derramar. Por causa do desejo de torná-la sua filha por virtude, já que não por sangue, tinha arrebatado dela tudo o que lhe importava. Um pai de verdade não faria isso. Um pai amoroso colocaria suas necessidades na frente.

Uma batida na porta o fez levantar a cabeça. Mas não se levantou. Não tinha vontade de se mover. O chamado tornou-se um rápido tamborilar.

—Simon, abra essa maldita geladeira!

Lucian. Simon exalou e fechou os olhos. Não tinha interesse em pactuar com o Conselho agora. Não importava qual fosse o castigo por suas mentiras. Importava a alguém de toda forma? Já tinha perdido a única coisa que significava tudo para ele. Cada vez que pensava no olhar completamente traído no rosto de Callia quando percebeu o que ele tinha feito…

—Ficou surdo? —perguntou Lucian da soleira da porta.

Simon percebeu tarde demais que Lucian já estava parado na sala de estar. Os criados incompetentes deixaram a porta aberta.

—Parece que deu uma volta com Hades — disse Lucian. Ainda vestido com o tradicional chison, moveu-se em torno do sofá de Simon. —Acorde.

Simon inclinou a cabeça novamente contra a cadeira e fechou os olhos.

—Vá embora. Seja o que for que o Conselho decidiu, enfrentarei amanhã. Agora … agora quero ficar sozinho.

Os passos de Lucian se detiveram em frente à cadeira de Simon.

—Loukas desapareceu.

—É um ándras adulto. Tenho certeza que voltará.

—Não Simon. Não entende. Loukas desapareceu após o confronto na Câmara do Conselho. Uma sentinela da Guarda Executiva me disse que ele atravessou o portal pouco depois dos Argonautas. E utilizou as mesmas coordenadas.

Lentamente, os olhos de Simon foram se abrindo e ficou olhando para o líder do Conselho.

—Por que iria agora para o reino dos humanos?

Lucian contraiu a mandíbula.

Uma estranha sensação de inquietude atravessou Simon. Levantou-se da cadeira para ficar de pé na frente de Lucian.

—O que você não está me dizendo?

Lucian tinha a mesma altura e idade que Simon, mas sempre foi mais confiante. Um verdadeiro líder que sabia o que sua gente necessitava. Naquela noite parecia confuso. Seus lábios finos pressionados em uma linha apertada. Finalmente disse:

—Há dez anos ele atravessou o portal da mesma forma. Só que daquela vez ele seguia você e não os Argonautas.

Pequenas peças começaram a encaixar na mente de Simon. Perguntas que sempre se fez, mas que não queria encontrar as respostas.

—Seguiu-me para encontrar Callia.

Lucian assentiu.

—Estava prometida a ele. Não acreditou na sua história dela está doente no mundo humano.

De repente, tudo fez sentido.

—Quando descobriu que ela estava grávida, recorreu a Atalanta. Foi ele quem a levou para aquele povoado na Grécia.

—Sim. Tem que entender que o deslize de Callia e sua gravidez, com um Argonauta nada menos, quando estava prometida ao meu filho e futuro líder do Conselho seria uma vergonha da qual nenhum de nós teria se recuperado facilmente.

A fúria encheu as veias de Simon.

—Você sabia.

Lucian endireitou a coluna.

—OH, não me venha com essa, Simon. Você não está livre de culpa nisto. Fez um pacto com Atalanta. Negociou a vida de sua filha pela daquele menino. Ninguém o obrigou a fazer isso. Agora não se finja de inocente.

—Nunca teria feito um pacto se Loukas não tivesse ido até Atalanta primeiro.

—Isso não muda o passado. Nada o fará. Só podemos nos preocupar com o presente. Estou aqui porque acredito que Loukas talvez tenha ido ao mundo humano outra vez para encontrar Atalanta.

Os olhos de Simon se arregalaram.

—Por quê?

—Porque ele não tinha se dado conta de que o menino talvez ainda estivesse vivo. Assim enquanto continuar vivo, Callia não se unirá a ele. Mas como, temo, é a única coisa que meu filho deseja. —Os ombros de Lucian pareceram cair. —Acredita que é o que merece. Acredita que ela é sua por direito.

Quatrocentos anos. A maior parte da vida de Simon esteve do lado status quo[35]. Não tinha questionado os costumes e leis que o Conselho dizia ser benéficas para seu mundo, porque não lhe diziam respeito. E quando se uniu ao Conselho, tornou-se cego ao que estava certo ou errado em favor da política. Sua esposa

[35] *Statu quo* é uma redução da expressão latina *in statu quo ante*, que significa, literalmente, "no mesmo estado em que se encontrava antes". A diplomacia teria sido o principal responsável pela difusão da expressão, empregada principalmente para referir-se às condições em que tudo se encontrava antes de determinado fato.

desafiou as leis em mais de uma ocasião. Havia dito a ele que o progresso e a vida floresceriam das gynaíkes em seu país e não de seus líderes. Mas ele não a escutou. Tinha menosprezado suas ideias, ideias que sabia que ela obteve a partir de seu tempo servindo ao rei. Tinham discutido sobre isso. E finalmente a distância entre eles a conduziu para os braços de outro.

Havia-se sentido ferido e traído, mas depois de sua cerimônia de purificação, ele a aceitou de volta. Sua relação nunca foi à mesma, a menina que ela carregava se tornou toda sua vida. A menina que ele criou e moldou, protegeu e reprimiu. A menina que ele merecia. A menina que devia ter sido sua por direito.

O suor envolveu seu pescoço e deslizou por sua coluna.

—Você acha que ele irá até Atalanta e fará outro acordo com ela? Para matar o menino? O que poderia oferecer a ela em troca?

A inquietação se espalhou pelo rosto de Lucian.

—Os Argonautas. E os mestiços. Se os Argonautas forem à colônia, se Loukas os seguir…

—Queridos deuses…

—Exatamente.

Os olhos de Simon cravaram se nos de Lucian

—Por que se importa? Não se preocupam nem com os mestiços, nem com os Argonautas.

—Não, não me importo com nenhum deles. Mas a morte não é a resposta. Meu sobrinho, se você se lembra, é um Argonauta. Embora não concorde com o que os Guardiões Eternos fazem, não terei o sangue de Gryphon ou o sangue dos outros em minhas mãos.

A urgência pulsou pelas veias de Simon. Urgência e, ele esperava que de alguma pequena maneira, redenção.

—Temos que encontrar Loukas e detê-lo.

—Orpheus está nos esperando no portal. Sabe onde está localizada a colônia

dos mestiços. Se formos agora, talvez cheguemos ali antes que seja muito tarde.

CAPÍTULO 22

O coração de Callia se acelerou quando descobriu o túnel oculto que entrava nas cavernas da colônia. O ar gelado bateu em sua face quando colocou as luvas. A lua quase cheia iluminava as clareiras e o bosque mais à frente com luz suficiente para fazer sua viagem para as Colinas Prateadas, onde esperava encontrar algum tipo de transporte, fácil de ver.

Tinha deixado Isadora e Casey dormindo. Ambas exaustas e chateadas depois que nada surgiu de sua "tentativa" com o Círculo. Callia ficou com as mãos e os pés amarrados até que ambas adormeceram.

Pressionou a mão enluvada contra o telefone via satélite que carregava em seu bolso. Quando estivesse mais perto do povoado, entraria em contato com Zander. Ele rastrearia o sinal. Ele se aborreceria, mas ela tinha certeza que ele seria capaz de localizá-la. E tinha cem por cento de certeza que Atalanta não a mataria. Não, se Zander encontrasse seu filho antes que a semideusa decidisse que não precisava nem dela nem de Maximus.

Maximus. Max. A calidez atravessou seu peito. Seu filho tinha um nome. E agora ela ia dar um rosto para aquele nome. Uma determinação renovada despertou em suas veias. Verificou a bússola mais uma vez, então, moveu-se para as árvores.

Deu dez passos antes que um braço saído do nada a agarrasse pelo pescoço. Callia ofegou, tentando gritar, mas a mão se apertou como uma braçadeira sobre sua boca impedido que qualquer som saísse de sua garganta. Um braço forte cingiu sua cintura e a puxou para trás de encontro a um corpo quente e sólido.

O medo grunhiu em sua garganta. Lutou, mas a seguravam com firmeza.

—Continua me fazendo esperar, syzygos — murmurou uma voz em sua orelha. Uma voz que conhecia muito bem. —Eu a avisei que não fizesse isso.

Syzygos. Esposa.

Seu coração saltou um batimento. Loukas? Ali? Agora? Que diabos ele pensava que estava fazendo?

—Achou que podia fugir de mim? —grunhiu ele. —Já tentou uma vez, mas eu a trouxe de volta. E estou cansado como o diabo de fazer isto.

Callia permaneceu quieta como uma pedra e, um segundo depois, o cérebro ficou em branco.

Um rugido ressoou das árvores que os rodeavam, pondo novamente em funcionamento a mente em branco como se uma energia devolvesse sua consciência. Os olhos de Callia se arregalaram quando muitos daemons saíram das árvores e lançaram-se para os túneis que conduziam à colônia.

Não…

—Vão morrer — murmurou Loukas em seu ouvido. — Cada um desses mestiços asquerosos que tanto parece amar. Tudo por culpa de suas indiscrições.

Não, não, não…

Callia lutou, mas não conseguiu se liberar da sujeição de Loukas. Da parte mais longínqua da clareira, Atalanta surgiu vestida com as mesmas roupas vermelho sangue que Callia viu antes.

Ao seu lado, puxava Max com uma corda. Quando alcançou o limite das árvores, a semideusa parou, olhando em sua direção e sorrindo.

O coração de Callia bateu na garganta e gritou por debaixo da mão de Loukas.

—Realmente acreditou que ela jogaria sob alguma regra justa? —sussurrou em seu ouvido. —Ela enganou você para que viesse para mim. As princesas, os Argonautas, seu amante e esse deslize a quem chama de filho serão aniquilados de uma só vez. Mas você não. Não, você vai viver. Comigo. Onde pertence. E me acredite, syzygos, desta vez, recordará disso.

Zander parou no meio do caminho sobre o solo congelado. Uma dor ardente partia de seu peito, o desconcentrado e jogando por terra os outros sentidos. A conversa de Theron e Cerek com Nick ficou fora de sua audição. A visão diminuiu até que já não distinguia Phineus e Titus nas árvores da direita e esquerda explorando a área circundante. O ar gelado oscilou nas curvas de sua mente até que tudo o que sentiu foi um pânico denso lhe dizendo que estava indo na direção errada.

Nick tinha aterrissado o helicóptero em um campo a seis quilômetros atrás e tinham começado a correr já que isso evitava alertar a qualquer daemon na área de sua chegada, mas de forma repentina ele soube que qualquer daemon que estivesse por ali era a menor de suas preocupações.

—O que está acontecendo, Zander?

Theron o parou e estava estudando-o com aquela expressão intensa pela qual seu líder era tão conhecido. Nick e Cerek estavam fazendo o mesmo.

—Eu… — Seu peito se contraiu com força, cortando suas palavras. Aquela sensação era diferente da raiva que estava acostumado. Era mais profunda, mais pessoal e daquela vez, insistente. Dizia-lhe… dizia-lhe algo. Mas não conseguiu descobrir o que era. Virou-se lentamente em círculo, olhando por entre as árvores ao seu redor. — Algo não está certo.

—Como sabe? —perguntou Nick com uma expressão realmente atenta.

—Porque eu sinto isso — recuou, olhando ainda por entre as árvores. — Não estão aqui. Eles estão…

A dor correu por seu braço e pescoço, como se alguém o tivesse imobilizado com uma chave Nelson[36] e o tivesse retorcido. E na cabeça ouviu a voz de Callia. Chamando-o. Aquela insistência aumentava a urgência.

—Callia está ferida — sussurrou. Então em voz mais alta. — Há problemas na colônia.

Zander juntou as mãos. Quando os dedos rosados se tocaram, as marcas nos antebraços e mãos se iluminaram em um branco brilhante quando o portal se abriu com um estrondo e um chiado.

—Ah, Merda — murmurou alguém. —Está abrindo o portal. Agora os daemons com certeza saberão onde estamos.

Theron deu um passo em direção a ele.

—Zander, espere…

Não fez isso. Porque agora só uma coisa importava. Callia precisava dele.

Isadora acordou de repente. Os olhos se abriram de repente. Apoiou-se nas mãos para se levantar justo quando um estrondo abalou a sala de estar da casa de campo. Ao seu lado no sofá, com os olhos entreabertos e sonolentos, Casey fez o mesmo.

—O que… o que está acontecendo?

—Não sei — Isadora correu para a janela e puxou as cortinas.

A visão com a qual seus olhos se depararam arrancou um grito de assombro de seu peito.

—O quê? —disse Casey, apressando-se em levantar-se. Quando alcançou a janela e viu os daemons lá em baixo, atacando a colônia, a mão voou para a boca. — Oh, Deus.

—Temos que sair daqui — com a adrenalina ao máximo, Isadora se virou e examinou o quarto procurando uma arma.

Onde diabo estava Gryphon?

Seus olhos pousaram no sofá em que ela e Casey tinham caído no sono,

desviando-se para mesa de café onde estava o Círculo, agora nada exceto um frio pedaço de metal, ainda imóvel e atrás do outro sofá, onde Callia esteve.

—Maldição, ela se foi.

—Aonde terá ido? —A voz de Casey estava cheia de pânico.

—Não sei. Eu…

A porta da sala de estar se abriu de repente. Por instinto, Isadora empurrou Casey para trás dela. Eram Gryphon e — sagrado inferno — Demétrius, com todo seu diabólico encanto, entrando no quarto. Quando Demétrius chegou ali? Gryphon o chamou?

—Princesa, — anunciou Gryphon em um tom absolutamente profissional — temos que levá-la para Argolea. Agora mesmo.

Daquela vez Isadora não ia discutir. Queria sair dali. Exceto…

—Callia desapareceu. Não podemos ir sem ela.

Gryphon e Demétrius trocaram olhares, e justo quando Gryphon abriu a boca para responder, ouviram-se fortes pisadas descendo pelo corredor em direção a eles.

—Recuem! —gritou Demétrius, girando e desembainhado a espada.

O coração de Isadora obstruiu sua garganta. Ela empurrou Casey contra a parede e se agarrou a irmã enquanto seu sangue pulsava como um rio de fogo sob a pele. Um corpo apareceu em frente à porta, e dois brilhantes olhos verdes apareceram justo quando Demétrius se dispunha a atacar. Em torno dos ombros enormes de Demétrius, Isadora avistou o corpo nas sombras.

Ela se afastou de Casey e deslizou entre os Argonautas para ficar entre o Demétrius e a porta.

—Não!

—Por Hades. Princesa, mova-se!

—Não, Demétrius. Não fará isso! É Orpheus.

Orpheus riu murmurando a suas costas.

—E eu pensando que não se importava Isa.

Ela ignorou Orpheus e olhou para Gryphon, que sustentava sua própria espada com uma expressão de "Que merda está acontecendo?" na cara.

—Como diabos há…?

—Tio Lucian, está aqui — disse Orpheus, cortando as palavras de seu irmão. — Veio até mim em busca de ajuda. Parece que Loukas está jogando outra vez na equipe errada.

Oh, deuses. Callia…

Demétrius se moveu para Casey.

—Temos que levar ambas para Argolea agora mesmo.

Casey veio para frente.

—Theron…

—Está bem. —Demétrius pegou a jaqueta de Casey do sofá e a jogou para ela.

—Mas Callia… — protestou Casey quando ele a empurrou para a porta.

De fora, chegavam-lhes os rugidos e gritos que ecoavam até eles vindos do segundo andar da casa, isso cortou seu argumento.

—Os Misos — murmurou Casey.

—Voltaremos pela curadora e outros depois de que as levarmos para casa. — disse Gryphon rapidamente.

Orpheus se moveu para deixar os outros passarem. Quando Demétrius empurrou Isadora pela porta, ela tardiamente se lembrou do Círculo.

—Espere — se virou e tentou empurrar Demétrius.

Mas era igual a uma sólida montanha de aço bloqueando sua passagem.

—O disco!

—Eu o pegarei — anunciou Orpheus.

Orpheus? Oh, sagrado inferno, não. Não confiaria o Círculo de Cronos a Orpheus nem sequer um microssegundo.

A necessidade a empurrou contra o fluxo de corpos.

—Demétrius, sai de meu caminho!

—Você realmente é uma verdadeira dor no traseiro — disse Demétrius com desprezo. — Eu disse que vamos, Princesa, e quero dizer agora — seus braços rodearam suas pernas, e então tudo o que Isadora sentiu foi o ar quando foi arremessada sobre seu ombro.

—Demétrius! Deixe-me ir! Ordeno-lhe isso.

A única resposta foi um baixo e ameaçador estrondo que vibrou através de seu peito e reverberou em seu corpo, advertindo-a de que os daemons não eram o único mau com o qual precisava preocupar-se naquele momento.

Não.

Callia observou fixamente quando Atalanta fixou seus olhos sobre sua localização nas árvores. Os olhos negros como o carvão da semideusa eram tão cruéis como ela se recordava, mas era mais alta do que Callia tinha pensado. Facilmente dois metros e dez maiores e mais poderosa que qualquer outro ser sobre aquele planeta. Atalanta puxou a corda ao seu lado, a única coisa que rodeava as mãos de Max, então puxou com força. O movimento fez que Max perdesse o equilíbrio e se contivesse no último segundo.

O medo foi substituído pelo instinto maternal. Callia deixou escapar um ofego e deixou sair à dor que se disparou pelo braço e pescoço onde Loukas a sujeitava estreitamente. Focalizou os olhos em Max.

—Vamos, Callie — sussurrou Loukas em seu ouvido. — Está na hora de nossa pequena reunião.

A sujeição de Loukas se tornou mais leve por causa de seus movimentos inábeis sobre o solo coberto de neve. Os soldados da colônia tinham saído para repelir o ataque e Loukas a arrastou para longe da luta, avançando e subindo por um aterro para o canto de uma borda que mal que podia ver.

Atlanta e Max já estavam esperando por ela quando alcançaram o topo. Os

olhos de Callia correram diretamente para seu filho. Os olhos prateados de Max se arregalaram, seus cabelos loiros estavam despenteados. A sujeira marcava sua pele e roupas, e suas mãos estavam amarradas na frente dele, mas não havia cortes em sua pele, nada que evidenciasse que ele tinha sido ferido. E, o olhando fixamente daquela maneira, a navalhada no coração de Callia se tornou ainda mais profunda, porque ele se parecia com uma versão mais jovem de Zander no primeiro dia que ela fugiu com ele para o castelo, quase onze anos antes.

Respirando através do nariz. Callia tentou conter os calafrios quando o suor deslizou por sua coluna. Atrás dela, Loukas também estava resfolegando por causa do esforço, mas seu corpo continuava sendo uma presença sólida à suas costas, lembrando-a de quem estava no comando.

—Olá, Eirene — disse Atalanta em um tom significativo, atraindo a atenção de Callia. — Estávamos esperando-a. Não é verdade, Maximus?

Callia tirou os olhos de Atalanta e olhou para Max. Ele contemplava Callia com olhos arregalados. Sabia quem ela era? Tinha alguma ideia de que ele era dela e não de Atalanta?

—Chega de cumprimentos— pigarreou Loukas atrás dela. —Vamos fazer isso.

—Um ándras de ação — disse Atalanta. —Eu gosto disso. Confio em você para que me traga o Círculo?

Loukas se moveu sobre as pernas instáveis.

—Quando a criança estiver morta, darei isso a você. Não antes.

O pânico cravou as garras no peito de Callia. Ela gritou sob a mão que se fechava com força sobre sua boca, mas o som que saiu não foi mais que um ronco.

Loukas apertou seus braços em torno dela até que a dor correu até suas terminações nervosas, cortando sua voz. Callia segurou os braços de Loukas, tentando se liberar, mas ele era muito forte.

—O Círculo de Cronos é mais que um tesouro, Loukas — disse Atalanta com voz indolente. — Alguma vez me preocupei em lhe perguntar como o encontrou?

—O como não é importante.

—Oh, mas é sim.

Loukas se enrijeceu atrás de Callia.

—Meu primo o encontrou. Agora o menino…

Um sorriso feroz cruzou o rosto perfeito de Atalanta.

Das colinas longínquas, os sons da batalha chegaram até eles, mas Atalanta não parecia ouvi-los.

—Conto uma história para você, Loukas?

—Eu…

—Oh, esta é uma boa — disse ela com um sorriso. —Uma que acredito que você gostará. Veja, não faz muito, um ándras de seu mundo descobriu o Círculo de Cronos no topo das Montanhas Aegis. Sendo alguém que sempre — como devo dizer —… olhava para si mesmo? Decidiu que podia obter algo por ele. Propôs um acordo com Perséfone que, percebendo o que era, conseguiu roubar o Círculo debaixo de seu nariz.

O suor deslizou pelas costas de Callia, só que não era o seu. Era de Loukas, que também suava através das roupas que os separavam. Seu coração batia enlouquecido contra a pele e sua ansiedade mergulhou nela como se fosse sua.

—Nunca se deve confiar nos deuses — continuou Atalanta. — Lembre-se, Loukas. Então, Perséfone levou o Círculo para seu marido, Hades, que, como deve supor, emocionou-se ainda mais por seu pequeno achado. Manteve-o perto dele durante algum tempo. E foi assim que o encontrei.

A pulsação de Loukas se acelerou ainda mais. A umidade se reuniu nas palmas de suas mãos onde sustentava Callia.

—Sempre me assombra o quanto as mentes de alguns homens podem ser simplórias — disse Atalanta. —Inclusive os deuses. Se você fode bastante com eles, pode fazê-los esquecer de tudo. Até mesmo do que fizeram com algo tão precioso como a chave para o mundo.

Loukas engoliu em seco. Seus músculos contraíram. Pelo canto dos olhos, Callia captou um movimento na vegetação. Ela aguçou os olhos e viu... Não podia ser. Seu pai?

Simon levou um dedo aos lábios, gesticulando para que ficasse em silêncio.

Os olhos de Atalanta se endureceram sobre Loukas.

—Você achou que poderia me enganar? Não tem o Círculo. Nunca o teve.

—Mas o terei.

Os olhos de Callia voaram para o lado onde Orpheus apareceu, segurando o Círculo de Cronos na frente dele por sua longa corrente.

Santíssimo… Hades. De onde diabo tinha vindo? Os olhos de Callia se arregalaram novamente. Orpheus podia transporta-se para qualquer parte da terra como podia fazê-lo em Argolea? Isso não fazia sentido…

—Deixe o menino e a mulher irem, Atalanta — disse Orpheus. — Ou prometo que nunca mais verá esta bugiganga.

—Callia!

Todos ouviram ao mesmo tempo o grito que veio de baixo. Os olhos de Callia baixaram para a colina onde Zander avançava para eles, balançando a espada da direita para a esquerda enquanto destroçava daemon pós daemon abrindo caminho. Um grupo de daemons a meio caminho para o topo da colina percebeu para aonde ele se dirigia e atacaram.

E então as coisas aconteceram muito rápidas, Callia mal registrou os movimentos. Loukas a soltou e correu para as árvores. O braço de Atalanta disparado para Loukas e uma lança de energia saiu para bater contra seu corpo, jogando-o para frente. Ele gritou quando seu corpo foi atingido com força, jogando-o, então caiu e se moveu incontrolavelmente contra a terra fria antes de ficar mortalmente imóvel.

Seu pai atacou saindo dos arbustos, com a espada levantada. Atalanta balançou o braço para fora e ao seu redor e repeliu Simon facilmente jogando-o

colina abaixo como se não fosse mais que um boneco. Então mudou de posição passando por Callia para onde Orpheus segurava o Círculo.

—Você o quer? —gritou Orpheus.

Os olhos de Atalanta se arregalaram. Ele jogou o Círculo para trás e o balançou para frente pela corrente, jogando-o através da distância que os separava. Ela lançou uma bola ardente de energia em sua direção, mas antes que o alcançasse, Orpheus desapareceu em uma nuvem de fumaça só para reaparecer atrás dela onde ela não podia vê-lo.

Atalanta gritou de frustração. O Círculo tinha desaparecido junto com Orpheus. Inflando o peito, Atalanta virou-se em direção de Callia, e seus olhos se tornaram tão vermelhos quanto sua roupa.

—Você.

—Não! —gritou Max.

O coração de Callia quase se arrebenta. Deu um passo para trás e se preparou. Atrás de Atalanta, Orpheus disparou um olhar para Callia que dizia "*a mantenha distraída*", então parou silenciosamente na frente das mãos amarradas de Max.

Oh, deuses. Era isso. Os olhos de Callia voaram para Max. Ele poderia fugir. Tudo o que tinha que fazer era manter a atenção de Atalanta sobre ela…

—Você pagará pelo que fez aquele feto do demônio — Atalanta ergueu ambos os braços e lançou as mãos para frente.

Mas não aconteceu nada. Nenhum calor flamejou de seus dedos, nenhuma energia redemoinhou nas palmas de suas mãos. Arregalando os olhos a semideusa baixou os olhos para suas mãos com um espanto atônito.

Então seu corpo se virou com força e foi empurrado contra o chão, igual à Loukas, e caiu entre gritos de dor. Girou e elevou os olhos para Max que tinha as mãos estendidas para ela, como se apenas tivesse lançado sua energia de volta a ela.

—Não toque nela — disse Max.

Atalanta deu um olhar enfurecido para Max, para Orpheus ao seu lado e depois para Callia. Então desapareceu como o ar.

—Isso— disse Orpheus para a terra vazia onde Atalanta esteve deitada. —Coloque o rabo entre as pernas e corra como a forma mais baixa de vida que é.

Max ficou olhando para as mãos como se não pudesse acreditar no que tinha feito.

—Guri — disse Orpheus, olhando para Max. —Tem o poder da transferência. —um sorriso vitorioso explodiu cortando seu rosto. Isso… é absolutamente… genial!

—Callia!

Grunhidos e gritos subiam pela colina junto com o som de metal batendo contra metal e carne e osso. Callia afastou os olhos de seu filho na beira da colina onde Zander, sanguento e sujo, e o seu pai, o qual estava igual, lutavam contra dez ou mais daemons que se dirigiam direto para eles.

Oh, merda. Não tinham saído ainda daquilo.

—Orpheus! —gritou Callia.

—Estou nisso — gritou ele. Removeu algo do bolso antes de tirar a espada. —Já faz algum tempo que não chuto o traseiro de alguns daemons.

Ele desapareceu em um nada justo quando Callia viu seu pai cair.

—Não!

Orpheus reapareceu atrás do monstro de mais de dois metros. Sua espada fez um arco e girou, decepando a cabeça do daemon, evitando que o monstro cravasse a espada no peito de Simon.

—Papai! —Callia lançou um olhar para Max.

—Vá — disse Max. — Vá!

Seus instintos de curadora ganharam a batalha. Não conseguia pensar, só correr. Derrapou ao lado de seu pai. O sangue saiu de um ferimento perto de suas costelas. Sujeira e sangue se derramavam sobre seu rosto e roupas. Respirava com

dificuldade. De seu ferimento saía tanto o ar que expelia como o sangue que o rodeava.

Estava com o pulmão perfurado. Não tinha muito tempo. Ela nunca foi forte o bastante para curar aquilo sozinha. Tinha que levá-lo para clínica, onde tinha materiais e suprimentos e poderia tratar do ferimento. Rapidamente. Agora.

Pressionou as palmas das mãos contra o ferimento. As lágrimas queimavam seus olhos enquanto olhava para cima e se virava olhando ao redor…

—Zander!

A espada de Zander se chocou contra a espada de um daemon com quem estava lutando. Engalfiados como estavam, nenhum deles era capaz de se soltar, sua cabeça girou na direção dela e seus olhos se arregalaram.

Uma rajada de adrenalina pareceu injetar-se nele. Soltou-se e se retirou, então moveu seu parazonium mergulhando-a profundamente no peito do daemon. Este uivou e rugiu, caindo de joelhos, e Zander liberou a espada, balançando-a então e decapitando o monstro.

Callia baixou os olhos para seu pai.

—Patéras[37]…

—Eu…

Sentiu alguém cair ao chão perto dela. Então mãos pequenas apareceram em torno das dela para unir-se às suas sobre o ferimento. Através dos olhos embaçados viu Max de joelhos ao seu lado.

—Deixe-me ajudar.

—Você não pode…

—Sim eu posso — disse com uma voz tão doce, que parecia como campainhas. — Se você me ajudar.

As emoções a sobressaltaram, Callia assentiu então baixou os olhos para o ferimento e se concentrou em seus poderes de cura.

[37] Pateras- pai

O calor se concentrou em torno de suas mãos, sob as de Max. Sentiu-o ajudando-a, juntos eram mais fortes que um. Mas a mão de seu pai se fechou sobre ambas interrompendo o processo.

—Não. — ofegou.

Os olhos de Callia voaram para o rosto de seu pai.

—Papai…

—Não, agkelos[38]. Deixe-me ir.

A umidade nublava sua visão novamente, especialmente quando ele a chamou de anjo na antiga linguagem que costumava usar quando era uma criança. Antes de tudo o que aconteceu com Zander ter mudado sua relação para sempre.
— Patéras…

—Meu tempo aqui acabou, Callia — a voz era tão baixa que ela mal podia ouvi-lo. A respiração ofegante. — Sua mãe tinha razão. Eu quero… dizer-lhe. Eu… estou preparado.

A dor apunhalou seu coração e entrou em sua alma.

Seu pai olhou para Max.

—Desculpe-me — ofegou. — Desculpe tudo… o que eu fiz. Cuide dela. Ame-a da maneira em que eu devia ter feito. —Seus olhos se fecharam.

Braços fortes a rodearam por trás justo quando as lágrimas se derramavam pelos cílios.

—Papai!

Mas ele não a ouvia. Já tinha partido.

Aqueles braços a levantaram e a viraram, e então sentiu o peito musculoso de Zander contra a face.

—Thea.

Ela esfregou as mãos ensanguentadas contra a camiseta de Zander. Amaldiçoando cada deus em que podia pensar. Era seu pai e a tinha amado,

[38] Agkelos: Termo carinhoso que significa anjo

mesmo se algumas vezes ela não houvesse entendido aquele esse amor. E hoje, tinha vindo ali para ajudá-la. Para salvar seu filho.

Seu filho.

Estremeceu ante o pensamento. Afastou-se de Zander e levantou os olhos para seu atraente, familiar, ferido e sujo rosto.

—Max — sussurrou ela. — Seu nome é Maximus.

Quando o restante dos Argonautas derrotou os daemons restantes, ambos olharam para o menino ainda de joelhos ao seu lado.

Na morte havia vida. Pensou na decisão que seu pai tomou no dia que seu filho nasceu. Uma vida por outra. Embora nunca fosse concordar com sua escolha, uma pequena parte dela entendia que um pai nunca poderia voltar atrás e ver um filho morrer.

Secou os olhos com a camiseta e tentou sorrir, mesmo sabendo que provavelmente não funcionasse. Estava suja, coberta de sangue e a morte os rodeava. Mas tinha sonhado com aquele momento durante dez longos anos.

—Sabe quem sou? —perguntou a ele suavemente.

Os olhos de Max foram dela para Zander e novamente para ela. A cautela enchia seus olhar cuidadoso, mas ele assentiu lentamente.

—A anciã de branco… ela me revelou isso. Eu… — olhou novamente para os dois, sua voz baixando para um sussurro—… não acreditei que fossem reais.

Uma torrente de emoções transbordou através da represa que Callia construiu em torno do coração.

—Oh, somos reais. E estávamos procurando você.

—Vocês fizeram isso? —As sobrancelhas de Max se elevaram, e a esperança transpareceu em seu rosto.

Ela assentiu e seu sorriso apareceu. Um que desta vez não teve que forçar.

—Sim — disse Zander, a voz partida pela emoção. —Fizemos.

CAPÍTULO 23

Zander suspirou calmamente quando parou sobre o alpendre da casa do pai da Callia, nas Colinas dos subúrbios de Tiyrns. Correção, a atual casa de Callia. Cada vez que vinha vê-la ficava tenso. Tinham passado quase onze anos e aquilo não tinha mudado nem um pouco. E todo o resto? Sim, todo o resto era mil vezes diferente. E naquele momento, quase tudo tão mau quanto podia imaginar.

Levantou a mão e as agitou. As folhas bailavam sob a brisa leve e flutuavam para o caminho que se encontrava em frente à grama. A casa era enorme, uma mansão construída no estilo Tudor do reino humano. Muito maior do que alguma vez tinham necessitado, e esperava que Callia não fosse apegada a ela porque para onde foram destinados, aquela casa não podia segui-los.

A porta se abriu e Callia apareceu em pé do outro lado. Não sorriu, mas seus olhos brilharam quando o viu, e ele pensou considerando tudo pelo que ela teve que passar nas últimas quarenta e oito horas era a melhor saudação que ia conseguir.

—Entre, está fazendo frio.

Colocou a mão sobre seu antebraço o aquecendo com seu toque, para recuperá-lo do espaço frio que deixou nele sua conversa com o rei. Toda a ansiedade reprimida que tinha acumulado durante a última hora pareceu dissipar-se de seu corpo. Estar perto dela o acalmou como nada poderia havê-lo feito.

Ela fechou a porta atrás dele e esfregou os braços enquanto ele sacudia as botas no tapete entrada.

—Onde está Max? —perguntou ele.

—Dormindo. —Ela o conduziu para sala de estar formal, com cadeiras de respaldos altos e sofás desconfortáveis.

—Estava muito cansado. Imagino que não seja uma surpresa, mas… — ela

percorreu com os olhos as escadas que se dirigiam ao segundo andar. — Ele me preocupa.

—Ele está bem — disse, movendo-se em torno dela e pousando as mãos em seus braços para acalmá-la. — Você o viu. Fez que outro curador o verificasse. Fisicamente, ele está bem.

—É mentalmente que estou preocupada.

—Algo me diz que ele é bem mais forte do que pensamos, Thea.

Seus olhos esboçaram uma expressão cautelosa pouco antes que ela se desfizesse de sua sujeição e se colocasse diante da lareira.

—Acredito que a conversa com o rei não foi muito boa.

Zander apertou com força a mandíbula. O rei. Seu pai biológico. Que não tinha dado a mínima a ninguém que não fosse ele mesmo. Mesmo agora, quando soube que Callia era sua filha e Max seu neto. O único herdeiro ao trono de Argolea que não seria reconhecido.

—Ele é um maldito senil.

—Sim — disse ela com um suspiro, olhando fixamente as chamas. —Parece que foi de vento em popa.

Ela sabia o que o rei havia dito. Não precisava que ele lhe dissesse.

—Olhe — Zander se moveu na direção dela. — Que ele se foda. Se ele quer agir como se nada tivesse mudado, por mim tudo bem. Mas não vou ser o bode expiatório. Pegue apenas as coisas que você e Max realmente necessitam. Talvez saiamos daqui ao anoitecer, antes que alguém saiba que partimos.

Ela se virou para olhá-lo de frente, e o brilho que tinha visto em seus olhos quando entrou pela porta, se foi.

—Não vamos com você.

Ele franziu o cenho.

—O quê?

—Oh, uau. —Ela colocou as mãos nas faces, inspirando profundamente. —

Isto é mais difícil do que eu pensei que seria. —Deixando os braços caírem, concentrou-se nele. —Não vamos com você, Zander. Pensei muito sobre isso, durante as últimas vinte e quatro horas e... Não vai funcionar.

—Do que está falando? —Uma lasca de pânico ia se cravando pouco a pouco em seu peito, e tentou ler suas emoções, mas não conseguiu.

—Você, eu... Nós. —Ela gesticulou com as mãos entre eles. — Acredito que havia um ponto em que teríamos que decidir, estar juntos ou não. E já passamos desse ponto. Tudo mudou muito e não... Não quero voltar ao passado. Sempre terei um lugar no coração para você, mas agora tenho que enfocar minha atenção em Max. Ele tem que ser o centro de meu mundo. Ninguém mais.

—Callia, espere. Se isto for por causa do que o rei disse...

—Não, Zander — disse suavemente. — Trata-se mim. E do que eu quero e o que não quero. Toda minha vida me foi dito o que fazer, e estou cansada disso. É o momento de tomar minhas próprias decisões. E agora... — suspirou, estabilizando-se. — Agora quero ficar aqui.

Ele sentiu uma pontada no peito. E através do vínculo que compartilhava com ela, tentou encontrar a mentira que sabia, ela escondia em suas palavras. Mas foi em vão. Ela estava bloqueando seus sentimentos Ou... Finalmente estava lhe dizendo a verdade?

—Você não... —Mal podia pensar nas palavras, menos ainda dizê-las. — Não me quer?

—Acredito —não sei — que ir para o reino humano pode ser um erro — sua voz era suave. — Quero que você cumpra suas obrigações com Isadora, Zander. Acho que é o melhor que você pode fazer.

A dor atravessou seu peito. E o coração, o mesmo que ela tinha descongelado abrandado e devolvido à vida, quebrou-se em mil pedaços ali mesmo, na sala de estar mal ventilada de seu pai.

Dias atrás, esteve de pé sobre aquele penhasco com Titus, olhando para o

precipício abaixo deles, e quis morrer. Mas ao menos, então estava um pouco dormente. Estava tão acostumado a não sentir nada, que pensou que a morte seria bem-vinda como um sopro de ar fresco. Agora que sabia que a dor era certa, nada, nem mesmo a morte, podia salvá-lo daquela tortura.

Tudo o que confessou a ela na colônia passou por sua cabeça a toda velocidade. E daquela vez, não lhe passou o fato dela nunca ter dito que o amava também, ou falado de um futuro com ele depois de encontrar seu filho. Podia-se ser mais estúpido? Então ela não o amava. Não da mesma forma que ele a amava. Tinha deixado que seus desejos e necessidades o consumissem, e ignorou os indícios que deveria ter visto desde o primeiro momento através de seu vínculo com ela.

Esperou que a fúria tomasse conta dele. Desejava-a ardentemente. Mas não a encontrou em nenhum lugar. Isso não era malditamente irônico? A única vez que precisava dela para manter-se cordato, ela tinha ido embora.

—Zander. Espere.

Não podia. Caminhou para a porta, para a liberdade. Lá fora, parou no caminho da frente e aspirou um pouco de ar fresco tremulamente.

Esperou por ela mais de oitocentos anos, e para encontrar finalmente sua humanidade. E no fim, tudo o que tinha para mostrar para ele era um filho que não o conhecia e uma noiva que não queria. O único consolo era que finalmente sabia que não seria mais imortal. Agora só tinha que esperar que Callia morresse de velhice para que ele pudesse, finalmente, morrer também.

Isadora passou as mãos pelos cabelos curtos e fixou os olhos no espelho da penteadeira da suíte. O vestido de casamento branco e de manga longas era pesado, pinicava, e lembrava os trajes de noite que costumava usar. Tinham acontecido muitas coisas e ainda assim nada havia mudado. Ali estava ela, a mesma mulher enclausurada há algumas semanas, antes que Casey tivesse entrado em sua vida,

antes de ter descoberto que Callia era sua meio-irmã. Em algumas horas estaria amarrada, já não como propriedade de seu pai, mas de Zander.

Sua alma clamava por liberdade. Tinha vontade de sair lentamente da pele. Quando o pânico chegou a níveis explosivos apoiou as mãos sobre a penteadeira, e olhou para seu reflexo.

Mas não viu seu rosto. O espelho piscou, e uma imagem apareceu. Imprecisa no início, mas logo se tornou mais clara. Suas feições apareceram. Ela se recostava. Não na cama da suíte, mas em outro cômodo, rodeada por uma pedra irregular e áspera. Estava com a pele bronzeada, e o rosto corado. Alguém — o calor correu por suas veias quando a imagem apareceu na parte de atrás — estava beijando seu pescoço, ombros e a cúpula dos seios. Um varão. Não podia ver seu rosto, mas as costas musculosas estavam nuas, o traseiro estava contraído e empurrava seu corpo contra o dela piscando como a luz de uma vela sobre eles.

Isadora engoliu em seco enquanto olhava, hipnotizada pela cena diante dela. Ela retorcia o corpo debaixo do homem enorme, e o gemido de prazer que ecoou em seus ouvidos lhe disse em alto e bom som que estava desfrutando de cada coisa que ele fazia sobre ela.

O calor pulsava em suas veias, deslizando-se por elas até doer. Apertou as coxas, refreando um gemido. Arregalou os olhos enquanto se inclinava para mais perto do espelho, tentando ver seu rosto. Sabendo agora como Zander se sentia por Callia, talvez não pudesse desfrutar de seu toque muito mais. Era errado. Era...

E então o varão levantou a cabeça. Como sua própria imagem no espelho, ela chegou ao cume e balançou os cabelos, gemendo pelo êxtase.

Isadora ofegou e perturbada se afastou do espelho. A cadeira caiu no chão fazendo um ruído metálico. O terror subiu arranhando sua garganta enquanto seu corpo tremia. Não. Não podia ser. Algo… algo estava muito errado. A primeira visão que teve durante um mês não podia estar certa. Porque não havia maneira, nem neste mundo, nem no seguinte, de que ela ficasse com Demétrius daquela

forma.

—Acho que você deseja bastante isso.

Isadora se virou e se encontrou cravando os olhos em Perséfone. A deusa do mundo subterrâneo vestia um traje branco de noite, amarrado na cintura com uma faixa de ouro e estava sentada em uma cadeira luxuosa na área de estar de Isadora. As pernas longas estavam cruzadas e um dos pés se balançava elegantemente. Uma sandália de ouro pendurava dos dedos pintados de púrpura.

—Estava prestes a derrubar a cidade. —Os verdes olhos de Perséfone se endureceram. — Eu não gosto de esperar, pequena rainha. Passei a vida esperando.

Oh, merda. O acordo. Isadora quase tinha esquecido.

—Está aqui por que…

—Porque acabou de recuperar seus poderes. E agora, eles me pertencem. Durante um mês. Por isso. —Perséfone assentiu para o espelho — Isso realmente foi quente. Mal posso esperar para ver que acontecerá depois.

—Não pode.

Perséfone se levantou em todo seu esplendor, mais alta que os Argonautas e com mais poder no mindinho do que qualquer deles tinha em todo o corpo. Isadora recordou tarde demais que a deusa podia aniquilar a ela e a todos no castelo se quisesse, somente com um sopro.

—Posso. E o desejo. Um mês, pequena rainha. Ficou muito tempo sem seus poderes, mais um não a matará.

Em um instante, Perséfone tinha ido embora. Isadora alcançou o canto da cama enorme antes de sofrer um colapso. Lá fora, os sinos começaram a tocar, sinalizando sua iminente vinculação.

Sentia como se pequenas facas a apunhalassem por todos os ângulos. De repente seus pulmões lhe pareceram muito pequenos. Não entendia o que tinha acabado de ver, mas um instinto profundo lhe disse que se continuasse ali, tornar-se-ia realidade. Estivesse ligada ou não a Zander.

Não podia deixar que aquilo acontecesse. Não podia ficar. Não podia deixar que Demétrius a tocasse daquela forma.

Virou-se, freneticamente enquanto explorava o quarto e tentava encontrar um plano. Cada ideia assobiava na mente. Orpheus havia devolvido a capa da invisibilidade a ela. Nunca tinha saído do castelo sem que ninguém a visse. E o Círculo… Ninguém parecia saber o que tinha acontecido com o Círculo depois do encontro com Atalanta.

Oh, deuses, Oh, deuses, Oh, deuses…

—Minha senhora — disse Saphira, andando pelo quarto e sustentando uma taça fumegante na mão, e o temido véu de ouro que a protegeria de Zander até o ultimo segundo na outra. — Foram preparados para você.

O peito de Isadora subia e descia com a respiração difícil. Agarrada ao dossel da cama levantou os olhos e tentou se concentrar. O estado de choque se refletiu nos traços delicados de Saphira quando ela percebeu que Isadora estava no meio de um grande ataque de pânico.

Choque? Volte para a normalidade.

A criada deixou o véu cair de suas mãos e se aproximou apressadamente.

—Oh, senhora. —Ainda sustentando a taça em uma mão, Saphira envolveu o outro braço ao redor de Isadora suportando o peso desta. Isadora se agarrou aos ombros magros da mulher. — Vou me lançar contra o rei por ter feito isto com você. Não está certo.

—Não… consigo… respirar.

—Claro que não consegue. Ninguém poderia em seu lugar. —Saphira deixou Isadora no divã da área de descanso. A determinação endureceu suas feições. — Não faça isto. Não a deixarei.

—Você… você… não pode… detê-lo. Ninguém… pode.

Oh, deuses.

Saphira apertou a mandíbula e colocou a taça nas mãos de Isadora.

—Beba.

—Eu…

—Beba. — disse autoritariamente, algo que Isadora nunca tinha presenciado antes. — Você se sentirá melhor depois de fazer isso.

Com a mão trêmula, Isadora levou a taça até os lábios. O chá cheirava a lavanda e a algo mais. Algo vagamente familiar. O líquido que desprendia vapor queimava deixando um rastro quente na garganta de Isadora, aquecendo-a. Os músculos foram se relaxando um após o outro.

Saphira se ajoelhou aos pés de Isadora.

—Assim. Melhor?

Devagar, Isadora assentiu com a cabeça. Tomou outro sorvo. O ataque de pânico estava diminuindo. Mas se pensasse muito no que aconteceria depois…

As mãos geladas de Saphira seguraram os joelhos de Isadora através do tecido fino do vestido.

—Tenho amigos que podem ajudá-la.

—Co… como?

—Podem levá-la para fora daqui antes que seu pai passe. Quando ele se for, poderiam trazê-la de volta.

Isadora levantou uma sobrancelha. Não podia ser tão simples não é mesmo? Algo na parte de trás de sua cabeça gritou para ela *Não!* Mas ela não escutou. Sentia o cérebro pesado e… confuso.

Saphira empurrou a taça para seus lábios.

—Beba novamente.

Correto. Beber. Isso é o que devia fazer. Faria ela se sentir melhor. Mas…

Os músculos não queriam trabalhar. Quando Saphira inclinou a taça, Isadora não teve nenhuma outra opção, só tomar outro sorvo. Quando o líquido quente deslizou até o estômago, sentiu que toda a tensão se dissipava.

Um sorriso selvagem cruzou o rosto de Saphira.

—Bom. Isso está bom, princesa.

Algo na expressão de Saphira fez saltar uma advertência na mente de Isadora,

mas foi substituída por um único pensamento.

—C… Casey.

Não podia ficar longe de sua irmã durante muito tempo. Era parte da conexão como Escolhidas.

—Não preocupe sua pequena cabeça por causa de Casey. Prometo a você que não terá que pensar nela.

Saphira se levantou como se tudo estivesse decidido. Puxou Isadora para pô-la de pé, e a segurou quando ela se balançou. E a princesa percebeu vagamente que sua criada era mais forte do que lhe tinha parecido antes. O que era simplesmente… estranho.

—Tirarei você daqui, Princesa. E em poucas horas, isto será apenas uma lembrança. Confia em mim não é mesmo?

Como se fosse um sinal, Isadora assentiu com a cabeça, embora sentisse como se estivesse vendo a si mesma fazendo aquilo de uma grande distancia sem ter controle sobre a situação.

Saphira sorriu novamente.

—Bem. Nunca a decepcionei não é verdade?

Não. Mas uma vozinha na parte de trás da cabeça de Isadora, que foi rapidamente sufocada, gritou que isso tinha acontecido apenas uma vez…

CAPÍTULO 24

Callia ergueu os olhos do livro que tinha no colo e olhou pela janela para a garoa sobre Tiyrns. Era inútil tentar ler hoje. Primeiro o ritual funerário de seu pai no Círculo de Pedra, depois a chuva e em breve... A vinculação de Zander.

Fechou o livro, apoiou a cabeça no vidro frio e respirou fundo. Nem mesmo

seu assento favorito junto à janela e uma cópia de "O Vento Levou", que Orpheus lhe deu depois que voltaram para casa, aliviou a dor de sua alma.

Tudo aquilo era o melhor. Para ela, para Zander, para todos. Se repetisse aquilo mais vezes, talvez acreditasse. Um som às suas costas fez que afastasse a cabeça. Max estava de pé no marco da porta da cozinha com as mãos enfiadas nos bolsos da frente e um olhar preocupado em seu rosto bonito. Secou as faces e se afastou da janela.

—Não ouvi você.

Depois do rito funerário, ele voltou para casa e tirou uma sesta, igual ao que tinha feito ontem. Sabia que ele estava bem, mas mesmo assim, ele a preocupava. E todas as vezes que pensava na forma que ele extraiu a energia de Atalanta no monte e o devolveu a ela novamente... Max nem sequer havia se dado conta de que era verdadeiramente especial. Agora compreendia como ele tinha sobrevivido no inferno todo aquele tempo e como tinha se livrado dos demônios da Atalanta, mesmo involuntariamente. Qualquer que fossem os poderes que usassem contra ele, tinha sido capaz de devolvê-los e utilizá-los em seu próprio benefício. O dom da transferência era um poder incrível. Um de muitos, não só Atalanta, adoraria tê-lo em suas mãos. E por essa e outras razões, ela não deixava de vigiá-lo. Além disso, Callia sabia de sua própria e limitada experiência que transferir enfermidades, também era exaustivo. Não era de admirar que dormir durante uma semana não parecesse ser suficiente.

Ela forçou um sorriso que não sentiu e se moveu em direção a ele.

—Quer comer alguma coisa?

Ele negou com a cabeça loira.

—Ouvi os sinos.

—Que sinos?

—Os sinos do castelo. Hoje, no Círculo de Pedra, Casey me disse o que significavam.

Misos intrometida. Callia fechou os olhos. Balançou a cabeça. Sentiu a dor voltar outra vez.

—Sua tia recém-descoberta tem que aprender a manter a boca fechada.

Deu mais dois passos para a sala de jantar, com móveis de madeira escura e nobre, os pés pequenos, perfeitos e descalços não fizeram ruído sobre o piso duro de madeira que seu pai tanto tinha amado.

—Está fazendo isto por mim, não?

A raiva que ouviu na voz dele e a forma que seus olhos brilhavam como fumaça cinza rodopiando antes de retornar ao seu estado normal, a fez lembrar-se de Zander.

—Não sei do que me está falando.

—Sou mais forte do que pensa.

Aquela dor se intensificou.

—Não quero que você tenha que ser forte, Max — sussurrou quando ele parou diante dela. — Foi forte por bastante tempo. Está na hora nós fazermos isso por você.

Ele estendeu a mão, segurando as dela e quando ela olhou para baixo, viu as marcas em seus antebraços que os percorria até os dedos que agora se estendiam para se entrelaçar com os dela. E a fez recordar. Daquele quarto na colônia mestiça. Zander e ela naquela cama grande. Os dedos dele enlaçados com os seus. Daquelas marcas em cima e ao redor dela como se fossem parte dela.

—Não acreditava que você me amava — disse ele com voz suave, olhando para suas mãos. — Sonhava com isso a noite. Mas durante o dia, convencia-me de que não o fazia. Que não poderia... Que alguém como eu não era digno de ser amado.

Os olhos prata se ergueram para os dela, e soube que viu suas lágrimas nos olhos, mas não afastou os olhos dele. Ou respondeu. Porque lhe devia muito.

—A velhinha com o cristal me disse que recordasse de minha humanidade.

Não achei que isso importasse... Mas estava errado. A humanidade não pode salvar uma pessoa, mas pode lhe dar esperança. E sem isso... Bom, você pode chegar a se tornar um dos daemons de Atalanta.

Aquela dor no peito envolveu todo seu ser até que acreditou que ia consumi-la inteira.

—Parece uma coisa pequena e tola — disse ele suavemente—, mas às vezes a esperança é suficiente para fazer a diferença.

Ela se inclinou para que ficassem cara a cara.

—Supõe-se que você não deveria ser mais inteligente que eu com dez anos.

Um dos cantos de sua boca se curvou.

—Bons genes?

—Alguma coisa boa.

—Pratiquei o tele transporte antes — o sorriso no rosto de Max iluminou a dor do peito dela. E deuses, seu sorriso cheio de força era deslumbrante. — Casey me disse como funciona. Quer ver? Podemos sair agora mesmo para rua e eu posso mostrar isso a você. Aposto que posso percorrer todo o caminho até o castelo se tentar.

Estupendo. Um manipulador. Igual ao pai. Entre os dois, ela não tinha nenhuma chance.

—Há guardas por todo o castelo — disse. — depois de tudo o que aconteceu serão especialmente cuidadosos com a segurança do... Evento.

A cerimônia de união. A vinculação de Zander. Seu estômago deu uma forte reviravolta. Não podia estar pensando em ir para o castelo. Agora não. Do que serviria? Nada tinha mudado. Eles não podiam ir embora com ele e ele nunca a deixaria. As mariposas esvoaçavam em seu estômago.

—Estou bastante seguro de poder conseguir que entremos — o olhar de absoluta confiança em seu rosto, golpeou-a e naquele momento era o retrato vivo de Zander.

Ela nunca se livraria do guardião. Não importa aonde fosse ou o que fizesse Zander sempre seria parte dela. E embora tivesse tentado se convencer de que o que sentia por ele era algo insignificante, no fim, era tudo. Ele era tudo. Max tinha razão. Não podia acabar com a esperança porque acreditava que assim tornava as coisas mais fáceis. Passou toda sua vida ressentida com aqueles que a tinham arrebatado, e, no entanto, a única pessoa a quem agora sabia que pertencia de verdade era a única que pensava que ela não se importava com ele.

O coração bateu forte em seu peito. Imagens, lembranças, fotos de Zander era tudo o que podia ver.

Max levantou as sobrancelhas.

—Preparada?

—Não. — sussurrou enquanto sua pulsação golpeava como a pólvora. Quando se tratava de Zander, ela nunca estava preparada. Mas daquela vez, ao menos, sabia que estava fazendo a coisa certa.

—Ei! Z. Está na hora.

Zander se afastou da janela pela qual esteve olhando os últimos vinte minutos e passou os olhos pela gigantesca sala do terceiro andar do castelo — Correção, sua gigantesca sala— para Titus, vestido com o uniforme de gala dos Argonautas, ocultando do marco da porta a sala de espera que estava mais à frente.

O guardião vestia o mesmo conjunto que Zander, calças escuras soltas, uma túnica branca justa na cintura, a couraça de couro tradicional decorada com o brasão de seus antepassados e uma capa que caía sobre o braço esquerdo presa ao ombro por uma lâmina de bronze e que segundo a linhagem do guardião era de cor diferente. Titus, por ser da linha de Ulisses, vestia uma capa azul. A de Zander era âmbar.

Titus deixou escapar um assobio ao olhar para a sala.

—Bom alojamento. Poderia celebrar uma festa aqui e mesmo assim ter espaço

suficiente para albergar os Misos enquanto procuram um novo acampamento de apoio.

Zander deu uma olhada no enorme e sufocante cômodo com teto alto e ouro por toda parte enquanto seu estômago se revolvia novamente. Homem odiava aquilo. Odiava cada parte daquilo. Estava tão fodido que nem sequer era divertido. E não havia nenhuma maldita coisa que ele pudesse fazer a respeito.

Soltou o fôlego tentando se acalmar e desejou que sua velha amiga, a Ira, o impulsionasse a procurar uma desculpa para fugir. Mas não fez isso. Não a encontrou em nenhum lugar.

—Você está bem, velho? —perguntou Titus calmamente da porta.

Dando-se conta de que estava olhando para o espaço e aquela era uma conversa que não queria ter com ninguém, especialmente com alguém que podia ler sua mente patética, Zander se recriminou mentalmente e se obrigou a pôr um pé na frente do outro.

—Vamos apenas fazer isso e acabar com isso de uma maldita vez.

—Falou como outro noivo feliz — murmurou Titus, afastando-se da porta para deixar Zander passar.

Chegaram ao topo da magnífica escada antes que sua pele picasse por debaixo das perneiras, a antiga armadura que o protegia das botas até os joelhos por cima da calça. Para manter o pânico sob controle, Zander se concentrou na sensação do couro esfregando o tecido quando se movia, e contava os minutos até que pudesse voltar para seu quarto, sozinho, olhando para o nada.

O templo real estava localizado no pátio do castelo. Por agora, o Conselho permaneceria em seu lugar, incluindo os outros Argonautas e Orpheus, ainda não conseguia acreditar que o filho da puta tivesse acelerado os tramite para suceder Lucian quando este se retirasse. Claro, devia a Orpheus por ter salvo Callia e Max naquela colina, mas Gryphon era um guardião, isso deixava Orpheus como único parente de sangue de Lucian elegível ao posto. Mas com Orpheus no Conselho dos

Anciões havia más notícias escritas por toda parte. Inclusive Zander podia ver isso.

Estava tão absorto em seus pensamentos que não percebeu o tumulto no andar abaixo, perto da porta principal até que Titus e ele rodearam a coluna na parte de cima do primeiro andar.

—É como se, finalmente, a guarda executiva fosse boa para algo — murmurou Titus ao seu lado. —Pelo menos estão mantendo os espectadores longe do casamento.

Zander deu uma olhada para o lugar onde alguém estava discutindo com os guardas na porta. Quando o guarda da esquerda tentou afastar a pessoa, uma voz baixa disse:

—Mantenha as mãos longe dela — o guarda saiu voando para trás para aterrissar de traseiro sobre o brilhante piso de mármore.

Zander congelou. Conhecia aquela voz. Desceu três degraus, com os olhos procurando seu filho.

—Zander! Espere! —Callia se livrou do segundo guarda e saiu correndo pelo vestíbulo para ele. Os olhos de Zander se arregalaram. Alguns gritos soaram atrás de Callia. Perifericamente, viu Titus passar rapidamente ao seu lado em direção à porta, mas não se importou. Tudo o que viu foi ela.

—O que aconteceu? — perguntou quando ela o alcançou. —Max. Eu pensei ter ouvido...

—Max está bem — o peito de Callia subia e descia a cada respiração entrecortada, e tinha as faces coradas e úmidas, como se tivesse corrido durante um quilômetro sob a chuva. —No entanto, não pode se irradiar para salvar a vida — uma risada histérica escapou de sua boca perfeita. —Conseguiu acabar com um semideus, mas não conseguiu se irradiar. Herdou isso do lado de minha família, para que saiba. Os superdotados têm problemas com as tarefas mais simples.

Ele franziu a testa enquanto os olhos exploravam seu rosto. Estava tendo problemas para segui-la, não tinha nem ideia do por que ela estava ali, mas não

poderia afastar seus olhos nem que sua vida dependesse disso.

—Callia, se não aconteceu nada a Max, então, o que você está fazendo aqui?

—Eu... —seus olhos se desviaram para um lado, e os dele os seguiram. Captou um vislumbre de seu filho, estava tão molhado e desarrumado quanto ela, perto da porta principal, ajudando Titus a pôr o guarda de pé.

Callia ficou diante dele, bloqueando sua visão, até que ele olhou novamente para seu rosto.

—Viu? Ele está bem. Eu... Precisava ver você. Falar com você antes... — engoliu em seco, pressionando as faces afogueadas com as mãos. —Oh, deuses. Isto parecia melhor em minha cabeça quando vinha para cá.

—O que está...?

—Oh, Zander. Menti para você — As mãos dela se moveram para o peito dele, e até mesmo por debaixo da camada de couro e tecido, sua pele se aqueceu pelo contato. — Quando você foi-me ver ontem pensei que estava tornando as coisas mais fáceis, mas agora vejo que não foi assim. Tudo o que fiz foi tirar suas esperanças e ninguém deve viver sem elas. Quero dizer, que poderia ser um demônio sem elas. E você não é um demônio, não? —olhou-o com uma delicadeza com a qual ele nunca a tinha visto antes. Como as ametistas extraídas dos minerais mais puros, polidas até conseguir um brilho reluzente.

É obvio, ela não fazia sentido algum, mas quando o olhava assim, como se alguma parte dela ainda se importasse com ele, quase podia acreditar que as coisas que aconteceram entre eles, as realmente horríveis, não eram nada mais que lembranças.

—Ouviu o que eu disse Zander? —Colocou as mãos suavemente sobre seu rosto e aquela calidez se propagou por sua pele, trazendo-o de volta a suas palavras. — Eu errei ao tirar isso de você. Do mesmo modo que errei ao manter meu amor por você para mim. Não muda nada, eu sei, mas não era justo e eu...

Ele a segurou pelos braços.

—O que acabou de dizer?

—Eu disse estava errada.

—Não. A outra parte.

Seu rosto era maravilhoso, Como nas fantasias que teve com ela todos aqueles anos.

—Eu disse que o amo. Que sempre o amei. Mesmo quando pensava que tinha razões para odiá-lo, amava você. Devia ter dito isso a você antes, muitas vezes, mas estava com medo. Já não tenho medo.

A mente e o coração dele fizeram clique como em uma engrenagem exatamente ao mesmo tempo. E mesmo antes que o primeiro sino soasse no pátio, já a estava empurrando para a porta principal.

—Zander. Espere. O que está fazendo?

—Iremos embora agora. Pegaremos Max e partiremos. O portal não está fortemente guardado, não com todo mundo aqui. Nós...

—Não.

O caráter definitivo no tom e na forma que parou de repente o levou a olhá-la.

—Não. — disse ela suavemente. —Não vamos a nenhum lugar. Nada mudou Zander.

—Mas você disse...

Ela se aproximou e o calor de seu corpo o inundou e o cercou, aquecendo aquele lugar que ele acreditava que estava gelado.

—Disse que o amava e o faço. Mas isso não muda nossa realidade — as mãos dela descansaram novamente sobre o peitilho dele, sobre o símbolo distintivo de Aquiles no couro. —Eu sou sua vulnerabilidade, não é? —ante seu silêncio ela ergueu os olhos, olhos tão claros que tinha certeza que podia ver a si mesmo neles. — Sua fraqueza, seu calcanhar de Aquiles, Zander, por que não me disse isso?

—Porque não importa.

—Importa sim. Nesse momento é a única coisa que importa.

—Esso não é uma maldição que você deva suportar.

Ela colocou os braços em torno de suas costas e passou os dedos pelas cicatrizes que estavam lá agora. As cicatrizes, que tinha transferido para ele quando ele se abriu completamente para ela.

—Nem tampouco você.

—Thea...

—Eu iria até o fim do mundo com você se pudesse Zander, mas não posso. Nós dois sabemos que Atalanta irá atrás de Casey, Isadora e de mim. E Max também não estará seguro no reino dos humanos.

—Protegerei vocês dois.

Ela cobriu seu rosto com a mão, e impulsivamente ele se inclinou para sua carícia, querendo-a em todas as partes, em qualquer lugar.

—E quem protegerá você? E se algo acontecer a mim, o que acontecerá a você. E então quem cuidará de Max? Não podemos abandoná-lo lá outra vez.

—Eu... —seu coração se apertou porque estava recebendo exatamente o que queria o amor dela, e, no entanto, não podia tê-lo. Ela tinha razão. Como podia levá-la para o reino humano e saber que ao fazer isso havia uma chance de condenar seu filho novamente? E, no entanto se ficasse ali...

Fechou os olhos quando a dor em seu peito se concentrou na única coisa que podia sentir.

—Não posso viver sem você.

Ela aproximou a outra mão para emoldurar seu rosto.

—Não terá que fazer isso. Nunca terá que fazer isso. Sempre vou estar aqui.

Sim, mas ele não estaria. Olhou para ela.

—O rei não mudará de opinião. Eu...

—Prometeu-me que faria tudo certo. Não se lembra? E a colônia? Zander, esta é sua chance de fazer isso — respirou fundo. —Tem que seguir adiante com a cerimônia de união. Tem que se casar com Isadora.

—Não...

—Você acha que eu quero isto? —Seus olhos se encheram de lágrimas. — Quero você e a nós e à vida que deveríamos ter tido há tanto tempo, mas não pode ser. E mais que isso, quero que nosso filho cresça em um mundo onde o que aconteceu comigo não possa acontecer com nenhuma outra mulher.

Ela se aproximou até que foi tudo o que ele pôde fazer para não agarrá-la e segurá-la por toda a vida.

—Zander, você tem a chance de mudar as coisas, de fazer a diferença, de ajudar Isadora a remodelar nosso mundo. É irônico, você não acha que Argolea fosse um reino distante dos deuses, um lugar de paz, e, no entanto, temos tantos problemas quanto os que tínhamos na terra? —sua voz se transformou em um sussurro. — Faça a coisa certa por Max. E por mim. Pode fazer isso por nós. Você é o único que pode.

—O que está me pedindo que faça... —seus olhos se fecharam novamente. — Não posso amar outra. Tentei. Deuses eu tentei. Mas só amo você, Thea. Só você.

—Sempre serei sua, Zander — sua voz tremeu. — E não porque uma maldição disse que sou. Abra os olhos e me olhe — ele o fez e quando os enfocou em seus olhos violetas, viu tudo o que ele mesmo sentia refletido em seu rosto. — Sou sua porque o amo. Porque a conexão que compartilhamos é mais forte que qualquer coisa que o rei decrete ou faça. Nenhuma cerimônia de união poderá quebrar esse laço. Para mim não há ninguém mais que você. Mas precisamos de você aqui. Que permaneça neste reino, fique aqui para Max, para ajudar os Argonautas e fazer de nosso mundo um lugar melhor. Se for embora, não poderemos ir com você. Mas se fica... Oh, Zander, pode trazer muita coisa boa.

O coração dele se quebrou em milhares de pedaços. Nunca pensou, nem em um milhão de anos, que seu amor não seria suficiente. Mas não era. O destino parecia estar os empurrando em direções diferentes e não tinha poder para impedi-lo.

Apoiou a testa contra a dela e apenas tentou respirar. Mas mesmo isso doía.

—Isto fede.

Os dedos dela percorreram seus cabelos até a nuca e ali se entrelaçaram.

—Eu concordo.

O silêncio se estabeleceu entre eles. E como sempre fazia, o sedoso e suave deslizar de seus dedos contra sua pele, acalmava-o de dentro para fora.

—Um verdadeiro líder deixa de lado seus desejos pessoais pelo bem do grupo. — sussurrou ela. —E faz sacrifícios. Que, em última instância, justifica tudo o que aconteceu antes — ele levantou a cabeça e franziu o cenho, um triste sorriso se desenhou no rosto perfeito dela. — Alguém me disse isso uma vez.

—Soa como um imbecil. Eu não sou um líder.

—Não, é um guardião. O melhor que conheço. E é um pai. Isso o torna um líder, acredite nisso ou não. Zander sabe que suas íris são prateadas?

O que restava de seu coração, se contraiu. Muito. Apoiou a testa contra a dela mais uma vez.

—Por você.

—Oh...

—Está atrasando o protocolo, Argonauta — a voz irritada do rei ecoou de cima trazendo tensão aos ombros de Zander novamente. Olhou para o balcão onde o rei estava apoiado contra o frágil corrimão com seu régio traje branco, uma careta em sua cara enrugada e uma bengala na mão. Estava claro que não podia vê-los, mas podia ouvi-los, e Zander não tinha dúvidas de que o rei agora cego podia imaginar o que estava acontecendo lá embaixo.

Theron, vestido com o uniforme e uma capa vermelha, estava à direita do rei, e Casey à esquerda. Nem o líder dos Argonautas nem sua mulher pareciam contentes com a situação, e o rei estava absolutamente furioso.

Os dedos suaves de Callia contra sua face o fizeram virar o rosto para ela.

—Ignore-o.

—Ele é seu pai biológico. Devia cuidar de você.

—Está fazendo o que pensa que é melhor. Olhe-me — quando ele fez isso, o brilho das lágrimas em seus olhos lhe disse que aquilo era tão difícil para ela quanto para ele. Provavelmente mais. — Não deixe que ele envenene os últimos segundos que temos juntos.

—Thea...

Ela afastou seus cabelos das têmporas e baixou a voz quando disse:

—Amo você, Zander. Sempre. Lembre-se disso quando as coisas ficarem muito difíceis. Max e eu. Nós seremos seus não importa aonde você vá ou o que faça. Nada, ninguém, pode mudar isso.

Meus. Quando a olhou nos olhos, viu que sua vida se dividia em duas. Da forma que era antes dela, vazia e sem sentido, e da forma que foi depois que ela entrou nela, plena e com um propósito. Ela tinha descoberto a humanidade nele, lhe dando o equilíbrio e o curado de uma maneira que ninguém mais poderia. E embora uma parte dele queimasse com o calor de mil sóis ao saber que não poderiam ficar juntos, ela tinha razão. Era sua. Sempre seria.

Deu um trêmulo suspiro e memorizou cada curva, cada ângulo, cada linha e plano de seu belo rosto para invocá-lo cada vez que necessitasse. Pelo resto de sua vida. Sem importar o tempo que fosse.

—Amo você, Thea. Só você.

Duas lágrimas se derramaram dos cílios pretos como carvão e desceram pela pele cremosa.

—Zander — disse o rei em um tom duro de cima, interrompendo o momento agridoce. —Esta cerimônia de união se celebrará como estava previsto. Não pode pará-la. Minha filha vai se unir hoje. Acácia — ladrou.

—O quê? —disse Casey ao seu lado, as palavras também marcadas pela irritação.

—Encontre algo mais apropriado para que Callia vista. Embora não possa vê-

la, sei como se veste. Não pode ir a sua cerimônia de união com uma roupa informal.

Callia arregalou os olhos. E a esperança, só um pequeno fragmento, penetrou no peito de Zander. Ambos olharam para o rei.

—Ao contrario do que todos pensam— disse o rei com um grunhido—, não sou um bastardo sem coração. Continuo acreditando que o sacrifício é necessário, mas não a custas de uma filha por outra.

Lucian saiu e ficou ao lado do rei, depois de olhar por cima do corrimão com uma expressão — menos — feliz no rosto.

—Depois de muita discussão — continuou o rei—, Lorde Lucian finalmente aceitou reconhecer Maximus como o legítimo herdeiro do trono, até o momento que Isadora produza seu próprio herdeiro. Acácia vá dizer a sua irmã que eu lhe concedi um pequeno descanso. Ao menos até averiguar que diabos fazer com ela.

Um amplo sorriso varreu o rosto de Casey. Lançou um olhar para Theron, que estava sorrindo, antes de sair correndo para o quarto de Isadora.

Zander virou o rosto para Callia novamente. E embora a excitação ardesse em suas veias, suprimiu-a, porque ainda havia um assunto a tratar.

—Oh, deuses — sussurrou Callia.

—Thea — ele a segurou pelos braços. — Não tem que fazer o que ele ordenou. Não vou deixar que ele dite sua vida da mesma forma que faz com Isadora. Tem que ser sua escolha. Se não quiser...

Ela jogou os braços ao redor de seu pescoço e pressionou a boca contra a dele. E quando deu um passo para trás, sorria radiante.

—Eu o amo. Você é a única coisa que sempre quis. Zander una-se a mim. A nós — corrigiu-se olhando para um sorridente Max, ainda de pé ao lado de Titus. —Hoje. Agora mesmo. Mais a diante veremos todo o resto.

O peito dele parecia que ia explodir. Só que desta vez de felicidade, não era raiva, que o consumia. E soube que sempre seria assim.

—Ah, Thea — disse suavemente, fechando os braços em torno dela e apertando-a contra ele. —Não preciso de uma cerimônia para me disser o que já sei. Nossas vidas se enlaçaram desde o começo. Acha que alguma vez poderia escolher alguém que não fosse você?

O sorriso de vitória dela se ampliou.

—Não, graças as Moiras, não pode — ele se inclinou para beijá-la. — E nunca o deixarei. É meu guardião. Para sempre.

Ele sorriu quando encontrou seus lábios com os dela.

—E será um tempo malditamente bom.

Fim

Comunidade: http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7

Grupo: http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR

Blog: http://tiamatworld.blogspot.com/